Universidade de São Paulo

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO.

ÁREA: PROJETO, ESPAÇO E CULTURA – PEC.

SÉRGIO ANTÔNIO DOS SANTOS JÚNIOR

Arquétipo revelado? Um estudo sobre a essência do lazer urbano, pela mediação do Baixo Augusta e Vila Madalena.

São Paulo

2022

SÉRGIO ANTÔNIO DOS SANTOS JÚNIOR

Arquétipo revelado? Um estudo sobre a essência do lazer urbano, pela mediação do Baixo Augusta e Vila Madalena.

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, junto à área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura – PEC.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Fernandes da Silva.

São Paulo

2022

Ficha catalográfica

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail do autor:

arquiteturismologo.sergio@gmail.com

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DO(A) AUTOR(A) E ANUÊNCIA DO(A) ORIENTADOR(A).

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 11 de MAIO de 2022.

Catalogação na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Santos Júnior, Sérgio Antônio
Arquétipo revelado? Um estudo sobre a essência do lazer urbano, pela mediação do Baixo Augusta e Vila Madalena. / Sérgio Antônio Santos Júnior; orientador Fernanda Fernandes Silva. - São Paulo, 2022.
337.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura.

1. Lazer Urbano. 2. Arquétipo. 3. Baixo Augusta. 4. Vila Madalena. I. Silva, Fernanda Fernandes, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>

Banca Examinadora

Aprovado em:

Orientadora Profa. Dra. Fernanda Fernandes da Silva.

Instituição: Universidade de São Paulo – USP.

Julgamento: _____.

Assinatura: _____.

Prof. Dr. Rafael Antônio Cunha Perrone.

Instituição: Universidade de São Paulo – USP.

Julgamento: _____.

Assinatura: _____.

Profa. Dra. Maria Augusta Justi Pisani.

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.

Julgamento: _____.

Assinatura: _____.

Profa. Dra. Volia Regina Costa Kato.

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.

Julgamento: _____.

Assinatura: _____.

Profa. Dra. Valéria Teixeira de Paiva.

Instituição: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Julgamento: _____.

Assinatura: _____.

AGRADECIMENTOS.

À **Deus**, fonte de toda a sabedoria e amor infinito, pela força e amparo.

À profa. Dra. ***Fernanda Fernandes da Silva***, por ter aceitado ser minha orientadora, aqui expresso minha gratidão e pesar por nossos poucos encontros, mas que sempre foram muito animados.

Aos professores Dr. **Luís Antonio Jorge** e Dra. **Maria Augusta Justi Pisani**, pela participação e pelas considerações na *banca de qualificação*. À profa. Dra. **Sandra Medina Benini** pelo olhar crítico e por suas considerações feitas logo após o desespero da qualificação.

Aos professores Dr. **Rafael Antônio Cunha Perrone,** por ter sido meu professor, seus exercícios de projeto estão presentes nessa tese, bem como nas minhas atividades como docente; a Dra. **Valéria Teixeira de Paiva,** por todo apoio prestado no decorrer do desenvolvimento do trabalho (acadêmico e profissional). E a Dra. **Volia Regina Costa Kato**, por ter me ajudado muito no mestrado, agora é uma honra receber seus comentários sobre minha evolução como pesquisador.

A profa. Dra. **Denise Helena Silva Duarte**, pelas disciplinas cursadas e por ter me aceitado duas vezes para a realização do estágio docente (PAE). Por extensão, agradeço ao **Ranieri Higa** e equipe do *LabAUT,* pelo apoio técnico e dos equipamentos para produção dos artigos paralelos já publicados dessa tese.

Aos alunos, em especial, **Pedro Patelli**, meu monitor de disciplina, orientando de TCC e dois PIBICs, muitas de nossas reflexões "*críticas e paranoicas*", bem como seus desenhos enriquecem essa tese, me sinto muito honrado por sua participação e empenho. **Thiago Áviles Barbosa** e **Richard Heiton Mian Filho**, pelos mapeamentos e levantamentos diversos. E a todos os membros que compuseram as **equipes**: Ane Tamiris de Freitas, Anna Carolina Araujo Oliveira, Ariele Jampietro, Giovana Azarias Antonio, Giovanna Cavalcanti Nocce, Gustavo Guiotti Mariano, Ingrid Luana Gomes Pellozzo, Tayne Caroline, Tiago de Mello Araujo, Beatriz Ivo dos Santos, Camila de Oliveira Souza, Carolina Campos Freire Rufino, Kenya Leticia Santana da Silva, Raiane Alves, Scarlet Santana, Vitor Thomazi del Rosso, Ana Luiza Oliveira, Ana Paula Kuinicki, Daniela Regina Lourençon, Felipe Moura Miranda, Isabela Alves de Novais, Leticia Gabriel Araujo, Nathalia Grazielle Santiago, Rafaela Silva Matos, Sabrina Ribeiro Daniel, Thiffany Santana, Vitoria Lopes de Souza, e William Savietto Pereira, pelas suas contribuições e apoio nos registros, impressões, entrevistas de campo e tabulações posteriores, sem vocês haveria uma lacuna nessa pesquisa que não conseguiria preencher sozinho; muito obrigado! Aos colegas de trabalho: **Vanessa Takahasi, Tatiana Domingos, Flávia Tarricone, Paulo Torniziello**, nossos diálogos resultaram em importantes reflexões que foram postas aqui.

Ao **Jorge Hynd**, colega e professor de fotografia, pela coleção de imagens cedidas.

Aos meus pais **Sérgio** e **Cleonice**, pelo apoio incondicional nessa jornada. Aos meus avós **Gelsonima** e **Ignácio** (em memória), pelas risadas e companhia, sem você Ig, a etapa anterior não estaria cumprida. **Maria Bela** por suas orações e **Daelço** (em memória).

À minha filha **Vitória,** aqui expresso minhas mais sinceras desculpas se não fui tão presente quanto gostaríamos, mas estava ocupado tentando "*ser a mudança que Eu quero ver no mundo*", e espero que você faça, ao seu modo, o mesmo. Realize seus sonhos, não importa quais sejam!

Sumário

AGRADECIMENTOS.....5
RESUMO.....10
ABSTRACT. 11
APRESENTAÇÃO. 12
INTRODUÇÃO. 17
O MÉTODO: ESTUDO DE CASO. 31
CAPÍTULO 1.....50
1.1 O HOMEM LÚDICO.....51
1.1.1 O problema do corpo: o prazer da arquitetura. 53
1.1.2 O tabuleiro.....57
1.1.3 "Jogadores".....61
1.1.3.1 Jogadores "Boêmios", uma tipificação. 65
1.1.4 Os efeitos da beleza.....68
1.1.5 A sociologia empírica do lazer.....69
1.2 A ESTRUTURA DO LUGAR E O *GENIUS LOCI*.....75
1.3 A SEDUÇÃO DOS LUGARES.....84
1.3.1 Etnocentrismo, simetria e espaço.....86
1.3.2 Cultura, experiência e atitudes ambientais. 88
1.3.3 Ambiente, percepções e visões de mundo. 94
1.3.4 Topofilia e estilos de vida urbana.....96
CAPÍTULO 2. SENTIDOS URBANOS E TEMPOS HISTÓRICOS: CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO.....102
2.1 PARTE 1 – URBANIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO: CONTEXTOS HISTÓRICOS.....109
2.1.1 Das chácaras ao loteamento modernizador: uma questão de desenho urbano.....109
2.1.2 O lugar do habitat e a verticalização.....122
2.1.3 Do bonde ao automóvel: transportes e equipagem urbana.....128
2.1.4 Gentrificação: o setor comercial, a boemia e a vida noturna.....135
2.1.5 Territorialidades coletivas, arte urbana e o lazer.....143
2.2 PARTE 2 – FUNDAMENTOS DE PROJETO EM ARQUITETURA E URBANISMO PARA Caracterização das áreas de estudo. 151
2.2.1 Diário de Bordo: Baixo Augusta.....152

2.2.1.1 Rua Frei Caneca 153
2.2.1.2 Rua Augusta..... 155
2.2.1.3 Rua da Consolação 158
2.2.1.4 Rua Antônio Carlos 160
2.2.1.5 Ruas Peixoto Gomide, rua Costa e rua Pedro Taques..... 161
2.2.1.6 Rua Marquês de Paranaguá..... 162
2.2.2 Diário de Bordo: Vila Madalena.....163
2.2.2.1 Rua Fradique Coutinho..... 164
2.2.2.2 Rua Fidalga 166
2.2.2.3 Rua Girassol..... 167
2.2.2.4 Rua Aspicuelta. 168
2.2.2.5 Rua Wisard..... 169
2.2.4 Mapeamento preliminar: intensidade e direção dos fluxos.....170
2.2.5 Mapeamento da Morfologia Urbana: Uso real, aparência (estado de conservação) e coloração do edificado.....176
2.2.6 Recintos Urbanos: os efeitos na psique e fisiologia humana.....189
2.2.6.1 Discussão analítica dos resultados. 192
CAPÍTULO 3.....195
3.1 O MAPA MENTAL DO BAIXO AUGUSTA E SEUS ELEMENTOS.....203
3.1.1 A imagem do Baixo Augusta e seus elementos.....203
3.1.2 Caminhos [vias].....204
3.1.3 Limites. 206
3.1.4 Bairro.....207
3.1.5 Pontos Nodais.....209
3.1.6 Pontos de referência na paisagem [marcos].....210
3.2 O BAIXO AUGUSTA E AS CINCO DIMENSÕES DE DESEMPENHO. 212
3.2.1 Vitalidade.....212
3.2.2 Sentido.....217
3.2.3 Adequação.....220
3.2.4 Acesso.....222
3.2.5 Controle.....224
3.2.6 Os metacritérios no Baixo Augusta: eficiência e justiça.....226

3.3 O MAPA MENTAL DA VILA MADALENA E SEUS ELEMENTOS 229
3.3.1 A imagem da Vila Madalena e seus elementos. 229
3.3.2 Caminhos [vias].....230
3.3.3 Limites.....231
3.3.4 Bairro.....233
3.3.5 Pontos Nodais.....235
3.3.6 Pontos de referência na paisagem [marcos]. 236
3.4 A VILA MADALENA E AS CINCO DIMENSÕES DE DESEMPENHO. 237
3.4.1 Vitalidade.....237
3.4.2 Sentido.....243
3.4.3 Adequação.....247
3.4.4 Acesso.....249
3.4.5 Controle.....250
3.4.6 Os metacritérios na Vila Madalena: eficiência e justiça. 252
3.5 O SENTIDO DO TODO. 255
CAPÍTULO 4.....260
4.1 COMO A AMABILIDADE SE MANIFESTA?.....261
4.1.1 As características físicas.....261
4.1.2 As intervenções.....262
4.1.3 As pessoas.....263
4.2 AMABILIDADE: UMA NOÇÃO QUE SE DESDOBRA NAS DIMENSÕES FÍSICA E SOCIAL. 265
4.3 AMABILIDADES NO BAIXO AUGUSTA.....268
4.3.1 O “food truck”, o ambulante e o gorótinho.....268
4.3.2 “Brinquedos” de casa para a rua.....269
4.3.3 Arte urbana: colagens.....270
4.3.4 Acadêmicos do Baixo Augusta.....271
4.3.5 Paulista aberta.....272
4.4 AMABILIDADES NA VILA MADALENA.....273
4.4.1 Parkelets.....273
4.4.2 Os food trucks.....274
4.4.3 Arte urbana: grafites.....275

4.4.4 Carnaval.....276

4.4.5 O gradil.....277

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO 278

CAPÍTULO 5. EXPERIÊNCIA COTIDIANA E VIVÊNCIAS NA/DA RUA: umA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO.APO).....279

5.1 AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO). 280

5.1.1 Método quantitativo para aferição e percepção dos usuários. 282

5.1.2 Método qualitativo para aferição e percepção dos usuários. 298

5.1.3 Entrevistas com usuários em geral (individual ou em grupo). 300

5.1.4 Grupo focal: Tema – a imagem da cidade e seus elementos (a elaboração do mapa mental).....310

5.1.5 Poema dos Desejos.....315

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA AVALIAÇÃO GLOBAL DE CONFLITOS E CONVERGÊNCIAS 320

Síntese comparativa dos aspectos físicos dos territórios. 320

Conflitos.....322

Convergências.....323

Discussão dos resultados.....325

Considerações Finais. 325

REFERÊNCIAS 332

RESUMO.

SANTOS JÚNIOR, Sérgio Antônio. **Arquétipo revelado? Um estudo sobre a essência do lazer urbano, pela mediação do Baixo Augusta e Vila Madalena.** 2021. 337p. Tese – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ESTE TRABALHO INVESTIGA A essência do lazer urbano, pela mediação e suporte do Baixo Augusta e da Vila Madalena, situados na cidade de São Paulo, ambos selecionados em virtude ao papel que exercem enquanto símbolos de divertimento, pelo impacto psíquico (cultural e social), que catalisa grande público. A **hipótese** verte-se sobre os efeitos de *sedução dos lugares*, que asseguram um lugar apropriado como parte de estratégias replicantes: do *objeto real* para o *objeto modelo*. O ***objetivo*** é refletir como esses núcleos urbanos se tornaram o que são hoje, não apenas do ponto de vista da morfologia urbana e dos usos que o conjunto arquitetônico recebe, mas os motivos de se tornarem *destinos* tão atrativos. Os **procedimentos metodológicos** tomam por base o "Estudo de Caso": que se inicia de modo *comparativo*, com levantamentos diversos para melhor entendimento do todo e escolha das áreas de estudo. Prossegue-se com a etapa de *indução*, pela observação, comparação e generalização dos fenômenos estudados, essencial do ponto de vista qualitativo e quantitativo, para responder as indagações de interesse da pesquisa. Dá-se continuidade ao estudo de forma *dedutiva*, por meio das conclusões entre os resultados obtidos nas diferentes áreas de estudo. O trabalho segue com a Avaliação Pós-Ocupação (APO), em função da validação das perspectivas pré-concebidas e das respostas encontradas. Após essas etapas foram feitas revisões de todo o material para selecionar as melhores estratégias para o aprofundamento e análise dos diferentes cenários e explorar os (meta)critérios teóricos-conceituais. A partir daí, pode-se estabelecer prerrogativas sobre o êxito dessas áreas e informar aos interessados no desenvolvimento desse tipo de agenciamento espacial, diretrizes para o planejamento e desenho urbano. Por fim, **os resultados** repousam na dicotomia: a *ação* pela *não-ação*, devido ao caráter descompromissado e liberto de quaisquer obrigações, próprio da ação lúdica, que envolve "ser ela própria a liberdade". Nesse sentido, o pressuposto "hedonista" – consubstanciado pelo teor *dionisíaco* e o *apolíneo*, respectivamente, prazeroso e belo – não encontraram eco para ratificar e subsidiar futuros projetos.

Palavras-chave: Lazer Urbano. Hedonismo. Baixo Augusta. Vila Madalena. Arquétipo.

ABSTRACT.

SANTOS JÚNIOR, Sérgio Antônio. **An uncovered archetype? A research about the essence of urban leisure, through mediation of Baixo Augusta and Vila Madalena.** 2021. 337p. Thesis – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

THIS RESEARCH DEALS WITH the essence of urban leisure, through the mediation and support of Baixo Augusta and Vila Madalena, both located in São Paulo city, due to the role they play, as symbols of fun, through their psychic (cultural and social) impact, which catalyzes large audiences. The **hypothesis** is based on the seduction effects of places, which ensure a positive impact as part of replicating strategies: from the real object to the model object. **The aim** to thought on: how these urban centers became what they are today, not only from the point of view of urban morphology and by the uses that the architectural ensemble receives, but the reasons for becoming such attractive destinations. The **methodological procedures** are based on the "Case study research: design and methods": which starts with data collection, for a better understanding of the whole context, before choosing the study áreas, on *comparative* way. Therefore, *inductive phase* proceeds, to through on a observation, comparison and generalization the phenomena, aiming to qualitative and quantitative variable needed to answer any questions of interest fo this research. Then, the study continues by *deductive mode*, through comparisons between the results obtained in the different areas of study. Following the research with the *Post-Occupancy Evaluation* (POE), due to the validation of preconceived perspectives and the answers found. After these phases, revisions were made to all the material to select the best strategies for deepening and analyzing the different scenarios and exploring the theoretical-conceptual by (meta)criteria' established. Thenceforth, those prerogatives on the success of these areas can be established and those interested in the development of this type of spatial agency can be informed of guidelines for urban planning and design. Finally, the **results** get on the dichotomy: action by the non-action, typical of playful action, due to the uncompromising character and free from any obligations, which involves "being freedom itself". In this sense, the "hedonistic" assumption – substantiated by the Dionysian and Apollonian content, respectively, pleasurable and beautiful – did not find an echo to ratify and subsidize future projects.

Keywords: Urban Leisure. Hedonism. Baixo Augusta. Vila Madalena. Archetype.

APRESENTAÇÃO.

COMECEMOS POR UM BREVE exercício de imaginação. Convido o leitor a imaginar a caracterização dos seguintes espaços: uma vila operária, uma cidade portuária, algumas cidades históricas, um conjunto habitacional, uma cidade de alto poderio econômico, e agora, um território de lazer e entretenimento. Não é difícil intuir que esse último lhe gerou certo desconforto e imprecisão na construção mental dessa imagem.

As sequências imaginárias dos cenários que se sucederam no exercício proposto, portam características em comum por elementos associados, como é o caso da figura do arranha-céu e o poderio econômico; dos tijolinhos à vista e telhados em shed, com as vilas operárias; das ruas sinuosas e suas construções emparelhadas, com as cidades históricas; enfim, apenas para citar alguns exemplos. E então, nos fica a pergunta: por que é difícil formular uma imagem primordial, ou a *figura arquetípica*, de um *território* de lazer urbano?

No intuito de enfrentar esse questionamento, a reflexão se vincula, na medida em que evoca, a discussão sobre os **arquétipos** [imagens primordiais]**,** que não é nova, sobretudo no campo de efeito da psique humana, enquanto principal chave interpretativa dessa tese. A *temática dos arquétipos* foi iniciada por Platão (≅428 – 348 a.C) e é retomada após séculos por Carl Gustav Jung (1875 – 1961). Jung é considerado por muitos pesquisadores, o autor canônico (emérito) que mais debruçou esforços e melhor trabalhou nesse conceito, pois foram mais de 60 anos de pesquisa que resultaram em 35 livros sobre o assunto. Aqui, nossa visão recai sobre a obra "**O homem e seus símbolos** (1964)"[1], onde Jung explicou que não se pode interpretar o sentido de um símbolo arquetípico só a partir da consciência, ou só do inconsciente, é preciso utilizar os dois simultaneamente. Por essa via de entendimento, para a composição de uma *imagem arquetípica,* seus recursos devem se estendem além de seu

[1] Cf. JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** São Paulo: HarperCollins, 2016, 448p. [orig.1964].

aspecto físico, daquilo que a mente consciente (racional) pode absorver, pois ela envolve simultaneamente mensagens subliminares, uma essência, que repousa na mente inconsciente.

Faremos aqui uma metáfora. As corujas são arquétipos do conhecimento, e, embora exista uma variação de espécies das quais você se referenciou – seja no mocho-orelhudo, suindara, branca ou das neves –, a essência do arquétipo se manteve em todas elas. De modo análogo, não é difícil intuir a essência da maioria dos edifícios, pelos aspectos plásticos, como aconteceu com as espécies de corujas, embora apresentem diferenças marcantes.

Sob a égide das referências junguianas, o entendimento dos ***arquétipos*** verte-se sobre *imagens primordiais* – primor, primazia –, ou seja, de algo ideal e perfeito, no qual deveria servir de modelo ou objetivo, para nos alinharmos e nos referenciarmos.

E eis que surge o questionamento sobre: “qual a relevância disso tudo?”.

Imaginação (*imagem-ação).* Como podemos retirar do abstrato [das ideias], para o real [execução do projeto], um produto da incerteza? Na perspectiva histórica da arquitetura, sabemos que ao arquiteto quase sempre coube um papel de “tradutor” dos espaços e dos usos que esses espaços deveriam abrigar, sendo difícil imaginar algo muito diferente desse papel a ele outorgado, afinal, traduzir em espaços adequados “ao habitar”, no sentido amplo do termo, sempre foi uma prerrogativa da profissão.

Ora, se um território de lazer urbano não dispõe de uma imagem primordial arquetípica, que tipo de “espaço ideal” devemos alcançar? Haja vista que, pelo menos na urbanística paulistana, eles são frutos de apropriação espontânea. Inventamos a “máquina de morar”; dispomos de diversos parâmetros preditivos de conforto para o aumento da produtividade na esfera do trabalho; entretanto, não temos a “receita” para formular o arquétipo do lúdico.

Pensando nesse tipo de colocação, faz-se aqui uma pausa para melhor explicar ao eventual leitor, o lugar de onde falo e sobre outro ponto dessa inquietação. Sobre o autor:

graduado em Turismo (2008), em Arquitetura e Urbanismo (2013), desde o início desse percurso, o foco das investigações de estudos apoiou-se nas relações biunívocas entre os dois campos disciplinares. Refletindo em uma possível acoplagem do conhecimento obtido nessas graduações, que, na dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (2015), resolvemos efetuar uma historiografia da cidade de São Paulo – da fundação à contemporaneidade –, sobre os registros das práticas de lazer, pertinentes a periodização estabelecida, e mapear os principais lugares onde incidiam. No decorrer da investigação percebeu-se a primazia de uma rua de entretenimento, e que melhor expressava os desígnios da época, nas quais outros pontos da cidade tentavam se espelhar, uns com êxito, outros não. Assim, em face das mutações nos hábitos, nas ações comportamentais e nas formas do edificado, eis que uma curiosidade permanece e que é o estopim desse doutoramento (2017-2021): "o que leva um lugar a se tornar um destino (turístico), qual sua essência, quais elementos espaciais propiciam o desenvolvimento dos vínculos e afetos?".

Em busca desse tipo de resposta, o autor fez cursos complementares de psicanálise, neurociência e diversos outros pautados em autoconhecimento, como mecânica quântica, que investiga a consciência humana. Apesar da (im)precisão das respostas que essas ciências todas confluem, peremptoriamente, a subjetividade, elas apontam três princípios: **fisiologia; Psicologia e de *Neurofeedback*[2].**

---

[2] **Princípio de fisiologia,** visa entender como o corpo humano funciona e reage ao ambiente inserido; nossa visada dar-se-á de maneira psicofísica, ou seja, pelo estudo geométrico do corpo edificado que forma o urbano e como é percebido. Os **princípios de psicologia,** contribuem para uma reflexão sobre o funcionamento da mente e identificam o perfil dos usuários por conceitos probabilísticos, que aqui serão estudados pela visada **fenomenológica** e da ***Gestalt.*** Há que se destacar que apesar de gerar uma pluralidade de resultados que podem ser alcançados, há como se alcançar um denominador comum. Por fim, os **princípios de *Neurofeedback*,** que abordam as respostas, uma conferência, dos dois princípios anteriores. Em nosso campo disciplinar, convencionou-se o emprego das teorias e técnicas de **avaliação pós-ocupação** (**APO**) em arquitetura, urbanismo e *design*, para essa verificação por meio das entrevistas.

Esclarecidos os aspectos preparatórios da gestão do conhecimento do autor em relação a pesquisa, há como se retornar a questão estopim desse doutoramento, resumidamente: “a reflexão investigativa sobre a **essência** de um território de lazer urbano”. Esclarecemos também que quanto mais se estudava um assunto, mais ele levava a outro(s), e mais distante ficávamos de um esclarecimento sobre a questão. Com isso, tínhamos três, ou mais, frentes de pesquisas temáticas, na medida em que não se tinha pesquisa alguma, pois cada tipo de pesquisa requer um método para operacionalizá-la, e assim, lançava-se outro desafio de como articulá-las metodologicamente. Por vezes, pensamos em desistir. Mas em diálogos com diversos especialistas, sobre a convicção da pesquisa, nos convenceu que sua abrangência difusa e, até mesmo resultados negados, tinha também valor acadêmico. Por isso continuamos.

Então, vamos explicar a estrutura do nosso raciocínio. Quando se fala em *lazer urbano*, é evidente que o termo conjunto comporta diferentes significados em diferentes contextos, enquanto local de sociabilidade, descanso e divertimento. Decidimos, portanto, aplicar um recorte temporal e espacial: nos propusemos a estudar a cidade de São Paulo da contemporaneidade (pós-2000), à noite, o “jovem” e aquilo que aqui chamamos de “atividades boêmias”. Mas ainda assim, eram inúmeros os locais que despontam nesses aspectos, entretanto, dois polos chamam mais a atenção na cidade: o Baixo Augusta e a Vila Madalena, por dispor de maior representatividade em catalisar grande público e, outra peculiaridade, é que o conjunto arquitetônico destes dois locais não são nem parecidos.

Ora, se recapitularmos o exercício de imaginação, para além dos olhos habituados à urbe deste início de século XXI, a aparência física destes dois territórios – Baixo-Augusta e Vila Madalena – aludem aos contrastes tectônicos e sociais, marcados por continuidades que se insinuam nas mesmas práticas de lazer. Por meio desses dois cenários têm-se, de um lado, o Baixo-Augusta, onde o lazer se consolida entre edifícios altos, uma região agitada, tanto de dia

quanto de noite, e fortemente marcada pelo setor de serviços; do outro, a Vila Madalena, onde o lazer se consolida entre casas térreas e assobradados, uma região tranquila de dia, agitada de noite, e fortemente marcada pelo setor de residencial. Eis que se retoma a problemática da formulação de uma imagem arquetípica.

Duas últimas palavras antes de efetivamente iniciarmos essa pesquisa. Para redigir tais considerações, foram necessários anos de estudos e quebras de paradigmas, pois fomos doutrinados a estudar a realidade física (newtoniana) por meio da visão materialista (da matéria) e das partes constituintes; o que seria impossível e inconclusivo nessa pesquisa, de abordagem (*meta*)física. Mas com os estudos de física quântica, observamos essa realidade por meio da visão probabilística, onde "sólido, líquido e gasoso" são a mesma coisa – só que em frequências diferentes –, e onde nada está separado – o físico e a essência –, que conseguimos nos nortear na transdisciplinaridade. E tal fato é o que dá congruência nas linhas de estudo do autor.

Por fim, você deve estar se perguntando: "o que devemos esperar desse estudo?", a resposta não poderia ser outra: "uma probabilidade". Como veremos, lançamos diversas frentes de estudo, onde cada qual prestou uma contribuição valiosa ao seu modo e que, por meio de seus fragmentos, conseguimos alcançar o resultado. Aprofundado em uma vertente específica? Não, e nem poderia, muito embora tentamos! Até entender que as respostas não estavam nesse ou naquele outro lugar em específico, mas no simultâneo *entre* eles. E o que podemos adiantar de nossa descoberta é: se "o lazer pressupõe de momentos de prazer e o *descomprometimento de quaisquer obrigações"*, logo, a regulamentação normativa do espaço – onde a forma segue função –, é antagônico ao seu pressuposto.

INTRODUÇÃO.

ESTA INVESTIGAÇÃO INSPIRA-SE EM uma problemática teórica em torno do *urbanismo hedonista*, que propõe a trabalhar criticamente um material temático recortado a partir de movimentos culturais e de ativismo de inspiração libertária. É a discussão em torno das lógicas de apropriação de práticas sociais e culturais nos espaços de convívio e lazer, que envolve a psicologia ambiental, aplicadas à cidade de São Paulo ao longo das duas primeiras décadas do século XXI.

Falar nessas práticas é remeter aos desdobramentos sociais e culturais que analisam processos criativos e a relação arte–vida cotidiana, a partir da experiência vivenciada, conferida *com* e *pela* arquitetura até sua constituição como produto. É um conjunto de possibilidades conferidas pelo entretenimento, refiro-me mais especificamente a "atividade de boemia", que permeia estabelecimentos, como bares, casas noturnas, espaços adaptativos ou espontâneos, entre outros, com mediação e suporte da rua, que consubstanciam o *lazer urbano*. Trata-se, por isso mesmo, de uma reflexão e diálogo entre os usos da rua com o edificado, estudando poéticas colaborativas culturais e transformações de comportamentos espaciais e temporais. Mostra também a relação entre as pessoas e o ambiente urbano onde se divertem; falando de espaço público e urbanidade.

O ponto de partida deste trabalho foram as pesquisas: *"Ruas de Eventos: práticas de lazer em três momentos históricos na cidade de São Paulo"*[3], do próprio autor, e o texto *"A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural"*[4], de Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva, que enfatizam a importância da cultura como

---

[3] SANTOS JR. Sérgio Antônio**. Ruas de Eventos: práticas de lazer em três momentos históricos na cidade de São Paulo**. Dissertação (mestrado). UPM, 2015.

[4] Cf. FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. **A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural.** *In:* SANTOS, Boaventura de Souza (Org). *A globalização e as ciências sociais.* São Paulo: Cortez, 2002.

representação da criação e transmissão da realidade e nos propõe uma reflexão sobre os significados das práticas culturais nas cidades, seus espaços e a pluralidade cultural nelas existentes. Mostram os riscos e os problemas existentes na produção e circulação da cultura transformada em bens de consumo e nos convidam a construir a nossa própria arte como via de qualidade de vida nas cidades contemporâneas, **o que requer, portanto, uma espacialidade própria**. É sob essa perspectiva, que se alinha e se referencia esta tese.

Mas há mais. Se, por um lado, constatávamos como a historiografia pode ajudar a desvendar processos contemporâneos de apropriação e desenvolvimento de determinados pedaços urbanos para o lazer. Por outro, deparávamo-nos frente aos marcos emblemáticos – resíduo e produto – da cultura contemporânea, e da contracultura, expressos em movimentos artísticos e dos fóruns sociais coletivos de ativismo alternativos, coligados a música, pintura, moda – como o *rock,* o grafite, o picho, *o pastiche,* o *hip hop*, *underground, hippie* – e outros tantos, que alimentaram e alimentaram-se de formas de ativismo e ação no espaço urbano, a partir de uma (re)proposição do comportamento, dos afetos, da sexualidade, da ação política e de suas formas de organização.

Ao falarmos sobre uma “espacialidade própria”, como subtexto, falamos de identidade, o que envolve um discurso a respeito de um conjunto de qualidades e atributos de uma figura arquetípica. Desse modo, o chamado *urbanismo unitário*, teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção da identidade de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento (arte do viver, vivido), não se desenvolveu plenamente na cidade de São Paulo e até hoje se limita aos seus preceitos, o que dificulta a construção dessa identidade emblemática. Essa é uma **hipótese** que também será estudada.

De fato, a revisão bibliográfica apontaria para o pensamento urbanístico iniciado no final da década de 1960, marcado por pautas de profundo conteúdo humanizador, enquanto

manifesto à ação urbanística, e que ainda ecoa na realidade paulistana, pois não tem repercussão expressiva na atividade profissional dos escritórios de projeto, planejamento e gestão pública. Além disso, pouco influenciam nos programas de ensino e pesquisa das escolas de arquitetura, haja vista que a **psicologia ambiental** é um assunto de difícil apreensão, por envolver, ações comportamentais, consciência humana e alto teor de subjetividade, no e pelo espaço. Mas em que termos?

No intuito de enfrentar esse tipo de questionamento, a opção aqui é transformar em questão o próprio lazer urbano que é produzido em São Paulo pela mediação da Rua. Nesse sentido buscamos interpretar o espaço urbano aberto onde acontecem as aglomerações das pessoas tendo como suporte, os estabelecimentos (o edificado), enquanto figuras secundárias.

Assim sendo, durante a sistematização das informações sobre a cidade, constatou-se que desde meados dos anos 2000, a Rua Augusta e a Vila Madalena ganharam forte interesse social e midiático em função da mancha de lazer noturno que ali se fixou, atraindo distintos grupos pertencentes as classes médias e altas para o espaço. Diversas reportagens nacionais e internacionais passaram a retratar a diversidade das atividades culturais e dos grupos sociais, principalmente dos jovens, que circulavam no espaço. Motivados por casas noturnas dedicadas a diversos estilos musicais, barezinhos que a partir de determinada hora viravam espaços para dançar e as calçadas tornam-se espaço de diversão e sociabilidade, são alguns dos elementos que se destacaram na imprensa para compor a cena sociocultural ali existente. A diversidade de estabelecimentos também se refletia em uma diversidade arquitetônica, de temporalidades e de códigos visuais que compunham e ainda compõem os cenários dessas regiões.

Tão diversos são os códigos arquitetônicos que se sucedem nestas sequências viárias, que parece que um circuito de um cenário turístico-cinematográfico estabelecido por diversas montagens, alternada, misturando tempo e espaços diversos. Recentemente, esses dois

territórios atraem a atenção dos investidores imobiliários: residenciais e comerciais, de grandes proporções, que tendem a mudar as características tanto estruturais quanto de apropriação do espaço urbano.

Desse modo, emerge outra orientação desta pesquisa: refletir como esses territórios teriam se transformado no que são hoje e quais elementos e fatores os teriam levado a ter essa apropriação particular pelo lazer, o que os motivou? Mas há mais. Que lógica preside nessa configuração espacial que, de modo consciente ou não, agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos para catalisar e se apropriar desses locais?

Mas é aí que surgem as dificuldades. As respostas *podem*, mas nem sempre *são* específicas, uma vez que operamos em bases probabilísticas, nossa contribuição é uma linha de entendimento sobre uma sequência de fatores a serem estudados e que poderiam ser aplicados em outros espaços.

Assim sendo, cercamo-nos desses territórios que podem ser proscritos como “boêmios”, o que nos convida a uma breve contextualização sobre seu emprego. O termo diz respeito às características históricas de um grupo social que remontam à França do século XVIII, por sua participação nas vanguardas artísticas e o estilo muito especial de vida que adotavam[5]. É fato que a utilização explícita da categoria "boemia" no debate paulistano começa a partir da década de 1940, no bojo dos reequacionamentos dessa difícil linha divisória que carrega a carga moral dos homens sem função determinada, e, portanto, sem papel produtivo na sociedade[6]. Esbarramos assim numa árdua tarefa de definir a inserção social e espacial, diferenciando-os dos padrões comportamentais, estéticos e econômicos da sociedade de consumo e industrial: os boêmios. Cientes de que este estereótipo passa por intensa reformulação, resolvemos,

---

[5] Cf. GAMA, Lucia Helena. **Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950**. 1998, p.115.
[6] Cf. *ibibidem*, p.179.

assim, denominar como “boêmio”, essa sociabilidade que ocorre *no* e *pelo* espaço e formulam, ao seu modo, sua urbanidade[7].

Para esse cenário enredado, aos transeuntes, não os caracteriza mais o que indivíduos que gostam da vida noturna, que partilham os mesmos gostos e preferências, pelos quais se agregam em torno das mesas de bar, nas filas, nas pistas de dança, conversando a respeito de diversas afinidades temáticas, como música, artes e notícias. Enquanto por referência *aos territórios*, faz menção àqueles que atuam como suporte a essas atividades e práticas. Desse modo, aqui não há a preocupação de enquadrá-los num tipo peculiar, ou exótico, de comportamento social e espacial específico, mas observá-los dentro de um processo histórico, cultural e urbano, com características locais próprias.

Contemplar essa produção cultural do século XX que emergiu nas cidades, aparece com um papel teórico-metodológico relevante somente na década de 1960, especialmente no campo da arquitetura e do urbanismo, no que diz respeito aos estudos sobre a vida nas cidades, os espaços vividos e os *vínculos* (afetações/emoções) entre a rua e o edificado, pois se trata, também, da retomada de uma reflexão intelectual-emotiva sobre o prazer do/no espaço, que foi negligenciada no período moderno[8], mas isso não vem muito ao caso nesse momento. Interessa-nos que a década de 1960 é um marco emblemático da cultura contemporânea e da contracultura, resíduo e produto expressos em movimentos artísticos e nos fóruns sociais coletivos de ativismo alternativos, coligados a música, pintura, moda – como o rock, o rap, a pop art, o grafite, o picho, o pastiche, o hip hop, underground, hippie, feminismo, grupos de

---

[7] Em sentido amplo do uso do termo, referimo-nos a *urbanidade sociológica*: das ações comportamentais, modos de convívio, uma etiqueta social; quando a *urbanidade de infraestrutura*: das condições espaciais que proporcionam a ocorrência desse convívio A urbanidade, assim conceituada, emerge como um parâmetro abrangente sobre a avaliação da qualidade dos lugares. Cf. CALLIARI, Mauro. **Espaço público e urbanidade em São Paulo.** 2016; Cf. também AGUIAR, Douglas. **Urbanidade e a qualidade da cidade.** 2012.

[8] Cf. NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. 2006, pp.31-35. GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida nas cidades: como estudar,** 2018, p.40. Cf. também. DUARTE Cristiane Rose; VILLANOVA; Roselyne (org.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas metodológicas, da arquitetura à antropologia.** 2013, p.07.

cultura negra – entre outros tantos, que alimentaram e alimentaram-se de formas de ativismo e ação no espaço urbano, a partir de uma (re)proposição do comportamento, dos afetos, da sexualidade, da ação política e de suas formas de organização socio-espacial.

Na contemporânea cidade de São Paulo, as qualidades descritas acima emergem com maior força de representação – *representar-ação* – no Baixo Augusta e na Vila Madalena, mais do que em outros pontos da cidade, o que endossa nossa justificativa de escolha por eles. Suas configurações urbanas, englobam, penetram e se relacionam dinamicamente entre *lugar* e sujeito, sendo capazes de afetar as ações e as práticas socioculturais na construção sensível do espaço, desencadeando uma série de afetividades estabelecidas na vida urbana; dando à entidade física espacial um caráter sensorial e poético.

Mas antes de nos aprofundarmos no modo de operacionalização das análises espaciais dos territórios selecionados, acreditamos ser importante explicar os motivos que nos conduz a essa pesquisa e, subsequente, esboçar algumas reflexões teóricas e conceituais que consubstanciam esse projeto.

Destacamos a reflexão generalista sobre as cidades, apresenta pelo historiador Peter Burke referente aos trabalhos de Lewis Mumford, “A Cultura das Cidades (1938)”, e de Peter Hall, “As Cidades do Mundo (1996) e As Cidades na Civilização (1998)”, que formalizam uma questão semelhante a nossa: “Por que as grandes cidades têm épocas de ouro? [...] Por que esse espírito floresce por alguns anos, em geral uma ou duas décadas no máximo e então desaparece de forma tão repentina quanto surgiu?”[9].

[9] Cf. BURKE, Peter. **Cidades e criatividade.** 2000.

Para Burke essa questão é ponderada por historiadores e sociólogos a um bom tempo e produziram algumas respostas persuasivas, porém o problema continua irresoluto, como uma porta com uma fechadura à qual nenhuma chave parece se ajustar.

Entretanto, o autor destaca no empirismo de Peter Hall, a virtude desse tipo de pesquisa: "voltar-se para os estudos de caso como método e fazer apontamentos de elementos recorrentes, que ilustram diferentes situações em diferentes contextos", de onde emergem quatro temas centrais, em especial, a ideia de: *cadeias, ímã, redes* e *cadinhos*; que sucederam ou precederam aos estudos de caso[10]. Em primeiro lugar, a ideia de "cadeia", onde os processos sociais vão se sobrepondo e conflui para ser o que é hoje; trata-se de um nível mais descritivo que exploratório. Em segundo lugar, há a imagem do "ímã" para descrever a atração que exerce sobre os jovens, pelas diversidades. Em terceiro lugar, há a ideia da "rede" por ligar e agrupar as pessoas a diversas instituições sociais. Finalmente a metáfora do "cadinho", que se refere a elementos diversos que se encontram juntos na cidade, facilitando sua combinação, pela capacidade de combinar velhos elementos em novos modelos pela cultura"[11].

Por último, mas não menos importante, Burke destaca "que é difícil encontrar acadêmicos com interesse sobre o tema", talvez porque os resultados sejam irresolutos, pouco conclusivos e abstratos, pois aquilo que agrada um indivíduo não necessariamente agradará o outro. Reconhecendo esse entrave, o que podemos oferecer são reflexões comparatista entre os lugares boêmios apoiada em três pontos gerais: o levantamento dos processos histórico-sociais que os conduziram ao momento presente; um estudo sobre a forma urbana, esclarecendo "qual a fisionomia dos suportes espaciais", sua relação com a cidade, suas peculiaridades, distinções,

---

[10] Para ele essa ordem, na verdade, não importa muito, pois como todo bom acadêmico, devemos transitar de lá para cá. Cf. BURKE, Peter. *Op.cit.,* 2000.

[11] Trata-se de uma variante da ideia norte-americana do "*melting pot"*, que significa "crisol de raças, ou caldeirão de raças/de culturas", uma mistura; é uma metáfora para uma sociedade e seus elementos heterogêneos. Cf. *ibibidem, ibibidem*.

semelhanças, verificando se há, de fato, um denominador comum entre eles; e, por último, uma avaliação sobre a percepção dos usuários[12], a fim de formular uma opinião sobre o senso coletivo sobre os espaços.

Em face desse contexto, fundamental nesta investigação é atentar-se as conformações espaciais do tempo presente, viabilizando analises pós-ocupação de tempos futuros, como elemento preditivo de bruscas transformações no território e o esvaziamento afetivo populacional.

Em nosso recorte espacial, a obra de interlocução é o livro *"Baixo Augusta, a cidade é nossa!",* de Alê Youssef (2019). No prefácio, Marcelo Tas nos recorda a velha rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo, de um lado (RJ), uma inconfundível imagem da linda praia de Ipanema, emoldurada no morro Dois Irmãos em um pôr do sol; do outro (SP), um gigante de pedras, que nunca está satisfeito com o que é, sempre em crescente transformação, onde não há um só pedacinho que não foi feito pelas mãos humanas. Aqui, trazemos esse tipo de reflexão por sua correlação com o lazer. Para muitos, as expressões utilizadas por Horácio – "*Fugere Urbem*" e "*Carpe Diem*" –, traduz o sentido do lazer; entretanto, a "fuga das cidades" não ecoa na realidade dos paulistanos, que "aproveitam o dia" ao seu modo num peculiar "lazer urbano".

Inventamos nossa "praia". A luta pelo direito à cidade é o combustível que garante o movimento da engrenagem de um polo vibrante de criação e manutenção das manifestações culturais e dos espaços públicos, as "praias", o nosso pedaço; espaços esses cavados na marra, na arte, no concreto, que traduz, como poucas, o DNA do vivido das grandes cidades[13].

---

[12] Por esta última linha de interpretação, o estudo vai de encontro as Relações Ambiente construído – Comportamento humano (as RACs), sobre as lógicas de apropriação de práticas sociais e culturais de lazer que se cruzam, justamente, nas experiências sensíveis do/com o espaço, ou seja, nas ambiências e nos usuários que experimentam o aprofundamento da sensorialidade enquanto construção do momento. Nota do Autor (N. do A.).

[13] Cf. TAS, Marcelo. Prefácio. *In:* YOUSSEF, Alê. **Baixo Augusta. A Cidade é nossa.** 2019, pp.19-22.

Nessa pesquisa, estudaremos a espacialidade e as qualidades ambientais próprias de um contexto cultural: a dimensão lúdica (de lazer e entretenimento), em dois territórios que consubstanciam nossas “praias”, na cidade de São Paulo: o Baixo Augusta e a Vila Madalena, pois são os territórios que melhor representam uma vertente específica de uma determinada prática de lazer, que é a “boemia”, uma modalidade que acontece nessas duas regiões da cidade que marcam o início do século XXI.

Esclarecidos esses aspectos, retornamos aos objetos de estudo, no sentido de que serem pouco explorados por esse viés. Compartilhamos do incômodo do Secretário da Cultura de São Paulo, Alexandre Youssef (2019), e de diversos pesquisadores[14], referente a uma certa carência de registro dos movimentos culturais e urbanos sobre o lazer e entretenimento na cidade de São Paulo. Não são muitos os trabalhos que se dedicam a contar a história das nossas festas populares, dos *bairros boêmios*, dos estabelecimentos e casas noturnas emblemáticas e cenas alternativas que fizeram história e contribuíram para a maior cidade brasileira se tornasse um polo vibrante, criativo e diverso.

[14] O referido incômodo de Alexandre Youssef está registrado em seu livro “*Baixo Augusta. A Cidade é nossa”* (2019, p.35). Outros autores os quais nos referimos são: Lúcia Helena Gama (1998), em “*Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940 – 1950)*”, pioneira nos estudos acerca da relação sobre produção cultural dos bares e a dinâmica da cidade paulistana, onde declara que bibliografia sobre esse tipo de lazer estava fragmentada em outros contextos socioeconômicos; Maria Izilda Santos de Matos (2007), em “*A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*”, seu livro recupera imagens urbanas e paisagens sonoras e suas experiências cotidianas, a cidade do dia (do trabalho) e cidade da noite (das vivências boêmias), são enredadas na teia de relações e disputas envolvidas nestes processos. Cristiane Rose Duarte com Roselyne de Villanova, na introdução do livro “Novos olhares sobre o lugar: ferramentas metodológicas, da arquitetura à antropologia” (2013, p.09), comentam que há um pequeno número de pesquisadores interessados na cidade sensível, se comparado a produção da cidade funcionalista, como demonstra a pouca literatura existente sobre a questão. Felipe Melo Pissardo (2012) e Solange Whitaker Verri (2014), produziram estudos específicos para esses territórios, com “*A Rua Apropriada: estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta*” e “*A história imediata da Vila Madalena*”, respectivamente, dissertação e tese, onde ambos relatam a carência de estudos acerca do tema sobretudo para essas regiões em específico; entre outros autores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Guia Explicativo da Pesquisa.

A especificidade do campo da arquitetura e do urbanismo e suas noções mais usuais sobre sua problemática metodológica, são destacadas por Geraldo G. Serra, ao colocar dizeres bastante distintos, mas que traduzem muitos de nossos empasses:

a) "Por mais bonita e poética que seja a definição de Le Corbusier '*L'architecture est le jeu savant, correct et magnifique des volumes assemblés sous la lumière...*', ela é insuficiente para a delimitação de um objeto de estudo e, no caso do urbanismo, torna-se ainda mais complexo.

b) Já Vitruvius considerava que a atividade da arquitetura era tão complexa, que exigia conhecimentos da astronomia à medicina"[15].

Assim, para o autor, é comum o pesquisador querer abarcar diversas frentes de estudo e todos os recursos disponíveis para desenvolver o seu trabalho, temendo fragilizar o mesmo ao segmentá-lo a uma vertente, mas ele adverte que isso *pode* ser um erro.

Esclarecido esses aspectos, e para evitar erros, vamos ao lapidar de nossa metodologia.

A apreensão analítica-interpretativa dessa tese, recai sobre o "lugar antropológico, espaço arquitetônico": a escala micro espacial do vivido, do percebido, das formas de analisar o *Lugar* para compreendê-lo e construí-lo, por meio de métodos que priorizem procedimentos qualitativos, considerando o papel dos usuários como atores eventuais do projeto[16].

---

[15] Cf. SERRA, Geraldo G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia Prático Para o Trabalho de Pesquisadores em Pós-graduação.** 2006, p.27-44. Nota: o autor concorda com Vitruvius, pela ótica da matriz curricular das escolas de arquitetura.

[16] Cf. DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA, Roselyne (org.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia.** 2013, p.8-9.

Nesse sentido, explica-se que por meio da pesquisa empírica, foi considerado como **método** para sua estruturação, o procedimento de **Estudo de Caso,** apresentados no livro de Robert K. Yin, *Estudo de Caso Planejamento e Métodos*, no qual consta que o estudo de caso visa a responder questões do tipo "como" e "por que", em situações nas quais o pesquisador tem pouco [ou nenhum] controle do que está sendo investigado, e cujo motivo é um fenômeno contemporâneo inserido no contexto da vida real[17].

Cabe destacar que o *Estudo de Caso*, como estratégia de pesquisa, é utilizado na condução de situações, nas quais se incluem: "[...] situações de sociologia e psicologia comunitária [...], pesquisa de planejamento regional e municipal, como **estudos de plantas, bairros** ou instituições públicas". Por tudo isso, parece-nos assertivo sua escolha para estudar os "bairros boêmios" e as práticas de lazer. E, de igual modo, nos ajuda a lidar com algumas das questões, do tipo: "(a) como definir um caso que está sendo estudado; (b) como determinar os dados relevantes que devem ser coletados; (c) o que deve ser feito com os dados após a coleta"[18].

---

[17] Ver. YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2001 [orig.1994]. No prefácio, o autor faz uma colocação interessante sobre seu livro, que tenta desenvolver uma perspectiva para desvencilhar o Estudo de Caso de três estereótipos: (a) como ferramenta de pesquisa e de ensino, (b) de etnografias e observação participante e (c) dos métodos "qualitativos". A essência do estudo de caso vai além dessas três áreas, muito embora possa haver sobreposições com as últimas duas (p.xii). Subsequente o autor informa que "em uma visão histórica do estudo de caso no pensamento metodológico traduz [...]: primeiro, a definição técnica que começa com o escopo de uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos." [...] "Em segundo lugar, uma vez que fenômeno e contexto não são sempre discerníveis em situações da vida real" e complementa a definição técnica dizendo que "A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única [ou de casos múltiplos] em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados." (p.32-33).

[18] Cf. *Ibibidem*, p.20

Assim, para alcançar os objetivos de comprovação ou refutação da hipótese proposta no âmbito dessa pesquisa, onde se defende que, **os usos da rua com o edificado, pela relação ambiente construído – comportamento humano, que ali se desenvolve, não depende exclusivamente do uso do edificado. Trata-se de um atributo espacial que se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, que, por muitas vezes, caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas**. Sob essa perspectiva, os estudos realizados permitiram demonstrar que, na verificação dos preceitos aplicados de *topofilia*, as áreas *podem* ser vocacionadas para um determinado uso e ser exitoso, mas isso constitui-se de uma escolha estratégica, decorrente de atributos: físico, funcional e simbólico, sendo estes aferidos pelo método aplicado na investigação empírica desenvolvida ao longo da pesquisa.

Com efeito, é possível dizer que o **método empírico** tem como ponto de partida de que o cérebro não contém nenhuma ideia inata, ou seja, não há nada dele que não tenha passado pelos cinco sentidos. Mas há mais. Ao mesmo tempo em que o empirismo se desenvolve, vai ficando cada vez mais claro que nem mesmo uma sucessão de experiências que apresentem o mesmo resultado, poderiam nos dar certeza de que da próxima vez o resultado seria o mesmo[19], pois as circunstâncias todas, não são as mesmas duas vezes.

Com base nesses pressupostos, a tese verte-se sobre uma reflexão de que: o lugar do evento, que sublinha o caráter dinâmico do real, atrelado ao conceito de *lugar sagrado* [da dimensão lúdica], enredados por Johan Huizinga, em *Homo Ludens,* não forjam imaginários urbanos próprios, pois, enquanto ilusões pessoais, são espelhadas no contexto do espaço real.

[19] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.* 2006, p.77.

Ao adotar essa indagação como ponto de partida, com diversos aspectos a ela atrelado, o referencial teórico sobre o espaço vivido e percebido, que nos permitiu entender o que ficaria para além dos critérios de seus usos, a saber: a avaliação da experiência sensorial, por meio de narrativas dos reais ocupantes desses lugares.

Desse modo, para desenvolver esta tese em urbanismo, junto ao departamento de Projeto, Espaço e Cultura (PEC), recorreu-se ao contexto das ciências sociais e sociais aplicadas, para a realização de uma discussão teórica que será oportunamente relacionada à base empírica. Prossegue-se com a etapa de *indução*, por observação dos fenômenos – produção cultural, por meio de práticas de lazer boêmia, e sociabilidade –, essencial para a pesquisa qualitativa das variáveis urbanísticas e ambientais de interesse da pesquisa. Dá-se continuidade de forma *dedutiva*, por meio de comparações entre as duas ambiências estudadas e dos resultados levantados e coletados nas diferentes situações.

Essa breve reflexão sobre o aporte metodológico e seus pressupostos, permite-nos fundamentar o método adotado para a tese em desenvolvimento em arquitetura e urbanismo, que fundamentalmente, apoia-se na elaboração de instrumentos empíricos de comprovação ou refutação da hipótese, dentre eles:

- Elaboração de revisão da literatura especializada para estabelecer as bases conceituais de análise dos fenômenos: compreensão das principais noções e conceitos envolvidos na temática, que permitem abordar o campo empírico, tais como *psicologia ambiental*, pelo viés das percepções do espaço (sensorialidade, afetividade e ritmicidade); *urbanidades*, daquilo que tange questões de infraestrutura e sociabilidade; e *produção cultural*, expresso pelas práticas de lazer (boêmio).

- Estudo histórico-analítico, considerando o recorte temporal que antecede o momento contemporâneo (pós-2000), enfatizando o papel das ações socioespaciais, culturais, econômicas e políticas, seus impactos na vida urbana local que as transformou no que são hoje (2020).
- Produção de dados primários e documentais para a pesquisa: a fim de avançar do ponto de vista do método e de seus resultados, foram realizados mapeamentos diversos para a caracterização física e socioeconômica, explicitação das características do desenho urbano e da morfologia das áreas estudadas, por fim, a entrevista com os usuários – esse procedimento envolveu a elaboração de questionário com perguntas de natureza aberta e fechada, devidamente aprovada pelo comitê de ética da Plataforma Brasil.
- O processo de planejamento e da gestão dos espaços urbanos abertos de caráter público foram analisados, enquanto parâmetro qualitativo da *topofilia*, tendo como objetivo comprovar ou refutar a hipótese proposta nesta tese.

O método tem como premissa a investigação do fenômeno: práticas de lazer (boêmio), aplicada com ênfase na descoberta dos interesses de grupos e frações de classe envolvidos no processo, bem como identificar conflitos presentes, a fim de identificar os caminhos por meio dos quais foi se conformando o consenso que possibilitou subsidiar desdobramentos em diversas ações, a exemplo do projeto urbano e paisagismo que tendem a vocacionar certas áreas para o lazer e entretenimento, por vezes, de modo pouco exitoso.

O MÉTODO: ESTUDO DE CASO.

Robert K. Yin faz também uma comparação entre os **Estudos de Caso** com outras estratégias de pesquisa e direciona o pesquisador ao momento de utilizar a estratégia sob o enfoque de três condicionantes que se consistem: "(a) no tipo de questão de pesquisa proposto, (b) na extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais efetivos e (c) no grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos" [tabela 1].

Estratégia	Forma da questão de pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	Como, por que	Sim	Sim
Levantamento	Quem, o que, onde, quantos, quanto	Não	Sim
Análise de arquivos	Quem, o que, onde, quantos, quanto	Não	Sim/não
Pesquisa histórica	Como, por que	Não	Não
ESTUDO DE CASO	**COMO, POR QUE**	**NÃO**	**SIM**

Tabela 1- Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa. **Fonte:** COSMOS Corporation; apud YIN, 2006, p.24.

Sobre a tabela. Pode-se utilizar cada estratégia por três propósitos, estudos: exploratório, descritivo ou explanatório. Se as questões da pesquisa salientam questões tipos "o que", atrelam-se inevitavelmente as questões do tipo "onde", "quantos" e "quanto", sendo, portanto, comumente do tipo *exploratórias*. Já as questões do tipo "como" e "por que" são mais *explanatórias*, pois são ambivalentes e necessitam de esclarecimentos: a estratégia "X" funcionou (ou não) – funcionou como e/ou funcionou por quê? Desse modo, o pesquisador é direcionado ou para o **estudo de caso** ou para um **experimento** de campo[20].

[20] Cf. YIN, Robert K. *Op. cit*. 2001 [orig.1994], p.25-26 – grifo nosso.

A chave é compreender que as questões de uma pesquisa possuem *substância* e *forma*, por isso definir as questões-chave da pesquisa é provavelmente o passo mais importante a ser considerado em um estudo de pesquisa[21]. E eis que emergem nossas indagações tipo:

- **Como** surgem esses espaços de lazer vocacionados a boemia?
- **Por que** as pessoas se aglomeram em determinados pontos da rua? Existe ali algum atributo espacial (inclusive oculto) que justifique a permanência das pessoas ali?

Retomando a tabela, as colunas três "abrangência do controle sobre eventos comportamentais" e quatro "grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos", faz uma distinção entre: *pesquisa histórica, estudo de caso* e *experimento*. As pesquisas históricas representam a estratégia escolhida quando realmente não existe controle ou acesso, pois o passado passou e resta-nos a veracidade de seus registros. Mas pode-se, naturalmente, fazer pesquisas históricas sobre acontecimentos contemporâneos; nessa situação, a estratégia começa a se sobrepor à estratégia do estudo de caso. Adotou-se pontualmente esse procedimento no Capítulo 2, quando efetuamos o remonte histórico dos territórios selecionados.

Entretanto, o **Estudo de Caso** é a estratégia metodológica escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, aplicado no final do Capítulo 2, e ao longe de toda a extensão do Capítulo 3, 4 e 5. O **Estudo de Caso** conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são

[21] Cf. YIN, Robert K. *Op. cit*. 2001 [orig.1994], p.26. Nota: faz-se uma questão do tipo "como" ou "por que" sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle (p.28), em nosso caso, não se tem nenhum controle.

incluídas no repertório de um historiador: *observação direta* e *série sistemática de entrevistas*[22]. De acordo com Robert K. Yin, embora os estudos de casos e as pesquisas históricas possam se sobrepor, por meio de caminhos que se encontram, o poder diferenciador do **Estudo de Caso** é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências: documentos, artefatos, entrevistas e observações, além do que pode se dispor do estudo histórico convencional[23].

Finalmente, são realizados *experimentos* quando o pesquisador pode manipular os eventos comportamentais semelhante ao que ocorrer em um laboratório; sendo esse um intuito propositivo da pesquisa: fornecer subsídios para se criar situações [experimentos] semelhantes de modo tão exitoso quanto em outros pontos da cidade.

Por fim, acrescentamos o parecer de Geraldo G. Serra sobre o método, nos dizeres de que se trata de "um dos mais comuns em dissertações e teses no campo da arquitetura e urbanismo". A princípio o pesquisador tenta esgotar de modo enciclopédico o conhecimento sobre o exemplar, mas deixará lacunas, que podem ser respondidas no âmbito de outras pesquisas e, inclusive, por outros pesquisadores. Por esse método são feitos estudos que procuram mostrar como o exemplar foi formado, como evoluiu à condição que se encontra contemporaneamente, seu desempenho e outras informações selecionadas segundo os objetivos a serem atingidos[24]. Assim, acumulam-se as avaliações pós-ocupações (APO), do

[22] Cf. YIN, Robert K. ***Op. cit***. 2001 [orig.1994], p.27 – grifo nosso.
[23] *Ibibidem, ibibidem.*
[24] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.* 2006, p.82.

predial ao urbano, que, em certo momento, podem ser retomadas e induzir novas pesquisas a perceber a existência de correlações entre as variáveis sobre o caso estudado[25].

ESTRUTURA DA PESQUISA.

Coloquialmente, a estrutura metodológica de uma pesquisa é "*um plano de ação para se sair daqui e chegar lá*, onde *aqui* pode ser definido como o conjunto inicial de questões a serem respondidas, e *lá* é um conjunto de conclusões (respostas) sobre essas questões"[26]. Mas há que se considerar uma peculiaridade lógica que une os dados a serem coletados, e as conclusões a serem tiradas, por essa vertente metodológica.

Os **Estudos de Caso**, dividem-se em quatro tipos, segmentados em uma matriz 2x2: sendo o primeiro par de categorias, caso *único* e casos *múltiplos*; o segundo par, faz uma distinção entre projetos *holísticos* e *incorporados*, que se combinam com qualquer um dos elementos do primeiro par, que se constituem em fundamentos lógicos próprios.

a) projetos de caso único (holísticos);
b) projetos de caso único (incorporados);
c) projetos de casos múltiplos (holísticos);
d) projetos de casos múltiplos (incorporados)[27].

Em todas as variações de estudos de caso dessa matriz, elas possuem pontos fortes e fracos distintos, sendo importante sabermos disso para lidar com os problemas quando os impasses surgirem. Vamos operacionalizar o **tipo (c),** pelo enquadramento dessa pesquisa.

[25] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.* 2006.

[26] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.41.
[27] *Ibidem*, p.61.

De acordo com Geraldo Serra, a abordagem "holística considera uma visão de investigação sobre as *interações entre as partes* [relação ambiente construído – comportamento humano] e as *interações entre os fenômenos* [práticas de lazer]"[28]. Essa noção, leva à proposição de que o todo investigado é a soma das suas partes e das suas interações. Sob essa perspectiva, elaboramos o Capítulo 3, que se concentra na descrição e caracterização das partes, fazendo uma leitura dos lugares e, subsequente, faz uma interpretação analítica das interações entre as partes e os fenômenos.

Para Robert K. Yin, "o projeto holístico é vantajoso quando não é possível identificar nenhuma subunidade lógica e quando a teoria em questão, subjacente ao estudo de caso, é ela própria de natureza holística"[29]. Aqui reside outra peculiaridade desse projeto de pesquisa, pois ele examina a natureza global dos territórios de lazer, e não suas subunidades [como estabelecimentos específicos].

Outro problema típico com o projeto holístico, ressaltado por Yin é que "o estudo de caso pode ser conduzido por inteiro em um nível abstrato, desprovido de dados ou medidas claras"[30]. Cientes, portanto, de que estamos lidando com o campo afetivo, o sensível das emoções humanas, que são abstrações por excelência, a opção é voltar o olhar para os elementos de urbanidade [infraestrutura] e de forma urbana, para melhor sistematizar a pesquisa.

Por fim, uma advertência extra destacada por Robert K. Yin é de que

> "o problema mais complexo do projeto holístico é que toda a natureza do estudo de caso pode se alterar, sem o conhecimento do investigador, durante a

[28] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.70.

[29] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.65.
[30] *Ibibidem*, p.65.

> realização do estudo. As questões iniciais do estudo podem apresentar uma orientação, mas, à medida que o estudo avança, pode surgir uma orientação diferente, e as evidências começam a se voltar para questões diferentes. Embora algumas pessoas afirmem que essa flexibilidade é o ponto forte da abordagem de estudo de caso, na verdade a maior crítica aos estudos de caso se baseia nesse tipo de mudança – no qual o projeto de pesquisa original não é mais adequado às questões da pesquisa que estão sendo feitas (YIN; BATEMAN; MOORE, 1983). Devido a esse problema, é preciso se evitar esse deslize insuspeitado [...]”[31].

Todo esse alerta, vai de encontro a argumentação de Geraldo G. Serra, que diz: “muitos teóricos consideram que holismo não é uma visão científica”[32], ciente de que seus limites nem sempre são ou estão definidos e a falta de controle. Mas isso gera conhecimento, sobretudo em estudos urbanos, por meio dos chamados sistemas complexos, isto é, “aqueles com grande número de componentes, mantendo intensas interações entre si e com o exterior”[33]. Em nosso caso, fala-se dos microcosmos, onde há maior de concentração do público, ao macrocosmo, que forma a essência dos territórios.

As circunstâncias, sobre a fragilidade da pesquisa citada acima pelos autores, serão passíveis de verificação no Capítulo 5, por meio da avaliação pós-ocupação (APO), que pode colocar em xeque muitas das nossas convicções, pela percepção dos seus usuários.

Operacionalizado os aspectos holísticos, vamos as ponderações dos “estudos de casos: múltiplos”. De acordo com Robert K. Yin, “projetos de casos múltiplos possuem vantagens e desvantagens distintas em comparação aos projetos de caso único. As provas resultantes de

---

[31] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.65.

[32] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.70.
[33] *ibidem*, p.72.

casos múltiplos são consideradas mais convincentes, e o estudo global é visto, por conseguinte, como sendo mais robusto”[34].

Esse conjunto de estudo é também chamando de estudos “comparativos” (casos múltiplos), como informa o autor, e adverte que “a condução de um estudo de casos múltiplos pode exigir tempo e amplos recursos do pesquisador”. A recomendação dada por Yin é de que “para poucos casos (dois ou três), utilize-se parâmetros replicações literais”[35].

Mas como isso tudo se reflete em nosso caso?

A princípio o recorte temático é proveniente das formações do pesquisador (graduado em turismo e em arquitetura e urbanismo), tendo como interesse particular o estudo sobre o lazer na cidade de São Paulo. Subsequente, o recorte espacial é afunilado, marcado pelos grandes eventos mundiais: Copa do Mundo de Futebol (2014) e Olimpíadas (2016), onde os territórios selecionados foram os que mais catalisaram o público. Saímos assim do global (a cidade) para o específico (o bairro).

E eis que surge uma indagação, por que esses territórios catalisaram mais público do que os arredores dos estádios, o que eles têm de tão atrativo ao ponto de ser o destino (turístico), inclusive fora do contexto dos grandes eventos, e se engendrarem ao cotidiano do paulistano? Como e quais práticas de lazer ali se desenvolvem?

Um ponto destacado por Geraldo G. Serra é de que “a maneira cooperativa característica do trabalho humano é de que as pessoas têm de estar próximas, isso implica aglomeração e

---

[34] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.68. “A partir da perspectiva deste livro, entendo a escolha entre projetos de caso único ou de casos múltiplos, como pertencentes a mesma estrutura metodológica, e nenhuma distinção muito ampla é feita entre eles”.
[35] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.69.

adaptação espacial”[36]. Esse elemento [aglutinação] contribui para justificar a relevância da pesquisa, pois “não se tem qualquer registro de uma etapa de desenvolvimento da humanidade em que as pessoas vivessem isoladas, mas ao contrário, a aglomeração é a regra”[37], evidencia-se em nossa pesquisa o desenvolvimento da produção cultural e sociabilidade.

Enquanto denominador comum, os usos da rua com o edificado – marcado pela mediação e suporte dos bares e casas noturnas (baladas), que nessas regiões se aglomeraram. Entretanto, a fisionomia do Baixo Augusta e da Vila Madalena se diferem, pela composição morfológica urbana – de um lado, o Baixo Augusta é predominantemente caracterizado pela verticalidade; do outro, a Vila Madalena, pela horizontalidade do edificado. Nesse sentido, **o lazer requer, mas não tem, uma espacialidade própria enquanto figura arquetípica no imaginário social** – para a esfera do trabalho, têm-se os arranha-céus, que são ícones da pujança econômica; as cidades industriais, com suas chaminés, telhados em *shed* e tijolinho à vista nas construções; as cidades históricas e medievais, podem ser descritas por ruas sinuosas, casas emparelhadas e muralhas, que definem seus limites; e os exemplos continuam. Note que quase todos os cenários urbanos têm suas tipificações imaginárias, mas como é o ambiente de lazer? Quais suas características próprias e o que nele nos atrai?

Por esse contraste que optamos pela escolha do caso múltiplo, para refletir sobre a caracterização dessa fisionomia espacial voltada ao lazer, de dois territórios tão distintos entre si, onde este fenômeno [lazer boêmio, que gera aglomeração e apropriação do espaço da rua] acontece. Desse modo, lançamos mão de ferramentas metodológicas própria da disciplina

[36] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.31.
[37] *Ibidem, ibidem*.

(arquitetura e urbanismo), por meio de desenho urbano e paisagismo, promovendo uma interpretação própria e uma "contribuição convincente e robusta" para essa área do conhecimento. Mas em que termos?

Para Geraldo G. Serra, uma definição prévia dos critérios de avaliação evita que sejamos generosos e flexíveis na pesquisa, suas recomendações é que tenhamos em mente os seguintes itens: "a) relevância; b) caráter científico das conclusões; c) caráter de invenção, descoberta ou inovação; d) indicação precisa ao avanço do conhecimento; e) valor de verdade, tanto do ponto de vista lógico, quanto experimental"[38]. Todos estes itens são explicados ao longo deste capítulo, mas aqui cabe destacar que enredamos (item c) o caráter de descoberta, ressignificando o olhar analítico-interpretativo sobre o objeto de estudo; o avanço do conhecimento, é caracterizar de modo específico a espacialidade própria do lazer e sua dimensão lúdica, por meio de elementos espaciais; e sua verdade reside no efeito comparativo entre os conflitos e convergências da visão dos usuários e o conteúdo da pesquisa como um todo.

Assim, falar em prestar uma contribuição "convincente e robusta", requer um controle de qualidade dentro da pesquisa, que pode ser norteado por quatro aspectos, a fim de evitar julgamentos subjetivos [tabela 2]:

[38] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.130.

Tabela 2 – Táticas do estudo de caso para quatro testes de projeto.

Testes	Tática de estudo de caso	Fase da pesquisa na qual a tática deve ser aplicada
Validade do constructo	Utiliza fontes múltiplas de evidências	Coleta de dados
	Estabelece encadeamento de evidências	Coleta de dados
	O rascunho do relatório estudo de caso é revisado por informantes-chave	Composição
Validade interna	Faz adequação ao padrão	Análise de dados
	Faz construção da explanação	Análise de dados
	Faz análise de séries temporais	Análise de dados
Validade externa	Utiliza lógica de replicação em estudos de casos múltiplos	Projeto de pesquisa
Confiabilidade	Utiliza protocolo de estudo de caso	Coleta de dados
	Desenvolve banco de dados para o estudo de caso	Coleta de dados

Fonte: COSMOS Corporation; *in:* YIN, 2001, p.55.

Este primeiro teste [validade do constructo], é especialmente problemático na pesquisa de estudo de caso, como alerta Robert K. Yin, pois

> "para realizar o teste de *validade do constructo*, o pesquisador deve ter certeza de cumprir duas etapas: 1) Selecionar os tipos específicos de mudanças que devem ser estudadas, em relação aos objetivos originais do estudo. 2) Demonstrar que as medidas selecionadas dessas mudanças realmente refletem os tipos específicos de mudanças que foram selecionadas"[39].

Refletir sobre "como esses núcleos urbanos, vocacionaram-se para o "boêmio", lazer e entretenimento, sobretudo noturno, e se tornaram o que são hoje?" – é um dos objetivos específicos dessa tese –, que pode, de fato, dar conta de uma variedade de fenômenos, como deterioração ou abandono do setor residencial, gentrificações ou aumento da criminalidade,

[39] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.57.

mudanças no padrão dos serviços urbanos, entre outros. Nossa proposta é cumprir essa reflexão e etapa teste o capítulo 2, com e pelo remonte histórico, ampliando sua validade pelas táticas oferecidas na tabela 2: *múltiplas de evidências*, com bibliografia especializada mais os informes jornalísticos retratando as cenas do cotidiano; o *encadeamento de evidências*, será dado pela cronologia; o relatório com informantes-chave[40], aparece no Capítulo 5, por meio da APO, após a aplicação das teorias.

A *validação interna* é uma preocupação apenas para estudos explanatórios, que é nosso caso. Por meio dela, o pesquisador conclui que "há uma relação causal entre o fator X e Y, mas que por não ter controle dos fenômenos, desconhece o terceiro fator Z, que pode, na verdade, ter causado Y, e o projeto de pesquisa pode não ser bem-sucedido ao tratar com alguma ameaça à validade interna"[41].

Para nós essa colocação "relação causal entre o fator X e Y", se dá pela relação ambiente comportamento, com mediação e suporte dos usos da rua com o edificado e elementos de infraestrutura. Essa é nossa preposição dedutiva para a apropriação e aglomeração humana do espaço urbano aberto ocorrer em postos-chave de modo tão intenso. Se há um "terceiro fator Z", que causa este fenômeno, ele será revelado no Capítulo 5. Sua descoberta, se houver – emerge na análise dos dados, conforme tabela 2 –, acreditamos que não será uma ameaça

[40] Como se vê na tabela esse dado faz parte da "composição", e não necessita ficar acoplado à coleta de dados. Para Yin "Informantes-chave são sempre fundamentais para o sucesso de um estudo de caso [...]. Naturalmente, você precisa se precaver para não se tornar excessivamente dependente de um informante-chave, em especial devido a influências interpessoais – frequentemente não-definidas – que o informante possa sofrer". Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.112.

[41] *Ibidem*, p.57.

para a pesquisa, pois se trata de uma contribuição investigativa, que auxilia nosso exercício crítico-comparativo entre teoria e prática.

Já a *validade externa*, "constitui um grande obstáculo ao realizar estudos de caso único oferecem uma base muito pobre para generalizar a partir deles"[42], o que não é nosso caso, pois tratamos de casos múltiplos.

Entendendo que o problema reside na noção de generalização a outros estudos de caso – tomar por referência X e querer replicar em Y – a recomendação dada por Robert K. Yin é de que o pesquisador trate de questões teóricas mais amplas antes de refletir sobre as experiências do caso, como fez Jane Jacobs em *The Death and Life of Great American Cities* (1961). Os tópicos dos capítulos, por ela abordado abarcam questões como: a importância das calçadas, a função dos parques de bairro, a necessidade das quadras pequenas e os processos de formação e dissolução de favelas.

De modo análogo a recomendação de Yin e da perspectiva traçada por Jacobs, o Capítulo 2 apresenta a caracterização dos "bairros boêmios", e o Capítulo 3 e 4 tratam das questões teóricas aplicadas ao viés da psicologia ambiental (percepção do espaço urbano) nos objetos de estudo. No conjunto, esses três capítulos representam, na verdade, a formulação de uma teoria sobre a essência fisionômica dos espaços de lazer.

Por fim, a *confiabilidade* é o último aspecto de controle de qualidade dentro da pesquisa a ser tratado, a confiabilidade serve para minimizar os erros e as visões tendenciosas de um

[42] Cf. YIN, Robert K. *op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.58.

estudo[43]. Para isso, utiliza-se *protocolos* e *banco de dados* para o estudo de caso[44], que permite a qualquer pesquisador repetir um estudo, por isso essa *Introdução* detalha passo-a-passo o método, haja vista que se a pesquisa pode ser repetida, estamos no campo da ciência.

Geraldo G. Serra também nos alerta sobre o rigor e a ética na pesquisa, sobretudo na aplicação de questionários, pois o que mais se verifica é a indução de respostas pelas conversas com os entrevistadores. Assim, produz-se o chamado "erro tipo 1" (falto positivo), que é aceitar como certo uma informação errada, e o "erro tipo 2", dar como errado uma informação certa[45].

A luz dessas ponderações, compete ainda a este tópico capitular o delinear nosso aporte teórico: prática e produção da disciplina, que aponta para os desafios investigativos e seu modo interpretativo.

Para os **Estudos de Caso**, o desenvolvimento de uma teoria como parte da fase de projeto é essencial, pois o propósito decorrente do estudo de caso é *determinar* [criar] ou *testar* uma teoria[46]. Nosso intuito primeiro aqui é testar proposições da ***Topofilia***, o que pode exigir estudos diferentes de um amplo quadro de assuntos, como: cultura e urbanidade; amplitude emocional; estímulos sensoriais; percepção, atitudes, comportamentos e valores em relação ao ambiente.

---

[43] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.60.

[44] Esses dois itens serão abordados e melhor exemplificado no próximo tópico desse capítulo. N. do A.

[45] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.201.

[46] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.49.

Sob essa perspectiva, o embasamento teórico já é enriquecido por uma safra de correspondente que nos permite analisar os objetos de estudo. Trabalhar com o atual estado-da-arte, do aporte conceitual almejado, nos auxilia a elucidar áreas obscuras sobre a dimensão lúdica pela questão levantada não respondida ou ainda em contradição[47].

Subsequente, enquanto ingrediente mais simples de formulação uma teoria desenvolvemos nossa afirmação teórica: **O estudo de caso revelará peculiaridades sobre o porquê a essência e fisionomia de territórios de lazer na cidade de São Paulo, são ocultos no imaginário social**.

Devemos observar que, uma vez que esses ingredientes foram elaborados, as ideias expostas darão cada vez mais conta de questões, proposições, unidades de análise, ligações lógicas dos dados às proposições e critérios de interpretação das descobertas – ou seja, os cinco componentes necessários do projeto de pesquisa[48] [figura 1].

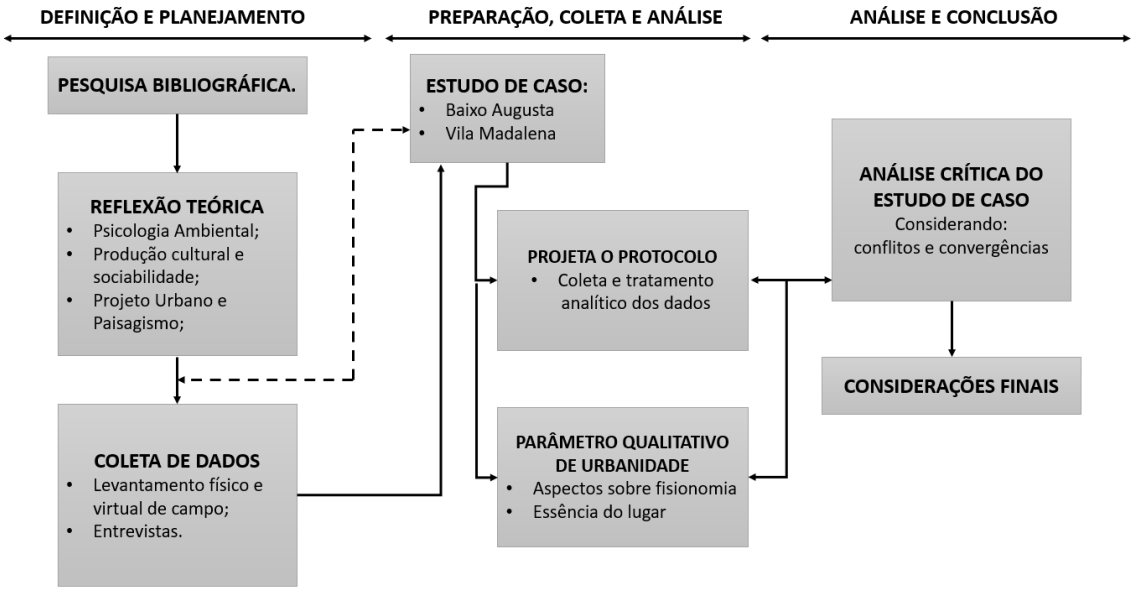


Figura 1 – Diagrama da pesquisa para o estudo de caso. **Fonte:** YIN, 2001, p.73. **Inspirado em:** BENINI, 2016, p.56.

[47] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.168.

[48] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.50.

CONDUÇÃO, ANÁLISE E COMPOSIÇÃO DO "RELATÓRIO" DO ESTUDO DE CASO.

A preparação para realizar um estudo de caso caracteriza-se como um dos tipos mais árduos de pesquisa, segundo Robert K. Yin e Geraldo G. Serra, pois a maioria das pessoas associa a realização de um estudo de caso com a coleta dos dados, aventurando-se em campo sem o *protocolo* e se perdem.

Desse modo, o desenvolvimento de um *protocolo* é uma maneira especialmente eficaz de lidar com o problema: "o que investigar" e "o que fazer com os dados", com esse tipo de ferramenta norteando o pesquisador, aumenta-se a confiabilidade dos seus estudos de caso[49].

Eis nosso *protocolo* apresentado nas seções: *procedimentos, questões teórico-conceitual e plano de análise*, conforme recomendado por Yin[50] [tabela 3]:

Tabela 3 - Sumário do protocolo

Objetivo	Caracterização do imaginário "ruas de lazer boêmio", essência e fisionomia.
Características-chave do método de estudo de caso	projetos de casos múltiplos (holísticos);
Procedimentos	
Agendamento inicial da visita de campo	Realizadas entre os anos 2018 – 2019, priorizando sextas feiras e finais de semana e feriados (sempre durante a noite), evitou-se dias chuvosos, pois não há aglomeração no espaço urbano aberto.
Verificação / autorização de procedimentos de acesso	Dispensado. Estudo sobre os espaços urbanos abertos de caráter público, e os entrevistados são os transeuntes.
Escolha das pessoas que serão entrevistadas e outras fontes de informação.	Usuários do espaço urbano aberto. *Descarte*: usuários, funcionários e proprietários de estabelecimentos. O procedimento teve autorização na Plataforma Brasil (Comitê de Ética em Pesquisa — CEP) com o código numérico: CAAE.21940919.1.0000.5512.

[49] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.79-80. "Um protocolo para o estudo de caso é mais do que um instrumento. O protocolo contém o instrumento, mas também contém os procedimentos e as regras gerais que deveriam ser seguidas ao utilizar o instrumento. É desejável possuir um protocolo para o estudo de caso em qualquer circunstância, mas é essencial se você estiver utilizando um projeto de casos múltiplos" (p.89).
[50] *Ibidem*, p.90-91.

Ref. Bibliográfica	Conceitual teórico: *topofilia* e seu quadro de temas. Sobre os casos: bibliográfica especializada.
Outras fontes (Virtual)	Material jornalístico por apresentar recortes do cotidiano sobre os casos.
Treinando a equipe do estudo de caso	Houve participação de graduandos em arquitetura e urbanismo (equipe), treinamento realizado na disciplina *Projeto Urbano e Paisagismo (Espaço Aberto)* realizada entre os anos de 2017-2019, pelo pesquisador dessa tese.
Objetivo do treinamento	Instrumentar o olhar da equipe com base nas teorias de Kevin Lynch, com intuito de padronizar o conteúdo de coleta da amostra, com dois enfoques: entrevistas de uma pequena amostra de cidadãos a propósito da imagem do ambiente; e um exame sistemático da imagem ambiental suscitada em campo em observadores experimentados.
Tópicos para o treinamento	Aula expositiva sobre: *A imagem da cidade e seus elementos & A boa forma da cidade.* Demonstrando o arcabouço conceitual e metodológico utilizado por Lynch, em ambos as obras do autor, é disponibilizado nos apêndices o passo a passo [ou o protocolo de estudo], por ele e equipe utilizado.
Banco de dados para o estudo de caso	Apresentado no constructo *Introdução*, no formato síntese: Capítulo 1, reflexões teóricas e conceituais; Capítulo 2, remonte histórico e exercício de projeto em AU para caracterização das áreas; Capítulo 3, teoria aplicada para dedução de uma possível fisionomia; Capítulo 4, teoria aplicada para dedução do elo afetivo; Capítulo 5, entrevistas (formulários fechados) de APO para correção entre os capítulos 2, 3 e 4; As *Considerações Finais*, relatório de caso cruzado apresentando os conflitos e convergências. Sobre as circunstâncias de realização do estudo: feito no período de doutoramento (2017-2020) e da coleta dos dados, conforme informado no item 1 desse protocolo: Procedimentos – agendamento inicial da visita de campo.
Protocolo e questões teórico-conceitual para o estudo de caso	
Topofilia	Por meio da leitura temática sobre o conceito de “Topofilia” instiga-nos a avaliar e questionar o modo como percebemos, nos situamos, significamos e idealizamos o mundo que habitamos, quais são nossos valores ambientais.
Urbanidade	Refere-se a qualidade ou condição de ser urbano (abrangendo aspectos infra estruturais), bem como o conjunto de formalidades e procedimentos que demonstram boas maneiras (caráter cortês) e respeito entre os cidadãos; afabilidade e civilidade.
Caracterização da área	Feito por meio de revisão bibliográfica (contexto histórico), e exercício de projeto em AU, com desenhos e croquis, fotografias, mapeamentos diversos, acompanhado de registros/impressões de um diário de bordo.
Entrevista	Optamos pelo questionário fechado pela agilidade em sua aplicação e porque pessoas em lazer (boêmio) não querem “perder tempo” respondendo longas entrevistas, elas querem se divertir e, isso, inviabilizaria a pesquisa. Outro dado é de que o entrevistador era sempre acompanhado de um copiloto que anotava informações/sugestões dadas fora do questionário fechado, o que propiciou subsídios para a reformulação do questionário teste (piloto) para o oficial (ou final).
Plano de análise e relatórios do estudo de caso	
Informações descritivas	O Capítulo 2, faz uma revisão histórica sobre os locais selecionados e o caracteriza em relações às questões morfológicas urbanas contemporâneas – elaboração de tabela conflitos e convergências; no Capítulo 5, descrevemos

	as entrevistas em formato modelo fechado – exercício de crítica entre teoria e prática.
Informações explanatórias	O Capítulo 3, refere-se à aplicação das teorias sobre a *forma e percepção urbana*; o Capítulo 4 verifica elementos urbanos que conduzem aos afetos, por meio do conceito de *amabilidade urbana*.
Análise cruzada de casos	*Considerações Finais*, com informações descritivas, explanatórias e monta o relatório de caso cruzado apresentando os conflitos e convergências encontrados na pesquisa.

Fonte: YIN, 2001, p.90-91 – adaptado pelo autor.

Explicitado o modo de condução do estudo de caso, por meio do protocolo, abre-se espaço, na medida em que nos conduz, a uma série de outras questões, agora de cunho analítico.

Como já informado, pesquisas com enfoque nas questões do tipo "como" e "por que" são mais explanatórias (ou explicativas), uma tentativa de conectar as ideias e fatores identificados para compreender as causas e efeitos de determinado fenômeno.

A ordenação e o processamento das informações, muitas vezes gera a proliferação de informações e de dados que podem ser, ou gerar, o principal problema do pesquisador, como adverte Geraldo G. Serra, que recomenda restringir as variáveis para atingir os objetivos[51].

"Explicar" um fenômeno significa estipular um conjunto de elos causais em relação a ele. Para Robert K. Yin, “grande parte dos estudos de caso existentes, a elaboração de explanação ocorreu sob a forma de narrativa”[52]. O processo de construção da explanação, para os estudos de caso explanatórios, requer peculiaridades características de uma série de iterações, estabelecendo prioridades do que deve ser analisado e por quê.

[51] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.202.

[52] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.140-141.

Com base nessas ponderações, criamos uma declaração teórica inicial: **como são as ruas de lazer e eventos no imaginário social?** E uma proposição inicial sobre comportamento social: **na relação da rua com o edificado, porque a apropriação desse espaço urbano aberto público ocorre de maneira tão intensa em determinados pontos do "bairro boêmio"?** Subsequente deseja-se descobrir **como essas áreas a se tornarem o que são hoje, e por que são vocacionadas as práticas de lazer?**

Desse modo, encadeamos a pesquisa com base nos seguintes pressupostos de análise:

- *História*: para verificar se antes da fase contemporânea (pós-2000), já havia intensas práticas de lazer nesses territórios;
- *Exercícios de projeto*: mapeamento sobre usos, aparência e coloração do edificado, para verificar possíveis correspondências que justifiquem, ou contribuam, para a intensa atividade estacionaria nessas áreas, bem como o estudo dos cânions urbanos, para verificação de sensação de bem-estar psicofísico;
- *Testes teóricos* que compõem a fisionomia e vínculos afetivos sobre o lugar;
- Entrevistas sobre a percepção dos lugares, validando ou negando as correspondências com nossos pressupostos.
- *Avaliação dos conflitos e convergências* encontrados na pesquisa, a fim de melhor aquilatar entre o diverso e o semelhante: nossos pressupostos e a percepção dos usuários, e confluir para suas respectivas valorações correspondentes (pesquisa-usuário).

O procedimento vai amplamente ao encontro do modelo de composição do relatório, último aspecto a ser esclarecido nessa *Introdução*, e que, como nos recorda Robert K. Yin, se

designa a sua apresentação e ao público que se destina[53]. Nesse sentido, a pesquisa assume relevância particular para graduandos em arquitetura e urbanismo, por todo o exercício didático aqui representado; e depois, para pesquisadores com foco em espaços de lazer urbano, sobretudo das áreas de urbanismo e turismo.

Para Geraldo G. Serra, a expectativa de um relatório final, seja de dissertação ou tese, "é por um discurso lógico, com o devido embasamento teórico e a correta base empírica, que acrescente alguma coisa àquilo que já se sabe sobre o assunto"[54].

[53] Cf. YIN, Robert K. *Op.cit.,* 2001 [orig.1994], p.161.

[54] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.153.

NOS BARES DA VIDA: PRODUÇÃO CULTURAL E SOCIABILIDADE

Conceitos e Fundamentos Teóricos.

CAPÍTULO I.

Antes de iniciarmos a redação deste capítulo, gostaríamos de fazer um esclarecimento ao eventual leitor. **Nos bares da vida,** é o título de um estudo desenvolvido por Lúcia Helena Gama[55], que aborda a temática sobre a produção cultural e a sociabilidade na cidade de São Paulo. O interessante é notar que "pelos bares da vida", grandes ideias [teorias] eram discutidas, projetos eram sonhados, que alimentaram e alimentaram-se de formas de ativismo e ação no espaço urbano [seu palco], a partir de uma (re)proposição do comportamento, dos afetos, da sexualidade, da ação política e de suas formas de organização. Considerando o papel dos usuários dessa ambiência, como atores eventuais do projeto, não apenas de ordem histórico-cultural, mas também psicossociais, cabe a reflexão de que são personalidades notáveis, que contribuem para a apropriação e caracterização física, funcional e simbólica destes territórios, sendo exemplos de práxis baseada no companheirismo e amizade, contrapondo-se à prática individualista e de alienação.

Por tudo isso, enquanto fonte de inspiração e motivação de nossa pesquisa, cabe aqui nossa homenagem no título deste capítulo, e que precede a apresentação dos conceitos e fundamentos teóricos dessa tese, que serão enredados a partir de agora.

[55] Ver. GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo – 1940-1950.** 1998**.**

1.1 O HOMEM LÚDICO.

AO LONGO DE QUASE DUAS DÉCADAS estudando a relação arquitetura-turismo, por meio de lugares atrativos e que estimulam a visitação, penso que as experiências tocantes da espacialidade surgem por elementos lúdicos de memórias e significados bioculturais. A este fim, acredito que seja relevante iniciar o discurso pela reflexão da própria natureza humana para, então, compreendermos as "essências arquitetônicas".

Juhani Pallasmaa nos conta a história Max Frisch, um engenheiro da UNESCO tido como racional e realista – símbolo do homem moderno do período industrial –, cuja vida parecia estar sob perfeito controle da racionalidade e passou a ser de moda designar nossa espécie como: *Homo Faber*[56]. No desfecho, acabamos por compreender que não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor, pois, no final das contas, a história de Frisch foi de perda da própria identidade, justificada pela ausência de contato com seu lugar de origem, seu lar. Por fim, cabe ressaltar que o erro na convicção ideológica de exulto ao *Homo Faber* que foi de que poderia o homem existir sem vínculo a um lugar, ou um domicílio fixo, e que a tecnologia poderia descartar a necessidade de se vivenciar o mundo por meio das emoções apoiada somente na razão.

Mas o que essa história tem a ver com o campo da Arquitetura e Urbanismo?[57]

---

[56] O termo signigica: Homem da fábrica, de funções programadas, pré-estabelecidas e ordenadas, inclusive, nos modos de se produzir e habitar, dos edifícios às cidades. Cf. FRISCH, Max. ***Homo Faber: Ein Berich***. Frankfurt, Suhkamp Verlag, 1958 *in*.: PALLASMAA, Juhani. **Habitar**, 2017, p.13-14. Nesse romance, por não reconhecer elementos do próprio lar, pai e filha se apaixonam e, ao descobrir a verdade, a jovem enlouquece e seu desfecho é uma morte trágica. N. do A.

[57] Desde já declaramos que não faz parte dos nossos objetivos apresentar uma análise crítica ou nos aprofundarmos no estudo das definições dos contextos históricos em que se insere o *modernismo* e o *pós-modernismo*. Em vez disso, interessa-nos pontuar paradigmas relevantes [marcos teóricos] para a reflexão sobre objetos e questões culturais e filosóficas. N. do A.

Para muitos teóricos e críticos[58] de Arquitetura e Urbanismo, os modernistas foram orientados por uma corrente de pensamento semelhante, por tentativas de se mecanizar o vivido *no* e *pelo* espaço. A frase emérita e conhecida por todos de Louis Sullivan, já declarava isso: "a forma segue a função", uma tentativa clara de controle, ordenação e setorização do território e, por consequência, refletia nas vidas humanas e urbana. Mas esse ideário fracassou e se fez necessário (re)pensar na produção e prática da disciplina.

Decorre disso que a reflexão "*homo faber"* não seja, portanto, uma definição do ser humano tão adequada quanto *sapiens*. Entretanto, a tipificação *Homo Ludens* (homem lúdico), de Johan Huizinga[59], encontrada pelo movimento pós-moderno reverberou no pensamento arquitetônico – de produção e prática da disciplina – até a contemporaneidade pelas relações psicoemocionais que temos com o espaço.

Pelo que sugere a reflexão de Johan Huizinga, suas ponderações são dadas pela natureza e significado do "*jogo*", vamos, então, a partir de agora, examinar as correspondências do pensamento em nosso campo de atuação: arquitetura e urbanismo.

> "O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. [...] Os animais brincam tal como os homens. [...] Convidam uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento"[60].

---

[58] Referimo-nos mais especificamente a: Robert Venturi, Peter Eisenman, Demetri Porphyrius, Christian Norberg-Schulz, Juhani Pallasmaa e Kenneth Frampton. Ver NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.89-125 e p.441-489.

[59] Faz-se notar que a reflexão *Homo Ludens*, de Huizinga (1938), é anterior a de Frisch (1958), mas que não encontrou ecos imediatos em seu tempo, sua retomada se dá a partir da década de 1960 e que, ainda hoje, é considerada uma das obras mais importantes da nossa história. Cf. HUIZINGA, Johan. ***Homo Ludens.* O Jogo Como Elemento Cultura***.* 2014 [orig.1938].

[60] Cf. HUIZINGA, Johan. ***Homo Ludens.* O Jogo Como Elemento Cultura***.* 2014 [orig.1938], p.03.

1.1.1 O problema do corpo: o prazer da arquitetura.

Fazemos essa primeira citação porque o *jogo*, a nível do instinto primal, é mais do que um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico humano–animal, pois ultrapassa os limites da cultura [enquanto conjunto ordenado do saber], logo, a antecede. E por meio desse entendimento, divertir-se, experienciar o aflorar das emoções em seus ritmos e descompassos, transcende as necessidades imediatas da vida e confere sentido às normas de conduta e ações comportamentais, que, colocado sobre o *jogo*, induz a existência de sempre haver alguma coisa "*em jogo*". Mas o que está em jogo?

Em nosso intuito investigativo: *os prazeres do espaço,* o entretenimento. Encontrar subsídios que favoreçam a interpretação do porquê nossos territórios [Baixo Augusta e Vila Madalena], exprimem prazer e divertimento.

Para o campo da Arquitetura e Urbanismo, a perspectiva permanece dialética, pois os corpos (seja o carnal ou o constructo geométrico) permanecem como referência metodológica, mas a questão é outra. Para além das críticas, chamamos a atenção aos aspectos sensuais do espaço, com Bernard Tschumi, por meio de uma analogia ao prazer sexual. O teórico abraça ao mesmo tempo o *dionisíaco* e o *apolíneo* em sua produção, tomando, por referência, a tríade vitruviana – durabilidade, comodidade/função e beleza – em diálogo os temas: transgressão, limites e excesso. O autor discute o papel sedutor das *máscaras arquitetônicas,* para descrever

a revelação das camadas dos "sistemas de saber", por trás das máscaras: do artefato ao artifício[61].

A natureza paradoxal do prazer do espaço é incompatível com a lógica do *logos,* uma vez que "o prazer não se rende facilmente a análise" segundo Tschumi, assim, o autor compõe seus textos como fragmentos vagamente relacionados entre si – geometria, máscara, cativeiro, excesso, erotismo[62]; não há, portanto, teses, sínteses e antíteses, apenas estruturas genéricas e o instinto primitivo em busca de prazer.

Historicamente, no período moderno, que coincide com o período entre Guerras, as questões relacionadas a ornamentação e beleza do edifício, foram postas de lado frente a necessidade de reconstrução das cidades. Tschumi destaca que

> "durante muitas gerações, todo arquiteto que desejasse ou procurasse sentir prazer na arquitetura era considerado um decadente. Politicamente, as pessoas conscientes suspeitavam do menor traço de hedonismo no exercício da arquitetura e o repudiavam como uma preocupação reacionária. Da mesma forma, os arquitetos conservadores renegaram tudo que parecesse remotamente intelectual ou político, inclusive o discurso do prazer"[63].

Daí que, se contemplada a baliza cronológica, é um acontecimento evocado com vigor pela historiografia como marco hedonista da arquitetura. O movimento pela retomada do prazer do espaço, para a prática da disciplina se inicia no fim da década de 1960 e dá início a uma série de pesquisas no campo da arquitetura. Explicitamente inspirado no *feminismo*, o manifesto enfatizado por jovens intelectuais, muitos deles mulheres e homossexuais, reivindicaram

---

[61] Cf. TSCHUMI, Bernard. **"*The Pleasure of Architecture*"** *In*: Architectural Design 47, n.3, 1977, pp.214-218. Disponível em: *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*, por Kate Nesbitt (org.), 2006, p.573-584.

[62] Cf. *Ibidem,* p.576.

[63] Cf. *Ibidem,* p.575.

tratamento igualitário, pretensamente democrático, ampliaram o debate na arquitetura e em outros campos da arte sob a ênfase na forma – que nos distingue pelo gênero e não pelo intelecto, sem o preconceito, amplia-se as possibilidades do prazer – e se abre a novas perspectivas da esfera cultural, da história e da ética[64].

Por essa razão, também aqui estamos no domínio da cultura. É de cunho essencialmente comunicativo a ordenação espacial que orienta as interações das ações humanas, sob a égide da sensualidade. O prazer da geometria é, por extensão, o prazer da ordem, "mas há um prazer especial e procede dos conflitos: quando a fruição sensual do espaço entra em conflito com o prazer da ordem"[65]. Pelo que sugere esse pensamento, é possível intuir, também, a inextricável fusão de imposição e acomodação da malha urbana; um ambíguo prazer da racionalidade. A dissolução do irracional nos faz lembrar as preocupações eróticas do encontro – nós precisamos encontrar determinada espacialidade para nos encontrarmos.

Nessa etapa da discussão, ao introduzir o erotismo nos termos arquitetônico, Bernard Tschumi faz uma pausa para advertir que "está usando o termo erotismo como conceito teórico, que tem pouco haver com o *formalismo fetichista*"[66]. Mas pelo contrário, *o erotismo não é o excesso de prazer, mas o prazer em excesso,* que é uma questão de sutilezas[67]. Nesse contexto, o protagonista da encenação é o próprio ato da interação entre os corpos – "o prazer máximo da arquitetura está naquele momento impossível em que um ato arquitetônico, levado

---

[64] Cf. NESBITT, Kate. *op. cit*., 2006, p.43.

[65] Cf. TSCHUMI, Bernard. *op. cit*., 1977, *In*: NESBITT, 2006, p.580.

[66] Usado como analogia [masculino e feminino], pela visão de "arranha-céus, eretos e robustos", que competem entre si por tamanho e performance; bem como de "portais curvilíneos", que sugerem constante movimentação de entrada e saída de fluxos diversos. Cf. *Ibidem*, p.580

[67] Cf. *Ibidem*, p.579.

ao excesso, revela, ao mesmo tempo, os vestígios da razão e a experiência imediata do espaço" – que é o deslumbramento, compreensão da totalidade, desejo de permanência e retorno.

Em meio a tais movimentos há como discernir – agora por referência as ambiguidades, contradições e oposições mentais – as máscaras arquitetônicas, definidas por sistemas de disfarces, isso é, modos como se arranjam as relações sintáticas do edificado entre as ações semânticas em co-presença metafísica.

Se contemplado no âmbito da correlação da sedução e dos disfarces, enquanto *Homo Ludens*, retomamos a vinculação correspondente com a filosofia de Huizinga, que diz:

> "A criança representa alguma coisa diferente, ou mais bela, ou mais nobre, ou mais perigosa do que habitualmente é. Finge ser um príncipe, um papai, uma bruxa malvada ou um tigre. A criança fica literalmente "transportada" de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem, contudo, perder inteiramente o sentido da "realidade habitual". Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência: é "imaginação", no sentido original do termo"[68].

De acordo com Huizinga, "todo indivíduo culto sente perante a máscara uma emoção estética imediata, composta de beleza, de temor e de mistério"[69]. Raramente existe prazer sem sedução, ou sedução sem ilusão. Pelos instintos primitivos associados a natureza humana, para atingir nossos objetivos, às vezes, agimos da maneira mais conveniente. Um disfarce. Conscientemente destinadas a sedução, as máscaras são pertencentes a categoria da razão, seja para o corpo carnal ou tectônico. Haja vista a possibilidade de trocar os papéis e ser

[68] Cf. HUIZINGA, Johan. op. cit., 2014 [1938], p.30.

[69] Cf. *Ibidem*, *Ibidem*.

seduzido, esse ato consente com o disfarce do outro, aceita a personalidade que a outra parte assume, porque isso lhe dá prazer, mesmo sabendo que ela dissimula uma outra coisa[70].

No cenário da arquitetura não é diferente, mas sempre faz o papel sedutor. Os conceitos arquitetônicos são artifícios de sedução. E, uma vez que você desvenda o que está por trás da máscara, descobre uma outra máscara, outras maneiras de ler o edifício, a cidade e a paisagem: "as máscaras formais escondem máscara socioeconômicas, enquanto as máscaras literais respondem as metáforas". Cada sistema de conhecimento oculta um outro, assim, cada nível sucessivo confirma a impossibilidade de apreender a realidade. Por trás de todas as máscaras, fluem correntes misteriosas e inconscientes que não podem ser dissociados do prazer da arquitetura[71].

Operacionalizado esses aspectos, a constatação favorece a exploração também de searas teóricas da própria vertente dialética de interpretação das relações da dimensão lúdica: o campo do jogo (o espaço) e suas regras (a conduta). Veremos que essas peculiaridades todas se deixam entrever em um intercâmbio peculiar: "emprestamos nossas emoções e associações ao espaço, e o espaço nos empresta a sua aura, a qual incita e emancipa nossas percepções e pensamentos"[72]. À luz dessas considerações, vejamos como isso se apresenta.

1.1.2 O tabuleiro.

Uma das características mais importantes do território lúdico é sua separação espacial em relação à vida cotidiana: referimo-nos explicitamente as distinções entre o local do trabalho,

---

[70] Cf. TSCHUMI, Bernard. *op. cit*., 1977, *In*: NESBITT, 2006, p.580.

[71] Cf. *Ibidem*, *Ibidem*.

[72] Cf. PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**, 2011, p.11.

o local da moradia e o *lugar* do lazer. Ao lúdico, é-lhe reservado, quer material ou idealmente, um *lugar* isolado do ambiente rotineiro, e é dentro desse espaço que a ação lúdica se processa. Com efeito, na contextualização de Huizinga encontramos uma comparação correspondente entre o lugar da ação lúdica e o território sagrado, pois

> "do ponto de vista formal, não existe diferença alguma entre a delimitação de um espaço para fins sagrados e a mesma operação para fins de simples jogo. A pista de corridas, o campo de tênis, o tabuleiro de xadrez ou o terreno da amarelinha não se distinguem, formalmente, do templo ou do círculo mágico. A extrema semelhança que se verifica entre os rituais de todo o mundo mostra que esses costumes devem ter suas raízes em alguma característica fundamental e essencial do espírito humano. É costume reduzir esta analogia geral das formas de cultura a qualquer causa "racional" ou "lógica", explicando a necessidade de isolamento e separação pela ânsia de proteger os locais consagrados de influências maléficas" [73].

Se interpretarmos essa citação onde o local do trabalho é dicotômico ao do lazer, então preservar/isolar o local do lazer, enquanto "**espaço sagrado**", é distanciá-lo das "influências maléficas" do espaço do trabalho, sendo este um importante ponto para nossa verificação. De modo análogo, se o local do lazer tem proximidade com o local da moradia, a princípio, ele *pode* parecer atrativo por sua valoração simbólica e material, entretanto, a constância perceptiva fará com que o "***lugar sagrado***" se torne "ordinário" – rotineiro e comum.

Marcado por esses atributos, Huizinga da continuidade ao seu discurso dizendo que "o jogo se distingue da vida comum tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa"[74]. Note que o autor acopla, qualitativamente, a noção de tempo ao espaço e, nesse sentido, trata-se de uma

[73] Cf. HUIZINGA, Johan. op. cit., 2014 [1938], p.23 – grifo nosso.

[74] Cf. *Ibidem*, p.12.

qualidade de distensão: um intervalo, em nossa vida cotidiana para recuperação psicossomática – do bem-estar físico e mental.

E eis que isso se evidência, de forma ainda mais flagrante, com a dimensão lúdica. Todos aguardam essa distensão do espaço-tempo, desse "intervalo", que é o lazer, emerge mundos individuais e temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade subjetiva especial[75]. Conforme exposto em outro momento[76], uma das qualidades fundamentais no *território lúdico* reside em sua capacidade de ações reincidentes, mas que não são as mesmas duas vezes, dada as variações circunstanciais de tempo, espaço, vivenciadores e suas "jogadas". Nunca o mesmo, mas sempre ele.

O tabuleiro não é o lugar de um caos mutante e insuportável, mas ainda sim é diferente a cada olhar, olhar aqui entendido como experiência sensorial em sentido amplo do termo, que se transforma a cada momento. E é essa capacidade de "tornar-se outro", que cria fascínio sobre o mistério do tabuleiro em ações reincidentes, a fim de desvendá-lo; e, manifesta-se, também, de modo marcante o que a fenomenologia da arquitetura conceitua como "sistema de máscaras arquitetônicas", como já visto. Talvez, esse dispositivo de máscaras, se inicie por sua limitação no espaço-tempo, e se processa e existe no interior daquilo que chamo de "espaço

[75] O sociólogo Joffre Dumazedier conceitua a *prática do lazer* como: "conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, pelos princípios de *descanso*, *divertimento* e *desenvolvimento* pessoal ou social". Cf. DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer,** 2004 [1999], p.34.

[76] Refiro-me a dissertação do autor (2015): **"Ruas de Eventos: práticas de lazer em três momentos históricos na cidade de São Paulo"**.

ulterior"[77], pela lógica do tabuleiro – com dimensão previamente delimitada, de maneira material e imaginária (psico-espacial), organizada de forma deliberada ou espontânea.

A limitação no espaço e no tempo, não permite a variável da repetição, uma qualidade que funda a complexa natureza dos *eventos,* como diria Milton Santos, pois ela introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo cotidiano uma perfeição temporária e limitada, que parece, em larga escala, estar vinculada aos domínios da estética, evocando uma tendência ao belo[78].

Para Jean-Paul Sartre o espaço superou o tempo na consciência humana[79]. Num passado remoto, para domínio da agricultura, os homens adquiriram consciência de tempo e espaço, dos meses e das estações; fenômenos que interferem no local geográfico. Passaram depois a representar esta ordem da existência em celebrações. Existe entre o ato comemorativo e o tabuleiro, as mais estreitas relações, haja vista que os festejos são executados no interior de um espaço circunscrito, isto é, uma dimensão lúdica de alegria e liberdade. Em sua intenção é delimitado um cosmo de valor temporário próprio. A interpretação reencontra por esta via, o dispositivo de máscaras, sem, contudo, perder inteiramente sua sintaxe da realidade original. O espaço adquire novo significado superando a si mesmo, a tal ponto, que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa. Um recurso que não cabe ao tempo. Mais do

---

[77] Esse conceito se expressa por "algo está em continuidade ou além de outra coisa" aos espaços que me refiro nesta pesquisa: Rua Augusta e Vila Madalena, a atividade de lazer se processa concomitante as atividades comerciais, residenciais, de serviços e outras (ver. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia,* 2007, p.980, *in*: unidade).
[78] Ver. SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1996 [ed. 2012].
[79] Cf. JAY, Martin. *"A new ontology of sight." In: Decline and fall: Ocularcentrism in Heidegger's reading of the history of metaphysics*, por David Kleinberg-Levin (org.). The University of California Press, 1993, p. 205.

que uma realidade falsa, sua representação é a realização da "imaginação" – imagem em ação – no sentido original do termo.

Operacionalizado o território, daquilo que chamo a partir de agora de “tabuleiro”, que é a espacialidade própria do lazer. Em resumo, trata-se de uma realidade acoplada entre o território físico, com uso pré-programado, com sobreposição imaginária do mesmo, a qual consideramos “*a* dimensão lúdica”. Se verificarmos que esse tipo de território se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa "imaginação" da realidade, nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e compreendê-lo como fator cultural da vida.

1.1.3 “Jogadores”.

Contemplar o vigor social de apropriação do “tabuleiro” sob o prisma metodológico aqui em jogo, o *local de circulação* [a rua] aparece associada à passagem física, funcional e simbólica, entre os elementos cruciais do modo de vida cotidiana: o lugar de moradia, o trabalho e o lazer. A apreensão analítica dessa tese se dá na comutação entre o uso deste espaço com o edificado. E faz dos vivenciadores, corporificação humana de regras de conduta, a referência teórico-metodológica para a identificação do vivido corporal das experiências espaciais que aqui me interessam.

De interesse especial aqui é o ângulo de apreensão da problemática da intensidade do lúdico e seu poder de fascinação, que acontece *no* e *pelo* espaço (psico)geográfico. Estudos como os de Huizinga e o de Dumazedier procuram determinar a natureza e o significado da

ação lúdica, atribuindo-lhe um *lugar* no sistema da vida[80], pois trata-se de uma evasão da vida cotidiana para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. As práticas de lazer se insinuam como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste em sua própria realização. Nesse caso, o objeto de estudo é a interação dos corpos (humano-tectônico) que acontece neste intervalo como forma específica de atividade, como função social e fator cultural, forjados sobre posturas, posicionamento físico dos corpos, e em gestos, movimentos corporais específicos, inclusive dos edifícios.

Em meio a tais movimentos há como discernir – agora por referência intitulada a *corpografia urbana*, isto é, modos de como se arranjam as relações sintáticas entre os atos dos indivíduos em copresença física ao edifício – as relações semânticas. Esses arranjos abarcam desde o comportamento corporal, passando pela aparência física dos vivenciadores e do edificado.

Debruçar-se sobre o rol de conceituações acerca da dimensão lúdica e suas práxis[81], em nossa maneira de pensar nesse *ambiente,* seria diametralmente oposto à seriedade. Todavia, caso o examinemos mais de perto, verificaremos que esse contraste entre *ambiente* lúdico e seriedade, não é decisivo, nem imutável. Huizinga deixa entrever, com a lógica do tabuleiro, que "o jogo de xadrez é executado dentro da mais profunda seriedade"[82] e de que a

---

[80] Para Huizinga "Antes de mais nada, o jogo é uma atividade voluntária", para Dumazedier "o lazer tem caráter descompromissado, livre de quaisquer obrigações". Ao que tudo nos parece, o termo em comum que os autores tratam é: a ação lúdica ser livre, de ser ela própria liberdade. N. do A.

[81] Refiro-me a *práxis* como "ação/conduta" de transformação das estruturas sociais, de voz política, de acordo com Dumazedier (2004) [1999] para com o lazer. N. do A.

[82] Cf. HUIZINGA, Johan. op. cit., 2014 [1938], p.08.

consciência do "fazer de conta" – daquilo que pode vir a ser outro, nesse caso o espaço – não impede de modo algum que ele se processe com seriedade[83].

Evocamos, em primeiro, o atributo da seriedade com êxtase e entusiasmo, pois 0 valor conceitual de uma palavra é sempre condicionado pela palavra que designa seu oposto, ao passo que à seriedade pode se opor ao divertimento e, consequentemente, ao lúdico. Todavia, a opção aqui é transformar em questão o comportamento e a espacialidade produzidos com o tabuleiro pela mediação do divertimento. Como nos aprontamos para interagir com esse tipo de ambiente e o que nele esperamos encontrar? Seriedade.

Em face desse contexto, Huizinga traz à realidade do jogo um alerta sobre a presença do “desmancha-prazeres” e do “batoteiro”, os quais ameaçam a seriedade. O *batoteiro,* aparenta reconhecer as regras de cada tabuleiro e se permite interagir até onde lhe é conveniente, é também um trapaceiro que pode até confundir a ordem do jogo. O *desmancha-prazeres*, abalar o mundo do jogo, pois ele priva o jogo da ilusão, desse modo, sua presença é uma ameaça a existência da comunidade dos jogadores; todavia, por estar em desacordo com as regras do jogo, os desmancha-prazeres fundam novas comunidades, dotadas de regras próprias[84].

A luz dessas considerações, não fica difícil reconhecer o produto que se espera reconhecer e extrair das espacialidades deste estudo. Para além das veementes tipificações do “certo ou errado”, “feio ou belo” e “do bem ou do mal”, são todas variáveis subjetivas, haja vista que há quem se adeque as regras em jogo da comunidade dos desmancha-prazeres, mas de

[83] Cf. HUIZINGA, Johan. op. cit., 2014 [1938], p.11.

[84] Cf. *Ibidem*, p.14-15.

que tipo e a qual ordem pertencem, se, nesse caso, todos buscam o divertimento como objetivo em comum, como julgá-los?

Percebe-se assim uma abordagem que se reconhece que a ação lúdica encontra, por natureza, um ambiente instável. A qualquer momento é possível à "vida cotidiana" reafirmar seus direitos. O jogo acaba. O apito do árbitro quebra o feitiço do círculo mágico e a vida "real" recomeça[85]. Os motivos são diversos, desde a quebra do decoro pelos vivenciadores à depreciação, desconfigurarão do próprio tabuleiro.

Ao preconizar um certo caráter metonímico do tabuleiro em relação ao divertimento engolfado pelos modos de comportamento corporal, essas conceituações contribuem cada uma a seu modo, voluntaria ou involuntariamente, para a consolidação de uma vertente investigativa específica. Trata-se da reflexão sobre as potencialidades conceituais da dimensão lúdica para a compreensão das peculiaridades sociais e culturais da vida urbana, seja porque se acredita num caráter metonímico do espaço que pode vir a ser outro, assim como o meu “eu-social”, seja porque se enxerga no tabuleiro uma metáfora da vida urbana ideal (dos sonhos), bem como as absorções dos seus efeitos duradouros e regenerativos psicossomáticos; seja, enfim, porque se concebe a primeira como mediação reveladora da segunda. Essas são as perspectivas teóricas com Huizinga, o ponto de partida de (dis)junção entre a sintática e a semântica no tempo dos corpos (humano–tectônico) com efeito *ludens*, para se entregar despreocupadamente a essa atividade de forma física, funcional e simbólica.

[85] Cf. HUIZINGA, Johan. op. cit., 2014 [1938], *passim*.

1.1.3.1 Jogadores "Boêmios", uma tipificação.

Convém salientar agora, a fim de uma tipificação empírica, sobre "quem são nossos *Jogadores*?". Apoiando-nos nas palavras de Giulio Carlo Argan, "nenhuma análise sociológica pode ser seriamente efetuada se não tiver por base a análise psicológica e, portanto, o estudo da experiência urbana individual é o princípio de qualquer pesquisa sobre os modos de vida urbana de uma sociedade real"[86].

Fizemos assim uma adesão ao termo "boêmio" ao lado das expressões metafóricas e análogas, para descrever, ou tipificar, nosso público. É inútil procurarmos aqui a correspondência entre o uso original do termo "boêmio", pois as características históricas desse grupo social remontam à França do século XVIII, por meio de sua participação nas vanguardas artísticas e o estilo muito especial de vida que adotavam. Considerando a boêmia como um grupo com comportamento definido e que tem como referência os franceses do século XVIII, jamais poderíamos dizer que os usuários dos nossos territórios são boêmios[87].

Mas, cientes que esse estereótipo também passa por intensa reformulação, resolvemos dar ao nosso público o direito à denominação "boêmio", haja vista que o uso do termo na linguagem cotidiana não caracteriza mais o que os *indivíduos que gostam da vida noturna, se agregam em torno das mesas de bar*[88] conversando a respeito de assuntos diversos: música, artes, notícias, política, cotidiano entre outros.

---

[86] Cf. Giulio Carlo Argan, **A história da arte como história da cidade.** 1992, p. 233

[87] Cf. GAMA, Lucia Helena. ***Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950***. 1998, p.179.

[88] *ibidem*, p.115.

De fato, a utilização explícita da categoria “boêmia” no debate paulistano começa a ser usada a partir da década de 1940, desde então à contemporaneidade, é mais uma questão de modismo essa designação em face da modernidade que tem ainda um aspecto de reformulação própria desses seres urbanos[89]. Desse modo, sem entrar em julgamentos, que no limite acabam caindo numa postura valorativa, a formação de alguns traços por meio dessa tipificação “boêmia”, trata-se de uma releitura e interpretação própria do conceito, que serão decisivos na modernização dos costumes e da relação com a vida urbana local.

Desse modo, não é apenas a “produção cultural" que vem se alterando com a modernização: da cidade e das ações comportamentais. As oportunidades de diversão e sociabilidade vão assimilando essas mudanças. Os bares, restaurantes, livrarias, boates e casas noturnas passam a receber número cada vez maior de jovens.

No bojo dos reequacionamentos dessa difícil linha divisória que carrega a carga moral de um estereótipo social, eis que surge uma questão: “por que então tipificá-los?” Como veremos na próxima sessão capitular [*A estrutura do Lugar e o Genius Loci*], justifica-se pela criação da identidade e dos vínculos com o lugar.

A luz dessa consideração, cercamos de territórios que são “proscritos” dos desregrados e boêmios, diferenciando-os dos padrões comportamentais, culturais, estéticos e econômicos da sociedade tradicional e de consumo.

O usufruto das atividades urbanas, nos mais diversos campos, requer uma quebra com relação a alguns costumes, e o público boêmio é um alvo privilegiado desse anseio. A criação

[89] Cf. GAMA, Lucia Helena. *Op.cit.,* 1998, p.115.

de uma produção cultural voltada para a ampliação desse público, traz um aspecto de “lazer” e divertimento descomprometido para essas atividades eminentemente urbanas. As convivências nesses espaços, um tanto quanto distintas, são também manifestos culturais.

Adentramos no universo dos boêmios, sob a perspectiva dos recantos noturnos, onde “um bando de homens insiste em habitar a cidade, dela usufruir a seu bel-prazer, segundo lógicas afetivas, normas de referenciais identitários, que fogem à ponta do lápis dos planejadores e aos dedos afoitos dos especuladores"[90]. Talvez não fosse essa a trajetória ideal imaginada por Argan, mas quem sabe consigamos, detectar alguns elementos indicativos do valor do caráter desses territórios, proveniente de valores sentimentais e que se concretizam em resistências baseadas em valores simbólicos de consenso mais amplo.

Esses territórios são redutos da iniciação na vida adulta e urbana, atualmente de todos os gêneros. Neles, as fantásticas peripécias praticadas pelos boêmios parecem ter sido forjadas por cronistas, que se preservam na forma de fantasiosas e glamourosas histórias da vida noturna.

Sob essa perspectiva, embora nem por isso estejam livres do “concebido”, na seara das especulações e racionalizações, ressaltamos o pensamento de Henri Lefebvre, que diz “se as relações sociais, abstrações concretas, não tem existência real a não ser *no* e *pelo* espaço, então as práticas sociais são, de fato, práticas espaciais”[91]. É nesse sentido que investigar os *lugares* revela o vivido, na medida em que investigar o *público* revela a identidade do lugar.

---

[90] Cf. ARGAN, Giulio Carlo. *Op.cit.,* 1992, p. 232

[91] Cf. LEFEBVRE, Henri. ***Critique de la vie quotidienne.*** 1958 [orig. 1947], p.62 *in* FREHSE, Fraya. **Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo.** 2011, p.32.

1.1.4 Os efeitos da beleza.

Em suas formas mais complexas, tanto a ação lúdica praticada pelos jogadores quanto o tabuleiro, estão saturados de ritmo, harmonia e de contraste, que são os mais nobres dons de percepção estética. Embora a beleza não seja atributo inseparável do ato lúdico enquanto tal, este, tem tendência a assumir acentuados elementos de beleza. Considerando que o fator estético – "*apolíneo*" –, seja idêntico aquele impulso de criar formas ordenadas, de agrupamentos ou arranjos espaciais em arquitetura, o "domínio espacial" é associado conceitualmente de maneira muito mais contundente ao efeito estetizante do *belo*; bem como a performance dos jogadores.

Embora aqui não venha muito ao caso, talvez um dos erros da arquitetura seja despir as edificações de seu ornamento, o que impacta diretamente na experiencia da relação entre o espaço e o corpo. Todavia, em sua qualidade de distensão regularmente verificada ao ornamento, ele se torna um complemento que encerra à sua significação, seu valor expressivo, como função cultural: "ornamenta a vida"[92]. Nesta medida, Huizinga nos recorda que o ornamento dá satisfação e é atribuído a experiência e ação comunitária figurado em: "estar belo" e "ter uma boa performance", que emerge, também, como elemento "*dionisíaco*", vinculado a atividade sexual, que se verifica justamente na época do cio, quando há uma competição (jogo) entre os animais; situa-se, portanto, numa esfera superior aos processos estritamente bio e fisiológicos[93].

---

[92] Cf. HUIZINGA, Johan. *op. cit.,* 2014 [1938], p.12.

[93] No reino animal está repleto de exemplificações, aqui me refiro especificamente as aves, estão cheias de atitudes (ações) performáticas, seja pelo seu canto, pelo paradear ou exibicionismo, como o pavão, mas surpreende os pinguins que selecionam um cubo de gelo – o mais ornamentado, ou aquilo que ele considera como o mais belo, para presentear sua parceira, prevalecendo a estética do objeto. N. do A.

Na perspectiva da filosofia da cultura, todo o materialismo *apolíneo* e *dionisíaco* de nosso tempo, que configura aquilo que chamamos de: material "hedonista" – belo e prazeroso, vivido e aprazível; em nível superior –, parece estar perdendo a dimensão intelectual e corpórea que valeria a pena se perpetuar em pedra.

1.1.5 A sociologia empírica do lazer.

Exposto alguns aspectos mais individualizados da psique humana em relação ao ato lúdico, vamos agora apresentar uma perspectiva social. A este fim, resolvemos deixar este tópico para o final, pela cronologia sobre a experiência do lazer e quando o assunto entra em pauta na sociedade.

O que se sabe, é que o lazer era parte inerente da vida humana até a revolução industrial, não havia razão para um manifesto. Nesse contexto, uma questão: como construir um conceito que não tem passado, pois é típico da industrialização?

Em busca desse tipo de resposta, Marco Bettine[94] fez uma interpretação da trajetória de Joffre Dumazedier, sociólogo pioneiro que traçou algumas categorias que fundamentais para os estudos sobre o lazer, por meio de autores que discutem: psicologia social, o tempo, o prazer, e a cultura popular, como é o caso de Karl Marx, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Maximilian Karl Emil Weber, Claude Lévi-Strauss e Émile Durkheim.

[94] Ver. BETTINE, Marco. **Dumazedier: A sistematização do conceito lazer e construção de categorias sociológicas**. 2014.

Tomando por base os autores citados, Dumazedier incorpora dados da realidade empírica para consubstanciar a própria discussão teórica, a fim de explicar elementos existentes nas entrelinhas do trabalho, do prazer e do tempo, mas com colocações concretas onde reside o lazer; ou seja, existia na sociedade real: *o tempo fora do trabalho*.

Ao que tudo nos parece, Dumazedier não se contentava com as explicações teóricas sobre a existência do lazer, nas obras dos autores que ele mencionou, a todo momento o sociólogo nos explica dados empíricos e os tipos de lazeres em diferentes sociedades capitalistas e socialistas.

Para Marco Bettine, Dumazedier pode ser caracterizado pela teoria de Durkheim, explicando o porquê ele não é marxista, weberiano ou frankfurtiano. Por não discutir o conceito de mais-valia, e não ter o trabalho como categoria fundamental, pelo modo com que o trabalhador se coloca dentro de cada espaço e por contar com características próprias como sensações pessoais, o lazer subjuga-se pelo tempo ao trabalho não discutindo a estrutura das relações econômicas. Sinteticamente, por estes motivos ele está longe de ser marxista[95].

Ainda de acordo com o autor, Dumazedier não é weberiano, pois não usa as categorias de tipo ideal, formação substantiva do sujeito e a neutralidade axiológica, ele tenta explicar a totalidade da sociedade pelo lazer[96]. E também não pertence a escola frankfurtiniana, pois não incorpora toda discussão da indústria do entretenimento, as críticas da perda de áurea das artes, pelo contrário, ele vê como algo positivo a reprodução artística e aproximação com o

[95] Cf. BETTINE, Marco. *op.cit.,* 2014. p.03.
[96] *Ibidem*, p.04.

popular, tendo uma visão romântica, pelo olhar dos frankfurtianos, ao acreditar no fetichismo da mercadoria enquanto fator secundário dentro das práticas de lazer[97].

Por fim, Durkheim[98] e Levi-Strauss, ambos antropólogos, estruturam a afirmação científica no empirismo, por onde alinha-se e referencia-se Dumazedier. Pelo exposto, parece-nos assertivo dizer que Dumazedier é durkheimiano, pois a utiliza-se de análises empíricas porque tem uma ideia de evolução social "mecânica" para "orgânica", isto é, a sociedade cria seus próprios fatos sociais que devem ser interpretados pelos cidadãos. Desse modo, seu ideal de lazer é harmônico (espontâneo, não imposto ou planejado), e não pretende ser revolucionário (de cunho político de transformação), haja vista que ele estudou o lazer em sociedades comunistas, socialistas e capitalistas para mostrar que não existe diferença entre as práticas de lazer, isto é, o lazer está além das relações econômicas e de produção[99].

A operacionalização apreendida até o momento convida-nos a precisar agora um pouco sobre a obra do autor. Até a década de 1960, o lazer não era estudado como fato social autônomo em si, pois emerge no bojo efervescente de discussões de diversos campos, como artes, universidades, sindicatos, empresas e governos (política). Até essa época, estudava-se apenas o pós-trabalho, um tempo livre que parecia não ter outra finalidade que a de recuperar no indivíduo as energias gastas no trabalho, em benefício do próprio trabalho.

---

[97] Cf. BETTINE, Marco. *op.cit.,* 2014. P.04.
[98] No livro "Suicídio" de Durkheim, apresenta os tipos de suicídios dentro de uma determinada e os caracteriza, assim como Dumazedier apresenta os diferentes tipos de lazer dentro de uma determinada sociedade e os caracteriza. O lazer de Dumazedier, assim como "o S uicídio" de Durkheim, estão para a sociedade orgânica, ambos nascem no mesmo processo de evolução social. Cf. *ibidem, ibidem*.
[99] Cf. Cf. *ibidem, ibidem*.

Nesse sentido, Dumazedier observou que o lazer é uma de nossas grandes obsessões – trabalha-se muito e desejamos os momentos de descompressão –, no entanto, esse fato social era mal conhecido em seu tempo, haja vista que suas dimensões reais estavam escondidas na representação dominante, estereotipada e mítica de suas relações com o trabalho e outros compromissos sociais.

Com base nessas ponderações, "o lazer não se traduz em tempo liberado pelo progresso econômico e pela reivindicação social, ele é também criação histórica, oriundo das mudanças dos controles institucionais e das exigências individuais" [100]. Era esta a lacuna que faltava ao manifesto, pois o lazer estava se tornando cada vez mais o centro da elaboração de novos valores, condicionado pelo consumo de massa, sobretudo nas gerações mais jovens, que põe em xeque as "regras do trabalho profissional e escolar, a vida familial, socio-espiritual e sociopolítica"[101].

De acordo com Luiz Octávio de Lima Camargo, "falar de Dumazedier é abordar não apenas o universo teórico que ele produziu, incorporou e divulgou, mas também a ação militante que ele empreendeu"[102]. Haja vista que ao final da Guerra, em 1944, ele cria juntamente com Bénigno Cacérès, Paul Lengrand, Joseph Rovan, a associação *Peuple et Culture*, que tinha como lema "devolver a cultura ao povo e o povo à cultura"[103], tendo em vista o potencial recreativo (de criar novamente), do lazer.

---

[100] Ver. DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. 1979.
[101] *Ibidem*.
[102] Cf. CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O legado de Joffre Dumazedier: reflexões em memória do centenário de seu nascimento**. 2016, p.145.
[103] Ibidem.

A luz dessas considerações, diversos estudos, inclusive de outros autores[104], começaram a ser desenvolvidos, e como já dito, no panorama internacional esse tipo de reflexão ganhou destaque na década de 1960. Destacamos aqui as três obras seminais do autor Joffre Dumazedier, que ecoaram na realidade brasileira, sendo: "**Lazer e cultura popular** [trad. *Vers une civilization du loisir?* (orig.1962)]. 1973"; "**Sociologia empírica do lazer** [trad. *Sociologie empirique du loisir* (orig.1974)]. 1979"; e "**A revolução cultural do tempo livre** [trad. *La révolution culturelle du temps libre* (orig.1988)]. 1996".

De acordo com Marco Bettine, o lazer no Brasil se sistematiza, enquanto campo de estudo científico das ciências sociais, a partir da década de 1970, em conformidade com as ideologias de Dumazedier, que tem como característica principal a aliança entre o lazer e a cultura popular[105]. No Brasil, a sua importância foi de tal ordem, que uma das entidades mais preocupadas em nosso país com os problemas do lazer e de suas funções sociais, o SESC – Serviço Social do Comércio, se formulou tomando por base as ideias e propostos contidos nos pressupostos do autor[106]. Os principais autores brasileiros que assumiram as teses de

---

[104] Seguindo essa corrente de pensamento, autores como o britânico Stanley Robert Parker, no início da década de 1970 formula sua tese como base para o livro "O futuro do trabalho e lazer" e, posteriormente, publica "A Sociologia do Lazer", sua obra de maior destaque. Ver. CÂMARA, Hionne Mara da Silva. **A Sociologia do Lazer (Stanley Parker),** 2015. Na mesma época, Dumazedier começa a seguir o Seminário sobre Sociologia do Trabalho e do Lazer com *Georges Friedman* (1972). O verdadeiro criador da sociologia do lazer nasce desse contato. Dumazedier sempre falava de como o contato com a ideia do lazer em Friedman o havia arrastado para a pesquisa científica e de como ele tinha então percebido a necessidade de refazer sua formação acadêmica. Cf. CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *op.cit.*, 2016, p.145.

[105] Nesse debate procura-se associar as indagações do período de recuperação dos valores nacionais, representado pela "busca do povo" e a construção do Brasil, com a idéia da formação de agentes culturais nos moldes do autor. Cf. BETTINE, Marco. *op.cit.,* 2014. p.05.

[106] Trata-se de um espaço privilegiado de realização existencial: caminhadas, ginástica, esporte, cuidados com a casa, com animais domésticos, com a leitura, a prática e a apreciação das artes, para a informação pessoal, para a sociabilidade cotidiana.

Dumazedier foram: Nelson Carvalho Macellino e Renato Requixa, ambos os autores trabalhavam para o SESC[107].

Desse modo, o lazer deu origem a um movimento social que começa a sacudir e modificar não apenas as estruturas da sociedade, mas, de modo mais radical ainda, as orientações da própria vida, pois é este momento que consubstancia o regozijo do viver. A noção criada por Dumazedier sobre o lazer, assume não apenas as propriedades de **descanso** e de **divertimento**, mas também de **desenvolvimento** pessoal e social, sendo os "3Ds" de sua tese e daquilo que chamamos de *práticas de lazer*.

Como bem assinalado por Luiz Octávio de Lima Camargo, vale a pena resumir aqui o que Dumazedier considerou os principais achados de sua pesquisa:

> "1. O lazer é um fenômeno social de dimensões ocultas. Atividades tão diferentes entre si como o passeio, o exercício físico, a bricolagem doméstica, a leitura de um romance, a assistência de um espetáculo na televisão ou a prática do teatro amador tinham propriedades comuns: (a) são vividas fora do tempo das obrigações e compromissos, mesmo quando guardam relação com elas; (b) são desinteressadas, embora possam ser usadas para fins utilitários; (c) são orientadas para a busca de prazer mesmo quando começa com um esforço ou termina no tédio; (d) cumprem um objetivo de busca de descanso, divertimento ou desenvolvimento do próprio indivíduo. Lazer é, portanto, o fenômeno cultural que apresenta essas propriedades quaisquer que sejam as atividades"[108].

Por meio das considerações dessa reflexão, o tempo livre cotidiano, seja de fim de semana, de férias, de antes e de depois do tempo da vida profissional, que para a sociologia da época não passava de um fenômeno residual totalmente condicionado pelo tempo de trabalho, era, na verdade, um tempo privilegiado, substantivo, na vida dos indivíduos. Por tudo

---

[107] Ver: REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil** (1977) e **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer** (1980); MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução** (2000).

[108] Cf. CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *op.cit.,* 2016, p.153.

isso são endossadas a relevância social e urbana de nossa pesquisa, pela produção cultural e sociabilidade que emerge.

Retornamos, assim, a vinculação de que "*pelos bares da vida*, grandes ideias [teorias] eram discutidas e projetos eram sonhados". Devido a importância desse ato social, e pelo entendimento de que as "relações sociais são relações espaciais", vale a pena estudar a qualidade de vida nas cidades contemporâneas pela ótica do lazer que requer uma espacialidade própria, e que até hoje permanece pouco explorada.

1.2 A ESTRUTURA DO LUGAR E O *GENIUS LOCI*.

Os autores Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva, no texto: *"A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural"*[109], enfatizam a importância da cultura como representação da criação e transmissão da realidade e nos propõe uma reflexão sobre os significados das práticas culturais nas cidades, seus espaços e a pluralidade cultural nelas existentes. Mostram os riscos e os problemas existentes na produção e circulação da cultura transformada em bens de consumo e nos convidam a construir a nossa própria arte como via de qualidade de vida nas cidades contemporâneas, o que requer, portanto, uma espacialidade própria. É sob essa perspectiva, que se alinha e se referencia esta tese e que a partir de agora vamos operacionalizar o entendimento dessa "espacialidade própria".

É interessante comparar as reflexões filosóficas – ao tom da metáfora e de caráter metonímico – entre jogador-tabuleiro e ambiente-comportamento. Igualmente interessante é

[109] Cf. FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. *A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In:* SANTOS, Boaventura de Souza (Org). *A globalização e as ciências sociais.* São Paulo: Cortez, 2002.

comparar a ideia de ler a cidade como um texto com as suposições teóricas do urbanista Kevin Lynch.

No livro "A imagem da cidade (1960)", Lynch analisa como as pessoas se orientam no ambiente. Como um dos primeiros críticos da cidade do pós-guerra [da idealização modernista][110], ele insiste na necessidade de uma ordem visual no entorno humano capaz de ser guardada na memória. Muitos críticos da época[111] se propuseram a abordar o fracasso do modernismo por meio daquilo que Lynch conceituaria como **imaginabilidade**, haja vista que, devido a estandardização excessiva dos edifícios e das quadras, pela ausência de elementos diferenciadores somos conduzidos a desorientação urbana.

Desse modo, a *imaginabilidade* [ou legibilidade da forma] se torna um importante atributo almejado por arquitetos e planejadores urbanos, preocupados com a questão da comunicação do significado, como é o caso dessa pesquisa.

De acordo com Lynch, a legibilidade da forma enquanto princípios de *design* urbano, localiza-se na possibilidade de distinguir: *caminhos* [vias], *limites, bairros, pontos nodais* e *pontos de referência na paisagem* [marcos][112]. E eis que surge o modelo comparativo com o sistema linguístico, pela leitura do espaço – dos signos arquiteturais (ou morfemas) que

---

[110] Cf. NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.65.

[111] Cf. PORPHYRIUS, Demetri. **A pertinência da arquitetura clássica**. 1988 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.109.

[112] Cf. LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**, 2011 [orig. 1960], p.52-54. Todos estes elementos serão explicados, exemplificados e analisados no Capítulo 4, por meio dos nossos territórios, onde recai esse conceito a fim de caracterizá-lo.

comunicam funções possíveis por intermédio de um sistema de convenções e códigos, como sustenta Umberto Eco[113] –, na intima relação: interpretante–interpretado.

Decorre disso, a opinião de Roland Barthes sobre Kevin Lynch de que "foi quem mais se aproximou dos problemas de uma semântica urbana", e observa que sua "concepção da cidade permanece mais *gestáltica* [teoria da forma] do que *estrutural* [relação ambiente–comportamento]"[114]. Em virtude disso, reconhecendo o ponto fraco dessa teoria, as ideias de Lynch são apropriadas e aprofundadas, em termos conceituais da *estrutura*, por fenomenólogos para defender a relevância do lugar.

De interesse especial aqui é o ângulo de apreensão da problemática da *estrutura do lugar*, e nos leva a concluir que a mesma deveria ser classificada como "paisagem" – do francês: *pay* (país, território) e *visage* (rosto), sufixo e prefixo aludem a identidade –, sendo, portanto, analisadas por categorias como "espaço" e "caráter". Enquanto "espaço", indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, já o "caráter" denota a "atmosfera" geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar[115].

Decisivo é, no sentido psicológico, a urgente necessidade de compreender melhor os conceitos de "identificação" e de "identidade". Na visada de Norberg-Schulz, "identificação" significa, "ter uma relação 'amistosa' com determinado ambiente e, nesse sentido, o ambiente

---

[113] Cf. ECO, Umberto. ***Function and Sign: Semiotics of Architecture***. 1973 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.37.

[114] Cf. BARTHES, Roland. ***Semiology and urbanism***.1973 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.65.

[115] O conceito de "atmosfera", homônimo a obra de Peter Zumthor, sugere uma categoria da estética, um qualitativo de efeito psicofísico e psicoemocional sobre a disposição do espaço construído que se comunica com os usuários e os contagia. N. A.

é portador de um significado”[116]. Já a “identidade”, parece-nos acoplado conceitualmente aquilo que concebemos por “personalidade” de uma pessoa, pois “se define em função dos sistemas de pensamento desenvolvidos, porque são eles que determinam o ‘mundo’ acessível [...]. Esse fato é confirmado quando uma pessoa diz: ‘sou brasileiro’, ‘sou arquiteto-boêmio-romântico’”[117]. De um lado, enfatiza-se que a identidade das pessoas em função dos lugares, e, do outro, em função das coisas. O que nos parece também bastante assertivo a colocação de Norberg-Schulz, sobre Martin Heidegger, que disse: “a identidade humana pressupõe a identidade do lugar”[118].

Enriquecidos por essa perspectiva, a distinção entre espaço e caráter, identidade e identificação, podemos partir de um conceito amplo, como o de “espaço vivido”[119]. Voltar-se para o vivido é privilegiar a investigação das ações comportamentais, ao mesmo tempo, “resíduo” e “produtos” de fatos e conceitos que envolvem as atividades humanas, o que pressupõe da noção dialética de práxis, isto é, “ato” no sentido pleno, entre o ambiente e o homem, as coisas e a consciência[120].

---

[116] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.456. O autor exemplifica que “O homem nórdico tem de se relacionar bem com o nevoeiro, a neve e os ventos gelados [...]. O árabe, por sua vez, tem de ser amigo da infinita imensidão do deserto de areia e do sol escaldante”. Mas isso não quer dizer que seus respectivos assentamentos não devam protegê-los contra as intempéries do tempo e lhes dar conforto e prazer.

[117] *Ibidem*, p.457.

[118] *Ibidem*, *Ibidem*.

[119] Foi o que fizeram alguns autores, como aponta Christian Norberg-Schulz, citando Karlfried Graf Dürckheim, Claude Lévi-Strauss e Otto Friedrich Bollnow, e em nossa revisão bibliográfica aparecem em Henri Lefebvre,Yi-Fu Tuan, Milton Santos e Fraya Frehse. N. A.

[120] Cf. LEFEBVRE, Henri. ***Critique de la vie quotidienne.*** 1958 [orig. 1947], p.62 *in* FREHSE, Fraya. **Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo.** 2011, p.32.

Desse modo, cabe o entendimento de que “se as relações sociais, abstrações concretas, não tem existência real a não ser no e pelo espaço, então as práticas sociais são de fato práticas espaciais, prenhes de vivido”[121]. É nesse sentido que investigar espaços, como o da rua, revela o vivido, que consubstancia e é substrato da natureza, estrutura e identidade do lugar.

No nosso caso, entretanto, é mais prático distinguir espaço de caráter. Para Norberg-Schulz, o conceito de "espaço" certamente não é novo na teoria da arquitetura, mas pode ter muitos significados, em sua exploração literária o autor distingue dois grupos: o espaço como geometria tridimensional, e espaço como campo perceptual. Entretanto, nenhum deles é satisfatório, porque são abstrações a partir da totalidade intuitiva tridimensional da experiência cotidiana, que podemos chamar de "espaço concreto"[122].

No que se refere a investigação de Kevin Lynch sobre a estrutura do espaço concreto, ele introduz os conceitos anteriormente referidos[123] para indicar os elementos que embasam a orientação das pessoas no espaço. O que nos permite subsumir a noção sistêmica de lugares, e essa concepção, como recorda Norberg-Schulz citando Heidegger, é compatível com a afirmação de que os “espaços recebem sua essência dos lugares e não do espaço”[124],

---

[121] Cf. FREHSE, Fraya. *Op. cit.,* 2011, p.33.

[122] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. ***The Phenomenon of Place*** extraído de *Architectural Association Quarterly* 8, n. 4, 1976: pp. 3-10. *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.449. Sobre os conceitos e definições enredados sobre o espaço, desdobramentos do termo, recordamos, para o alinhamento do vocabulários que: o *espaço* é de natureza conceitual oca, daquilo que está a espera do porvir; o *lugar,* é um espaço que constituiu vínculos afetivos, depositórios de emoções; territórios, são espaços definidos marcados por uma forte identidade, seja de cunho geopolítico (do bairro ao continente) ou ecológico (os biomas); ambientes ou atmosferas, são qualidades (adjetivações) que o espaço recebe.

[123] Recapitula-se: *caminhos* [vias], *limites, bairros, pontos nodais* e *pontos de referência na paisagem* [marcos].

[124] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.450.

retomando a vinculação conceitual aos cinco elementos de Lynch, que se preocupa em decodificar como percebemos a estrutura do lugar.

Trata-se, por isso mesmo, de um nível analítico privilegiado a apreensão da problemática da orientação, que tem recebido considerável atenção por parte da literatura teórica recente sobre planejamento e arquitetura. Alinhando-se e referenciando-se nos cinco elementos Lynch, eles indicam estruturas espaciais básicas que são objetos de orientação das pessoas. A percepção, de uma inter-relação entre esses elementos forma uma "imagem ambiental", sobre a qual Lynch afirma: “ter uma boa imagem ambiental confere ao indivíduo a importante sensação de segurança emocional”[125].

Permeado pela noção fenomenológica sobre o “Espírito do Lugar”, o *Genius Loci*, Christian Norberg-Schulz assinala que todas as culturas criaram "sistemas de orientação", mais especificamente, estruturas espaciais que facilitam o desenvolvimento de uma boa imagem ambiental. Citando Lynch nos dizeres de que "o mundo pode organizar-se em torno de um conjunto de pontos focais, ou fragmentar-se em regiões indicadas por nomes próprios, ou articular-se por caminhos fixados na lembrança"[126], Norberg-Schulz endossa esses elementos como estrutura natural que permeia as diferentes culturas e quando o sistema é frágil, a pessoa tem dificuldade de formatar a imagem, ela se sente "perdida"[127].

A constatação favorece a exploração dessa sensação: “estar perdido”, ser justo o oposto do sentimento de segurança que distingue o habitat. A qualidade ambiental que protege o ser

---

[125] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.05.

[126] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.455.

[127] *Ibidem*, p.456. Para o autor, "o medo de se perder decorre da necessidade característica do organismo vivo de orientar-se em seu entorno".

humano de perder-se é denominada por Kevin Lynch de "**imaginabilidade**", que designa "aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente"[128]. O que Lynch pretende acentuar é que os elementos componentes da *estrutura* espacial são "coisas" concretas, dotadas de "*identidade*" e de "*significado*"[129]. Mas Lynch se limita a analisar a função espacial desses elementos e, por conseguinte, nos deixa um entendimento fragmentário do habitat.

Sob essa perspectiva, explicita-se que, no intuito de conceituar que tipo de figura arquetípica se anuncia dessa dimensão lúdica, de lazer e entretenimento, pela mediação comparativa dos territórios de lazer, a proposta é investigar, em particular, a *estrutura* espacial são "coisas" concretas. E, nisso, a exploração dessas searas teóricas da própria vertente análoga da interpretação nos parece assertiva, na medida em que anuncia sua fragilidade. Mas em que termos?

A análise de Lynch é uma contribuição essencial para a semiótica [*Gestalt*] e, sobretudo, para *teoria do lugar*. A importância obra decorre ainda do fato de seus estudos de caso empíricos sobre a estrutura urbana concreta confirmaram os "princípios gerais de organização" da percepção, definidos pela psicologia ambiental e da *Gestalt.*

Concatenado a importância da orientação, igualmente importante é a *identificação* com o ambiente. Embora orientação e identificação sejam aspectos de uma relação total, esses

---

[128] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.11.

[129] Como será melhor explanado no Capítulo 3, nos efeitos dessa tese, entende-se por *identidade*: o ambiente lúdico; *estrutura*: a relação socio física; e o *significado* (dedutivo), a descompressão psicoemocional pelo lazer.

fatores mantêm certa independência no interior da mesma totalidade, como informa Norberg-Schulz[130]. No que se refere a constatação, o próprio Lynch adverte que "esses fatores [*identidade*, *estrutura* e *significado*], não são verdadeiramente separáveis", pois estão sempre (inter)relacionados, mas que convém separá-las para fins analíticos[131].

Decorre da apreciação do *Espírito do Lugar*, a essência *Genius Loci*, de Norberg-Schulz, a reflexão de que

> "sem dúvida, uma pessoa é capaz de orientar-se bem sem se sentir 'em casa', sem conhecer a fundo a estrutura espacial do lugar, isto é, o lugar é percebido tem um caráter genericamente agradável, mas esse sentimento profundo de 'ser', do lugar, pressupõe que as duas funções psicológicas [estrutura e identidade] estejam plenamente desenvolvidas. Nas sociedades primitivas, até os menores detalhes do meio são conhecidos e significativos, constituindo estruturas espaciais complexas. As sociedades modernas, porém, concentram toda a atenção quase exclusivamente na função 'prática' de orientação, enquanto a identificação é deixada ao acaso"[132].

Daí que, se contemplado no âmbito do processo histórico e cultural de difusão da modernidade, até então, o lazer era de função inerente as vidas humanas e urbanas que se desenvolviam. Para além das concepções envolvidas na Carta de Atenas[133] – documento que nortearia o desenvolvimento urbano tomando por base quatro pilares: habitar, trabalhar, circular e lazer – a intenção não era formular identidades, deixada ao acaso, e, de igual modo, sob o enfoque do lazer (urbano), foi interpretado como resíduo e produto de áreas verdes. Embora

---

[130] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.456.

[131] Cf. Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.11.

[132] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.456.

[133] A Carta de Atenas é manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em 1933.

pertinente, essa nossa reflexão não vem muito ao caso as proposições teóricas da *estrutura do lugar*, mas que se refere ao ângulo da problemática "identidade–estrutura" por nós defrontado.

Afora essa distinção árdua entre sintaxe e semântica do espaço, é ela que faz a arquitetura começa a existir, por fazer visível todo um ambiente. De maneira semelhante a solucionar uma equação, quando se tem dois dos três fatores de Lynch [*identidade*, *estrutura* e *significado*], revelar o terceiro, isso significa concretizar o *Genius Loci*. Mas a final, o que é o *Genius Loci?*

Genius Loci é um conceito romano que significa "espírito ou essência vital do lugar". É o espírito que dá vida a pessoas e lugares, o *genius* denota o que uma coisa é, ou o que ela quer ser. Em tempos passados, a sobrevivência humana dependia de uma boa relação com o lugar, interpretado, portanto, como uma realidade viva, uma entidade que deveria ser respeitada[134]. E ao que tudo nos parece, isso não mudou muito, ou pelo menos não deveria.

A constatação favorece o ato fundamental da arquitetura: compreender a "vocação" do lugar. Vimos que isso acontece por meio de construções [morfemas] que reúnem as *estruturas* do lugar [relação ambiente–comportamento] e as aproximam do homem [vínculos afetivos]. Dessa maneira, protegemos a terra e nos tornamos parte de uma totalidade compreensível. Embasado nessas teorias, o que se defende aqui não é uma espécie de "determinismo ambiental". Apenas reconhecemos o fato de que o homem é parte integral do ambiente e que

[134] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.454.

pertencer a um lugar quer dizer ter uma base de apoio existencial em um sentido cotidiano concreto[135].

1.3 A SEDUÇÃO DOS LUGARES.

Iniciamos este tópico com a revisão bibliográfica sobre o termo, que aparece pela primeira vez em 1957 na obra "A poética do espaço", de Gaston Bachelard[136], que utiliza do termo "espaço feliz", para representar o espaço amado e discorre sobre o valor humano dos espaços felizes.

Anos mais tarde, de modo oportuno em 1974, pela efervescência cultural decorrente da época, essa ideia embrionária é retomada pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan que, como ele mesmo diz no prefácio da obra, *Topofilia* reflete o *Zeitgeist*[137] daquele tempo, que buscava uma reaproximação da Geografia com as Humanidades. Sendo assim, o autor debruçou seus esforços para colocar seu campo de estudo e atuação (as ciências geográficas) em diálogo direto com a Antropologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia, História, Religião e Artes, sob a seguinte perspectiva:

> *"Do amor ao lugar ao sentimento de Topofilia.* Esse é o princípio fundante da obra que o geógrafo Yi-Fu Tuan (1974) compôs para explorar as ligações afetivas dos seres humanos com o meio ambiente. Tal neologismo revela a compreensão do meio ambiente e da visão do mundo nos (entre)meios e (entre)laços dos sentimentos *topofílicos* de maneira profundamente diferente em intensidade, sutileza e modos de expressão. [...]. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém — como todo o significado afetivo da palavra. A topofilia é um sentimento de que a Terra é um relicário de lembranças e (res)guarda a esperança. Sentimento expresso de que a Terra é uma obra de apreciação

[135] Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit.,* 1976 *in* NESBITT, Kate (org.). *Op. cit.,* 2006 [orig.1996], p.454.

[136] BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1972 [orig.1957].

[137] Conceito da filosofia alemã que indica que cada período histórico tem um "tom temático", um espirito que permeia todas as facetas da sociedade.

> estética e, ao mesmo tempo, *substractum* da vida, parte do ser, lugar da vida. Tudo isso que contém a palavra topofilia por toda a beleza de ver e de estar no mundo. [...]. No estar-no-mundo nos movemos eternamente procurando um meio ambiente ideal.
>
> — Lúcia Helena Batista Gratão”[138].

Nesse contexto, a clássica de Tuan instiga-nos a avaliar e questionar o modo como percebemos, nos situamos, significamos e idealizamos o mundo que habitamos, enfim, quais são nossos valores ambientais. A obra é dividida em quinze capítulos nos quais Tuan aborda um amplo quadro de assuntos. Interessa-nos alinhar e referenciar o olhar sistemático sobre quatro questões, que serão nossas chaves interpretativas, sendo: 1) etnocentrismo, simetria e espaço; 2) cultura, experiência e atitudes ambientais; 3) ambiente, percepções e visões de mundo; 4) do cosmo à paisagem, topofilia e meio ambiente.

Resenhando a obra de Tuan, Lawrence Mayer Malanski, faz algumas ponderações que acreditamos ser importantes de se ressaltar. De fato, “o autor parte das relações biológicas existentes entre os órgãos sensoriais, os gêneros das pessoas e os espaços para, em seguida, destacar a influência fundamental das culturas sobre as percepções”[139]. Nesse sentido, compreende-se que apesar da estrutura corpórea e dos estímulos sensoriais comuns, as pessoas percebem o mundo me maneiras diferentes de acordo com sua cultura. E, para além das variáveis culturais, o modo perceptivo individual transcende o fator cultural, pelos aspectos subjetivos dos gostos e das experiências.

---

[138] Cf. TUAN, Yi-Fu**. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**.2012 [orig.1974], comentário da contracapa.

[139] Cf. MALANSKI, Lawrence Mayer. **Resenha do Livro: Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente,** 2014, p.01.

O neologismo *Topofilia,* conforme definido por Tuan seria: "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal"[140]. Por meio de tal caracterização, a *topofilia* associa sentimentos com meio ambiente e, ao fazer isso, promove a ideia de *Lugar*. Contudo, o meio ambiente, por si, pode não ser a causa direta da *topofilia*, mas fornecer o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida – algo holográfico e subjetivo –, dá forma às nossas alegrias e ideais[141].

Subsequente, bem observou Malanski que após explanar sobre a percepção e a cultura, Tuan analisa a relação das diferentes culturas com os espaços urbanos e o simbolismo envolvido, onde o autor enfatiza estilos de vida distintos, que geram padrões espaciais diferentes, pelo modo como as pessoas respondem ao ambiente urbano, que não segue um protocolo.

A luz dessas considerações iniciais sobre a obra do autor, para nossa pesquisa ela foi fundamental para nortear a produção e estrutura da tese, de elementos chaves e concatenados que serão vislumbrados nos próximos capítulos. Vamos agora apresentar os conceitos de chaves-interpretativas que foram operacionalizados por Tuan.

1.3.1 Etnocentrismo, simetria e espaço.

Como a consciência fica no indivíduo, é inevitável uma estruturação egocêntrica do mundo. O etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como "a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo"[142], e portanto, faz

---

[140] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.19.
[141] *Ibidem*, p.129.
[142] Ver. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia***,* 2007.

emergir a ideia de primazia de uma determinada cultura e sociedade em relação a outra. Tuan interpreta o etnocentrismo como "egocentrismo coletivo"[143], discorrendo sobre as ilusões de autossuficiência e as diferenciações entre: "nós" e "eles", pessoas reais e pessoas menos reais, lugar familiar e território estranho. Isso tudo se relaciona ao extinto de sobrevivência humano, a nível biológico e psicológico, haja vista que percebemos o mundo pelo carnal do corpo (com os estímulos sensoriais) e confiamos no grupo, conduzindo e sendo conduzido. Nota-se aqui uma constante alternância do individual ao coletivo.

Na visão etnocêntrica, a escala da percepção humana é sempre proporcional ao tamanho do nosso corpo. Embora o tamanho dos objetos percebidos varie de cultura para cultura, apesar disso, eles podem ser concebidos em uma certa proporção. A mente pode entender dimensões microscópicas às astronômicas, mas ela não consegue apreender ou imaginar tais distâncias escalares. Parece que nisso todos se assemelham, pois não importa quantas vezes tenhamos percorrido uma cidade, não é possível vê-la como um todo na mente, a não ser como um fragmento de forma, ou como um mapa em escala pequena.

O laço emocional entre o humano e outros corpos resiste até certo tamanho. Tuan exemplifica essa reflexão pela empatia que sentimos entre o animal de estimação e os insetos, entre o bairro e a região metropolitana, nesses exemplos, o alcance perceptivo humano (o diminuto e o colossal) residem fora de nossa capacidade de empatia[144].

Esse tipo de colocação nos é interessante para verificarmos o alcance perceptivo do "bairro boêmio", bem como a capacidade de empatia dos pontos de concentração do público.

---

[143] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.53.
[144] Cf. *ibidem*, p.33.

Outro dado que parece ser comum a todos, é o modo quase simétrico de estruturação mental – geográfico e simbólico – dos lugares. Tuan fala sobre o "centro" e o "periférico", "trás" e "frente", que, em ambos os casos, não tem o mesmo valor social[145]. Sendo este, outro viés indicativo para nossa verificação, que já é dado pelo próprio nome de um dos bairros "Baixo Augusta", demonstrando não apenas os valores decrescentes topográficos, mas também das condutas.

E eis que estamos no campo da psicologia ambiental e do simbolismo, para Tuan "aberto" e "fechado", *podem* representar agorafobia e claustrofobia, pois além de estimular sentimentos topofílicos, descrevem estados patológicos espaciais significativos a muitas pessoas[146]. Para nós, o foco é o espaço aberto que, segundo o autor, "significa liberdade, promessa de aventura, luz, domínio público (poder), a beleza formal e imutável"[147]. Sob essa perspectiva, indutivo é o estudo dos cânions urbanos, pelo fator de visão de céu (FVC), que estimulam sentimentos topofílicos.

1.3.2 Cultura, experiência e atitudes ambientais.

De acordo com Tuan, para compreendermos a preferência ambiental deu uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação e os conjuntos dos arredores físicos – o local de trabalho, moradia e lazer. Já no nível das atitudes e preferências do grupo é necessário, o autor pondera que é necessário conhecer a história cultural e a experiência do grupo no contexto do seu ambiente físico[148]. Reconhecendo, portanto, de que em nenhum dos

---

[145] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.49.
[146] Cf. *Ibidem*, *ibidem*.
[147] Na conceituação do autor, espaço fechado significa segurança, aconchego, privacidade, escuridão, vida biológica. Cf. *Ibidem*, p.49-50.
[148] Cf. *Ibidem,* p.91.

casos (individual ou do grupo) é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico é conveniente discuti-los separadamente, haja vista que os conceitos de "cultura" e "meio ambiente" se superpõem, fornecendo-nos perspectivas complementares.

Nesse quadro de temas, sob o viés da cultura, foram classificados em cinco aspectos, sendo: 1) cultura e percepção; 2) papeis dos sexos e percepção; 3) diferenças de atitudes entre visitantes e nativos; 4) diferença entre exploradores e colonizadores; 5) diferentes visões de mundo e mudança de atitudes em relação ao meio ambiente[149].

No quesito **cultura e percepção,** Tuan fala sobre a maneira que a cultura pode influenciar na percepção de uma pessoa, pelo modo que ela interpreta coisas inexistentes no objeto existente. Na psicologia esse fenômeno é chamado de "alucinação"[150], ele fascina porque a percepção de um objeto inexistente parece seguir as regras da percepção normal, desse modo a alucinação é comumente um sintoma de tensão que afeta o indivíduo, ou um grupo, valendo-se das experiências sensoriais.

Baseado nos exemplos de Tuan, que fala sobre a Virgem Maria e o Grand Canyon[151], também podemos dizer que nossos territórios de lazer são inventados, ou alucinantes, no imaginário pessoal e social. Mas em que termos? Se pensarmos na estatura, roupagem e coloração, seja da Virgem Maria ou do Grand Canyon, nossas respostas seriam precisas dentro

---

[149] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.91.
[150] De acordo com o psicólogo Arnaldo Cheixas, "*Alucinações* são experiências sensoriais reais baseadas em objetos/fenômenos irreais" e "*Delírios*, por sua vez, não ocorrem vinculados ao aparelho sensorial. Eles são juízos falsos da realidade que aparecem como ideias ou crenças distorcidas". Ver. CHEIXAS, Arnaldo. **Alucinação e delírio são a mesma coisa?** (20/05/2014).
[151] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.93.

da imprecisão (ou seja, uma alucinação). Do mesmo modo, seriam as respostas sobre os divertimentos encontrados nos territórios de lazer. Se, de fato, os momentos mais aprazíveis da vida residem no lazer, será que esses locais são "reais" ou "ideais" para tal função? Esse tipo de pergunta permite entrever a questão: "é parte de você que está no espaço, ou parte do espaço que está em você?". Tuan citando o índio *Hopi* diz: "é mais fácil levar sua consciência ao local do que trazer qualquer parte dele até você"[152], e mesmo que o fizesse, estaria descaracterizado e muito provavelmente não saberíamos de onde é.

Em busca desse tipo de resposta e aprofundando-se na questão, Tuan discursa sobre **os papeis dos sexos na percepção**, dizendo que "dependendo da cultura, homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele"[153].

Sabemos que desde os primórdios, ao homem é lhe outorgado as tarefas relacionadas a força e a caça (conquistas), enquanto às mulheres, os cuidados com o lar e com os integrantes do bando. Tuan destaca que ao procurar uma residência, a maioria dos homens antecipa em suas preferências a paz e a tranquilidade do quintal e de áreas amplas para "zanzar" em suas casas após um dia de trabalho, enquanto as mulheres preocupam-se instintivamente com a vizinhança (ter bons vizinhos) e com a praticidade de gestão dos cômodos[154].

No âmbito desse debate e por meio de suas correlações, parece-nos dedutivo, portanto, que o público masculino prefira os locais abertos (as clareiras da caça), e sua conquista é do espaço público (o domínio da rua), em meio aos edifícios altos (uma demonstração de poder). Enquanto o público feminino prefira a proximidade com os estabelecimentos, ou o edificado, e

---

[152] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], *p.93*.
[153] Cf. *Ibidem*, p.94.
[154] Cf. *Ibidem*, p.95.

ambientes mais horizontais (em ambos os casos, geram segurança e praticidade). Sob essa perspectiva, emerge um dos nossos postos de observação específica nos territórios de lazer para verificação.

O terceiro aspecto é o modo com que **visitantes e nativos** apreendem diferentes perspectivas do meio ambiente. Em geral, podemos dizer que a percepção do visitante é reduzida a compor quadros (cenas momentâneas no espaço-tempo), enquanto do nativo verte-se sobre uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade do seu meio ambiente.

Com base nesses aspectos epistemológicos, outro posto de observação específico, de que "a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética, pois o estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza, enquanto a empatia em relação às vidas e valores históricos dos habitantes é dada pelos nativos"[155]. Para nós esse dado é especialmente relevante, pois, ao realizarmos uma avaliação pós-ocupação (APO), devemos considerar que o entusiasmo do visitante pode ser superficial em sua postura crítica. De acordo com Tuan, se observarmos um turista na parte medieval de uma cidade, ele provavelmente manifestará deleite sobre as ruas escuras, calçadas com seixos, as esquinas e recantos íntimos, as pitorescas construções compactas e com pouca salubridade, sem parar para pensar como as pessoas realmente viveram e vivem, nesses locais[156].

E eis que emerge a questão sobre "como é a vida das pessoas que moram nos territórios de lazer, ou estâncias turísticas?". Mas isso será melhor debatido e exemplificado no Capítulo 6, que trata da APO.

---

[155] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.97.
[156] Cf. *Ibidem*, p.99.

Interessa-nos, contudo, a vinculação subsequente com noção conceitual de diferenciação entre **exploradores e povoadores**. Cientes de que a ideia de "exploradores" está vinculada àqueles que vão extrair recursos de um dado local, e de que "povoadores" são aqueles que buscam desenvolver a região, podemos dizer que o perfil do público frequentador *pode,* em maior ou menor grau de correspondência, ter relação a esses aspectos. Novamente, é de se perguntar "mas em que termos?".

Se retornarmos a ideia de Huizinga sobre o "desmancha-prazeres" e do "batoteiro", poderíamos associá-lo ao perfil do explorador, pois ele não se preocupa com o impacto territorial que sua atividade gera, do mesmo modo, poderíamos associar os boêmios ao perfil dos povoadores, pelo zelo ao local e reincidência de suas atividades e práticas de lazer.

Sob a égide dessas referências, Tuan conclui seu discurso falando sobre as **diferentes visões de mundo e mudança de atitudes em relação ao meio ambiente**, num estudo comparativo entre as tribos *Navajo* e *Zuni*, o autor ressalta que os símbolos da paisagem parecem surgir mais frequentemente nas mentes dos Zuni que estão mais conscientes das relações sociais[157]. O autor fala também sobre a mudança perceptiva da pessoa quando alteramos a condição de visitante para morador, cientes de que somos adaptáveis, tornamo-nos seletivos quanto ao olhar, que passa a ignorar "beleza e feiura", na medida em que aprendemos a conviver com elas nesse "mundo", por isso, se faz tão importante a visão do forasteiro, pois ele é capaz de perceber méritos e defeitos que não são mais visíveis para o residente que já está em constância perceptiva[158]. Para nossa pesquisa, esse tipo de reflexão

[157] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.104.
[158] *ibidem*, p.98-99.

verte-se sobre a acuidade dos levantamentos que serão realizados na avaliação pós-ocupação (APO), sobretudo, do grupo focal a ser estudado, que serão os visitantes.

Mas há mais. Tuan discursa sobre a maneira com que diferentes povos (culturas) interpretaram as montanhas em diversas eras[159]. De modo semelhante, faremos o mesmo aqui, pois nossa ênfase está no espaço da rua que, se contemplada a luz do debate internacional, pelo modo como repercutiu em termos socioculturais, seja ao longo do século XIX, seja no século XX, se tornou o elemento central de diversas reflexões. Iniciamos com Walter Benjamin, que propôs nos anos de 1930 em relação a Paris de Baudelaire que "a cidade pode abrir-se diante do transeunte como uma paisagem sem soleira"[160]. Por referência empírica a Inglaterra dos anos de 1920, a rua seria a "quintessência" da cidade, "o símbolo da base cooperativa da civilização", o palco da demonstração mais aguçada das "maneiras de vida de uma nação"[161]. Por referência, por sua vez, a Nova York dos anos de 1960, no constante e enfático discurso sobre densidade e diversidade, Jane Jacobs diz: "pense numa cidade, o que ele vem à cabeça? Suas ruas!"[162]. Já em relação à França urbana da mesma época, a rua é o lugar de passagem, de circulação e comunicação[163], que configura o paradigma da forma urbana, basta lembrar a crítica de Le Corbusier às cidades do capitalismo, em 1929, se baseava na morte da rua historicamente herdada do mundo pré-moderno[164]. No Brasil, poderíamos destacar a obra de João do Rio, "A alma encantadora das ruas", e Roberto DaMatta, "A casa e a Rua", no

---

[159] Para os gregos uma das primeiras referenciações era a do Monte Olimpo, morada dos deuses; após eras, as montanhas foram retratadas por eles não mais como um local sagrado, mas por seu aspecto selvagem e aterrorizador; os romanos as viam como hostis e desoladas; séculos depois, os poetas românticos começam a cantar elogios ao seu esplendor e imponência. Cf. *ibidem*, p.108.
[160] Cf. BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**.1994 [orig.1938], p.192.
[161] Cf. FREHSE, Fraya. *op.cit.*, 2011, p.26.
[162] Cf. JACOBS, Jane. **Morte e vida em grandes cidades**. 2009 [orig.1961], p.29 e 111.
[163] Cf. LEFEBVRE, Henri. op.cit.,1969 [1968]. p.11.
[164] Cf. Le CORBUSIER, **A carta de Atenas**. 1989 [orig.1933], *passim*.

enquadramento de categorias sociológicas que moldam nossas ações comportamentais, enquanto espaço público, democrático, plural e de poder.

1.3.3 Ambiente, percepções e visões de mundo.

Com Tuan, esboçamos o papel da cultura no condicionamento da percepção e valores ambientais das pessoas de diferentes experiências, que podem mudar de atitude, pensamento e posicionamento em relação a alguma coisa, à medida em que a sociedade evolui, diretamente relacionada a transitoriedade dos eventos.

Nessa sessão, a abordagem recai sobre o efeito do ambiente físico na percepção, na interpretação dos indícios visuais, baseada nas características físicas do *habitat*.

De acordo com Tuan, os *habitats* humanos podem ser classificados de diversas maneiras, mas, de modo geral, um simples modelo de distinção poderia categorizá-lo de duas formas: "carpintejados" e "não carpintejados"[165]. O mundo carpintejado está repleto de linhas retas, o que demonstra a força do domínio humano sobre o espaço, enquanto o mundo não carpintejado, é mais orgânico e curvilíneo. E eis que estamos, assim, em face das polaridades. A natureza humana é polarizada e comumente desempenha dois papeis: o social-profano e o mítico-sagrado; aquele que é preso ao tempo e este transcendendo ao tempo[166].

Nesse sentido, Tuan destaca que podemos considerar as sociedades como "dualistas, pois estendem suas polaridades aos meios ambientes dicotomizados que elas ocupam (montanha-mar, floresta-pastagem)"[167]. Em nossos territórios de estudo, tais características

[165] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.111.
[166] Cf. *ibidem,* p.183.
[167] Cf. *ibidem,* p.116.

(dual e dicotômicas) figuram ao seu modo: de um lado, no Baixo Augusta, tem-se um traçado das ruas mais propenso ao estilo orgânico, e o corpo tectônico dos edifícios é mais alto; do outro lado, a Vila Madalena, tem um traçado de ruas mais retilíneo e o edificado é mais horizontal. Seguindo a linha de raciocínio do autor, poderíamos deduzir que tal constatação é contraditória, pois era esperado o contrário, a combinação da noção retilínea das ruas com a de edifício alto.

Para Tuan, "vertical" significa mais do que uma noção no espaço dimensional, representa transcendência (esforço e superação), assim como horizontal representa retorno às origens (conforto e tranquilidade)[168], indutivo são as conotações simbólicas sobre estar em meio a esses tipos de ambientes.

Mas, nem em todas as culturas isso é algo relevante. Os pigmeus *BaMbuti,* por exemplo, não diferenciam o horizonte visual (céu e terra), eles apenas reconhecem marcos visuais, como o baobá[169]. Para nós esse tipo de reflexão é importante, na medida em que investigamos territórios com características morfológicas diferentes, mas com atividades semelhantes de lazer. E eis que surge outro campo de verificação teórica para nossa APO, que vai indagar sobre estes signos: "horizontal-vertical" e "reto-orgânico", eles importam em ambientes lúdicos e são percebidos?

Para Tuan, as pessoas podem desenvolver acuidade perceptiva de modo a se adaptar a quaisquer ambientes, do ártico ao desértico. É importante ressaltar que nas ponderações do autor, sobre os mais variados povos, resulta de que a sociedade se estrutura em relação ao

---

[168] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.183.
[169] Cf. *ibidem*, p.117.

seu meio ambiente e se desenvolve a partir de eixos centrais como estratégia de sobrevivência, que é única, pois nem todos os povos do deserto se desenvolveram como os egípcios, por exemplo. Nesse sentido, buscar um padrão para o desenvolvimento de uma área pode coletar resultados específicos daquele lugar, mas o que não necessariamente será replicante para outro lugar.

A reflexão favorece a constatação de que certas áreas se desenvolveram no bojo dos processos socioculturais e históricos. De fato, isso ocorre, entretanto, mas a visada de Tuan nos revela de que "o sentido de tempo é restrito", haja vista que as "lendas denunciam a falta de interesse pelo passado e é curta a sua memória sobre a genealogia"[170]; ou seja, o fator histórico, não sustenta a continuação das práticas e atividades humanas consolidadas ou não.

1.3.4 Topofilia e estilos de vida urbana.

A palavra "topofilia" é um neologismo, não é a emoção humana mais forte, mas é a que define os laços afetivos dos humanos com o meio ambiente, "um veículo de acontecimentos emocionalmente fortes percebidos como um símbolo"[171].

De acordo com Tuan, esses *lugares* são por excelência depositórios de sentimentos, como o lar, o *locus* de onde se ganhar a vida no trabalho, a rua onde se brincava na infância, entre outros. Em nosso caso, Baixo Augusta e Vila Madalena são, para os jovens da contemporaneidade, símbolos do entretenimento da noite e da Cidade.

---

[170] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.117.
[171] Cf. *ibidem*, p.136.

Se falamos da noite, é importante ressaltar que desde a Roma Imperial a imaginação popular considera "vida noturna como vida urbana"[172]. A efervescência social, nas cidades modernas (as suas respectivas épocas), aumenta após o escurecer. E como já dizia o poeta, é após o escurecer que "nossos céus têm mais estrelas e nossas vidas mais amores"[173], que mesmo as ruas pardacentas adquirem brilhantismo de luz e cor, e inebria nossos sentidos.

De fato, os prazeres da noite, que afloram nossa imaginação, não são nenhuma novidade, mas apropriar-se física, funcional e simbolicamente do espaço da rua, pode-se que é uma "invenção" contemporânea.

Na época medieval era comum o toque de recolher após o escurecer, diversos autores destacam "os perigos da noite"[174], desse modo, as festas particulares que se prolongavam durante a noite e madrugada, aconteciam no edificado; e ao regressar embriagados às suas casas, corria-se o risco de se perderem em ruas labirínticas, escuras e até serem mortos, com ou sem motivo[175].

As horas do dia em que usamos as ruas da cidade afetam a nossa percepção e avaliação destas. Muito tem se falado sobre a pobreza estética das modernas áreas urbanizadas comparadas ao esplendor visual das cidades tradicionais, mas, como as julgaríamos à noite? Até o aparecimento da iluminação a gás das ruas, o que não era nada comum antes do final do século XIX, as cidades – não importa quão coloridas pelo sol – mergulham na escuridão após

---

[172] Ver. GAMA, Lúcia Helena. *op.cit.* 1998; ver também MATOS, Maria Izilda. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa.* 2007; e TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.242.
[173] De *Adoniran Barbosa* por MATOS, Maria Izilda. *op.cit.,* 2007.
[174] Tuan fala de diversas cidades como Londres, Florença, T'ang Ch'ang-na, Roma. Maria Izilda Matos e Lucia H. Gama, mais especificamente de São Paulo; mas quase toda bibliografia que aborda a noite, fala de ataques, furtividades, espreitadas e surdinas, como "um momento apropriado" ao ato transgressor.
[175] Nos contos de Petrônio, pessoas embriagadas confundiam suas casas e ao tentar "entrar em casas" eram mortas por engano, haja vista que era uma tentativa de invasão. Ver. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.242.

o crepúsculo tornando-as iguais[176]. Assim, as ruas e os mercados barulhentos, mas que eram amistosos durante o dia, tornavam-se lugares perigosos em todas as partes do mundo.

Com efeito comparativo ao *Jogo*, de Johan Huizinga, a noite comporta os desafios e mistérios a serem conquistados e desvendados, igual a lógica de qualquer jogo, atrelado aos valores simbólicos de domínio do espaço público, eis que surge seu "encanto peculiar".

Por fim, resta-nos dizer que uma das maneiras de abordar a história dos espaços públicos é a partir dos símbolos de cada época [tabela 4]. Essa abordagem vem de Lewis Mumford, pelo livro *A cultura das cidades*[177], um dos pioneiros no estudo da história urbana, sintetizada aqui por Mauro Calliari. De acordo com o autor, sua abordagem serve para refletirmos sobre a relação da população com os espaços simbólicos de casa sociedade, pela maneira que influenciaram a vida das pessoas.

Tabela 4 – Relação da população com os espaços.

Período/ Civilização	Cidade tipo	Símbolo	Metáfora/efeito no espaço público
Egito antigo	Mênfis do antigo império ao novo império [4.400 a.C. a 322 a.C.]	Pirâmides Obelisco	A cidade dos mortos permanece até hoje. A cidade dos vivos com suas construções modestas desapareceu. Apesar do paralelo interessante entre a escala do cotidiano e a escala do sagrado, dificilmente se poderá entender o espaço público sem entender o espaço sagrado.
Grécia (a era das *poleis*)	Atenas [séc. V a.C.]	A ágora O teatro O ginásio O templo	O público, o privado, o sagrado. A ágora é a expressão física da democracia ateniense. Sua escala já representa uma a monumentalidade que, intencionalmente ou não, pode denotar o relacionamento íntimo entre os gregos e suas instituições.

[176] Cf. TUAN, Yi-Fu**.** *Op.cit.,* 2012 [orig.1974], p.241.
[177] Ver. MUMFORD, Lewis. ***The culture of cities.*** 1938, *apud* CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. **Espaço público e urbanidade em São Paulo**. 2016, p.28.

As cidades coloniais	Cidade do México [séc. XVII ao XVIII]	O traçado ortogonal *A plaza*	o poder da metrópole expresso no espaço urbano e na praça central.
A cidade industrial	Londres [séc. XIX]	A fábrica a linha férrea	a interferência brutal da industrialização no ambiente urbano
A cidade moderna	Nova York e Brasília [1930 a 1960]	O arranha-céu, os eixos viários	o automóvel reconfigura o desenho urbano

Fonte: CALLIARI, 2016, p.29. Edição/seleção dos dados: Sérgio A. Santos Jr (2019).

Os marcos cronológicos apresentados na tabela 4 demonstram as relações das pessoas com o espaço público que, por meio dos símbolos, destacam representações de poder às respectivas épocas, elementos socioculturais e questões valorativas em curso.

Não é do interesse da pesquisa nos aprofundarmos nos remontes históricos das diversas épocas, mas cabe a nós destacar que, com o advento da industrialização e da cidade moderna, a sociedade passou a priorizar mais os espaços edificados e privados, do que os espaços públicos, por esse motivo, na contemporaneidade, a discussão gira em torno da "retomada" do espaço público.

Um pouco de história contemporânea. Em 1962, aos 26 anos, recém-contratado para trabalhar na prefeitura de Copenhague e recém-casado com uma psicóloga, o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl nos conta que vivia escutando de sua esposa a seguinte indagação: "por que vocês arquitetos não se preocupam com as pessoas?"[178]. Tal crítica reflete bem parte das ideologias do período moderno, que se pensava na máquina enquanto extensão do humano. Em contraposição a esse contexto, apoiando-se nas ideologias em curso dos anos

[178] Ver. BURGIERMAN, Denis Russo. **"Nós não somos dinamarqueses".** Revista Veja.com (julho/2010).

1960, Gehl resolveu acatar o conselho da esposa e desenvolver sua teoria, teoria aqui entendida como produção e prática disciplina, sob os seguintes termos:

> "Havia em Copenhague uma rua central, no meio da cidade, cheia de casas imponentes e de comércios importantes. Era uma rua que tinha sido o centro da vida na cidade desde que Copenhague surgiu, no século XI – a rua viva, onde as pessoas se encontravam, onde conversavam, onde os negócios começavam, os casais se conheciam, as crianças brincavam, a vida pública acontecia. Nos anos 1950, os carros chegaram e aos poucos essa rua foi virando um lugar barulhento, fumacento e perigoso. As pessoas já não iam mais lá. Trechos inteiros tinham sido convertidos em lúgubres estacionamentos.
>
> Pois bem, o plano era: fechar a rua para carros.
>
> Copenhague não aceitou facilmente a novidade. Os comerciantes se revoltaram, alegaram que os clientes não conseguiriam chegar. São dessa época as manchetes de jornal citadas no começo do texto. O que os jornais diziam fazia algum sentido: Copenhague não é no Mediterrâneo. Lá faz frio de congelar – o mês de dezembro inteiro oferece um total de 42 horas de luz solar. Ninguém quer andar de bicicleta, ninguém quer caminhar. Deixe meu carro em paz.
>
> Mas ganhamos a disputa. Nascia assim o *Strøget*, o calçadão de pedestres no meio da cidade que hoje é a maior atração turística de Copenhague. As pessoas adoraram a rua para pedestres desde que ela foi fundada. Na verdade, o comércio da região acabou lucrando muitíssimo mais, porque a área ganhou vida e gente passou a caminhar por lá a todo momento. É até lotado demais hoje em dia."[179].

E assim Copenhague virou verbo: "Copenhaguizar", ou seja, pensar e intervir na cidade contemporânea aos moldes e estilo de Copenhague. A valorização do espaço público fez de Copenhague uma das cidades mais felizes do mundo, segundo Gehl. A partir dessa iniciativa, inúmeras cidades ao redor do mundo vêm passando por reformulação em pontos estratégicos, como a *Times Square* em Nova York, *Las Ramblas* em Barcelona, e o próprio movimento "Paulista Aberta" em São Paulo, são alguns exemplos que tomam por base essas inspirações.

A luz dessas considerações, na cidade contemporânea – palimpsesto urbano e sua multiplicidade de configurações – acreditamos que o espaço público da rua é o símbolo de nossa era, o espaço sagrado, assim como foram as pirâmides, a ágora e o arranha-céu. Seu

[179] Ver. BURGIERMAN, Denis Russo. Op.cit., p.*website*.

efeito (metáfora), comporta sentimentos os de liberdade e poder, manifestados nos nossos momentos de lazer.

◆ ◆ ◆

Essas são as instâncias teóricas que norteiam o desenvolvimento dessa tese, bem como seus pontos de reflexão e verificação, que serão contemplados no desenvolvimento dos próximos capítulos.

SENTIDOS URBANOS E TEMPOS HISTÓRICOS:

Caracterização das áreas de estudo.

CAPÍTULO 2.

Figura 2 - Ortofoto de São Paulo: sentido centro-oeste (2017), com destaque para as regiões do Baixo Augusta, a direita da imagem, e Vila Madalena, a esquerda. **Fonte:** GeoSampa, Prefeitura Municipal de São Paulo – PMSP (2017). **Disponível em:** www.geosampa.prefeitura.sp.gov.br (acesso em jun/2019). **Edição:** Sérgio Antônio dos Santos Júnior (2019).

Este capítulo é dividido em duas partes. A primeira, visa situar o Baixo Augusta e a Vila Madalena no percurso temporal, mostrando **"como esses lugares se tornaram o que são hoje (2020)?"** organizado em grupo de temas. A segunda parte, tem o intuito de caracterizá-los, ou seja, mostrar "**como esses lugares são/estão hoje (2020)",** em termos de morfologia urbana.

Ao estabelecer um diálogo com o passado, recuperando a especificidade que nortearam seu desenvolvimento, do panorama internacional ao modo como repercutiu na cidade. Assim, nosso intuito é refletir sobre seu papel na história, no conjunto de processos sociais, culturais e espaciais que os conduziu a contemporaneidade, pelo modo que respondiam aos ideários de diferentes épocas.

Perceberemos que esses pedaços urbanos não apenas foram apropriados físico e funcionalmente, mas, também, simbolicamente, enquanto emblema de determinados interesses econômicos, usos sociais e culturais, modos de consumo, identidades coletivas e diferentes estilos de vida nos distintos momentos estudados.

Desde sua fundação e por mais de três séculos, os limites de ocupação da mancha urbana paulistana ficaram às margens da colina histórica. Os desafios para a urbanização e ampliação da cidade consistia na transposição das barreiras das depressões topográficas, que somente no início do século XX, por meio da importação de materiais e técnicas na construção dos viadutos, São Paulo se redesenhou e traçou os sentidos de sua expansão[180].

Atribui-se ao poeta Charles Baudelaire (1821-1867) ter inventado o neologismo "modernidade" para caracterizar as transformações da realidade social e cultural em que vivia na cidade parisiense do século XIX. *Modernus* é uma expressão do baixo latim que significa "época atual"[181]. O termo alude à consciência de que o mundo, em especial a cidade, teria sido tomado pela fugacidade do atual *modus hodierno* (da moda), pela concepção de que tudo e todos seriam transitórios, e em constante atualização, desde os modos de agir, produzir e se relacionar: moda — modernos.

---

[180] Cf. SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX.* 2004. p.12. Ver também. TOLEDO, Benedito Lima. *São Paulo, três cidades em um século*. 2004.

[181] De *modus*, que significa: recente; de *hodierno*, derivado de *hodie*, que significa: hoje, este dia, tempo presente. Cf. também BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres*, vol. 2, 1932, p. 408. Cf. FREHSE, Fraya. *Cartões postais paulistanos da virada do século XX: problematizando a São Paulo "moderna"*. 2000, p.130. Cf. FREHSE, Fraya. *Ô da rua!: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. 2011, p.19.

O projeto de modernidade[182] trata-se de um resgate ao esforço intelectual iniciado por pensadores iluministas do século XVIII, que colocava a ciência, a racionalidade e a objetividade a serviço do homem, mas que só se concretizou no século XX. A modernidade vincula-se a uma implacável ruptura com as condições históricas precedentes. E essa ruptura implica, necessariamente, na “destruição criativa” e não numa recomposição, que advém da crítica aos problemas que se apresentam. Para criar um “mundo novo”, era preciso destruir o que existia até então[183]. Desse modo, o "destruidor criativo" é uma *figura heroica*, aquela que leva a extremos vitais a inovação técnica e social, pois é quem melhor compreende o espírito de sua época e cabe a ela transformá-la. E essa *figura heroica,* no campo da arquitetura e do urbanismo é, por exemplo, Le Corbusier e os alguns gestores urbanos, como vimos. Interessa-nos, a partir de agora, refletir sobre “como as pessoas faziam usufruto dessa modernidade” e como a cidade respondia a esses processos.

Por esse entendimento abordaremos as relações culturais do vivido com o edificado, ou seja, comportamento humano e ambiente construído sob uma perspectiva histórica das práticas de lazer, em meio ao processo de metropolização da cidade.

Vamos retomar a exploração do espaço cósmico com os estudos sobre a vida nas cidades, com movimentos artísticos, culturais e de ativismo de inspiração libertária, ganham força a partir do final da Segunda Guerra Mundial, marcando gloriosamente a década de 1960.

---

[182] Cf. SOUZA, Nelson Mello. *Modernidade: Desacertos de um Consenso*, 1994, p. 19. Cf. também COELHO NETO, José Teixeira. *Moderno, pós-moderno*, 1995, p.18. Cf. também SOUZA, Nelson Mello. *op. cit.,* 1994, p. 23.

[183] Nesse sentido, os Arantes, citando Habermas, fazem uma constatação que vai de encontro a esses pressupostos dizendo que, no decorrer do século XIX, a consciência da modernidade era de oposição à tradição e à história, desse modo, o moderno passa a ser a "expressão objetiva de uma atualidade do espírito do tempo que espontaneamente se renova". Cf. ARANTES, Otília; ARANTES, Paulo Eduardo. *Um ponto cego no projeto de Jürgen Habermas.* 1992, p.101.

Os marcos emblemáticos da cultura contemporânea, e da contracultura, expressos em movimentos artísticos e coletivos como os situacionistas, o movimento do hippie, do rock, pacifismo e outros tantos, alimentaram e alimentaram-se de formas de ativismo e ação no espaço urbano, a partir de uma (re)proposição do comportamento, dos afetos, da sexualidade, da ação política, das formas de organização. Os Fóruns Sociais, coletivos de arte e formas de ativismo alternativas, o rap, o grafite, o picho, o hip hop, grupos de cultura negra e outras formas de grande potência nas camadas mais jovens da população periférica, procuraram ou procuram se opor a processos extremamente violentos da sociedade globalizada, com impacto nas formas de comportamento e comunicação, na mobilidade, na sociabilidade, na percepção e fruição da paisagem, nas apropriações simbólicas da natureza e representações do urbano.

Assim, essa segunda parte tem como objetivo primeiro apresentar um exercício de leitura das áreas de estudo, marcado por alguns princípios de design urbano, imprescindível para situar o eventual leitor na compreensão de elementos diversos que consubstanciam a percepção do urbano que vislumbramos.

Para tanto, o exercício se divide em duas etapas: a primeira, faz uma leitura comparativa da morfologia e da dinâmica urbana contemporânea das áreas de estudo; subsequente, são colocadas as perspectivas teóricas sobre a vida nas cidades, que envolve as correlações entre o design urbano e o imaginário social, para correspondência e validação de teorias críticas.

Mas de quais teorias estamos falando? Aqui, vamos pontuar o pensamento crítico de alguns autores com obras seminais que norteiam o desenvolvimento desse capítulo, além de

serem inspirações para a formação de um campo específico de estudo consolidado sobre a vida nas cidades[184].

Iniciamos com as ponderações da jornalista Jane Jacobs[185], defensora da densidade e diversidade urbana, desde os anos de 1960, por meio de reflexões por ela já previamente apontada e sobre a natureza peculiar dos usos dos bairros, que envolve também o tempo da materialidade – idade dos edifícios, aparência do edificado, coloração – e como isso se reflete no tempo das ações comportamentais humanas, sendo isso o que será investigado. Com a leitura dos textos sobre psicologia ambiental e de teóricos da arquitetura[186], instrumentaram nosso olhar para a compreensão da paisagem urbana, a fim de que pudéssemos descrever correlações do espaço pessoal e de sua percepção[187] com a fisionomia das áreas de estudo, por meio das quais, esperamos encontrar um conjunto de elementos que justifiquem questões de amabilidade.

Sob essa perspectiva, nossa leitura interpretativa da dinâmica urbana dos territórios selecionados, visa compreender como essas partes da cidade são apropriadas e utilizadas por seus habitantes, fazendo-se necessário conhecer os usos urbanos ali existentes: a intensidade e direção dos fluxos de pedestres e veículos; a origem destes deslocamentos; os meios de

---

[184] Cf. GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. A vida nas cidades: como estudar, 2018, p.40.

[185] Para este ponto da citação em específico, privilegiamos a Parte 2 do livro "Condições para a diversidade urbana", com destaque para os capítulos: "A necessidade de usos principais combinados" (p.167); "A necessidade de prédios antigos" (p.207); e "Alguns mitos sobre diversidade" (p.245). Cf. JACOBS, Jane. *op.cit*., 1961 [ed.2013], *passim*. Ressaltamos o tributo a Jane Jacobs, "*What we see,* de Goldsmith, Elizabeth e Goldbard (2010)", obra que mostra o interesse contemporâneo continuado em sua visão sobre os estudos da vida nas cidades e a importância do espaço público.

[186] Como Robert Sommer, Edward T. Hall, Kevin Lynch, Gordon Cullen, Christopher Alexander, Oscar Newman, Yoshinobu Ashihara; do Departament of Architecture and Civic Design (do Greater London Council) e da Academy of Neuroscience for Architecture (ANFA). N. A.

[187] Amparados por princípios das neurociências, mais especificamente as vertentes: neuropsicologia e neurofisiologia. N. A.

transporte utilizados; os níveis de conforto pelos serviços urbanos oferecidos; os motivos que levam as pessoas a se deslocarem para a área (uso real do edificado), entre outros.

Já os levantamentos[188] para a análise morfológica pretende nos aproximar dos aspectos relacionados à composição da paisagem urbana: da sua topografia; de aspectos de sua formação, densidade de área construída (relação cheio-vazio), altura das edificações, da qualidade visual e amplitude do espaço construído; intensidade de arborização; usos e significados dos espaços e dos elementos arquitetônicos ou de marcos referenciais.

Com isso pretendemos demonstrar que a cidade é a materialização de uma organização histórica, socioeconômica e cultural com organizações próprias, que nesse tipo de reflexão dialogam com temas, como os agentes sociais que produziram e produzem tais espaços tanto físico quanto simbolicamente.

Dito isso, o procedimento metodológico a seguir, consistiu em distribuir as plantas das áreas objeto de estudo [figuras 3 e 4] com a delimitação da área do entorno a ser pesquisada (em vermelho), e uma visita técnica para situar os campos de atuação. Na sequência, solicitou-se que fosse elaborado uma maquete física de cada áreas de estudo e que fizessem dois cortes

[188] Os levantamentos foram feitos da seguinte maneira a) com o auxílio de diversos graduandos(as) em arquitetura e urbanismo, entre os anos 2018 e 2019, e, por isso, possui uma linguagem de representação gráfica bastante plural. No decorrer do ano, os alunos expunham durante os seminários suas descobertas e inquietações associado à interatividade sobre dinâmica urbana: usos e fluxos, que contribuíram para o aprofundamento, ampliação e/ou redução das próximas etapas da pesquisa a ser desenvolvida (refiro-me ao conteúdo do capítulo 6); b) as equipes aqui reunidas faziam parte da disciplina “Projeto Urbano e Paisagismo (Espaço Aberto)” da Universidade Paulista – UNIP, e seu projeto pedagógico consiste em instrumentar o olhar do graduando para a compreensão da paisagem urbana, a fim de que possam estabelecer correlações entre a cidade e as pessoas; c) por fim, mas não menos importante, parte dessa interpretação urbana está vinculada ao PIBIC-Santander do graduando Pedro Henrique Natalino Patelli, que esteve sob minha orientação entre os anos de 2019-2020, apresentando o projeto intitulado Imaginários urbanos em diálogo: Baixo Augusta e Vila Madalena. N.A.

urbanos: um no sentido longitudinal e outro transversal, para visualizarmos o *skyline*, que são os desenhos/contorno das silhuetas dos edifícios acomodados sobre a topografia do lugar, uma grafia corpórea do urbano; ainda nessa fase pré-campo, levantamos os principais meios de acesso aos territórios selecionados.

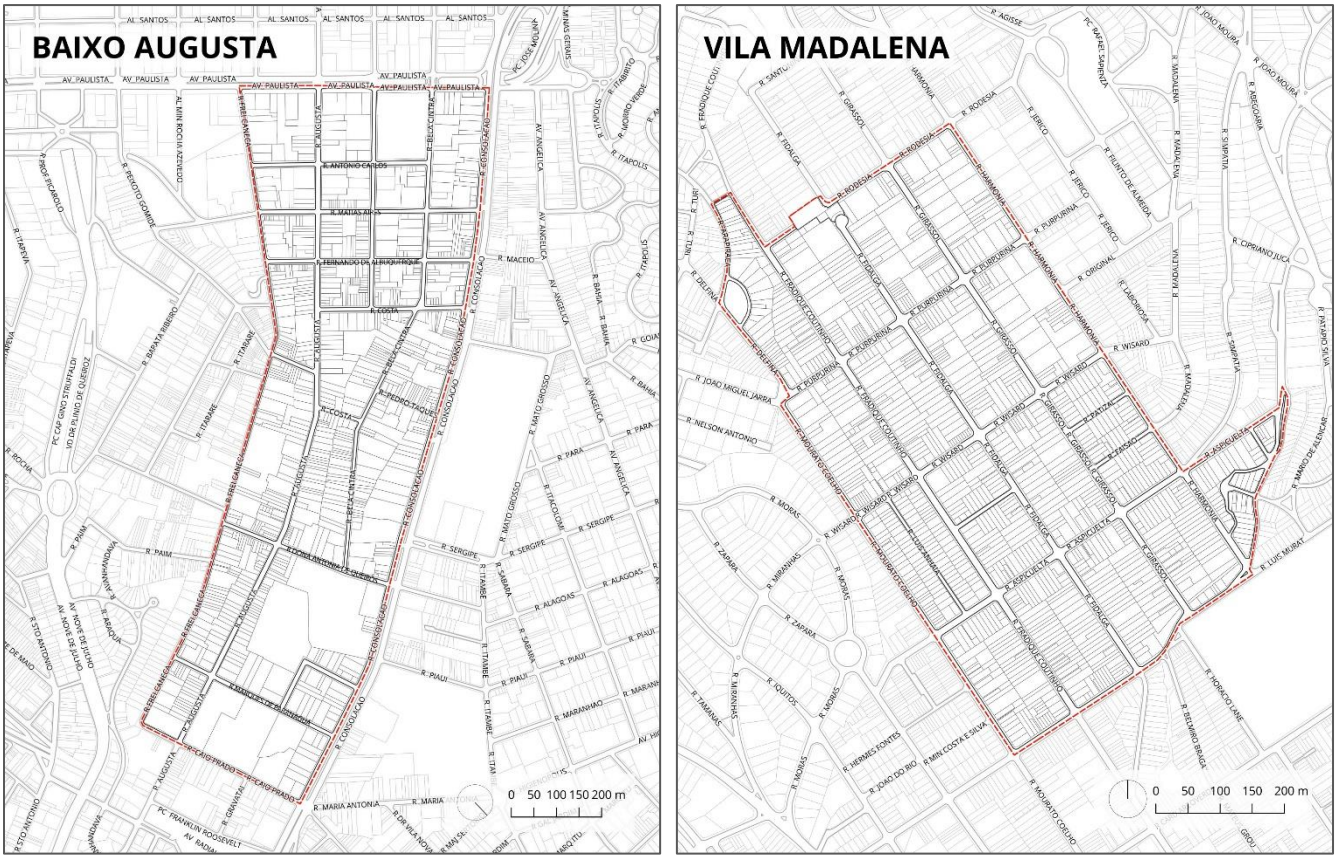


Figura 3 e 4 – Mapas das áreas objeto de estudo com delimitação do Baixo Augusta e Vila Madalena. Fonte: GeoSampa.sp.gov.br (2017). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

E para sintetiza o conhecimento adquirido e alcançar os objetivos já mencionados, executamos atividades que incluem: levantamentos/mapeamento do edificado, de dados diversos (varredura bibliográfica), representações gráficas (fotos e desenhos) autorais e *in loco*. Ao término disso tudo, os dados foram compilados e formamos um *diário de bordo* único, com descritivos breves sobre nossas impressões e situações vivenciadas nas principais ruas que

compõem ambas as áreas de estudo e registros fotográficos (alguns sem epígrafe) que serão apresentados a partir de agora.

Figura 5 – Mapas SARA Brasil. Fonte: GeoSampa.sp.gov.br (2017). **Fonte:** *MENDES, Ricardo. SARA Brasil: restituindo o mapa topográfico do município de São Paulo. Informativo do arquivo Histórico de São Paulo, ano10, nº37, dez.2014. Disponível em*: *http://www.arquivohistorico.sp.gov.br, acesso em set.2019.*

2.1 PARTE I – URBANIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO: CONTEXTOS HISTÓRICOS.

2.1.1 Das chácaras ao loteamento modernizador: uma questão de desenho urbano.

Nosso estudo se inicia pela leitura do traçado urbano – do desenho das quadras e das vias –, haja vista que este elemento não sofre tantas alterações físicas no percurso temporal, ou é menos comum acontecer, quanto uma edificação.

Em 1930, durante a gestão do prefeito José Pires do Rio, foi encomendado por Arthur Saboya (diretor de viação e obras públicas) e Luiz de Anhaia Mello (presidente do Instituto de Engenharia), o primeiro levantamento topográfico do município, por meio de um mapeamento

aéreo – semelhante ao que seria hoje a ortofotogrametria –, como uma das condições para realização dos planos de ordenação urbana, feito pela rede SARA Brasil[189] [figuras 5 e 6].

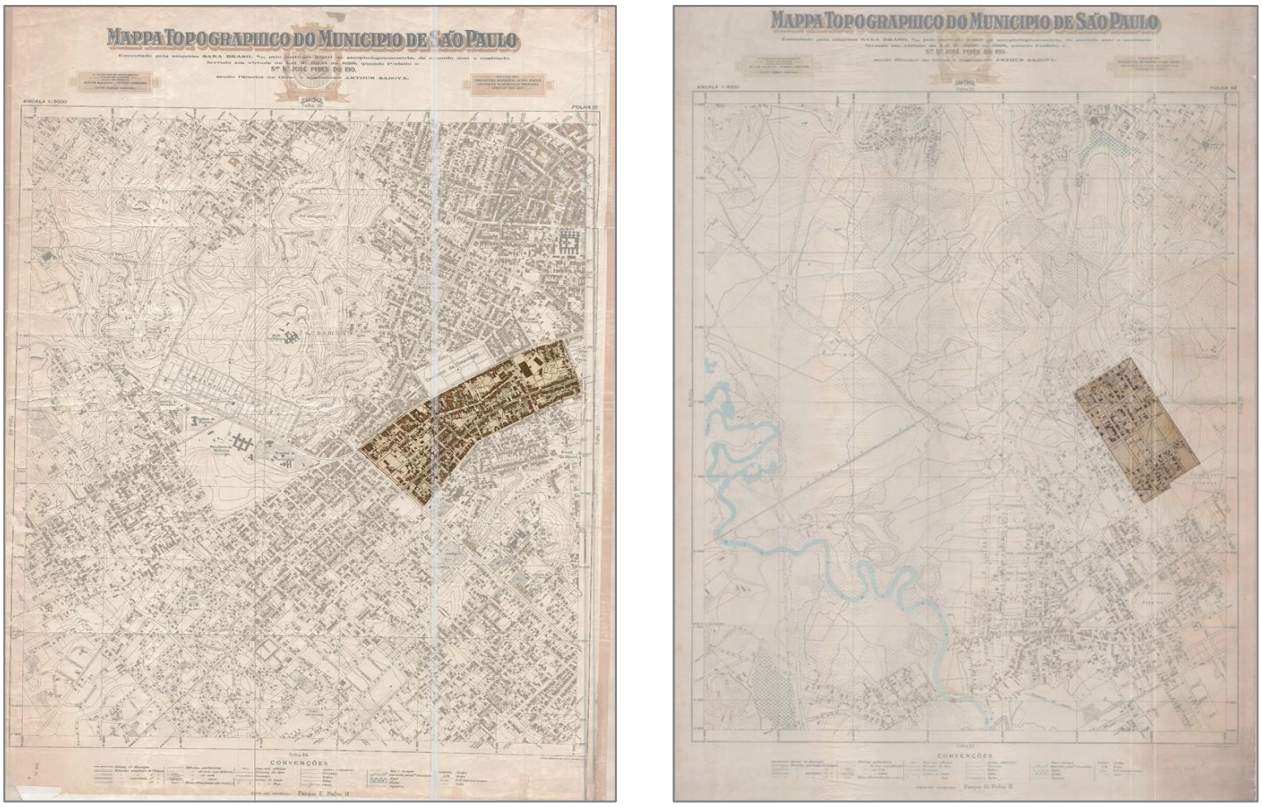


Figura 5 e 6 – Mapa do distrito da Consolação, em destaque o perímetro do Baixo Augusta. **Fonte:** *MENDES, Ricardo. SARA Brasil: restituindo o mapa topográfico do município de São Paulo. Informativo do arquivo Histórico de São Paulo, ano10, nº37, dez.2014. Disponível em*: *http://www.arquivohistorico.sp.gov.br, acesso em set.2019.*

O que percebemos na leitura desses mapas é que, no período de 1930, a região onde se localiza o Baixo Augusta estava mais consolidado e adensado, em termos construtivos, do que a Vila Madalena, evidenciando o sentido da expansão urbana da cidade. Notamos também que a maioria do traçado das ruas, de ambos os perímetros em destaque, permanece os mesmos; houve pouca transformação, como a urbanização do Beco do Batman, na Vila.

[189] Cf. MENDES, Ricardo. *SARA Brasil: restituindo o mapa topográfico do município de São Paulo.* 2014, p.100.

Figura 7 – A seta no mapa indica a transição do centro (Distrito da Sé) para a região da Av. Paulista pelas elites. **Fonte:** Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios. Feito por Ordem do Exmo. Sr. o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima, e Silva Pelo Engenheiro Civil C. A. Bresser (1847). **Disponível em:** Arquivo Histórico de São Paulo. http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1847.htm

Ao atentarmos olhar sobre o desenho das ruas e quadras que consubstanciam o desenho da forma urbana, percebemos que o ordenamento espacial do Baixo Augusta é irregular e assimétrico, enquanto no núcleo da Vila Madalena é o oposto. Agora vamos sintetizar o percurso regressivo-progressivo dos princípios que nortearam o desenvolvimento do projeto desses bairros.

Iniciemos pelo Baixo Augusta. Durante a segunda metade do século XIX, que a área urbanizada da cidade de São Paulo, delimitada pelas imediações do triângulo histórico, local de residência da elite paulistana, se desenvolve para além do anel de chácaras que a envolvia. Sempre foi desejo das elites, que constantemente manifestavam seus descontentamentos para afastar-se das várzeas fétidas e insalubres circunvizinhas ao centro, seu local de moradia, trabalho e lazer[190]. Essas novas chácaras, situadas na franja periférica ao centro, dispunham de autoabastecimento de alimentos e água, sustentada por mão de obra escrava (negros).

[190] É interessante notar que o nome Anhangabaú, Vale que margeia o perímetro do centro histórico e significa “rio dos malefícios” na língua indígena (tupi-guarani), tem esse nome devido ao odor “fétido” da alta concentração de sais minerais que se encontram nesta porção do território. Ver. SIMÕES JR, José Geraldo. *Anhangabaú. História e Urbanismo.* 1990. Atualmente, o mau cheiro continua, mas devido a poluição e não a causas naturais. N. do A.

Assume aqui relevância especial a Chácara do Capão, concedida desde a segunda metade do século XVI por um tratado de sesmaria a Fernão Dias Paes Leme, e que teve outros donos, sendo o décimo segundo e último, o *imigrante português* Mariano Antônio Vieira, no século XIX, sendo o responsável por abrir em 1875 a rua Augusta[191] [figura 8].

Figura 8 – Planta da cidade de São Paulo, de 24 de agosto de 1916, agora com o perímetro do Baixo Augusta. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/mapacarto/BR_APESP_IGC_IGG_CAR_I_S_0202_001_001>

O que mais se sabe sobre esse português é que era um investidor [Figura 9], e sua intenção de compra foi para traçar um bairro pelos padrões civilizados que viu em outras terras, voltado à elite, em virtude de sua topografia privilegiada e bela vegetação. Mas, a princípio, não teve muito êxito, pela proximidade dos loteamentos com o Cemitério da Consolação[192].

[191] Sobre este território, o que se sabe sobre sua abrangência é que se estendia entre a Vila Mariana e Pinheiros. Os primeiros registros que existem sobre a rua Augusta datam de 1875, quando esta, ainda era apenas "uma trilha de terra batida que começava na entrada da Chácara do Capão", na altura da Rua D. Antónia de Queiroz e seguia até o topo do "Morro do Caaguaçú", local onde se localizava a Av. Real Grandeza, hoje Av. paulista". Cf. ARQUIVO HISTORICO DE PAULO. Rua Augusta.Disponível em http://wwwdicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/ PaginasPublicas/ListaLogradouro. aspx Acesso em: 07/10/2015. Cf. também PISSARDO, Felipe. *A rua apropriada: Um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta* (São Paulo, 1891 – 2012). 2013, p.26.

[192] Com exceção da Rua da Real Grandeza (atual Av. Paulista) e, de certa forma, da Rua Augusta, as demais ruas abertas por Vieira no bairro foram construídas aparentemente sem um plano claro, mediante pedidos de prolongamento de arruamento por proprietários de lotes para a construção de novas edificações. Em consequência

Tentando solucionar esse impasse, Mariano Vieira decide, então, criar um novo acesso ao bairro:

> "agora vou abrir a rua por onde os bondes elétricos deverão subir até a avenida, porque as ruas existentes têm trechos muito íngremes, de todo impróprios para transitarem veículos, mesmo que sejam bondes elétricos"[193].

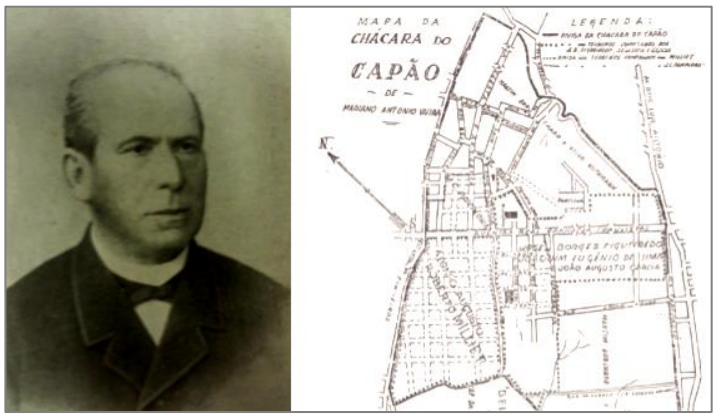


Figura 9– Retrato de Mariano Antônio Vieira e mapa da Chácara do Capão. **Fonte:** PISSARDO, Felipe. Op.cit., 201 3, p.27.

Na língua do lusitano, "*Augusta"*, além de incorporar o significado "majestosa", alude também, a uma importante via de Lisboa na Baixa Pombalina e revela igualmente seu papel articulador entre diferentes regiões aristocráticas da cidade. A semelhança reside no fato de que a rua Augusta articula o bairro de Higienópolis, Jardins e o Centro (Sé e República) com a Bela Vista – regiões aristocráticas da cidade no período. Nota-se assim, que a rua é batizada pela função que cumpre, pelo viés comercial e político da cidade; do mesmo modo, objetivou-

disso, as demais ruas têm um traçado irregular, que acompanhava a topografia e o relevo acidentado da região. A despeito de sua intenção, de atrair a elite paulistana para um espaço exclusivo, alto e com vista, Mariano Vieira não conseguiu atingir seus objetivos, pois era considerado perto demais do Cemitério da Consolação e longe demais da cidade, o que era piorado por "caminhos lamacentos e tortuosos e a absoluta falta de transportes coletivos" Cf. VIEIRA, 1952, p.116, *apud* PISSARDO, Felipe. A rua apropriada: Um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 – 2012). 2013, pp.27-28.

[193] Cf. *Ibidem*, p.28.

se desde sempre, se tornar uma via nobre e equipada com os mais modernos elementos de transporte[194].

Com isso, queremos ressaltar as referências estilísticas sobre o traçado urbano. Diversos autores[195], assinalam as virtudes do estilo praticado pelos portugueses sobre os projetos urbanos, onde o desenho das quadras e vias, se adequam, se acomodam, sobre a topografia[196]. E isso se evidencia na região, nas proximidades com a Av. Paulista, percebemos um desenho do tabuleiro, que é mais retilíneo e, quando a topografia começa a ficar mais íngreme, surge o traçado sinuoso formando as ruas e as quadras, que se estendem até as proximidades da praça Roosevelt.

Agora, para estendermos nosso percurso e entendermos o desenho da Vila Madalena, se faz necessário uma breve pausa para contextualizar alguns eventos históricos que marcaram a cidade, pois ela não surge de um processo gradual da expansão urbana.

De acordo com Antônio Barreto do Amaral, o bairro de Pinheiros é segundo mais antigos de São Paulo, após a Sé. A partir de 1560, Pinheiros constituía-se de uma região longínqua, tão remota onde os padres, como Azpilcueta Navarro [figura 10], se viram compelidos a organizá-la como outra aldeia. Nesses tempos, a região da Vila Madalena fazia parte de mata

---

[194] Cf. PISSARDO, Felipe. A rua apropriada: Um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 – 2012). 2013, p.29.

[195] Cf. SOLÀ-MORALES, Manuel. *Las Formas de Crescimiento Urbano*. Barcelona. Editora UPC, 1997. Cf. também CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-charles; e PANERAI, Philippe. *Formas Urbanas: A Dissolução da Quadra*. 2013.

[196] Esse dado se evidencia na região, na medida em que nos diferencia da racionalidade da colonização espanhola dos países vizinhos do Brasil, que tinham, desde sempre, projetos urbanos prontos para se impor ao relevo. N. do A.

inóspita, perigosa, não recomendável – de onde as ameaças poderiam surgir a qualquer momento, tanto sob a forma de flechas e tacapes, quanto sob a artilharia dos mosquetes[197].

Figura 10 – Retrato do Pe. Azpilcueta Navarro e, ao lado, pintura interpretativa dos Bandeirantes em São Paulo. **Fonte:** https://www.correioims.com.br/perfil/martin-de-azpilcueta-navarro/ e https://www.visiteobrasil.com.br/sudeste/sao-paulo/historia/conheca/os-bandeirantes (acesso em Jun.2019). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2019).

Amaral despende ainda algumas páginas sobre a questão da comunicação geográfica da Vila com a freguesia da Sé e com o restante do país. Aparentemente, uma problemática de urbanização em uma região precariamente conquistada, haja vista que a comercialização dos produtos e mercadorias, desde sempre na cidade, foi dificultada pela transposição dos rios. Pontes precárias eram construídas sobre o rio Pinheiros, que não serviam por longos períodos, mas serviram-se em tempo, pois invariavelmente, eram destruídas pelo rio e suas cheias sazonais; tal problema só foi solucionado no século XIX com pontes metálicas vindas da Alemanha[198].

Se falamos sobre a problemática do escoamento da produção agropecuária, implícito está a questão das lavouras. Os nomes das personalidades que hoje dão nome às animadas

---

[197] A conturbada relação com os índios no processo de colonização é um capítulo à parte na história brasileira e paulista, não sendo o caso aqui comentá-la pela temática arquitetônica. Mas faz-se saber que em 1580, o desbravador-bandeirante Fernão Dias, como chefe militar, fez uma intervenção na região devidos aos índios "queimarem a igreja e quebrarem a imagem de Nossa Senhora do Rosário dos Pinheiros", fato que chama a atenção da Câmara pela existência de uma nova igreja e uma nova paróquia. Ver. AMARAL, Antônio Barreto. *O Bairro de Pinheiros*. 1969.

[198] Ver. AMARAL, Antônio Barreto. *op. cit*., 1969.

ruas da Vila, como Mourato Coelho, Fradique Coutinho e Inácio Pereira da Rocha, foram chefes bandeirantes e donos de terra de muito pouca civilidade, muita crueldade e nenhuma consideração pelos índios[199]. Eles escolheram essas terras longínquas para acorrentar os indígenas em suas lavouras, que eram protegidos pelos jesuítas, na falta dos escravos negros. Já as ruas Harmonia, Girassol, Simpatia, Rodésia e a Jericó, na verdade, não eram ruas, eram alamedas entre chácaras, que criavam galinhas, porcos e até coelhos faziam parte da cultura de subsistência da Vila[200].

E assim ficou a Vila Madalena por muitos séculos, uma área remota. O arvoredo abundante que não animava quase ninguém, tampouco aguçava a curiosidade para além dos descampados que se avistavam do local que conhecemos hoje como Av. Teodoro Sampaio[201].

Avançando cronologicamente até a primeira metade do século XX, havia duas visões concorrentes para a ampliação da cidade de São Paulo: uma que alavancava a avenida e outra que trabalhava com a unidade de bairro. Longa e muitas vezes axial, a avenida, assim como o viaduto, imprimia ordem monumental à paisagem. O bairro, com sua combinação de terrenos residenciais e parques, aparentemente, formou um mundo em si mesmo. A seu modo, no entanto, ambas as formas de desenvolvimento contribuíram para a ampliação desproporcional

---

[199] Cf. SQUEFF, Enio. *Vila Madalena: crônica histórica e sentimental*. 2002, p.25. Faz-se saber que esses bandeirantes consolidaram seus nomes na história fazendo parte das expedições para a conquista do Guaíra, em 1628, comandada por Raposo Tavares. A missão voltar para São Paulo “triunfante” com aproximadamente 20 mil índios acorrentados.

[200] Cf. *ibidem*, p.19.

[201] Cf. *ibidem, ibidem*.

das infraestruturas sociais e físicas da cidade, à medida que denotavam o crescimento urbano de muitas áreas adjacentes ao centro da cidade[202].

Em 1911, o município contratou o arquiteto francês Joseph-Antoine Bouvard, como consultor para orientar o crescimento da cidade e planejar a expansão da região central, São Paulo experimentava crescimento urbano nunca antes visto, fora dos limites do centro da cidade. Ao expandir a cidade por meio de novas avenidas e parques, Bouvard criou uma rede de espaços abertos para ajudar a cidade a lidar com problemas de gerenciamento hídrico e facilitar a criação de novos programas cívicos e de lazer.

A opção pelo planejamento dos bairros coincidiu com o entusiasmo global pelo *movimento cidades-jardim* que, em 1915, convidou os arquitetos britânicos Barry Parker e Raymond Unwin, para planejar um pedaço da cidade: o Jardim América[203], pioneiro desse tipo de concepção urbana da América do Sul, implementado em um terreno de 46 hectares, a oeste do centro da cidade[204] [figura 11 e 12].

---

[202] O Plano das Grandes Avenidas, criado por Alexandre Albuquerque, em 1911, exemplificou as aspirações da elite paulistana do início do século XX por uma imagem da cidade que lembrava Paris, após a gestão de Haussmann, com suas avenidas axiais. O projeto, nunca executado, propunha três grandes avenidas que se originavam no centro da cidade. Uma praça planejada para a interseção das três avenidas teria demarcado um novo ponto central da cidade. Como se pode ver no plano e na representação, a visão urbana de Alexandre Albuquerque criou uma série de novas praças públicas e comodidades cívicas ligadas por avenidas em perspectiva. O plano de Alexandre Albuquerque previa uma cidade densa e cosmopolita, pontuada por espaços cívicos bem-definidos e coreografados. Cf. CORREA, Felipe. *São Paulo: uma biografia gráfica.* 2018.

[203] "O Jardim América foi criado pela Companhia City, responsável pela primeira *garden city* da história – Letchworth, importante referência dos debates urbanos no início do século 20, como uma alternativa ao descongestionamento das áreas centrais". Cf. CAMARGO, Mônica Junqueira. *Região dos Jardins cumpre o papel de reserva ambiental de São Paulo. A expressão bairro jardim foi incorporada à nomenclatura urbana como sinônimo de distinção*. *In.:* FOLHA DE SÃO PAULO (18 set.2018).

[204] Além do Jardim América, a companhia planejou os bairros do Anhangabaú, *City* Butantã, Alto da Lapa, Planalto Paulista, Alto de Pinheiros e Pacaembu. Cf. SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador.* 2014, pp.18-24.

Decorrente disso, o urbanismo paulistano do início do século XX também será consubstanciado pela ação dos urbanistas: Victor da Silva Freire, Prestes Maia e Anhaia Mello, onde se destaca o Plano de Avenidas e o plano de desenvolvimento e embelezamento[205]. É proveniente deles, o legado referente ao desenho urbano das vias e das quadras que se tem hoje. A atuação Victor da Silva Freire (1899-1925), resulta na regulamentação do Código Sanitário (1918) e na Lei de Arruamento (1923). Após esse período, Freire dedica-se a introduzir os primeiros conceitos científicos sobre análise urbana no meio paulistano, afastando-se do urbanismo como técnica viária[206].

Figuras 11 e 12 – A esquerda, plano do Jardim América, de 1941, mostrando lotes vendidos e casas construídas. A direita, vista aérea do Jardim Paulista, do Jardim América e do Jardim Europa por volta de 1930. **Fonte das imagens:** CORREA, Felipe. *São Paulo: Uma biografia gráfica.* 2018, p.271 e.pp.54-55.

[205] Cf. SIMÕES JR., José Geraldo. *Anhangabaú. História e Urbanismo*. 1990.

[206] A contribuição de Freire na discussão urbanística se dá até o começo dos anos 1920, quando ele passa a atuar de forma mais setorizada em assuntos relacionados a calçamento, trânsito e transporte da cidade. Em 1923, como diretor da Repartição de Obras Públicas Municipais, envolve-se no "escândalo do asfaltamento", quando contrata a execução, sem concorrência pública, de 150 quilómetros de asfalto. A imprensa o acusa, em uma série de artigos, de privilegiar os industriais Monteiro e Aranha na contratação de serviços de pavimentação. Cf. SIMÕES JR., José Geraldo. *op. cit.,* 1990. Cf. também FREIRE; SIMONSEN; QUEIROZ, 1923, *apud* SOMEKH, Nadia. *op.cit.,* 2014.

Figura 13 – Os Jardins, bairro na zona oeste de São Paulo. **Fonte:** Reprodução/Google Earth. (jul.2019).

Subsequente nessa cronologia, em 1929 seria o ano que marca a constituição com dois instrumentos urbanísticos, enquanto forma de regulação e intervenção na cidade, pela a criação de um Código de Obras e Edificações (COE), de Arthur Saboya; e o Plano de Avenidas, de Prestes Maia e Ulhôa Cintra[207] [figura 14]. Esse ano configura um momento em que, as contradições desencadeadas pelos processos legislativos estavam acumuladas e com suas resoluções em aberto[208], é marcado pela visita de um dos arquitetos mais influentes no cenário internacional do período à São Paulo, Le Corbusier, que deixa uma contribuição, sua visão utópica para o desenvolvimento da cidade, assim como a maioria de seus projetos heroicos, o esboço para São Paulo nunca foi concretizado[209]. No ano seguinte, 1930 os primeiros

[207] Segundo a autora, o plano foi efetivamente implantado em 1938, quando Prestes Maia assume a prefeitura paulistana. Cf. SOMEKH, Nadia. *op.cit.,*2014, p.28.

[208] Cf. CORREA, Felipe. *São Paulo: uma biografia gráfica.* 2018,

[209] Em 1923, Le Corbusier publicou uma coleção de ensaios intitulados Vers une architecture (Por uma arquitetura), que defendia cidades funcionais com linhas retas, vias expressas e grandes áreas verdes; no campo predial, seu discurso voltava-se a racionalidade dos edifícios. *Ver. Le Corbusier. A carta de Atenas.* 1993 [orig.1933]. Sua proposta para São Paulo dramatiza como os viadutos transformariam a cidade agrícola em uma metrópole vibrante. O esboço robusto de Le Corbusier e sua visão dos viadutos monumentais combinava a necessidade de novos corredores de transporte na cidade com o legado do planejamento axial a partir da virada do século, que iria de encontro ao plano de Alexandre Albuquerque de 1911, elaborado quase duas décadas antes e que previa uma cidade densa e cosmopolita. Desenhado em perspectiva, o esboço de Le Corbusier centra-se no cruzamento de dois viadutos monumentais. Os edifícios se reúnem no imenso cruzamento, e os aviões espreitam às margens, enquanto os rios e a paisagem dos arredores da cidade permanecem intocados pela mão do mestre arquiteto

mapeamentos por aerofotogrametria seriam encomendados e, agora sim, a cidade traçava os rumos de sua expansão.

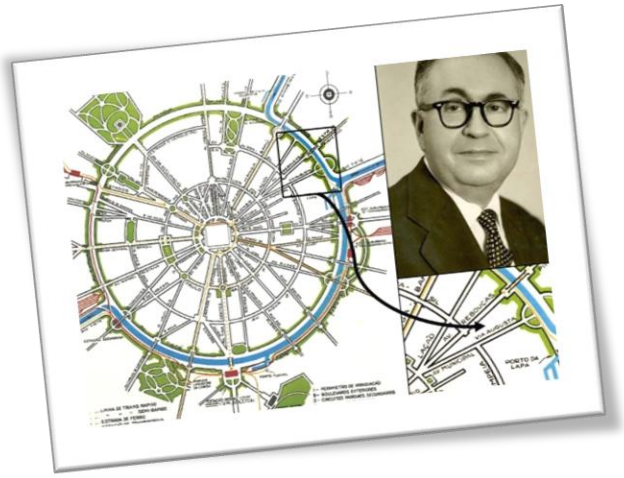


Figura 14 – Plano de Avenidas, de Prestes Maia (1930), a área que destacamos contempla a "Via Augusta" que seria uma extensão da Rua Augusta. **Fonte:** CORREA, Felipe. *São Paulo: Uma biografia gráfica.* 2018, p.274.

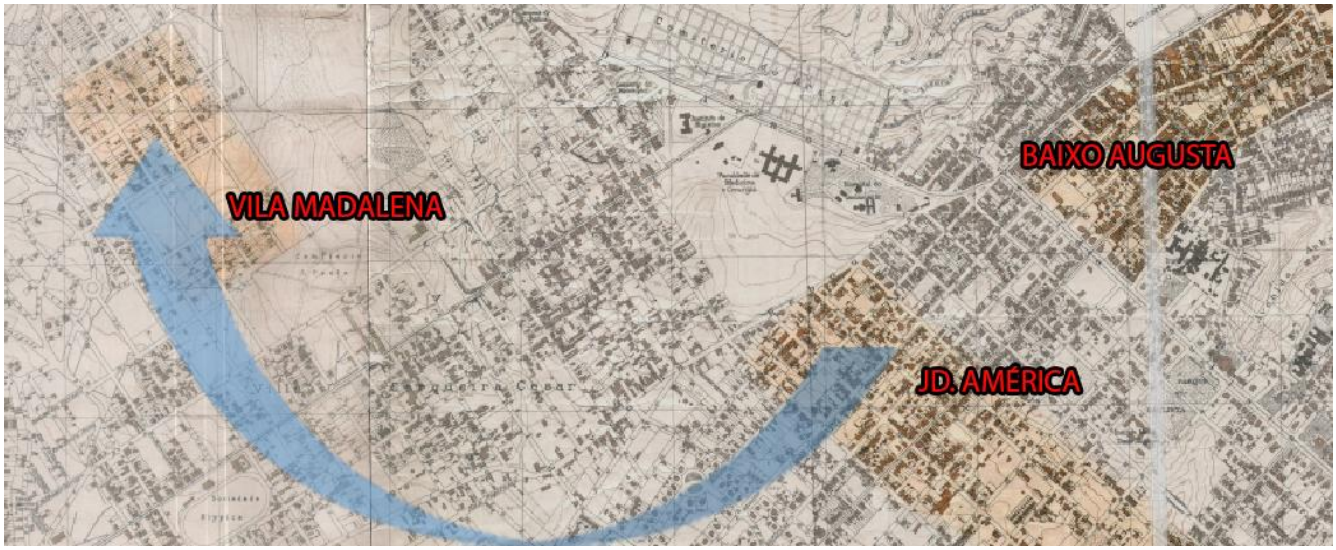


Figura 15 – Expansão urbana, do Baixo Augusta a Vila Madalena. **Fonte:** GeoSampa,PMSP (2017): filtro/seleção: Rede SARA, 1930. **Edição:** Sérgio A. Santos Jr.(2019).

Todo este remonte histórico começa a fazer sentido, quando vemos as reverberações do planejamento na Vila Madalena, que ainda não estava urbanizada e mapeada até 1916.

---

planejador Dentro dessa proposta, Le Corbusier, com sua cidade de viadutos e edifícios, permitiria que os rios dentro e ao redor de São Paulo fluíssem relativamente livres, pois já se falava em corrigir o leito e em canalização. Deste esboço, serviria de inspiração para o planejamento de 1980, "Cidade no Tietê", do arquiteto e urbanista brasileiro Paulo Mendes da Rocha, que prevê a reciprocidade entre a forma urbana e o dinamismo do rio. Cf. CORREA, Felipe. *São Paulo: uma biografia gráfica*. 2018, pp.258-261.

Nesse sentido, há que se considerar que um novo modo de pensar e agir interveio sobre a área pelo ordenamento espacial das quadras, que é muito semelhante, pois tomou como referência, aquilo que foi feito no Jardim América, pela *Companhia City* [figura 15].

De fato, havia uma espécie de cordão higienista e de embelezamento, entre as duas regiões, isso porque foi a mesma empresa que a organizou o Jardim América, também ajudou a organizar a Vila, abrindo ruas arborizadas e construindo casas.

A *Companhia City* adquiriu algumas terras valorizadas e foi repassando, a preços baixos, esses lotes a muitos de seus funcionários, que eram pequenos artesãos, quase todos de origem portuguesa, os quais se juntaram alguns italianos, espanhóis e famílias judias. Faz-se notar que desde o período colonial, quase não havia negros na região[210], aqui a mão de obra escrava era indígena. A urbanização da Vila acontece, então, de modo reflexivo, dado as peculiaridades do poder aquisitivo, daquilo que esses construtores experienciavam no Jardim América e tentavam "copiar", ou trazer para a Vila, seu local de moradia.

Predominante são os loteamentos de 10m por 35m, nessa região demarcada da Vila, com casas pequenas e quintal nos fundos, onde se plantavam hortaliças, frutas e criavam galinhas[211]. Essa configuração de lote se tem até a contemporaneidade e, talvez por isso, a Vila como um todo, ainda apresenta certa resistência a verticalização.

---

[210] Cf. SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, p.18.

[211] Cf. *Ibidem, ibidem.*

2.1.2 O lugar do habitat e a verticalização.

Subsequente ao traçado das ruas, o outro elemento fundamental para se entender o *design* urbano, a bruto modo, é a verticalização, o qual vamos esboçar cronologicamente a perspectiva histórica a partir de agora.

A pergunta central é "por que a verticalização acontece?". Em linhas gerais, a verticalização ocorre para o aproveitamento intensivo da terra urbana (densidade), otimização e proximidade dos recursos de consumo, sejam naturais, artificiais e de serviços. Esse fenômeno é de um processo típico do século XX, assim como a Lei de Zoneamento, que surge para controlá-lo. Tomando por base o cenário paulistano, destaca-se os estudos pioneiros de Nadia Somekh[212] sobre a verticalização na cidade paulistana.

> "O surgimento dos primeiros arranha-céus em São Paulo, nos anos 1920, assinala o início de um intenso processo de modificação urbana que se estende até os dias de hoje. Em pouco tempo, São Paulo se transformou na cidade mais verticalizada da América Latina. Desde o início do século XX, o urbanismo paulistano sofria a influência do zoneamento alemão, de Haussmann, de Ebenezer Howard e outras ações urbanísticas, que transformavam a paisagem de várias cidades europeias. Porém, foi no *Building Code* do zoneamento de Nova York que os urbanistas paulistanos buscaram inspiração para produzir o primeiro Código de Obras da cidade de São Paulo"[213].

A verticalização no período de 1920 a 1939 é interpretado como um período dividido em duas fases: de 1920 a 1929, considerada uma fase incipiente do processo, quando surgem os primeiros arranha-céus, como o Sampaio Moreira, o Martinelli e outros ainda com características ecléticas; e na fase de consolidação; e de 1930 a 1939, quando a verticalização

---

[212] Cf. SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador.* 2014, pp.49-50.
[213] *ibidem*, p.18.

se firma como processo, explode em ritmo e intensidade, e vai adquirindo características modernizadas, despidas de ornamentação, devido muito mais à necessidade de aumento de produtividade do que ao gosto da época. Faz-se saber que o coeficiente de aproveitamento do solo ainda não é regulamentado pelo Estado e chega a atingir índices altíssimos[214].

De 1940 a 1956, trata-se de um "segundo período" para Somekh, com características ascendentes que começa com a implantação do registro dos elevadores e se estende até a primeira limitação do coeficiente de aproveitamento dos terrenos[215] em 1957, quando esse processo foi desestimulado e passou a ser limitado, e, novamente, de modo ainda mais restritivo, em 1972; o resultado foi a "desverticalização"[216], que propiciou o espraiamento da cidade [figura 16].

Esboçamos aqui algumas ações urbanísticas para entendermos os processos de transformação do desenho da paisagem, que reverberam ainda no momento contemporâneo, cientes de que o design urbano está em constante mutação e isso com evidencia, também, a aderência dessas áreas ao processo de verticalização.

Como o que nos interessa é o contemporâneo, selecionamos uma imagem satélite e analisamos por meio do efeito de sombreamento, o impacto do efeito da verticalização em ambos os bairros, os pontos mais escuros, são as áreas que concentram os edifícios mais altos [figuras 17 e 18].

---

[214] Cf. Cf. SOMEKH, Nadia. o*p. cit.,* 2014, p.24 e 33.
[215] *Ibidem*, p.34.
[216] Ver. *idem*. *A (des)verticalização de São Paulo*. 1992 [orig.1987].

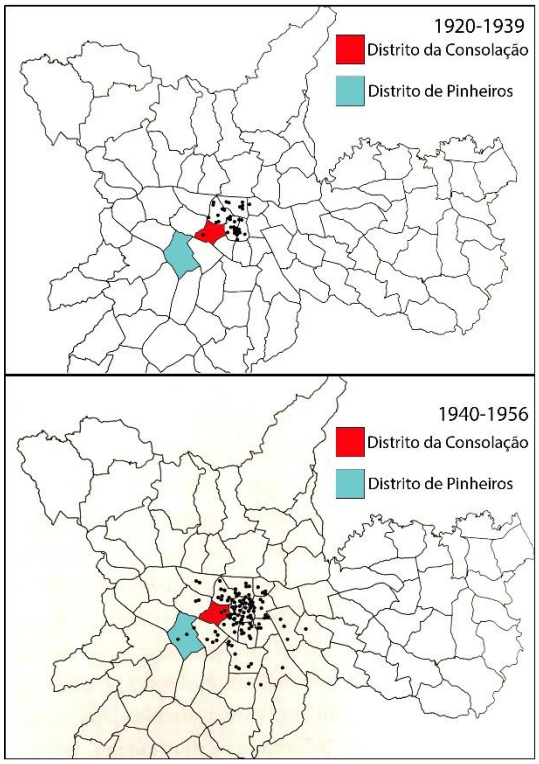
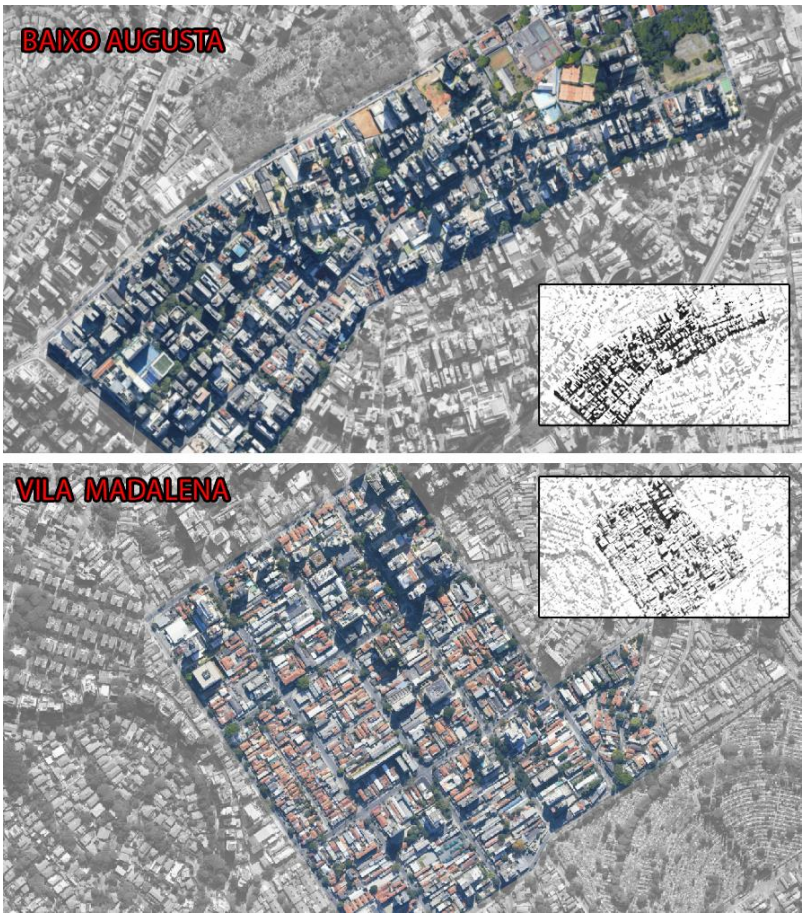


Figura 16 – Mapeamento da localização do crescimento vertical do município de São Paulo. Em vermelho a região onde se encontra o Baixo Augusta e em azul a Vila Madalena. **Fonte:** SOMEKH, Nadia. *op. cit.*, 2014, pp.33-34. **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).



Figuras 17 e 18 – Análise interpretativa do efeito de sombreamento para mensuração da verticalidade nas regiões do Baixo Augusta e Vila Madalena/SP. **Fonte:** Reprodução/Google Earth. (jul.2019). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Apesar de que na primeira fase da verticalização na cidade a região de Pinheiros, onde está situada a Vila Madalena, ter passado incólume pelo processo, a partir do segundo período, a região como um todo começou a sofrer mudanças na paisagem. Entretanto, a resistência ao processo de verticalização ainda persiste, vale ressaltar as memórias dos habitantes da Vila, ao dizer que foi na confluência das ruas Mourato Coelho com a Wisard, que a Vila Madalena, assumiria sua primeira notoriedade visual, por meio de um “prédio alto”, avistado desde o largo

de Pinheiros. Em meio ao arvoredo, o edifício assobradado, era o único daquela altura que a Vila tinha até 1941. A construção era de um português, que fez ali sua padaria [figura 19][217].

Figuras 19 – Edifício na confluência das ruas Mourato Coelho com a Wisard. **Fonte:** SQUEFF, Enio. op. cit., 2002, p.109.

A operacionalização apreendida até o momento, se justifica para entender o desenho urbano – das vias, das quadras, do contorno/silhueta dos edifícios – na conformação da paisagem da cidade e das áreas desse estudo. O resultado da articulação dos espaços dos lotes e dos volumes sobrepostos (planos horizontais com os planos verticais), constituem os elementos básicos na caracterização da paisagem[218].

Cientes de que nossa reflexão está pautada na vocação das áreas para o lazer e seus elementos, essa composição morfológica tem impacto direto na percepção e satisfação desses usuários. Acreditamos que a organização desse conjunto e sua relação: planos horizontais

[217] Cf. SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, p.19. Localizamos a matrícula do imóvel, nº 91.632, cuja construção foi averbada em 1941, conforme consta na Transcrição nº 8.315 do 4º Cartório de Registro de Imóveis. Faz-se saber que prédio de dois andares existe até hoje, mas atualmente uso do edificado mudou para um bar-restaurante. N. do A.

[218] Cf. MACEDO, Silvio Soares. *Paisagem, lotes e tecidos urbanos. In.:* Revista Paisagem e Ambiente – Ensaios, nº10. Dez.1997, pp.9-50.

(espaço livre) e planos verticais (edificação), interferem na escolha dos usuários para torná-los sua “praia” pela sensação que lhes confere [figuras 20 a 23].

Figuras 20 e 21 – Rua Augusta Histórica (anos 1960 e 1970). **Fonte:** https://br.pinterest.com/pin/718324209299418922/ e https://br.pinterest.com/pin/131871095317915697/.

Figura 22 – Rua Wisard, em 1955: ainda sem o Empanadas e **Figura 23 –** Rua Girassol em 1960. FONTE: Arquivo Histórico de São Paulo/Obras Públicas). **Disponível em:** https://lembraria.com/2016/10/27/comer-e-beber-a-cidade-na-vila-madalena-antes-da-boemia/ (acesso em: dez.2020).

Desse modo, as cidades mais comumente associadas às pesquisas da arte, arquitetura, engenharia, urbanismo, história, sociologia, antropologia, vêm sendo perscrutadas pela psicologia, saúde pública e ambiental, para o estudo da relação entre comportamento humano e ambiente construído, que será estudada no próximo tópico capitular.

Enquanto isso, na Vila Madalena, as discussões sobre o vivido transitavam em outra esfera. Por iniciativa do português dono do prédio alto da Vila (de dois andares) em busca de melhorias viárias, seja para atrair clientes, seja para reposição e comercialização de mercadorias, que começou os melhoramentos viários da rua Mourato Coelho, ele tapava os

buracos para dar passagem aos caminhões e às carroças, mas sem a técnica e a infraestrutura adequada a ação era pouco durável. Foi então que a administração municipal, reconhecendo a expansão urbana que acontecia de modo espontâneo, resolveu intervir também e ampliou o acesso que o proprietário da construção tanto insistia. E foi assim que a rua Mourato Coelho chegou até a rua Morás, confluindo os distritos e os subdistritos de Pinheiros[219] [figura 24].

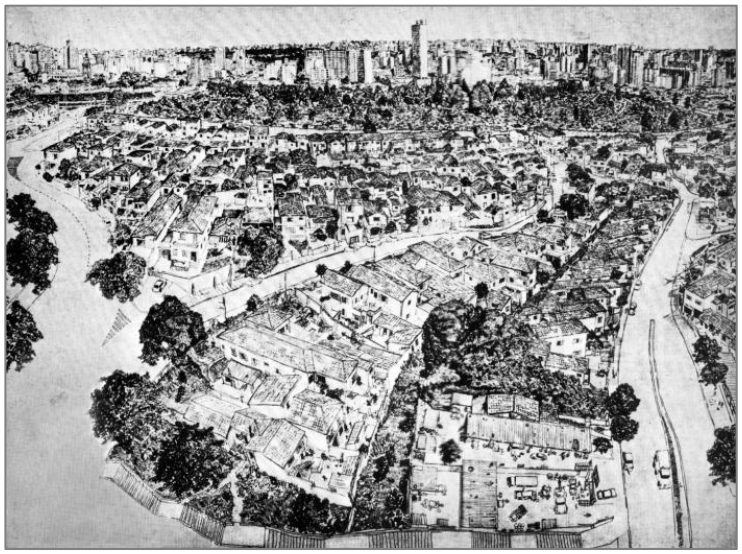


Figura 24 – O panfleto utilizado para "o festival da Feira da Vila", de 1980, ilustra a situação da verticalização que, gradativamente vem do centro para a Vila. **Fonte:** acervo da família Landi. **Disponível em:** https://quandoacidade.wordpress.com/2012/01/21/vila-madalena/#jp-carousel-1529 (acesso em dez.2020).

De acordo com o cronista, nessa época de modernidade, a Vila ainda experienciava lendas urbanas folclóricas, pois aos locais onde não se estendia a díade urbanização-pavimentação, nessas regiões havia na época uma espécie de "ameaça de mato". Tratava-se de uma existência fantasmagórica lembrada ainda pelos mais velhos, que estava pronta para atacar o transeunte desavisado, um bicho em forma de gente e de animal: *o lobisomem*[220]. Segundo a lenda, a entidade surgia na região que compreendida no perímetro das ruas Mourato Coelho, na altura da rua Wisard, que se estreitava numa estrada de chão batido, com a rua

[219] Cf. SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, p.19.
[220] Cf. *Ibidem, ibidem*.

Delfina, que começava na esquina da Wisard, indo se acabar na atual Natingui e atravessava chácaras. Por isso mesmo, à noite, ninguém se aventurava para muito além da Delfina[221].

Entre os anos 1950 e 1960, o bairro tinha casas modestas, escassas linhas de bonde e clima quase rural. Ruas que se tornariam referência, como a Girassol, a Fidalga e a Wisard, só haviam sido oficialmente registradas em 1939 e mantinham o sossego da quase ausência de carros[222] [figura 25].

Figura 25 – Condições descritas da Vila Madalena do período (1940–1960). **Fonte:** SQUEFF, Enio. op. cit., 2002, pp.105-108.

2.1.3 Do bonde ao automóvel: transportes e equipagem urbana.

Com a expansão da metrópole, sob o advento da modernidade, a rua Augusta passa até a década de 1930, por transformações físicas em função de três diferentes meios de transporte: os bondes de tração animal, os bondes elétricos e os automóveis; não seria demasiado dizer que a rua passa, também, por transformações simbólicas em relação aos seus usos. Isso se deve a inauguração da Avenida Paulista em 1891, onde interesse comercial de seus donos em

[221] Cf. Cf. SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002,, p.19. Até hoje a região comporta um aspecto meio sombrio e com densa massa arbórea. N. do A.
[222] Cf. LEMBRARIA. Coleções museu da pessoa: Comer e beber a cidade: na Vila Madalena, antes da boemia. Publicado em: 27/10/2016, disponível em: https://lembraria.com/2016/10/27/comer-e-beber-a-cidade-na-vila-madalena-antes-da-boemia/ (acesso em dez.2020).

valorizar os lotes dessa região. Desse modo, a rua Augusta passa a ter um papel importante no acesso à Avenida, ao que tudo indica pela antiga companhia Viação Paulista construiu um barracão com estábulo para guardar as carroças e os animais, hoje o espaço abriga o atual prédio de energia da AES Eletropaulo[223] [figura 26].

Figura 26 – Subestação Rua Augusta e unidade de emergência - Promptidão, tendo ao fundo a entrada principal do conjunto. por GAENSLY, Guilherme 1916 [ELE.CEI.SSP.0583][224].

A locomoção e a circulação dos transeuntes pelas ruas de toda a cidade era cada vez mais facilitada pela instalação de equipamentos urbanos, que, garantindo limpeza, iluminação e segurança nas vias públicas, serviam de base para a estruturação de um estilo de vida urbana moderna. O intercâmbio cultural entre o estilo de vida desejado das cidades europeias, era aqui

[223] Em 1912, a *Light* inaugura no antigo terreno pertencente à Viação Paulista uma casa de transformadores e de armazenamento dos bondes elétricos quando não estão em funcionamento, parte dos trilhos provenientes da avenida Paulista (ponto final do bonde). É interessante notar que a Estação de Energia da Eletropaulo, que ocupa o espaço atualmente, ainda tem parte da estrutura do edifício anterior de 1912. Cf. PISSARDO, Felipe. A rua apropriada: Um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 – 2012). 2013, pp.33-37, *passim*.

[224] Cf. http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/Galeria.aspx. Busca: r. Augusta. (acesso em dez.2020).

também encontrado, mas a qualidade de vida (em termos higienistas), se comparado as condições urbanas Londres do mesmo período, era superior.

Em 1899, a São Paulo *Railway Light and Power co*, conhecida simplesmente como Light, é fundada por um grupo de investidores canadenses com o intuito de instalar bondes elétricos na cidade[225]. A fixação de trilhos em regiões estratégicas para que os bondes pudessem transitar era fundamental para o sucesso da companhia. O cruzamento da Avenida Paulista com a Rua Augusta foi um desses lugares selecionados para substituir a tração animal pela elétrica, sabe-se que houve conflito entre os trabalhadores das duas companhias – Light e Viação Paulista[226] [figura 27].

Cientes dos aglomerados que se formavam no vetor de expansão oeste da cidade, onde está a Vila Madalena, outras Companhias começaram a levar infraestrutura aos bairros, como a Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC, sucessora da São Paulo Tramway, Light & Power Company – ou simplesmente "Light"[227] –, a partir de 1947. No ano de 1954 foi inaugurada a linha do bonde 28 que saía da Rua Xavier de Toledo, bem do lado da Light, e subia a Fradique até a Rua Wisard, contornava pela Fidalga e Purpurina e voltava pela Fradique, subindo pela Teodoro Sampaio em direção à Dr. Arnaldo de volta ao ponto inicial[228]. Nesse sentido, as ruas que apresentavam uma certa importância, afora a

---

[225] Cf. PORTELA, Fernando. *Bonde: saudoso paulistano.* 2006. Cf. também O ESTADO DE S. PAULO, 06/01/1903; *ibidem*, 02/08/1909.

[226] Na época, foi noticiado que a repercussão ocasionou conflitos entre os trabalhadores da Viação Paulista que se prostraram no cruzamento das vias, impedindo que as obras da Light continuassem, ocorreram confrontos físicos que foram resolvidos pela cavalaria da polícia. Cf. O Estado de S. Paulo, 13/01/1895.

[227] Ver. *ibidem*.

[228] Ver. LOUREIRO, Edison. *Uma lembrança divertida da Vila Madalena nos idos anos 50*. 2019.

Fradique Coutinho, por ser o local onde se estendia o fim dos trilhos do bonde[229], era a Mourato Coelho e a Natingui, que recebiam as primeiras pavimentações.

Figura 27 – Fragmentos do clip "Rua Augusta", de Ronnie Cord (1963)
Fonte: VIEIRA, Marcos. *Rua Augusta nos tempos do bonde!*[230]

Em 1949, com o crescimento da metrópole, o ônibus a diesel superava as expectativas do bonde elétrico pelo plano de avenidas de Prestes Maia, havia também a promessa para se chegar mais longe e sem os supostos "inconvenientes" das panes elétricas. Essa iniciativa, de substituição da frota, começou na Augusta, depois foram os Jardins que perderam seus coletivos, enterrados por asfalto, simplesmente. Ao longo dos anos de 1950 a extinção do bonde

[229] Ver. PORTELA, Fernando. *Bonde: saudoso paulistano*. 2006. Dos relatos memorialísticos coletados por Squeff, destacamos que as pessoas tinham certa vergonha em dizer que moravam na Vila Madalena, quando questionados sobre o assunto, isso porque aqueles que residiam próximo ao centro não saberiam do que está sendo falado, o que se conhecia popularmente era a região de Pinheiros, então antes que alguém descubra que se mora no humilhante subdistrito de Vila Madalena, encurtava-se a resposta e dizia-se que mora em Pinheiros e pronto. Cf. SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, pp.18-19, *passim*.

[230] Cf. (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XlqldaKCPtI acesso em: dez.2020).

chegava à Zona Norte, Zona Leste e toda a Zona Oeste [figuras 28 e 29], por último os bairros de Pinheiros e Lapa; em seu lugar, asfalto sobre os paralelepípedos[231].

Figura 28 e 29 – (Acima a esquerda) Bonde da Light descendo a rua Fradique Coutinho, enquanto um cachorro se coça nos trilhos. (Acima a direita) Linha de Bonde 1683 que tinha como destino a Vila Madalena. **Fonte:** São Paulo Antiga (s/d)[232], por: Allan H. Berner (1963)[233].

Nesse período, o transporte individual vai se sobrepor ao coletivo e, desse modo, o automóvel torna-se um dos elementos centrais da modernidade e marca também o início dos atos de rebeldia reportados nos jornais da época pelos jovens.

Os “rachas” – as corridas ilegais –, que aconteciam na Augusta durante a madrugada e, muitas vezes, era praticado por jovens menores de idade, a fim de impressionar os transeuntes enquanto frequentavam os restaurantes, cinemas e bares da região. Os jornais notificam a quantidade de espectadores que iam para os arredores assistir o “evento”, além do abuso de entorpecentes[234]. É desse cenário que Ronnie Cord, em 1963, se inspirou compor a música

[231] Cf. PORTELA, Fernando. *Bonde: saudoso paulistano.* 2006

[232] Cf. Disponível em: https://saopaulosao.com.br/conteudos/ensaios/1005-uma-lembran%C3%A7a-divertida-da-vila-madalena-nos-idos-anos-50.html# (acesso em dez.2020).

[233] Cf. Disponível em: https://www.saopauloantiga.com.br/os-bondes-da-cmtc/ (acesso em dez.2020).

[234] Cf. O ESTADO DE S. PAUL0, 19/03/1958

"Rua Augusta", um relato sobre a diversão dos jovens e a vivência perigosa nos automóveis pela rua[235].

"Entrei na rua Augusta a 120 por hora
Botei a turma toda do passeio pra fora
Fiz curva em duas rodas sem usar a buzina
Parei a 4 dedos da vitrina
Hay Hay Johnny
Hay Hay Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo
Hay Hay Johnny Hay Hay Alfredo
Quem é da nossa gang nao tem medo
Meu carro não tem breque nao tem luz nao tem buzina
Tem tres carburadores todos os tres envenenados
Só para na subida quando acaba a gasolina
Só passa se tiver sinal fechado
Toquei a 130 com destino à cidade
No Anhangabaú botei mais velocidade
Com tres pneus carecas derrapando na raia
Subi a Galeria Prestes Maia
Tremendão
Hay Hay Johnny Hay Hay Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo
Hay Hay Johnhy Hay Hay Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo".

- Ronnie Cord (1963).

[235] Cf. O ESTADO DE S. PAULO, 21/03/1961 *apud* PISSARDO, Felipe. *op. cit*., 2013, p.120.

Pode-se dizer que ápice do “exulto ao automóvel” aconteceu na rua Augusta no Natal de 1973, quando a associação dos lojistas decidiu acarpetar toda a extensão da via com um carpete quadriculado por quase um quilômetro, no sentido jardins, para receber seus clientes. A ideia veio da Companhia City, responsável pela urbanização do bairro Jardim América. O slogan para tal iniciativa era: “nosso visitante é tão ilustre, que acarpetamos a rua”[236] [figura 30].

Em decorrência de ações como esta que a rua Augusta, sobretudo em sua vertente Jardins, torna-se símbolo de luxo, distinção, sofisticação e do bom gosto; muito embora ainda não houvesse distinção entre as duas vertentes da rua pela Av. Paulista[237]. A presença constante de figuras conhecidas da alta sociedade e pelas ações midiáticas da época, passa a ser reforçada nas colunas sociais dos periódicos[238], além das vestimentas vendidas na rua marcarem presença em seus editoriais de moda, iconizando, assim, do estilo de vida moderna da elite paulistana[239].

Figuras 30– Rua Augusta acarpetada. **Fonte**: Roosevelt Garcia (2017).

[236] Cf. FOLHA DE S. PAULO. *Augusta está sendo carpetada*, 23/01/1974. Cf. também GARCIA, Roosevelt. *Quando a Rua Augusta foi acarpetada para o Natal: Ação ousada dos lojistas é lembrada até hoje.* 19/12/2017.

[237] Cf. *ibidem*, 21/06/1956, p.09.

[238] O periódico “Augusta Chic”, de 1958, servia como retrato do cotidiano jovem na rua, reportando os eventos que movimentavam a região e evidenciando os gostos e rotinas das garotas de elite que frequentavam a rua. Além dessas utilidades, a revista servia como uma mídia privilegiada de anúncios dos estabelecimentos da região que tinham o jovem como público-alvo. Ver. BRITTO, Lemos. *Augusta Chic.* 2008.

[239] A rua passa a ser associada a um universo de sofisticação e luxo que vão tomar um endereço ali uma garantia para que a marca fosse associada a esse universo e tenha uma maior receptividade com o público de classe média alta e elite. Multiplicam-se o número de estabelecimentos na rua em toda a sua extensão, com um destaque para agências bancárias, butiques, lojas de móveis, cinemas e eletrônicos. A valorização na imagem da rua foi acompanhada também por um aumento no preço de aluguel e compra dos imóveis, dificultando o acesso a estabelecimentos menores e com um baixo investimento inicial. A demanda de estabelecimentos que desejam se instalar na região fica maior que o espaço disponível, incentivando comerciantes e investidores a buscar um melhor aproveitamento de espaço, resolvido provisoriamente com a implantação de sobrelojas e a subdivisão de espaços comerciais. Cf. PISSARDO, Felipe. A rua apropriada: Um estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 – 2012). 2013, p.104.

2.1.4 Gentrificação: o setor comercial, a boemia e a vida noturna.

Em meados dos anos 1950, percebe-se a intensificação do trânsito no Baixo Augusta e, em decorrência disso, os problemas enfrentados no estacionamento dos carros, que conduz a algumas mudanças no comércio da região. A fim de evitar múltiplos deslocamentos, a aglutinação de diversas atividades em um único complexo passa ser necessária. Assim, a otimização do espaço, com a verticalização, leva grandes investidores a empreender na construção de centros comerciais que agregassem diversas lojas, importando para a rua a ideia das galerias e dos shopping centers.

Destaca-se, nesse sentido, a iniciativa pioneira do Conjunto Nacional, projetado pelo arquiteto David Libeskind e inaugurado em 1956. A ideia inicial era de que o espaço servisse como um shopping center e, ao mesmo tempo, um centro de lazer para o paulistano. Mas, diferente dos outros empreendimentos que surgiam na rua, esse edifício multifuncional que, até hoje, ocupa a totalidade da quadra, agrega em seu volume mais horizontal, distribuídos em três pavimentos: comércios, com galerias de lojas, livrarias, restaurantes, bancos e cinema, além do terraço jardim, concebido como uma grande praça pública; já o volume vertical, concentra distintos como escritórios, consultórios, residências[240] e até academia de ginástica [figura 31].

Já as galerias comerciais, que existiam no centro de São Paulo, começaram a ser construídas na década de 1960 na rua com intuito semelhante de otimizar o espaço e abrigar diversas lojas. Começa a ser publicado nos jornais da época[241], uma série de reportagens expondo os

---

[240] Ver. IACOCCA, Ângelo. *Conjunto Nacional - a Conquista da Paulista.* 2004. Ver também BRASIL, Luciana Tombi. *David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares.* 2007.

[241] Ver. O ESTADO DE S. PAULO. “Galeria Augusta Shopping (anúncio)”30/08/1960; “Rua Augusta, no melhor ponto: lojas e sobrelojas” 24/10/1961, p.07.

problemas de fazer as compras ao ar livre e os benefícios da concentração de lojas em galerias e centros comerciais. Esses empreendimentos buscavam atrair consumidores pela comodidade oferecida nas compras feitas dentro de um único estabelecimento coberto, além de prevenir o desconforto, em exaustivas caminhadas, seja pela chuva ou pelo sol forte, seja pelas subidas e pelas descidas, e, sobretudo, pela dificuldade de estacionamento que atormenta a vida de quem vai às compras[242].

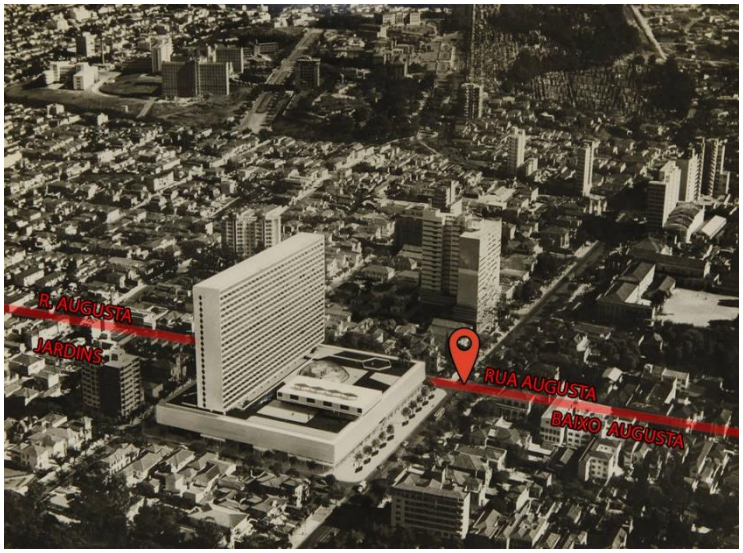


Figura 31 – Conjunto Nacional e a relação com a Rua Augusta. Fonte: ESTADÃO. Disponível em: https://fotos.estadao.com.br/fotos/casa,88-anos-david-libeskind-arquitetura-temporal-no-conjunto-nacional,675025 (acesso em: dez.2020).

Em 1965, a construtora Alfredo Mathias encomendou uma pesquisa para verificar a atratividade comercial da região dos Jardins, para a compra de um terreno para a construção do shopping e constatou que a população residente nos bairros Jardins e Pinheiros, correspondia a menos de um quinto da população e detinha metade dos automóveis registrados na cidade[243]. É nesse cenário que surge o Shopping Iguatemi, inaugurado em 1966, que vai catalisar o público e a demanda do comércio de luxo na cidade. A propaganda difundida na

[242] Como exemplos dessa tipologia, foi sendo inaugurado as galerias: Le Village (1959), Augusta Shopping (1960), Ouro Velho (1960), e Ouro Fino (1961), que era voltada para a moda e o frequentador de elite. Estilistas, como o Clodovil, no começo de sua carreira, teve seu atelier de costura na Le Village. Cf. PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, pp.106-107.

[243] Cf. O ESTADO DE S. PAULO, 14/02/1965 *apud*, PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, p.108.

época, para o investidor e grandes marcas, tinha como principal argumento o lucro garantido, sobretudo pela clientela de alto poder aquisitivo residente do entorno[244]. Na medida em que a rua Augusta era sua referência, era também sua concorrência, pois diversos estabelecimentos abriram uma filial no Iguatemi e mantiveram seu espaço na Augusta. Somente no fim dos anos 1960, com o aumento da criminalidade a elite se afasta da rua, refugiando-se na segurança dos espaços fechados dos shoppings centers.

Em face a periculosidade nas ruas, houve desvalorização imobiliária e muitas destas construções que abrigavam as grifes deram espaço a prostíbulos, que se identificavam como "casas de massagem", "casas de banho" ou "*american bar*". E eis que surge os prostíbulos no início dos anos 1970 e que perduraram até o fim dos anos 1990. A prostituição desvalorizou, mas criou marca [figuras 32 e 33]. Os maiores frequentadores destes estabelecimentos eram executivos que visitavam a cidade a negócios. E foi justamente isso que levou a rua a ser um dos principais pontos de lazer da noite paulistana.

Nesse período, atenua-se o contraste na rua, o lado central e o lado jardins, dividida pela avenida paulista. As diversas ações comerciais e urbanas, como atapetar a rua pelo comércio de luxo, foram ações que acentuavam a imagem do lado jardins, mas esse esforço não conseguiu reaver seus clientes, implicando no fechamento de diversos estabelecimentos; enquanto isso, o lado central era visto como deteriorado e pobre, por se abrir para uma forma de comércio mais popular.

---

[244] Cf. PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, p.108.

Figuras 32 e 33 – Travestis prostrados no meio da rua: **r**etrato da prostituição na Rua Augusta, que criou marca. **Fonte:** Cortesia do fotografo Jorge Hynd (2018).

A comodidade de fazer compras e se divertir em um ambiente seguro, fechado, livre das intemperes do tempo, onde poderia se encontrar "de tudo" e não ter problemas para estacionar o automóvel, vai ganhar grande aceitação entre a classe média alta e a elite da época[245]. Tomando como referência o Iguatemi, a construtora Moraes Dantas, inaugura em 1969, o Shopping Center 3, na confluência entre a Av. Paulista e as ruas Luiz Coelho e Augusta[246].

Mas o divertimento não se limitava as compras. Os espaços de entretenimento, como cinemas, teatros, bares e boates, ganham bastante importância no cotidiano dos jovens desde a década de 1940 e vai se constituir, enquanto *lugar* privilegiados de sociabilidade. Essa ebulição social e cultural, emerge em face do pós-guerra, sobre as novas valorações da vida[247]. Somente a partir da segunda metade da década de 1960 e durante toda a década de 1970, que

---

[245] O ESTADO DE S. PAULO, 05/12/1969, *apud* PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, p.111.

[246] O edifício do shopping agregava tanto as funções de comércio para a população em geral, como escritórios de serviços para empresas. Cf. *Ibidem,* 03/11/1969, *ibidem*.

[247] Na cidade, ainda há muito o que explorar, seus recantos, meandros o desafio das distâncias e o subir e descer a colina. Sair do espigão, vencer as ladeiras, margear as várzeas, ganhar o centro e abraçá-lo, são gestos marotos e exploratórios que se perdem na dimensão do crescimento urbano. Cf. GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940 - 1950).* 1998, p.145. Cf. também VERGUEIRO, Laura. *O lazer e a diversão em São Paulo: o entreguerras.* 1979, pp.75, 114, 158, 188 e 326.

o cinema de rua entra em uma crise de público; a baixa venda de ingressos justifica-se em função dos problemas enfrentados pelo trânsito intenso na rua e pela falta de estacionamento[248]. Frente a essa problemática, alguns cinemas, mudaram a estratégia de exibição dos filmes para um tipo de "cinema de arte alternativa", e nisso tiveram êxito na aceitação do público universitário e amantes de cinema que buscavam opções fora do circuito tradicional hollywoodiano[249]; eis que surge um outro tipo de público frequentador, uma outra demanda com outras necessidades.

Durante esse período, os cinemas da rua passam a caracterizar pequenas centralidades e pontos de referência locais, sendo comum observar na proximidade aos cinemas e a quantidade de estabelecimentos visando atrair o público que entrava e saía das sessões, como bares, lanchonetes e restaurantes, abrem ao redor dos cines.

O comportamento rebelde incorporado pelos jovens, seja pelo cinema e/ou pelo estilo *rock'n roll,* passava por uma discussão social que refletia nas configurações espaciais. Os estabelecimentos de voltados ao lazer e entretenimento, apropriavam-se de sobrados antigos adotando cores escuras, assumindo o picho e o grafite nas fachadas, que contrastam com letreiros luminosos e o neon.

O notório contraste do período, no que se refere aos estilos urbanos, é a confluência entre o *underground* (o submundo) e a elitização que acontece entre Augusta e Paulista, pois na década de 1970, em meio à crise, há uma mudança na centralidade econômica na cidade e a região da Av. Paulista aparece com o importante papel de "centro novo", essa representação,

---

[248] Decorrente do congestionamento de veículos, houve diminuição de quase 50% de seu público frequentador desses espaços. Cf. ESTADO DE S. PAULO, 15/12/ 1967, *apud* PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, p.115.
[249] Cf. *Ibidem*.

tanto física quanto simbólica, se observa com a eleição da avenida enquanto imagem da cidade de São Paulo na projeção global, promovida pelo Banco Itaú[250], retirando do distrito da Sé essa valoração.

Enquanto isso, novos bairros boêmios se fortalecem a partir da década de 1970 e 1980, como a Vila Madalena, em Pinheiros, em função dos bares e da enorme densidade demográfica de estudantes da USP e intelectuais de esquerda, além do Bixiga que concentrava diversos teatros e era um centro de sociabilidade e diversão de jovens e artistas[251].

> "A situação econômica brasileira, porém, muda na virada do século. Desde a década de 1990, São Paulo em especial passará a desempenhar um papel importante na reorganização da economia mundial. Mesmo com a crise econômica mundial que se instaura na década de 2000, em parte, como consequência desses processos, as políticas de "revitalização" das áreas centrais, inicia-se na rua Augusta uma mudança na forma de ocupação do espaço. Essa mudança se refletirá não somente na transformação da paisagem edificada da região, como na transformação de seus usos e público frequentador, a princípio ligado aos resíduos da grande vitalidade cultural, social e boêmia das décadas anteriores, assim como à popularização e mesmo à precarização e marginalização das novas atividades e seus frequentadores, a que mais recentemente viriam a se somar contingentes de classe média e alta, principalmente no período noturno. Grande repercussão midiática, viriam a configurar uma espécie de região moral da cidade intitulada "Baixo Augusta", que logo convergiriam para a revalorização imobiliária da região que, por sua vez, vai influenciar em novas transformações espaciais e sociais[252].

Como insistem os moradores mais antigos[253], iniciava-se o ciclo dos *hippies*, pois foi assim que passaram a denominá-los. Desse movimento iniciado nos anos 1960, se sabia, remotamente, que constituíam mais que uma moda importada dos Estados Unidos. Tratava-se,

---

[250] Cf. FRUGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. 2000, p. 36.

[251] Ver. VERGUEIRO, Laura. O lazer e a diversão em São Paulo: o entreguerras. 1979.

[252] Cf. PISSARDO, Felipe. *op.cit.,* 2013, p.127.

[253] Informação verbal conferida pelo morador conhecido como "Paulinho Roque". N. do A.

também, do ativismo estudantil em prol dos direitos humanos, da liberdade e da proteção do meio ambiente, que coincidiu com o surgimento da cultura da droga, de liberdade sexual, do rock e do pacifismo – a *contracultura*. A exploração do espaço cósmico, que se iniciou gloriosamente na década de 1960 e malograria vinte anos depois.

Foi na *hipponga* década de 1970 que a Vila Madalena começou ficar um pouco mais agitada, sobretudo à noite [figura 34]. Os aluguéis então baratos e a proximidade com a Universidade de São Paulo começaram a atrair artistas e estudantes, que encontraram residência em pensões e casas antigas convertidas em repúblicas – a USP havia se transferido da rua Maria Antônia para a Cidade Universitária, no Butantã, na década anterior[254].

Figura 34 – Trupe hippie circense na primeira feira da Vila, 1980. **Fonte:** SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, p.111.

Em depoimento ao programa Memórias do Comércio, do Museu da Pessoa, o morador Robson lembrou que, naquela época, ainda tinha gente que se sentia envergonhada de dizer que morava nesse bairro barato, de estudantes[255].

É a partir desses fenômenos todos, que não se sabe bem de onde nem quando precisamente, mas certamente atraídos pelos aluguéis de baixo custo e com uma infraestrutura

[254] Cf. LEMBRARIA. Coleções museu da pessoa: Comer e beber a cidade: na Vila Madalena, antes da boemia. Publicado em: 27 Out.2016, disponível em: https://lembraria.com/2016/10/27/comer-e-beber-a-cidade-na-vila-madalena-antes-da-boemia/ (acesso em dez.2020).

[255] Cf. *Ibidem*.

urbana básica que, um dia, mas sobretudo à noite, "como que migrados de um país distante, sobrevieram os barbudos e as moças com cabelos compridos e batas transparentes"[256].

Em 1985, a noite da Vila Madalena já mostrava algum movimento. Um lugar em especial, o Bar da Terra, havia feito enorme sucesso anos antes, e empurrado a inauguração de outros, como o Martín Fierro, na Wisard. A fama desse último ganhava musculatura no sucesso de suas empanadas, e, também, na frequência de vizinhos célebres, como Raul Seixas[257].

Figuras 35 – Esquina das ruas Fradique Coutinho e Wisard, onde se vê o Bar Empanadas, na década de 1990. **Fonte:** SQUEFF, Enio. *op. cit.,* 2002, p.110.

Por essa conjectura de usuários, na Vila, talvez, as coisas fossem realmente diferentes[258]. A chegada de artistas, com suas namoradas ou mesmo dos homossexuais com seus parceiros, aqui eles não eram mal-vindos e malvistos, não apenas pelo fato de que eles movimentaram na modesta economia local e dos bares que começavam a pipocar, mas pelo

[256] Cf. Cf. LEMBRARIA. Coleções museu da pessoa*. Op.cit.,* 2016. p.*website*.
[257] Cf. *Ibidem*.
[258] Sobre a obra de Enio Squeff (2002, pp.73-80 e pp.113-122), no capítulo 6: "*Sobre os que chegam com a noite e que, apesar das barbas e dos cabelos crescidos, não assustam ninguém – nem os tementes a Deus*", e no capítulo 10: "*De como Ana que saiu do frio encontrou o rio na Vila Madalena; de onde o Carlito teve a sua resposta no José Luís Pena: mamá, todo cabeludo é bicha?"*, o autor faz uma abordagem mais aprofundada sobre o perfil dos usuários da Vila entre meados das décadas de 1960-1980s. N do A.

que eles já constituíam com suas tradições. Esse público, começou uma outra história na história da Vila Madalena, com uma vertente específica em busca de lazer e entretenimento.

2.1.5 Territorialidades coletivas, arte urbana e o lazer.

Na conjectura dos anos 1980-90, que a história dos dois bairros boêmios se entrelaçaria pelas apropriações simbólicas e pela vocação dos usos urbanos da efervescência cultural que esses territórios abrigariam.

A São Paulo alternativa, que se concentrava na Vila Madalena e na região da Augusta, vibrava em reação aos conservadores da gestão do então Prefeito, de pela segunda vez, Jânio Quadros (1986-1988). Esses locais, em especial a Vila, se tornava um símbolo de resistência e vanguarda, em uma espécie de território livre de uma cidade que sentia a necessidade de se despir da caretice avassaladora moralista, que se libertava através da arte e da noite[259].

Com a gestão de Luiza Erundina (1989-1993), muitos dos símbolos da Vila foram incorporados à cidade, e um dos mais emblemáticos exemplos foi o painel (grafite) realizado pelo artista plástico Rui Amaral no túnel conhecido como “o buraco da Paulista”[260] [figura 36].

Figura 36 – Grafite que liga as Avenidas Doutor Arnaldo, Rebouças e Paulista. Fonte: por Luigi Stavale/Veja SP (2017). Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/maiores-paineis-arte-rua-grafite/ (acesso em dez.2020).

[259] A obra foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Cultural da Cidade, por iniciativa de Marilena Chauí, secretária da cultura na ocasião. Cf. YOUSSEF, Alê. *op.cit*., 2019, p.35.

[260] Toda a bibliografia anterior a esse período é escassa nas questões de lazer e boemia. Cf. *Ibidem*, p.36.

Por referência aos grafites que faziam parte do circuito efervescente da Vila Madalena, consubstanciavam um circuito entre: "a cerveja do boteco do Bar Empanadas; o *hype* de do ateliê do artista Zé Carratú; as intervenções provocativas do coletivo de arte urbana "Tupinãodá"; e os passeios ao Beco do Batman"[261] [Figura 37 e 38].

Figura 37 – Ilustração do Beco do Batman. **Fonte:** Rafael Castilho (2020). **Disponível em:** https://www.melhoresdestinos.com.br/beco-do-batman-sao-paulo.html (acesso em dez.2020).

Figura 38 – Ilustração do Beco do Batman. **Fonte:** Rafael Castilho (2020). **Disponível em:** https://www.melhoresdestinos.com.br/beco-do-batman-sao-paulo.html (acesso em dez.2020).

[261] Espaço que ganhou esse nome por ter um tal Batman, de Numa Ramos e Jorge Tavares, que deu nome ao beco. O Batman original não existe lá faz muito tempo, tampouco se tem registro do original, muitos artistas deixam no beco suas contribuições e, normalmente, fazem referência ao herói. Cf. YOUSSEF, Alê. *op.cit.*, 2019, p.35.

Na virada dos anos 1990 para os anos 2000, a vida noturna começou a buscar novos ares transgressores e encontrou refúgio no Baixo Augusta. Por falar em "Baixo Augusta", foi no dia 06 de fevereiro de 1994, que apareceu pela primeira vez a expressão "baixa Augusta" no jornal O Estado de São Paulo, por Caio Fernando Abreu[262], que escolheu a palavra "baixa" para diferenciar a parte mais transgressora, do pedaço mais razoavelmente civilizado, da Rua Augusta[263].

Novamente, grupos de estudantes universitários alugavam as casas de prostituição e promoviam eventos não convencionais em busca de novos ambientes transgressores[264], pois a sociedade já havia se acostumado ao estilo hippie, e isso era pouco impactante. Com isso, abriu-se uma nova frente de atividade econômica para a região, que era voltada mais para um lazer boêmio-despudorado.

Não demorou muito para a região ter seu próprio roteiro. No início dos anos 2000 foi aberto o primeiro clube noturno nesse território, a Jive, que ficava na rua Caio Prado, entre as ruas Augusta e Consolação. Com o sucesso das noites animadas da Jive, que proporcionou uma interessante mistura de classes sociais, por meio da cultura, da noite e da experimentação musical, surgiram outros clubes dedicados ao estilo na região, inclusive na Vila Madalena[265].

Subindo a rua, no sentido Av. Paulista, situa-se, até hoje (2020), na rua Frei Caneca, próximo a Peixoto Gomide, a casa "A Loca". O clube se autointitulou "mais *under* do que o

---

[262] Cf. O ESTADO DE S. PAULO, 06/02/1994.

[263] Abreu se referenciou nesse tipo de efervescência cultural dos bairros cariocas "Baixo da Gávea" e "Baixo Leblon" para compor o apelido para esse lado da rua. Cf. YOUSSEF, Alê. *op.cit*., 2019, pp.38-39.

[264] Cf. *Ibidem*, p.57.

[265] Cf. *Ibidem*, p.59.

ground" – mais baixo que a terra –, como trocadilho para expressar o seu ambiente "ultra transgressor"[266].

Por fim, no final da rua Augusta, nas proximidades com a rua Martinho Prado, outro ponto de encontro surge: O clube Xingu, um marco para a vida noturna da cidade, sobretudo por questões ligadas a moda[267].

A partir daí outras iniciativas surgiram, como o clube Vegas, o Inferno e o Sonique, este último é um dos clubes mais bonitos de toda a Cidade – o projeto desse espaço é assinado por um dos mais prestigiados escritório de arquitetura: Triptyque, referência estética em design no mundo todo – entre tantos outros clubes que não para de surgir na região[268] que, a propósito, e por tudo isso, poderia facilmente ser a musa inspiradora de Metamorfose Ambulante, de Raul Seixas. O cantor trocou os ares da Vila Madalena para morar no Baixo Augusta nos últimos anos de sua vida, iconizando o Edifício Aliança [Figuras 39 e 40].

Figuras 39 e 40 – Edifício Aliança. **Fonte**: à esquerda, Celso Tavares/G1[269], e direira, Sérgio A. Santos Jr. (2019).

[266] Cf. YOUSSEF, Alê. *op.cit*., 2019, p.60.
[267] Cf. *Ibidem*, p.60.
[268] Cf. *Ibidem*, p.91, *passim*.

[269] Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/21/morte-de-raul-seixas-completa-30-anos-veja-lugares-de-sao-paulo-onde-o-maluco-beleza-viveu.ghtml (acesso em: dez.2020).

Em paralelo a isso, é nos anos 2000 que também se inicia uma nova tradição na Vila Madalena. Algumas casas de show cediam seu espaço para os artistas ensaiarem e criarem durante o dia e de noite realizar suas apresentações. Com isso, a noite iniciava com "os esquentas" animados em outros pontos, como na Mercearia São Pedro e os shows nos clubes eram "empurrados" madrugada adentro. Fenômeno semelhante acontece até hoje no Baixo Augusta, na padaria Augusta Bakery e no restaurante Athenas[270].

Nota-se que o entrelaçamento histórico desses dois bairros começa a se intensificar na primeira década dos anos 2000, sobretudo pelos clubes, talvez o mais notório deles seja o Studio SP, inaugurado na Vila Madalena em 2005, na rua Inácio Pereira da Rocha, e que migrou para o Baixo Augusta em 2008[271].

Nesse contexto, de um ambiente festivo, que o Baixo Augusta começou aos poucos transformar, na medida em que catalisava, o público – é o urbano transformando o Eu-social por meio das ações comportamentais. Iniciou-se, assim, uma espécie de fetiche da juventude da cidade em conviver com a ilegalidade e *a*-diversidade de um ambiente livre e *underground*, observando contraversões pelas calçadas, como prostituas e gente esquisita das mais variadas tribos nas filas, passam a ser parte da ideia de "curtir a noite paulistana".

---

[270] Cf. YOUSSEF, Alê. o*p.cit.,* 2019, pp.80 e 91.
[271] Cf. *Ibidem, passim.*

E a ideia de “Baixo Augusta”[272], enquanto “abairramento”[273], é relativamente recente, surge em 2008 e ganha maior destaque social e midiático com a criação do bloco carnavalesco “Acadêmicos do Baixo Augusta” em 2009. E este é o último tópico que vamos abordar do remonte histórico: o carnaval.

Em 2009, empresários, artistas e frequentadores do Baixo Augusta debatiam sobre a força da cultura alternativa e a lotação, cada vez maior, de como as pessoas “transbordavam” nas calçadas dos bairros boêmios e como estes tinham se transformado numa verdadeira praia paulista[274]. E começaram a imaginar estratégias de como estender aquela agitação toda para o meio da rua, ou seja, ocupar o lugar do engarrafamento e do estresse cotidiano, com pessoas e alegria. Eis que surge a inusitada ideia de criar um bloco de carnaval em São Paulo[275].

Inúmeros foram os embates políticos-administrativos que tal projeto passou, seja por implicações técnicas de percurso, seja por segurança pública, seja por vontade política de uma decisão que reverberaria na cidade como um todo. A importância dessa articulação política fez surgir o “Manifesto Carnavalista” no final de 2012, liderado por grupos carnavalescos diversos, mas que, na sua maioria, eram da Vila Madalena e que o “Acadêmicos do Baixo Augusta” fazia parte [figuras 41 a 45].

---

[272] Cf. YOUSSEF, Alê. *Baixo Augusta. A Cidade é nossa*. 2019, pp.37-38.

[273] Quando se fala no Baixo Augusta, na verdade, está se falando da rua Augusta, haja vista que as ramificações viárias que confluem para ela raramente sabemos precisar, mas seus limites são facilmente reconhecidos, pela Av. Paulista, rua da Consolação, Frei Caneca e Praça Roosevelt. N. do A.

[274] Alexandre Youssef narra que tal “debate”, muito animado, aconteceu em um casamento, regado a *drinks* e cervejas. Cf. YOUSSEF, Alê. *op.cit.,* 2019, p.99.

[275] Cf. *ibidem.*

Figuras 41 e 42 – A esquerda, Bloco Vou de Táxi, concentração na rua Fidalga. A direita, Bloco Bando 7, no cruzamento da Rua Girassol com a Rua Purpurina. **Fonte:** http://www.vilamadalena.com.br/carnaval (acesso em dez.2020).

Figura 43 – Desfile do Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd (2018).

Figura 44 – Destino final do bloco Acadêmicos do Baixo Augusta, nas proximidades da Praça Roosevelt e igreja da Consolação. **Fonte:** https://www.facebook.com/photo/?fbid=10158064814057456&set=a.10150789606577456 (acesso em dez.2020).

Figura 45 – Painel pintado por Rita Wainer para o desfile do bloco carnavalesco "Acadêmicos do baixo Augusta" em 2017, que representa uma mulher altiva de punho erguido, símbolo de luta, resistência e múltiplos significados. **Fonte:** BAHIA, Marcia. *Rita Wainer: arte urbana em grande formato.* 2017. **Disponível em:** https://lulacerda.ig.com.br/rita-wainer-arte-urbana-em-grande-formato/ (publicado em: 21/09/2017). Acesso em (jul.2019).

Com efeito, a energia boêmia desses dois bairros gerou um dano colateral indesejado: a especulação imobiliária. Aproveitando de toda a infraestrutura existente das proximidades desses locais, mais o lazer, fez com que muitas construtoras levantassem prédios os valores dos aluguéis foram reajustados para as casas noturnas. Com preços elevados, houve a dificuldade em manter os estabelecimentos da cultura alternativa nas regiões, o Baixo Augusta a diversidade ainda se mantém, mas na Vila Madalena houve um processo de gentrificação que afastou o público e o comércio de menor poder aquisitivo [figura 46].

Figura 46 – Mapeamento dos edifícios da incorporadora Idea!Zarvos na Vila Madalena.

Fonte: https://ideazarvos.com.br/pt/2019/03/01/ (acesso em mar.2019).

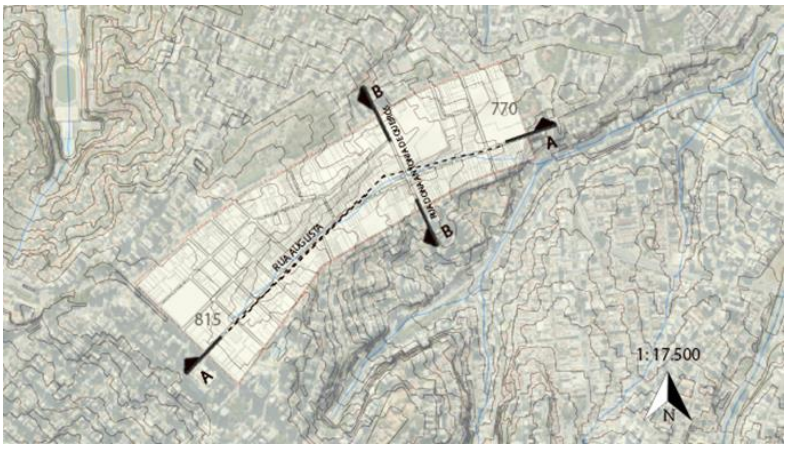
2.2 PARTE 2 – FUNDAMENTOS DE PROJETO EM ARQUITETURA E URBANISMO PARA CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO.

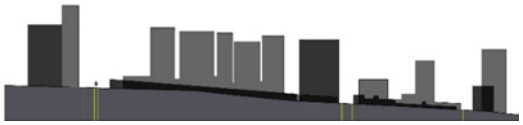
Para caracterizar as áreas de estudo na contemporaneidade (2020), pelo tocante de nosso campo de atuação e da disciplina a que essa tese se dedica, decidimos elaborar exercícios de projeto em arquitetura e urbanismo, sob a seguinte ordem:

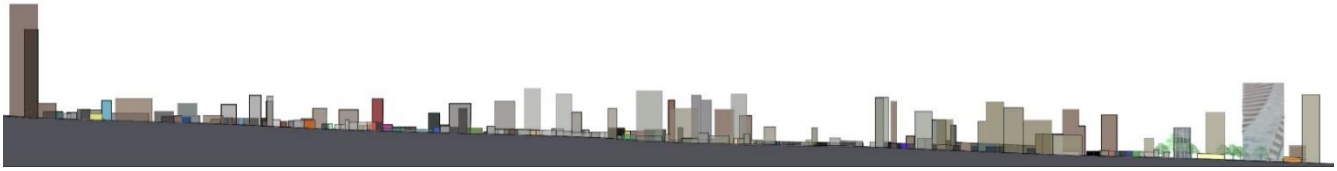
- **Diário de bordo** – por meio dessa ferramenta, registramos nossas impressões e nuances da imersão em campo, referente a observação assistida e participante das interações entre o vivido, as atividades praticadas e o espaço público, que, posteriormente, foram categorizadas e quantificadas;
- **Levantamento da morfologia urbana** – essa etapa consiste em mapear o uso do solo para tabulação dos dados, visando conhecer quais atividades aparecem com maior intensidade e o nível de diversificação ou especialização das áreas.
- **Recintos urbanos** – visa estabelecer relações de como o corpo humano (psique) funciona e reage ao ambiente inserido (forma urbana); por meio dos mapeamentos, identificamos os locais de maior concentração do público e verificaremos se há relação direta entre a forma urbana e o privilégio desses espaços pelo público.

Com isso, nossa pretensão é estabelecer vinculações entre as organizações e aglomerações desses organismos – social, econômica e espacial –, os quais dialogam com a temática do lazer, seja físico, funcional e/ou simbólico. Nossa intenção é investigar esse conjunto de qualidades e atributos no/do espaço – o que os favorece? –, por meio do qual esses agentes todos produziram e produzem tais espaços.

2.2.1 Diário de Bordo: Baixo Augusta.







Figuras 47 – Imagem satélite do Baixo Augusta em destaque e com as indicações do corte longitudinal (Rua Augusta) e transversal (R. Dona Antônia de Queirós) e camadas de curva de nível mestra aparente, skylines e maquetes. **Fonte:** GeoSampa (2017). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

2.2.1.1 Rua Frei Caneca

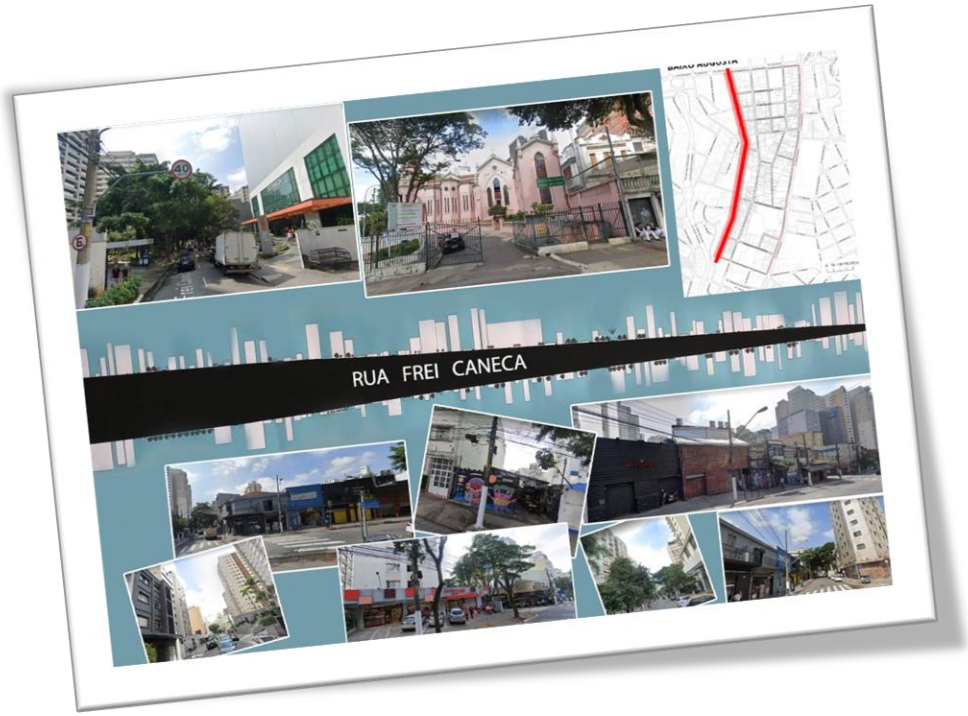


Figura 48 – Caixa da Rua Frei Caneca. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

Iniciamos este percurso na Av. Paulista e descendo a rua Frei Caneca até a rua Caio Prado. Nota-se que esse primeiro quarteirão traz uma atmosfera de insegurança ao público sobretudo no período noturno, pois ali não há estabelecimento que catalisam pessoas, como os bares, o que não acontece durante o dia, pois este pedaço da rua está sendo destinado preferencialmente ao setor de serviços. Há que se considerar também que, justamente pelo movimento ser menor no período noturno, alguns moradores de rua e usuários de drogas ilícitas habitam o local, além disso, crianças são vistas pedindo dinheiro e, as vezes, de modo não raro, são usadas como distrações para furtos e roubos.

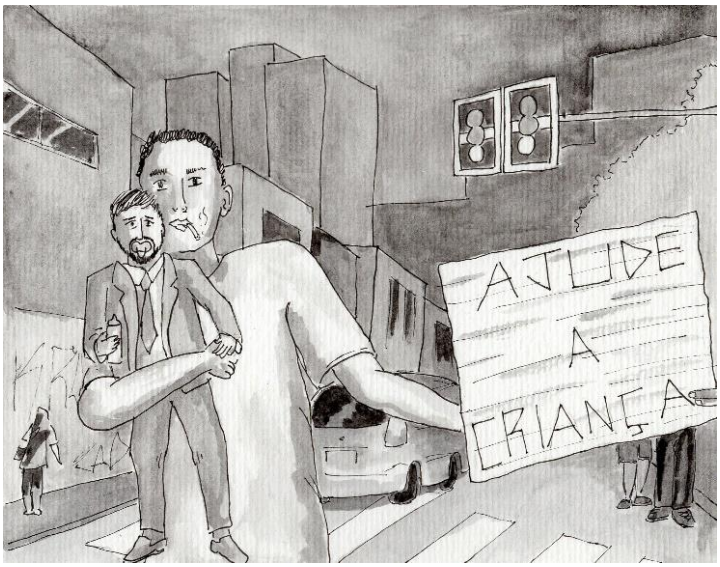


Figura 49 – interpretação urbana da Rua Frei Caneca. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

Descendo a rua começam a surgir os bares que parecem direcionar as pessoas para a rua Augusta e compor o circuito da diversão dos bares e baladas. Descendo um pouco mais o Baixo Augusta por essa rua, tem-se a Paróquia do Divino Espírito Santo da Frei Caneca, que fica na frente do Calçadão Urbanoide. É a partir desse ponto, e com o shopping, que o movimento gay começa a ganhar representatividade na região, sobretudo em virtude das saunas que os têm como público-alvo [figuras 50 a 52].

Figura 50 – Flayer da peça: "Os Rapazes da Rua Augusta". **Fonte da Imagem:** arquivo pessoal (2019).

A peça teatral "Os Rapazes da Rua Augusta" ilustra bem a temática da prostituição masculina. De acordo com o diretor Roberto Freitas, na cidade de São Paulo, essas "casas de banho masculino" iniciaram suas atividades nas proximidades da Praça da República, entretanto essa atividade se consolidou na Rua Frei Caneca. Mas então o que isso tem a ver com a peça "Os Rapazes da Rua Augusta"? Trata-se de um título de efeito, sobretudo midiático, que fama da Rua Augusta tem no imaginário social, dentro e fora do país, oriundo da prostituição feminina, entretanto as inspirações são provenientes das cenas da rua Frei Caneca. De fato, hoje, se sabe que os garotos de programa dividem espaço com mulheres e travestis, dentro e fora dos limítrofes do Baixo Augusta, muito embora a prática seja proibida no Brasil.

Figura 51 e 52 – aglomerações entre as boates e saunas na rua Frei Caneca. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

2.2.1.2 Rua Augusta

Figura 5 – Caixa da Rua da Augusta. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração/Edição:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

Na rua Augusta, além da variedade das tribos sociais urbanas, a diversidade de usos do edificado reflete a diversidade arquitetônica, com suas temporalidades e códigos visuais que compõem o cenário da região. De fato, a sequência viária assemelha-se a uma montagem cinematográfica que se desenvolveu misturando espaços e tempos diversos, tratando, ao invés de um único plano coeso, um filme sem cortes de espacialidades distintas entre si, sempre na mesma rua, tornando-a sempre ela, mas nunca a mesma[276].

Seria redundante detalhar tudo o que tem na rua Augusta ou dizer que nela tem de tudo e em todos os aspectos. O que se destaca são as casas noturnas dedicadas aos mais variados estilos musicais, cinemas com programação fora do circuito comercial, e as calçadas tornam-se espaços de diversão e sociabilidade, onde é encenado um exclusivo "balé das calçadas[277]" que só se vê por aqui, por vezes, e não raro, torna o espaço de passagem, local de

[276] Ver. CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* 2004.

[277] O discurso sobre o "balé das calçadas" foi enredado por Jane Jacobs, entre muitas passagens, destacamos: "O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações". Cf. JACOBS, Jane. *op.cit.* 1960, p.52.

permanência; esses são alguns dos elementos que destacam, na medida em que compõe, a cena sociocultural ali existente, atuante como marco da contracultura.

Figuras 6 – A Noite, o público e o movimento na Rua Augusta. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

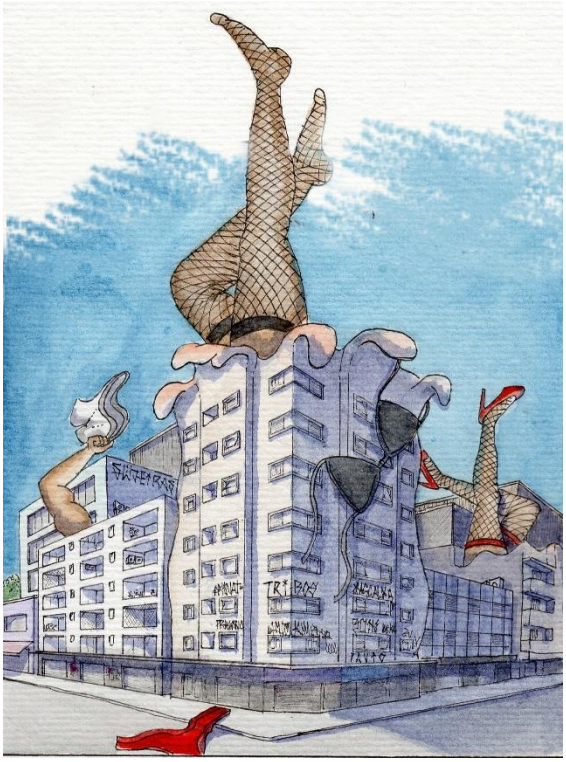
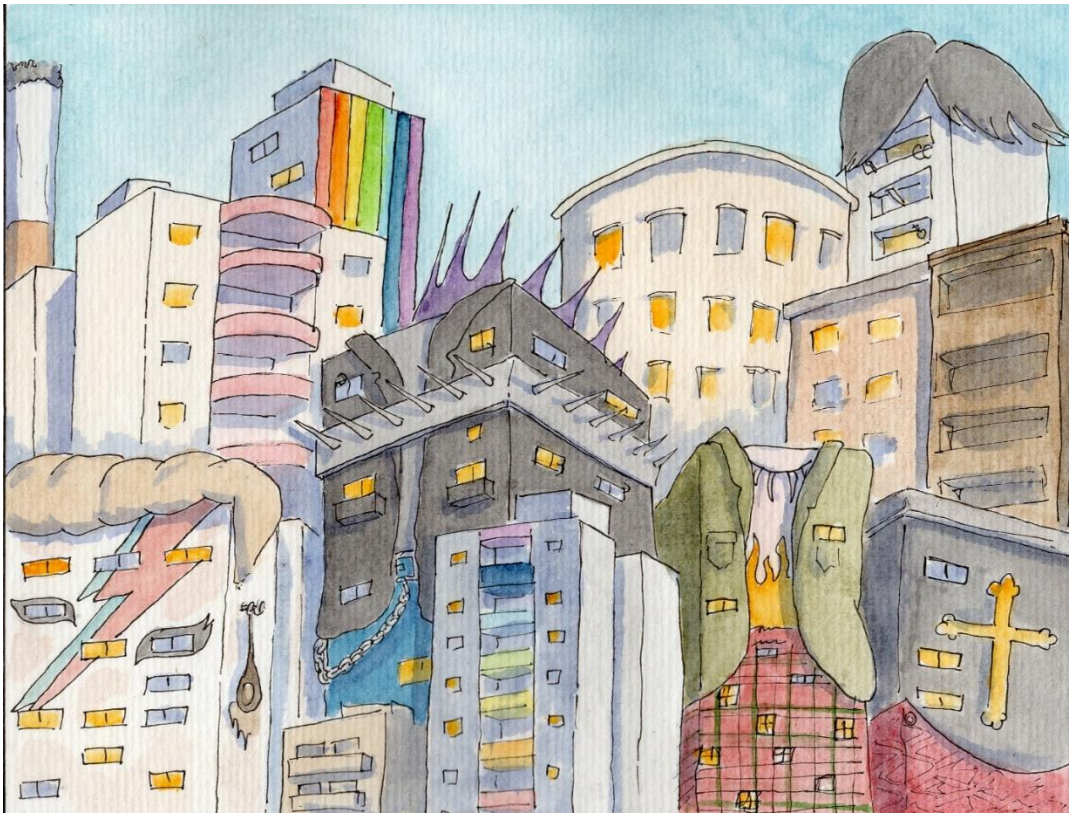


Figura 7 e 8 – Interpretação urbana da Rua Augusta.
Elaboração: Pedro H. N. Patelli (2020).



2.2.1.3 Rua da Consolação

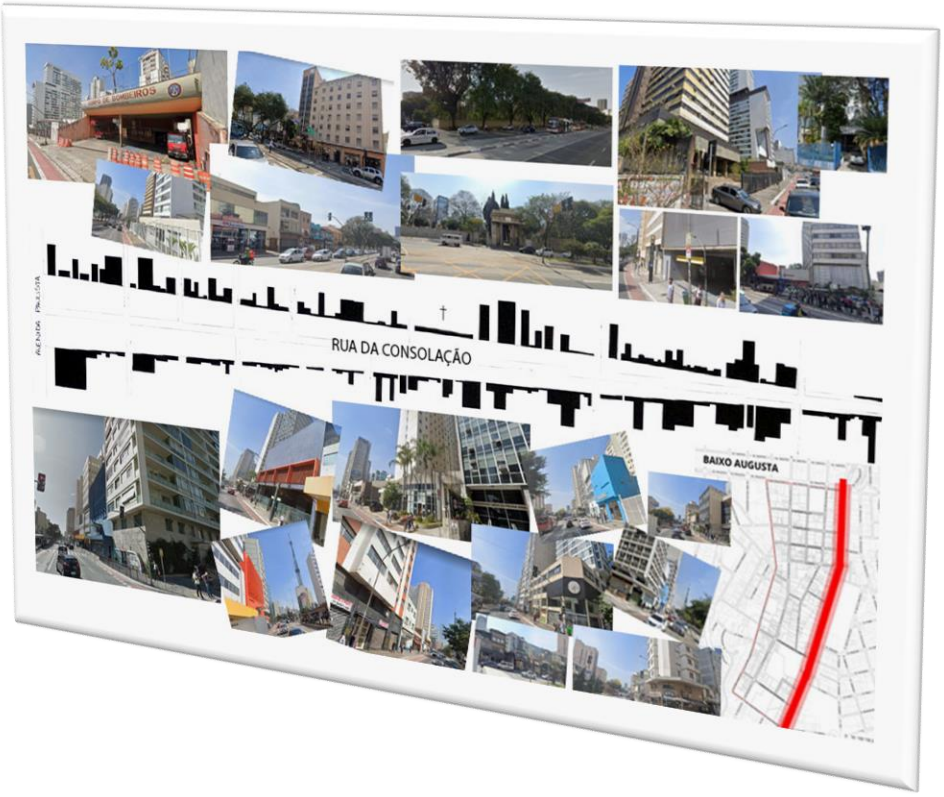


Figura 9 – Caixa da Rua da Consolação. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

A rua da Consolação é marcada pelo predomínio de algumas instituições importantes, como as estações de metrô Paulista-Consalação e Higienópolis Mackenzie, a Corregedoria Geral da Polícia Civil, o Corpo De Bombeiros (posto Consolação), Bancos, a Secretaria Municipal de Segurança Urbana, o Reservatório da Consolação (SABESP) e algumas escolas, como a Escola Paulista de Magistratura, Mackenzie e PUC, entre outras.

Há que se destacar também muitos estabelecimentos comerciais e serviços de conveniência diversos, haja vista que para este setor, o comércio dos lustres, criou marca na rua; subsequente apenas, pelo marco mais emblemático da rua: o Cemitério da Consolação. Cabe retomar o contexto histórico que, por conta desse elemento, que a R. Augusta foi aberta.

Esclarecidos alguns aspectos funcionais e simbólicos dessa rua, conclui-se que nela não há muito a ser feito em relação ao estímulo da vida boêmia, semelhante ao que acontece na

Augusta e Frei Caneca, pois ali existe apenas o Sujinho – um complexo de três bares, instalados um em cada esquina da encruzilhada das ruas Maceió, que vira Matias Aires, com a Consolação –, que apesar de frequentado por artistas e algumas celebridades a concentração do público não extrapola os limites físicos que o local consegue comportar.

Durante a apresentação dos seminários, as equipes ressaltaram[278] a "agressividade" dessa rua. Sem que soubessem expressar em palavras o que sentiram e experienciaram ali, era como se a rua quisesse perfurar os prédios, sobretudo quando se vê e absorve a paisagem do Elevado Costa e Silva (o minhocão); "parece que estar nessa rua é estar sem alma (sem essência e identidade), tanto as pessoas quanto o bem material; como se ela tivesse o anseio em querer vir a ser outra"[279].

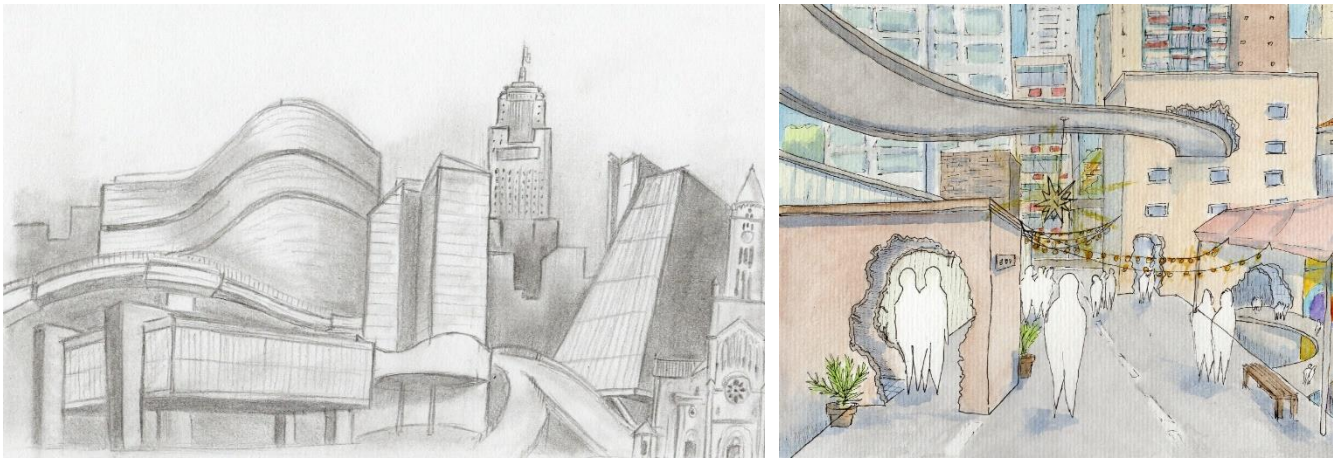


Figura 10 e 11 – Interpretação urbana da Rua da Consolação, tema: "coisas que vejo estando na e da R. da Consolação". **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

[278] Faz-se saber que os graduandos (as equipes) são da região de Jundiaí/SP, portanto, não estão imersos na constância perceptiva desse trecho urbano da capital.

[279] Constatação das equipes, suas impressões em visita técnica.

2.2.1.4 Rua Antônio Carlos

Figura 12 – Caixa da Rua Antônio Carlos. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

As esquinas da Rua Antônio Carlos são compostas predominantemente por bares, na confluência com as ruas Frei Caneca e Augusta, o que lhe confere uma ambiência animada e agitada. Entretanto, no miolo das quadras, concentram-se outros usos, não pertencentes ao lazer e, portanto, para nosso olhar, tornou-se pouco atraente.

A rua também comporta muitas árvores, que dividem o espaço das calçadas com bancos públicos e com as mesas dos bares. Pela noite, essas mesas são ocupadas pelo público, caminhar nas ruas dividindo o espaço com os automóveis, pois em breve, possivelmente, estará em situação semelhante, e o pedestre encara com naturalidade o desviar entre as mesas e do lixo nas calçadas; e parecem, também, não se importar com o ofuscamento das luzes dos carros, semáforos e dos postes.

Figura 13 – Movimento social e urbano na Rua Antônio Carlos.
Fonte: *Sérgio A. Santos Jr. (2019).*

2.2.1.5 Ruas Peixoto Gomide, rua Costa e rua Pedro Taques.

Figura 14 – Corte seccionado das caixas das ruas: Peixoto Gomide, Costa e Pedro Taques. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

No imaginário social essas três ruas se tornam-se uma[280], elaboramos aqui um corte seccionado, porque e pela representatividade que a rua Peixoto Gomide exerce no Baixo Augusta. De fato, é o meandro do bairro que tem a maior concentração de público, não pela quantidade dos estabelecimentos que ali estão, pois são poucos, mas pela amplitude do espaço físico da rua; aqui a balada acontece na rua.

Na rua Peixoto Gomide, percebe-se a ausência de hierarquias das camadas sociais, como se percebe nas baladas (área *vip*, camarotes e pista comum), a rua parece nivelar tudo e todos em um mesmo patamar.

Figura 15 – as fotos acima são da rua Peixoto Gomide, na confluência entre as ruas Frei Caneca e Augusta **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr. (2019).

[280] Essa constatação será vista no tópico 4.1.2 dessa pesquisa pelo mapa mental segundo os critérios de Lynch.

2.2.1.6 Rua Marquês de Paranaguá

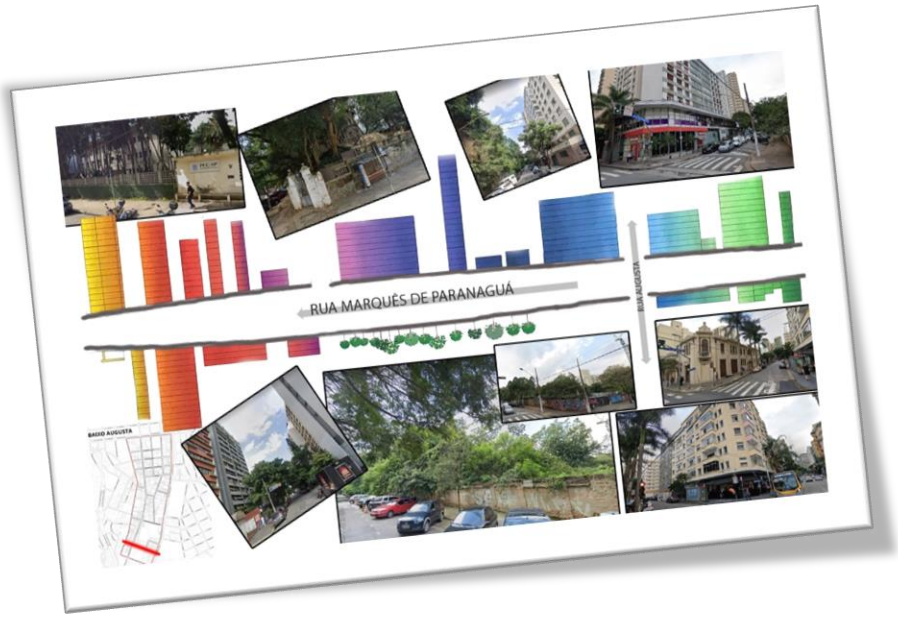


Figura 16 – Caixa da Rua Marquês de Paranaguá. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

A área envoltória da rua Marquês de Paranaguá é pouco movimentada pelo público em busca de entretenimento. Nessa rua encontra-se apenas a *Le Reve Club*, uma casa noturna de música eletrônica instalada na confluência com a rua Augusta em um casario histórico.

Outra contribuição para a reduzida concentração do público, justifica-se pela área de bosque do "parque Augusta". O local é inteiramente murado e a vegetação avança sobre o muro criando áreas obscuras, de baixa permeabilidade visual, especialmente a noite, atrelado as vagas para veículos dispostas a 45º, aumentam a sensação de insegurança pela possibilidade de ter pessoas escondidas nesses meandros. Nas confluências com a rua Visconde de Ouro Preto, outro casario antigo abandonado, o ponto de taxi instalado na Marquês é o que oferece um pouco de segurança nesse perímetro, pelos taxistas e pelos alunos da PUC. Há que se destacar a presença de um posto policial em frente ao bosque, mas esse equipamento não confere segurança aos transeuntes.

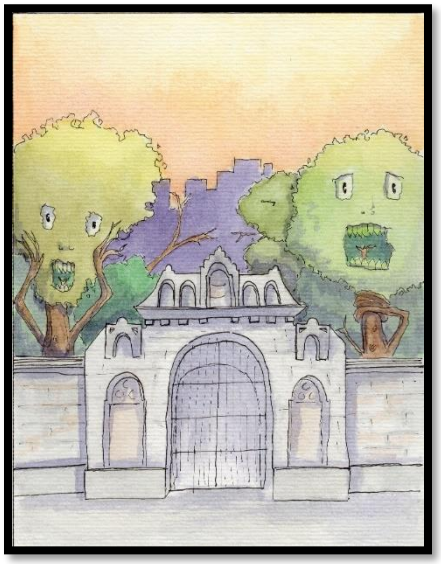


Figura 17 – Temerária zona sombria do Parque Augusta. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

2.2.2 Diário de Bordo: Vila Madalena.

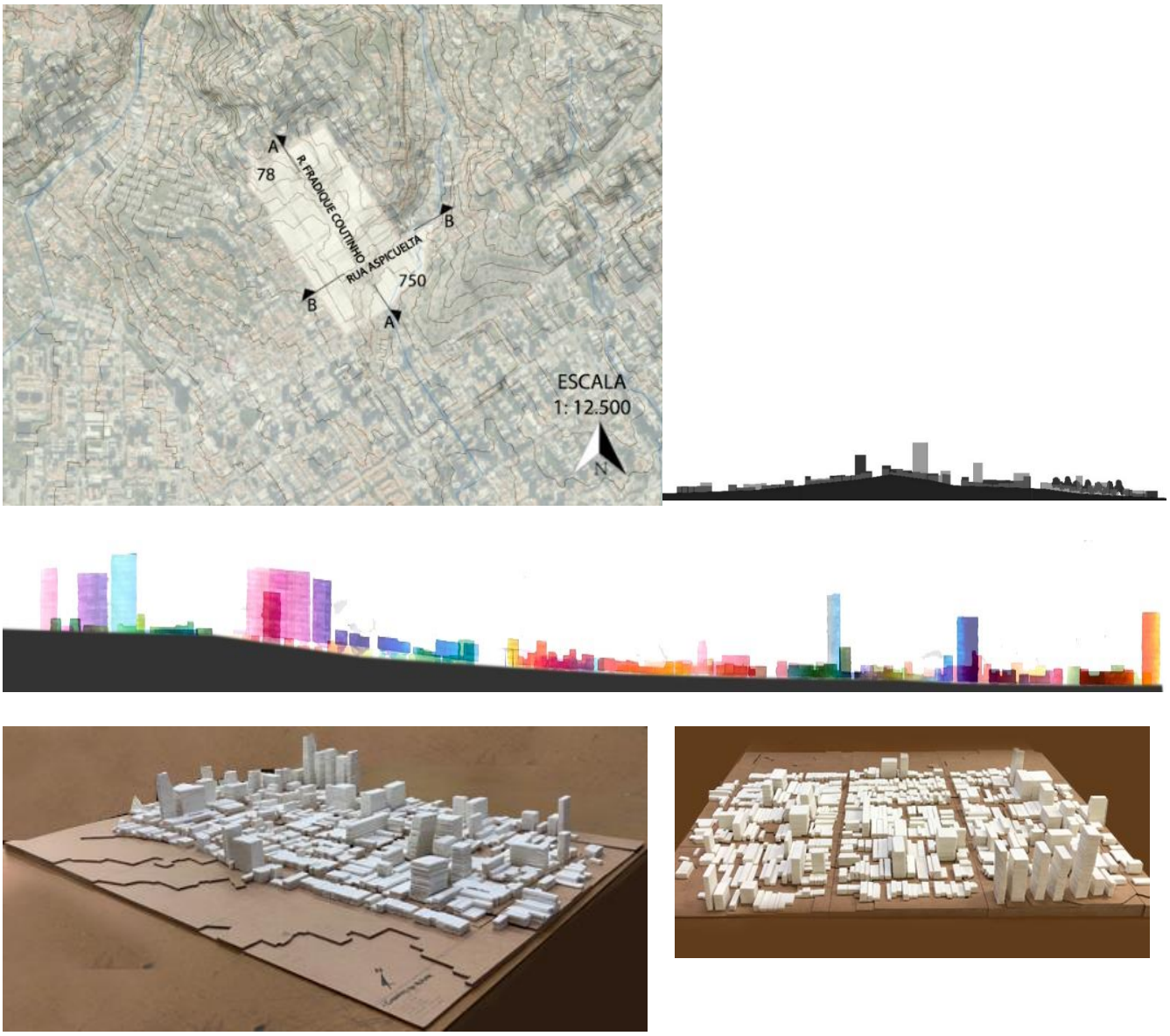


Figura 18 – Imagem satélite da Vila Madalena em destaque, e com as indicações do corte longitudinal (Rua Fradique Coutinho) e transversal (Rua Aspicuelta) e camadas de curva de nível mestra aparente. **Fonte:** site GeoSampa (2017). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

2.2.2.1 Rua Fradique Coutinho

Figura 19 – Caixa da Rua Fradique Coutinho. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração: Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

Iniciamos nosso percurso fora dos domínios do “coração da Vila”, situado no perímetro em destaque. É pela estação Fradique Coutinho, linha amarela do metrô, que se costuma chegar aqui – àqueles que vem por meio do transporte público, encaram uma leve subida por essa rua de aproximadamente 2km –. Já no coração da Vila, este trecho da rua é mais horizontal, e também o mais animado, pois entre as ruas Wisard e Aspicuelta é onde estão localizados maior quantidade de bares.

Dentro do perímetro demarcado, percebemos que o trânsito é intenso, pois, de modo propositivo, os veículos andam em ritmo lento observando o movimento dos bares, também há que se considerar que muitos jovens aproveitam para se exibir dentro dos veículos, enquanto chamam a atenção pelo barulho do motor “leves movimentos bruscos”, entre outras performances.

Sobre o edificado, a rua apresenta os edifícios multifamiliares com mais de oito pavimentos, nas regiões norte e sul do mapa, enquanto a porção central o gabarito é mais baixo em ambos os lados da rua, tem-se assim poucos edifícios de uso residencial (unifamiliar), talvez pela questão do crescente imposto predial e territorial urbano (IPTU). Outro dado é que essa rua é marcada pelo setor institucional, mais que as outras, sobretudo pelos bancos Santander, Itaú e Caixa Econômica, além de duas escolas, casa lotérica, entre outros.

Figura 20 e 21 – Interpretação urbana da Rua Fradique Coutinho: adrenalina de quem chega nesse "parque de diversão Madaleno" e processo excludente que a lei de zoneamento traz ao antigo morador e a descaracterização que a própria lei fará com a Vila. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

2.2.2.2 Rua Fidalga

Figura 22 – Caixa da Rua Marquês de Paranaguá. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

Na rua Fidalga tem-se maior variedade de bares e restaurantes, como o *Dedo de La Chica* e o Vegano, os mais frequentados e mais populares pelas mídias e redes sociais são: o São Domingos, Quitandinha e o Bar da Nina, esses três ficam na mesma esquina na confluência com a R. Aspicuelta; o que chama a atenção é que o movimento entre eles é tão intenso que as pessoas ocupam, além do espaço do estabelecimento e das calçadas adjacentes, a rotatória!

Na rua há também conjuntos habitacionais, residências unifamiliares – são edifícios de até três pavimentos – estacionamentos, oficinas mecânicas, lojas de artesanato, *pet shops,* duas escolas: o Novo Horizonte e o Adoleta.

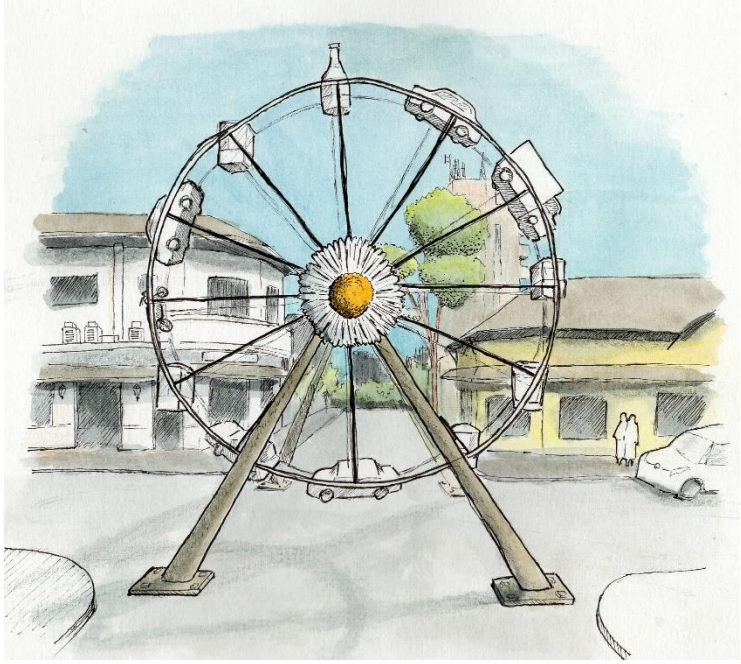


Figura 23 – Interpretação urbana da Rua Fidalga: rotatória, engrenagem, roda gigante; circulação de veículos, pessoas e bebidas. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

2.2.2.3 Rua Girassol.

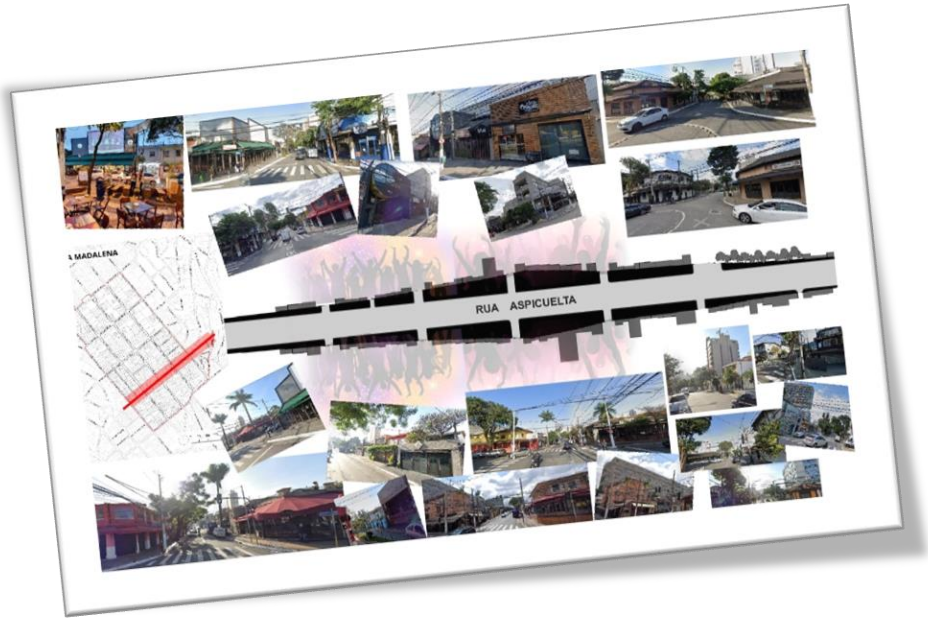
Figura 24 – Caixa da Rua Marquês de Paranaguá.
Fonte das Imagens: Google Street view (2019).
Elaboração: Elaboração: Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

A rua Girassol apresenta-se como um divisor perceptivo dos limites do bairro, do polo vibrante, que é o núcleo de boemia da Vila Madalena, para a área mais residencial, de condomínios fechados e mais verticalizados do bairro de Pinheiros.

Há muitos edifícios icônicos na rua, destacamos aqui a igreja modernista, a "Matriz Paroquial Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo" e, dentro o conjunto arquitetônico feito pela incorporadora IdeaZarvos na região, o POP+ Madalena[281]. Outra característica espacial que marca a via, é a arte de rua (picho e grafite), que convive harmonicamente numa atmosfera urbana mais elitizada dos moradores dessa região.

A confluência com a rua Wisard e, depois, com a Aspicuelta, são os locais que concentram o maior público devido aos dois bares das esquinas, nessas mediações, têm-se, também, cervejarias artesanais, restaurantes e cafés-mercearias.

[281] Uma, dentre muitas, virtudes dos edifícios da incorporadora *IdeaZarvos* é que eles oferecem, na medida em que qualificam, espaços privado em espaços de usufruto público, assim os transeuntes podem abrigar-se fisicamente nessas áreas comuns, muito embora poucos o fazem. Para contornar essa barreira psíquica, o POP+ Madalena, por meio da iniciativa de abrigar a parada dos patinetes estimulou a permanência dos pedestres nessas áreas ofertadas para a população em geral. N. do A.



2.2.2.4 Rua Aspicuelta.

Figura 25 – Caixa da Rua Marquês de Paranaguá. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

A rua Aspicuelta é a rua mais boêmia da Vila Madalena, quase todas toda sua extensão tem-se bares-restaurante que a partir de determinada hora viram espaço para “dançar” e as calçadas tornam-se espaço de diversão e sociabilidade, semelhante ao que acontece na rua Augusta.

Se falamos e comparamos a Aspicuelta, expressão máxima da vida boêmia da Vila Madalena, com a rua Augusta, devemos destacar que a cena sócio-cultural daqui não é tão heterogênea quanto do Baixo Augusta. Quase todas as esquinas da Aspicuelta são voltadas ao uso dos bares, o público é mais elitizado, homogêneo como o próprio estilo do edificado, aqui não há diversidade de nichos estéticos, mas conformidade de estilos; entretanto, o público é tanto, que não é comportado dentro dos estabelecimentos.

Figura 26 – Interpretação urbana da Rua Aspicuelta: “quando a casa vira bar e eu sou o que consumo”. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

2.2.2.5 Rua Wisard.

Figura 27 – Caixa da Rua Marquês de Paranaguá. **Fonte das Imagens:** Google Street view (2019). **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

A atmosfera da rua Wisard, para nós, é fortemente influenciada pelas características das ruas ao seu redor. Bares nas esquinas, como a Aspicuelta; setor institucional, como na Fradique; conveniências, como na Fidalga; e conjuntos habitacionais, como a Girassol.

Se a personalidade dessa rua é absorver um “cadinho” de cada rua ao seu redor, a rua Wisard sintetiza o que é viver na Vila Madalena. Essa tradução, embora filtrada perifericamente, consubstancia o vivido de uma vila-aldeola em um grande centro urbano, semelhante a um oásis, só que na maior cidade brasileira, São Paulo; o que justifica os interesses da especulação imobiliária avançar sobre essa área.

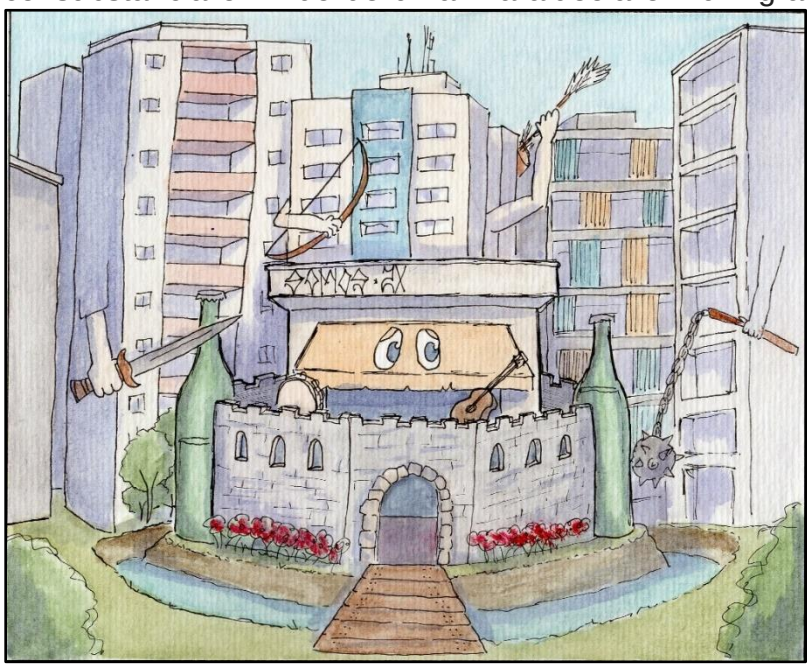
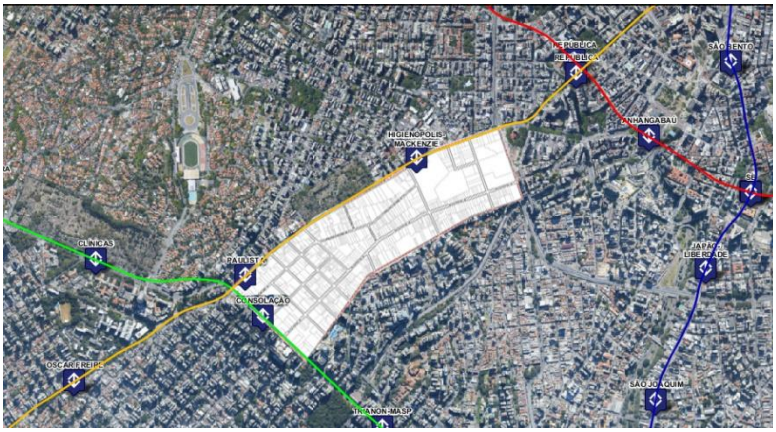


Figura 28 – Interpretação urbana da Rua Wisard: “a ameaça as características do antigo reduto de lazer e entretenimento”. **Elaboração:** Pedro H. N. Patelli (2020).

2.2.4 Mapeamento preliminar: intensidade e direção dos fluxos.

Levantamentos da intensidade e direção dos fluxos de pedestres de modo a identificar polos geradores de fluxo (instituições públicas, estações e paradas de transportes coletivos etc.), mais especificamente no período noturno e aos finais de semana (de sexta-feira a domingo); análise do fluxo de veículos e das restrições impostas à circulação, como áreas eventualmente interditadas. O resultado do levantamento desses fluxos foi mapeado e acoplado na planta base fornecida, resultando conforme abaixo [Figuras 77 a 80].



Figuras 29 e 30 – Imagem satélite das áreas objeto de estudo e entorno com delimitação em destaque do Baixo Augusta e Vila Madalena, respectivamente, indicando o transporte ferroviário. **Fonte:** *site* GeoSampa (2017). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

Figuras 31 e 32 – Imagem satélite das áreas objeto de estudo e entorno com delimitação em destaque do Baixo Augusta e Vila Madalena, respectivamente, indicando a rede rodoviária: terminal de ônibus, corredores, faixas exclusivas e linhas. **Fonte:** *site* GeoSampa (2017). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

Figuras 33 e 34 – Imagem satélite das áreas objeto de estudo e entorno com delimitação em destaque do Baixo Augusta e Vila Madalena, respectivamente, indicando a rede cicloviária. Fonte: *site* GeoSampa (2017). Edição: Sérgio A. Santos Jr. (2018).

Os levantamentos preparatórios para a imersão em campo apontam as condições de acesso. De um lado, o Baixo Augusta é margeado pelas linhas verde e amarela do metrô e tem certa proximidade com as linhas azul e vermelha; do outro, a Vila Madalena é afastada das linhas férreas. Este dado é um indicativo preliminar sobre quem é o usuário desse espaço, pela forma com que o acessa, haja vista que o uso do transporte coletivo é, também, um indicador das camadas sociais no que se refere a renda. Subsequente, foram levantados os transportes sobre rodas (ônibus e bicicleta/patinete), resultando em [Figuras 81 e 82].

Nestas imagens observa-se que o Baixo Augusta é margeado por corredores, faixas exclusivas, linhas de ônibus e também pela rede cicloviária, na Rua da Consolação e Av. Paulista, já a Vila Madalena, conta apenas com as linhas de ônibus que cortam as ruas Mourato Coelho, Fradique Coutinho, Fidalga e Purpurina. Esse tipo de dado evidencia o isolamento da Vila Madalena em relação aos modos de acesso do público, o que lhe confere um caráter mais privado, dedutivo é o privilégio ao uso do transporte particular na região. Assim, estabelece-se um pré-conceito de que o Baixo Augusta é mais “mundano”, pois todo mundo tem “acesso fácil”, enquanto a Vila Madalena é mais burguesa.

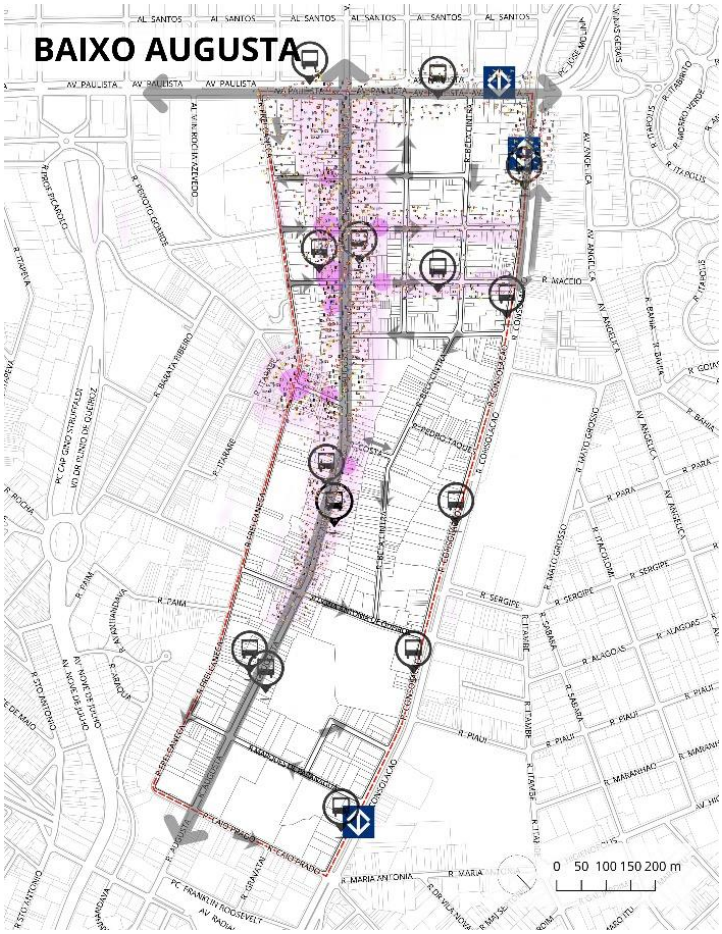


Figura 35 – Mapa interpretativo de fluxo e concentração de pessoas no Baixo Augusta, elaborado pelo procedimento de contagem. **Fonte** do mapa base: GeoSampa (2017). **Edição**: Sérgio A. Santos Jr. (2018).

Em face desse contexto, situados preliminarmente, fazemos a imersão nos campos de estudo. O intuito é mapear os fluxos de pessoas para estabelecer possíveis correspondências entre os dados previamente coletados (virtuais), com a configuração de ocupação do espaço real, que podem confirmar ou negar as impressões previamente estabelecidas, e fornecer novas para o desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa [Figura 83].

No Baixo Augusta, por volta das 22:00 horas, o movimento começa a se consolidar e intensificar, os frequentadores têm como ponto de encontro a saída do Metrô Paulista e Consolação, que tem conexão entre si, e começa a escoar o fluxo para esse pedaço da cidade; mas aqui observa-se que as pessoas estão mais espalhadas. A escadaria na frente do Banco Safra é, por assim dizer, o primeiro ponto de encontro latente/vibrante, por onde os jovens que chegam sozinhos, ou mesmo em grupos, esperam mais conhecidos para descerem a famosa rua de São Paulo, a Augusta, para desbravar ou recolherem-se em seus lugares mais recônditos.

Ao preconizarem um certo caráter metonímico de rua Augusta em relação às demais ruas engolfadas por sua fama, comtemplamos um fluxo pulsante (contração e expansão do público) da e na rua Augusta a cada rua que para ela conflui, e que também se torna Augusta. Observamos que este efeito pulsante tem maior intensidade nas proximidades da Av. Paulista e vai afunilando e perdendo força até as proximidades da rua Dona Antônia de Queirós; continuando essa descida, até as proximidades do parque Augusta e Praça Roosevelt, o movimento é baixo.

Situação diferente encontra-se a rua Frei Caneca, onde nas proximidades com a Av. Paulista o movimento de pessoas é quase nulo e o local costuma ser evitado devido aos moradores de rua, usuários de droga, poucos residentes, o que gera baixa segurança no público. É no encontro da rua Augusta com a Peixoto Gomide que o público conflui para a rua Frei Caneca e se estende até o shopping Frei Caneca.

A predição já citada de Mariano Antônio Vieira, feita em 1875, parece ter se consolidado na rua da Consolação, dizendo que ela seria uma rua a ser evitada devido a presença do cemitério, por isso abriu a rua Augusta. De fato, a Consolação tem maior concentração e fluxo de pedestres nas proximidades da Av. Paulista, justificado pela presença das Estações de Metrô e pelos pontos de ônibus, essas pessoas confluem pelas ruas Antônio Carlos, Matias Aíres e Fernando Albuquerque, para a Augusta, oportunidade que fez com que muitos empreendedores abrissem bares nessas ruas, aproveitando o público passante da região.

O fluxo de veículos, e seu direcionamento ilustrado pelas setas no mapa, no período noturno é baixo na Av. Paulista e rua da Consolação, o que significa fluidez na movimentação dos veículos dentro dos limites de velocidade permitido. Já a rua Augusta tem um trânsito que

oscila, entre o moderado e o intenso, mas esse congestionamento todo, justifica-se pela quantidade de pessoas que também tomam seu espaço na rua, seja pelo excesso de pessoas em seus ritmos, descompassos e/ou em alguma atividade estacionária; seja pelo ambulante ali instalado; seja pelo morador de rua ou por quem se excedeu na bebida e está prostrado nas calçadas; seja enfim, porque uma instância é reveladora e mediadora da outra; além disso tudo, o próprio motorista contribui para o transito ao reduzir a velocidade dos seus veículos para observar as mais variadas cenas urbanas que ali se processa e, talvez também, decidir onde se instalar.

A dinâmica da Vila Madalena é outra. Aqui não há bem definido o ponto catalizador do encontro para a difusão do público, como acontece no Baixo Augusta nas estações do metrô e pontos de ônibus, a propósito, os jovens, a maioria na faixa entre es 'sub-vinte' (até 25 anos), raramente utilizam esses dois meios de transporte para vir frequentar os bares da Vila, haja vista que a estação mais próxima é a Fradique Coutinho[282].

Por meio de uma busca de "onde ficar" e "onde o público mais se concentra", percebemos que a rua Aspicuelta é quem detém maior número de pessoas, sobretudo no perímetro entre as ruas Mourato Coelho, Fradique Coutinho e Fidalga, onde começa a diminuir a quantidade do público entre as ruas Girassol e Harmonia, a partir daí, a Rua retoma o público nas proximidades do famoso "Beco do Batman". Efeito semelhante, mas com menor latência, encontra-se nas ruas Wisard e Inácio Pereira da Rocha, paralelas à Aspicuelta. Embora a rua Inácio Pereira da

[282] Para se chegar ao "coração da Vila", que se encontra no topo da colina, o jovem deve caminhar em subida por aproximadamente uma distância de 1,2km, que equivalem a cinco quadras. Esse tipo de observação e impressão nos levou à próxima etapa da pesquisa: entender quem são esses usuários e como acessam a Vila por meio de questionários aplicados. N. do A.

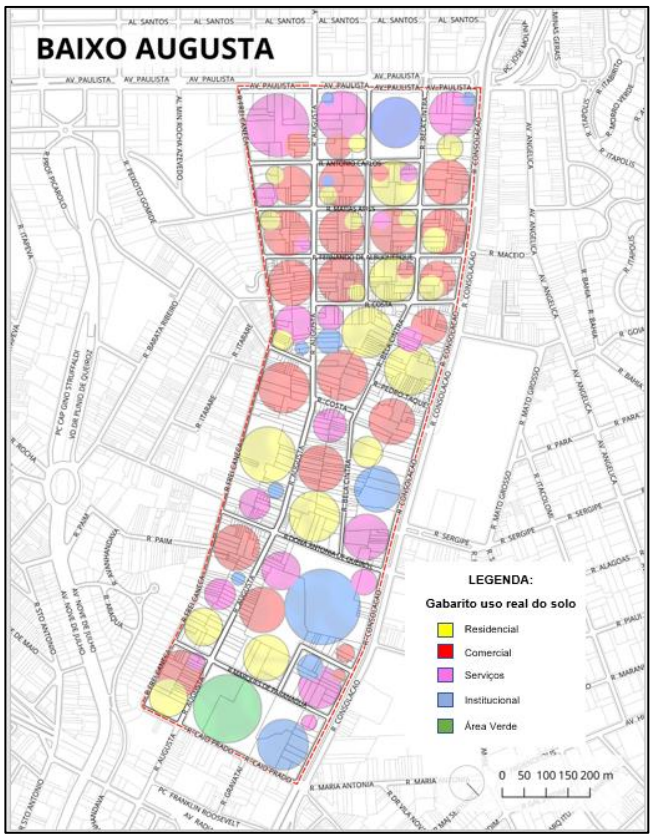
Rocha possua o maior número de paradas de ônibus, esse acesso a infraestrutura dos transportes públicos urbano, para a região, não é um indicativo de catalisação do público.

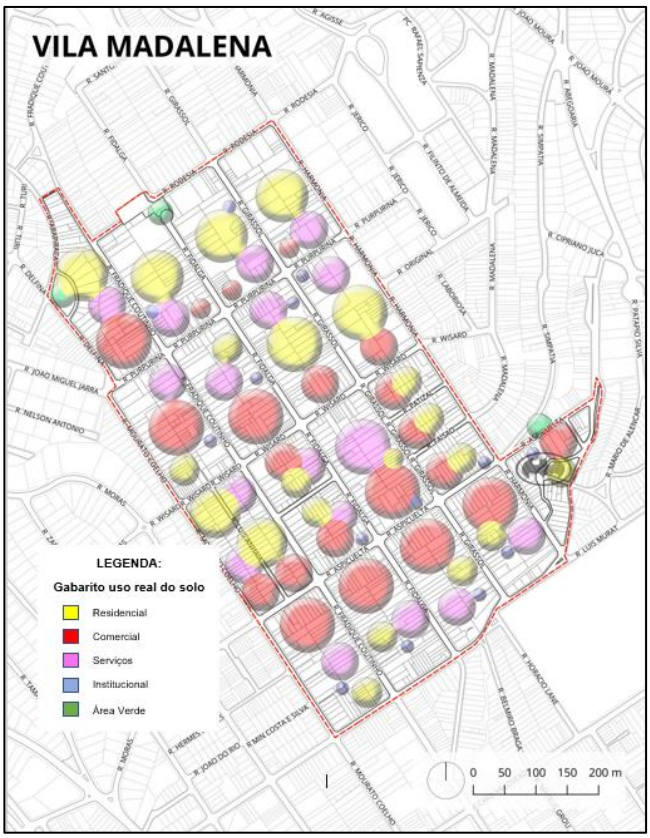
É curioso notar que o miolo das quadras é menos populoso e movimentado do que as esquinas da Vila, que são os locais com maior aderência a concentração do público, um dado que se difere do Baixo Augusta.

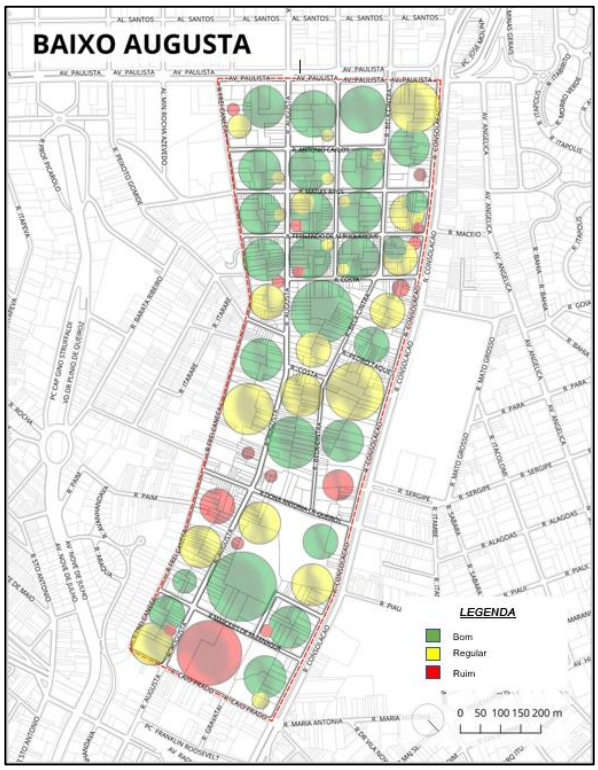
Já o fluxo de veículos, e seu direcionamento como ilustrado pelas setas no mapa, no período noturno é intenso, isso significa que, por vezes, o semáforo está aberto e o carro não anda pelo congestionamento e até as ambulâncias encontram dificuldade em transitar mesmo com a sirene ligada; isso porque a quantidade de pessoas é tão grande que as calçadas não as comportam e, assim, vão tomando as ruas dividindo espaço com os ambulantes e os carros estacionados [figura 84]

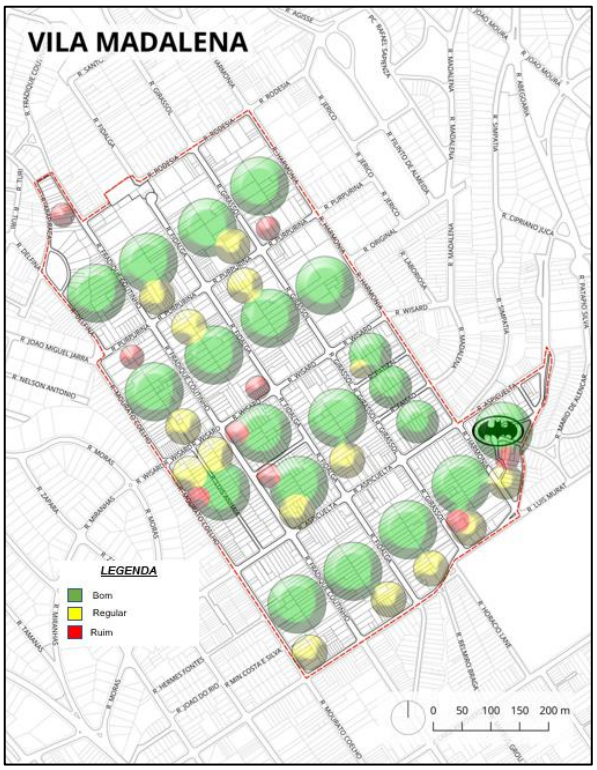
Figura 36 – Mapa interpretativo de fluxo e concentração de pessoas na Vila Madalena, elaborado pelo procedimento de contagem. **Fonte do mapa base:** GeoSampa (2017). **Edição:** Sérgio A. Santos Jr. (2018).

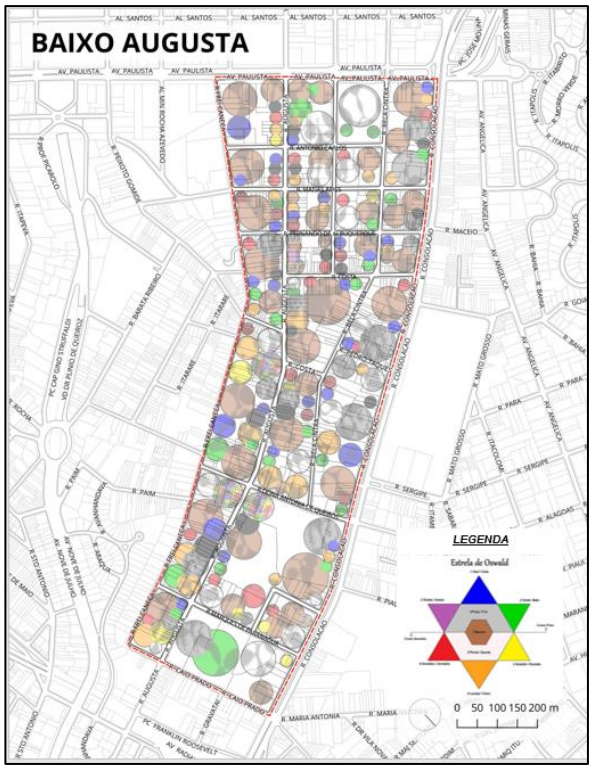
2.2.5 Mapeamento da Morfologia Urbana: Uso real, aparência (estado de conservação) e coloração do edificado.

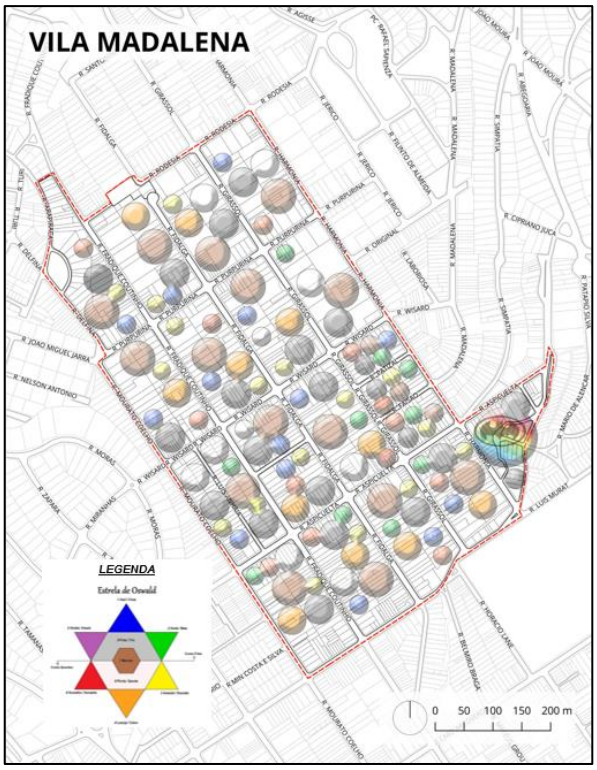


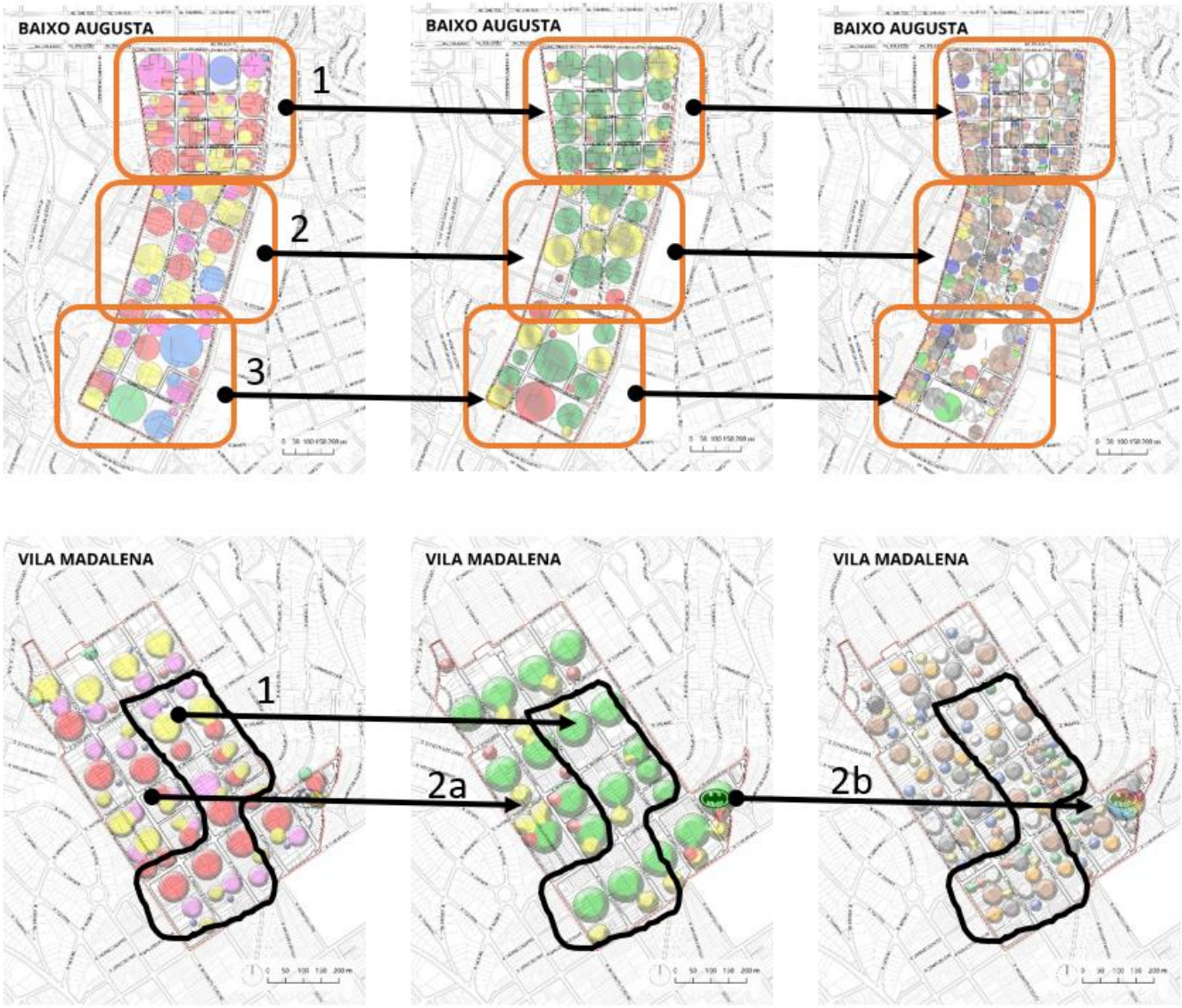



BAIXO AUGUSTA
LEGENDA
Bom
Regular
Ruim
0 50 100 150 200 m


VILA MADALENA
LEGENDA
Bom
Regular
Ruim
0 50 100 150 200 m


BAIXO AUGUSTA
LEGENDA
Estrela de Oswald
0 50 100 150 200 m


VILA MADALENA
LEGENDA
Estrela de Oswald
0 50 100 150 200 m



Figuras 375 a 91 – Mapas interpretativos por bolhas de concentração de: uso, aparência (ou estado de conservação) e coloração do edificado. **Levantamentos e Edição**: Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2019).

Sintetizando a leitura analítica interpretativa desses mapas gráficos, percebemos que, o *Baixo Augusta*, pode ser divido em três quadrantes: o primeiro quadrante, e mais próximo da Av. Paulista, é onde concentra com maior intensidade o setor de serviços e comércios e o setor habitacional é mais escasso; é também a área em melhor estado de conservação, onde a aparência do edificado é pouco, ou não há, sinais de deterioração; e a coloração é predominante nos tons de terra ou areia. No segundo quadrante do Baixo Augusta, começam a surgir sinais

de deterioração no edificado e sua aparência vai sendo contaminada pela pichação; novos empreendimentos residenciais surgem na região e a coloração começa a ficar mais acinzentada. No terceiro quadrante, sinais de deterioração e abandono são evidenciados em muitas edificações, sobretudo na região do parque Augusta; a coloração se torna um pouco mais diversificada; e o setor institucional se faz mais presente, talvez pela proximidade com o centro histórico.

Já a *Vila Madalena*, pode ser dividida em dois quadrantes: o primeiro, situado dentro da área demarcada, é onde a aparência do edificado (seu estado de conservação) é muito bom, com poucos, quase nulos, sinais de deterioração; isso se justifica pelo setor habitacional (dos condomínios) que predominam no perímetro demarcado e pelos bares que são mais elitizados; nesse perímetro, a coloração também é intencionalmente variada para criar a identidade dos estabelecimentos. O segundo quadrante, é, também predominante, o bom estado de conservação sobre a aparência do edificado, que convive em harmonia com os estados regulares e ruim; essa diversidade se reflete também na questão dos usos do edificado, onde as residências unifamiliares e o comércio menos requintado, de menor poder aquisitivo, ambos fazem menos reparos; a questão da coloração é mais homogênea na vertente que denominamos “2a", pelos tons de cinza e marrom, enquanto a vertente “2b”, região do Beco do Batman, é multicolorida, sobretudo pelos grafites.

Agora vamos detalhar e nos aprofundar na leitura e composição desses levantamentos.

Levantamento da Morfologia Urbana: essa etapa consiste em mapear o *uso do solo*[283], na área do estudo, com posterior tabulação dos dados, visando conhecer quais atividades aparecem com maior intensidade e o nível de diversificação ou especialização da área. Complementar a esse desígnio, mapeamos, também, a *coloração* e fizemos uma avaliação qualitativa sobre a *aparência do edificado* em três camadas – boa, regular e ruim – a fim de estabelecer comparações da influência desses elementos todos na percepção e satisfação dos usuários desses lugares como substrato para a próxima etapa.

Antes de tudo, vamos amadurecer nossa compreensão de análise. A leitura traduz o predomínio das manchas dos setores, assim, o mapa de uso e ocupação do solo pretende revelar: a estrutura, o funcionamento e conteúdos sociais presentes na morfologia.

• Por meio do **mapa de uso do edificado**, percebe-se que o setor residencial, mais antigo e consolidado, concentra-se nas proximidades com a Av. Paulista, nas ruas Bela Cintra e Haddock Lobo, onde localizam-se alguns edifícios clássicos da arquitetura paulistana, como o Edifício Três Marias, de Abelardo Riedy de Souza (1952), o edifício Suzana projetado pelo arquiteto Israel Galman (1957), entre outros [figuras 92 e 93]. Os empreendimentos contemporâneos, pós-2000, estão situados no lado oposto deste perímetro, no sentido centro, nas ruas Frei Caneca e Augusta, fruto das construtoras e incorporadoras Trisul, AAM, Gafisa, Esser, Cyrella, BKO, Requadra, B/Sinco, e a lista de empresas interessadas em deixar sua marca na região está em constante expansão.

---

[283] É importante assinalar que os mapas, por nós elaborados, têm como objetivo espacializar qualiquantitativamente os estabelecimentos existentes em cada quarteirão das ruas. Optamos por representar essas manchas por “bolhas de concentração”, que dizem respeito a predominância no quarteirão em que estão situadas, lembrando que está sendo analisado o uso do pavimento térreo, por isso, na categoria residencial, uma casa vale tanto quanto um edifício residencial multifamiliar. N. do A.

Com o aumento no número de restaurantes, cafés, bares e lojas, a partir de 2010, a região conhecida como Baixo Augusta virou o novo alvo do mercado imobiliário, esses edifícios vêm atender a uma demanda reprimida de pessoas que agora querem morar no centro. Uma tendência inédita[284] desde o ápice do abandono do centro paulistano, na década de 1990. Segundos as estimativas do índice FipeZap, em 2013, ano que se concluiu muitos dos lançamentos imobiliários das empresas citadas, foram oito prédios residenciais em construção em um raio de 1,5 km entre as Ruas Bela Cintra, Manuel Dutra e Álvaro de Carvalho, esse processo levou à região mais de 2,5 mil moradores, número 450% maior do que nas décadas anteriores e a valorização dos imóveis cresceu[285] 172%.

Esse *boom* imobiliário na região é motivado, em grande parte, pela força dos bares com foco no lazer noturno, e por assim dizer "boêmio", que propiciou o rejuvenescimento desencadeado por quem agora ocupa suas calçadas toda noite. Nas Ruas Augusta e Frei Caneca, o democrático vaivém de baladeiros, cinéfilos, estudantes e pessoas de todas as tribos ganham a companhia do movimento frenético de caminhões, sacos de areia e betoneiras.

---

[284] Segundo levantamento da Lopes Inteligência de Mercado, após o lançamento (etapa onde o edifício é comercializado em planta, ainda não construído) apenas 4,3% das unidades ficaram disponível para a venda. A construtora Requadra, por exemplo, teve todas as 256 unidades do seu edifício vendidas em duas horas, o equivalente a dois apartamentos por minuto. Cf. BRANCATELLI, Rodrigo; SALDAÑA, Paulo. Antes degradada, região do Baixo Augusta vira alvo de construtoras. *In*: O Estado de S. Paulo (01/10/2010).

[285] Cf. WILTGEN, Julia. Imóveis anunciados no Baixo Augusta sobem 172% em 5 anos. *In*: Revista Exame (30/12/2013).

Figura 92 – Edifício Três Marias. Arquiteto: Abelardo Riedy de Souza. Localização: Av. Paulista, 2239. **Fonte:** Matheus Pereira. "Clássicos da Arquitetura: Edifício Três Marias / Abelardo Riedy de Souza" 21 Dez 2018. ArchDaily Brasil. <https://www.archdaily.com.br/br/878895/classicos-da-arquitetura-edificio-tres-marias-abelardo-riedy-de-souza> ISSN 0719-8906. (Acessado 9 Maio 2019). **Figura 93 –** Edifício Suzana, arquiteto: Israel Galman. Rua Bela Cintra, 1450. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2019).

O setor comercial, sobretudo da vertente do entretenimento, aparece com maior intensidade entre as ruas Luís Coelho, paralela à Av. Paulista, e Fernando de Albuquerque, e sua latência vai diminuindo gradativamente até as proximidades da rua Marques de Paranaguá.

O que se percebe com o mapa é a distribuição dos estabelecimentos pelo Baixo Augusta, correlato ao espalhamento do seu público e afunilamento, bem como sua concentração e apropriação no espaço da rua. De fato, o suporte físico do edificado, para a função de abrigo, é menor do que se estima receber de frequentadores. Mas isso não parece relevante. Aqui, o momento do encontro, seja programado ou espontâneo, e da sociabilidade, estar ao ar livre,

ver e ser visto, e apropriar-se do espaço da rua, são esses elementos que parece fazer sentido e motivar as pessoas a aglutinar-se nesse espaço-tempo.

A Vila Madalena por sua vez, apresenta também, usos diversificados e polarizados. Os condomínios residenciais estão localizados mais ao norte do mapa entre as ruas Girassol, Harmonia e Purpurina, enquanto os bares estão na porção centro-sul, predominante entre as ruas Aspicuelta, Wisard e Fradique Coutinho. O setor de serviços e institucional, como escolas, bancos, correios, cartórios entre outros que dão suporte as atividades diversas do cotidiano, estão espalhadas pela Vila, o que a torna mais atrativa para a especulação imobiliária.

Como apresentado no capítulo anterior, a presença dos bares não é uma novidade na Vila, pois fazem parte de um movimento consolidado desde a década de 1970, mas que intensificou seu prestígio social e midiático a partir dos anos 2000. Com efeito, a tensão gerada por meio dessa existência compartilhada, entre bares com excesso de público e as residências, confluiu para a perda dos moradores mais antigos, das residências unifamiliares, que, gradativamente, foram cedendo seu espaço para o surgimento de novos bares e para os edifícios torre.

O levantamento aponta também que a mancha do setor serviços e institucional contribui para a movimentação e concentração do público, pois, como está sendo analisado o período noturno, nas proximidades desses estabelecimentos o movimento de pessoas é remoto, de passagem, sendo pouco convidativo a permanência.

Vila Madalena Baixo Augusta

FOTOS: Sérgio A. Santos Jr. (2018).

Vila Madalena Baixo Augusta

Vila Madalena Baixo Augusta

• O mapa sobre a **aparência do edificado** [figura 94], foi classificado em três categorias: *bom*, *regular* e *ruim*. Estabelecemos os seguintes critérios para essa seleção, foi considerado como **ruim**: os edifícios que tinham sinais de abando, com pichação e danos na fachada em depredação, mofo/bolor aparente, calhas e telhado quebrado e a mostra; **regular**: àqueles estabelecimentos que têm sinais de pichação, desde que não faz parte da temática do uso do edificado, e com danos superficiais na fachada; e como **bom**, àqueles edifícios que não precisam de nenhum reparo aparente.

Coincide que o Baixo Augusta se divide nessas três porções. A primeira, situada nas proximidades com a Av. Paulista, nos quatro primeiros quarteirões, há o predomínio da classificação “bom”, justificado, talvez, pela concentração do setor das atividades econômicas ali reunidas e também dos edifícios altos. A porção central, encontra-se muitos lotes abandonados, muitas edificações pichadas e em deterioração, nessa área o gabarito de altura também começa a diminuir. E, nas proximidades com a Praça Roosevelt, a grande mancha vermelha (ruim), que se refere a área de bosque tida como “parque Augusta”, estende seus domínios, mais psíquicos do que físicos sob a região, tornando-a evitável, especialmente durante a noite, estando fechado ao público e em estado de abandono até o momento (2020); na região o gabarito de altura é perceptível como baixo (até 3 pavimentos).

Já na Vila Madalena, dentro do perímetro estudado pode-se dizer que a porção sudoeste-nordeste apresenta pouco, ou nenhum, sinal de deterioração dos edifícios. Não podemos também dizer que a aparência do edificado tem relação direta com o gabarito de altura e poder aquisitivo dos proprietários, como acontece no Baixo Augusta, pois o “charme” da Vila

está no gabarito de altura baixo, poucos foram os imóveis considerados ruins, e os que foram, são alguns já abandonados e do setor de serviços, como borracharias.

• O mapa de coloração (cor pigmento) teve como objetivo servir de insumo primário, para uma verificação futura sobre a percepção do usuário em relação ao meio, onde esse usuário se sente mais confortável e por quê? Assim, o mapa foi elaborado com base no diagrama das teorias das cores da Estrela de Oswald, pois o intuito é verificar o predomínio das cores quentes, frias e neutras[286].

As cores e suas percepções são responsáveis por uma série de estímulos conscientes e inconscientes em nossa relação psíquico-espacial. Assim como os próprios elementos construtivos que compõe o objeto arquitetônico, a aplicação das cores nas superfícies também influencia a experiência do usuário no espaço.

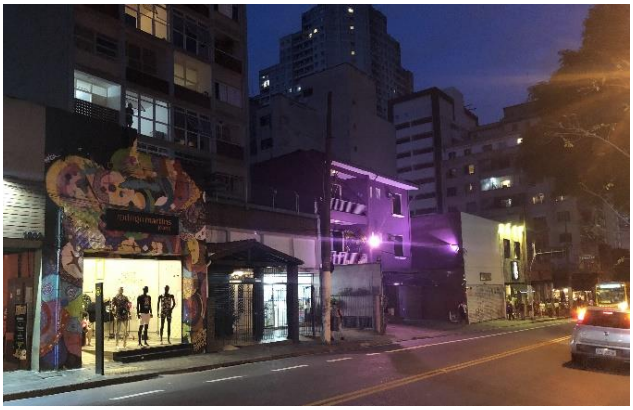
> "A sensação colorida é produzida pelos matizes da luz refratada ou refletida pela substância. Comumente, emprega-se a palavra cor para designar esses matizes que funcionam como estímulos na sensação cromática"[287].

A coloração não é um elemento supérfluo para o consumidor, e as empresas já perceberam isso. Segundo o diretor de novos negócios da Abyara Brokers, os clientes buscam

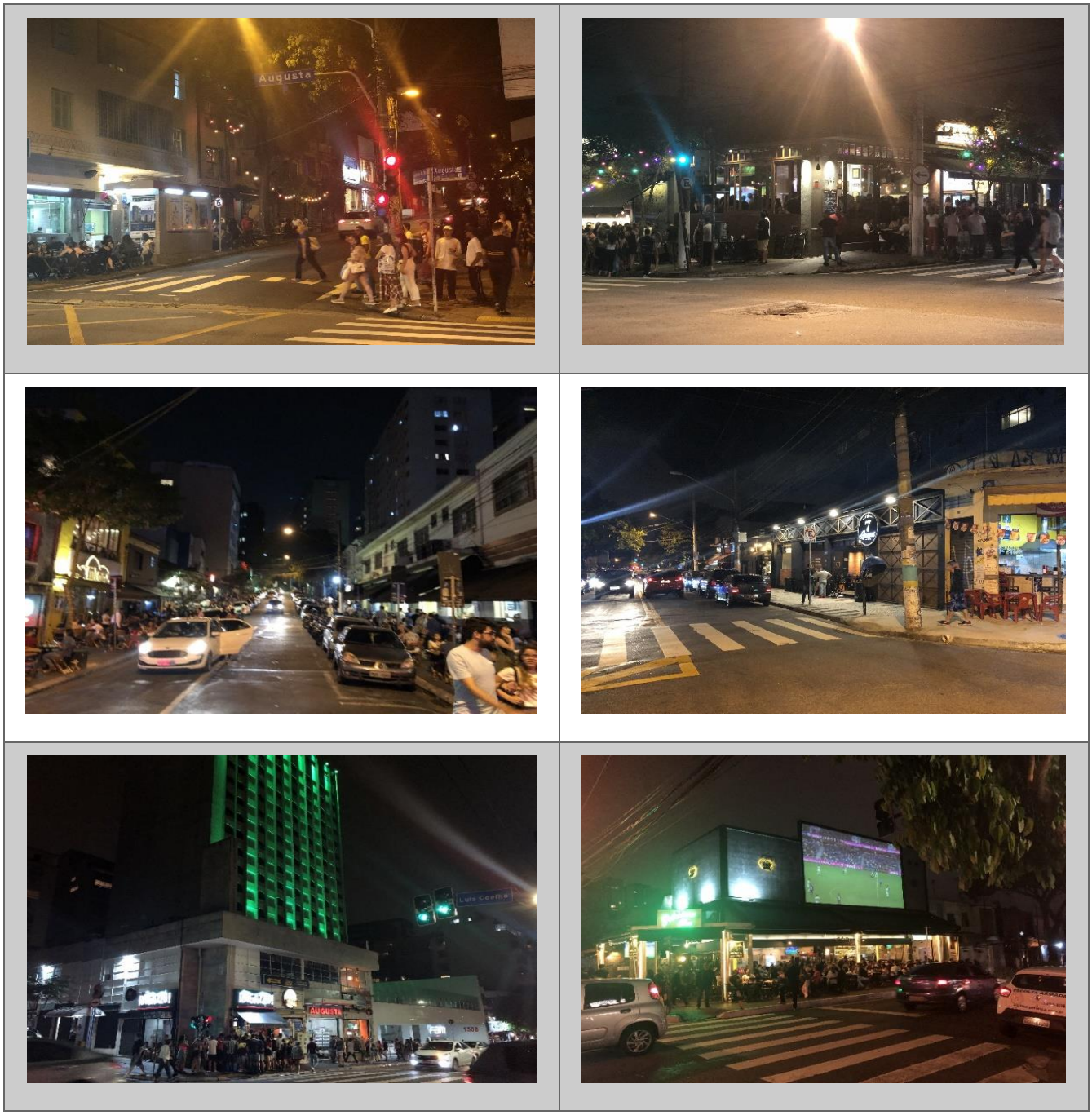
---

[286] Acerca da psicologia das principais cores, admite-se a seguinte ideia: "Azul: Transmite a sensação de positividade, confiança e segurança. É frequentemente utilizada em espaços comerciais e/ou de negócios, como agências bancárias, escritórios e empresas. Amarelo: Conduz à ideia de otimismo, curiosidade, jovialidade e ambiente-luz. Utilizado frequentemente em espaços comerciais ou restaurantes sob a finalidade de aguçar a atenção do pedestre. Vermelho: A cor evidencia energia, excitação, impulso. Por isso, é regularmente empregada em espaços comerciais, como lojas ou *fast foods,* por exemplo, buscando a ideia de compulsividade e desejo ao consumo. Verde: Evoca calmaria, tranquilidade, serenidade e bem-estar. É utilizado com regularidade aos espaços ligados à saúde e tratamento, como hospitais, clínicas, spas, etc. Laranja: Como resultado da combinação do amarelo e vermelho, dispõe a ideia de intensidade, criatividade, euforia e entusiamo. Frequentemente empregado aos ambientes criativos, como escritórios, estúdios e escolas. Se utilizado junto ao azul, transmite a ideia de impulsividade junto a confiança, sendo adotado por agências bancárias ou sedes de empresas, por exemplo. Violeta: Transmite bem-estar, calmaria e suavidade". Cf. PEREIRA, Matheus. *O papel da cor na arquitetura.* Publicado em: 15 Mai.2018. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/894425/o-papel-da-cor-na-arquitetura (acesso em 20/12/2020). ISSN 0719-8906.
[287] Cf. PEDROSA, Israel. *Da Cor à Cor Inexistente*. 2009, p.98.

o edifício por se destacarem “pelas cores na fachada e pelo design mais arrojado” e reconhece que “há quem prefere uma estética mais sóbria e simplificada”[288]. De fato, as diversas nuances de marrom, tons de areia e bege, predominam em ambas as regiões como um todo, sobretudo no setor residencial; e os tons escuros prevalecem nos estabelecimentos de lazer junto ao neon e diversas iluminações no espaço público frente aos bares e clubes [figuras 95 a 104].

Baixo Augusta	Vila Madalena
	

[288] Ver. COLTRI, Gustavo. *op. cit.*, 2014.



Figuras 95 a 104 – Coloração: elementos de conflito e convergência entre os bairros. **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr. (2019).

2.2.6 Recintos Urbanos: os efeitos na psique e fisiologia humana.

Nessa seção vamos refletir sobre a influência da morfologia do recinto urbano, que trata da largura das ruas e altura dos edifícios elementos definidores de seus perfis, especialmente na formulação de sua ambiência, que se relaciona aos aspectos de conforto psíquico dos usuários.

Retomamos então, aos estudos de Gordon Cullen, Yoshinobu Ashihara e do *Departament of Architecture and Civic Design (*do *Greater London Council)*, na aula "Leitura da Paisagem Urbana", a profa. Dra. Maria Assunção Ribeiro Franco, nos lembra que "o conceito de espaço exterior é análogo ao de espaço interior: a principal diferença é a escala. Uma casa tem paredes, piso e teto. Um espaço exterior as vezes tem teto"[289]. Outro dado, por ela destacado é que "as pessoas também vivem fora das casas, assim, o meio externo deve ser o mais agradável e cômodo possível"[290].

Refletindo, portanto, sobre os princípios de design urbano sobre as relações espaciais entre a altura dos edifícios e a largura do espaço público (das ruas e calçadas) produzem. Desse modo, os recintos urbanos são capazes de proporcionar por si sensações psicológicas de tranquilidade ou inquietude, por claustrofobia, conforme exemplos em croqui.

---

[289] Cf. FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. *Leitura da Paisagem Urbana*; *in:* PERRONE, Rafael Antônio Cunha; VARGAS Heliana Comin (org.). *Fundamentos de Projeto: Arquitetura e Urbanismo,* 2016, p.121.
[290] Cf. *Ibidem*.

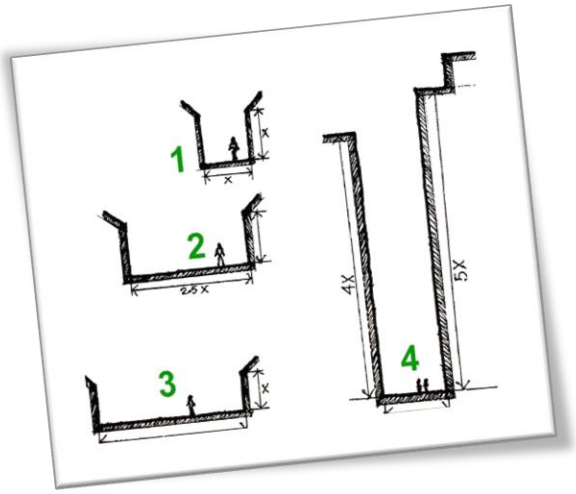


Figura 105 – Escala e proporção: as relações de psicológicas de conforto. **Fonte da imagem:** FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. Leitura da Paisagem Urbana; *in:* PERRONE, Rafael Antônio Cunha; VARGAS Heliana Comin (org.). Fundamentos de Projeto: Arquitetura e Urbanismo, 2016, p.123.

Nesse exemplo [figura 105], os espaços exteriores lineares, possuem a relação mínima aconselhada entre altura e largura é 1:1 (croqui 1), sendo que uma proporção menor poderia produzir a sensação de claustrofobia (croqui 4). A proporção 1:2,5 (croqui 2) é considerada limítrofe em relação à sensação máxima de conforto, uma vez que uma proporção maior pode produzir uma sensação de fechamento insuficiente, de pouca proteção (croqui 3). Entretanto, há que se considerar que nas situações de pátios e praças de uma comunidade essa relação proporcional muda. Por exemplo, na praça (tradicional) a proporção aconselhada de altura/ largura é de no mínimo 1:4 (croqui 3) e no máximo 1:10[291]. Esse último dado para nós é bastante valioso, pois "a rua virou praça"! Sob essa perspectiva que iremos nos enveredar, haja vista a rua exerce a função da praça cívica – do encontro, convívio e sociabilidade – resta-nos, então, verificar se ela cumpre o mesmo papel morfológico.

Assim, nos aprofundando nesse conhecimento sobre a psicologia ambiental correlacionado ao design urbano, que conflui para o fator de visão de céu (FVC), que nada mais

[291] Cf. FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. Leitura da Paisagem Urbana; in: PERRONE, Rafael Antônio Cunha; VARGAS Heliana Comin (org.). Fundamentos de Projeto: Arquitetura e Urbanismo, 2016, p.123, *passim*.

é do que o valor angular entre o topo de edifícios paralelos entre si e o centro da rua, conforme exemplo abaixo [figuras 106 e 107]. Esclarecemos, portanto, que se a proporção aconselhada entre altura e largura é de no mínimo 1:4 e no máximo 1:10 para a praça, logo o FVC que produz sensação de bem-estar deve estar entre 127º e 157º Ψ, bem como para os espaços urbanos abertos, a rua, o FVC que produz sensação de bem-estar deve estar acima de 53° até o limite de 103°.

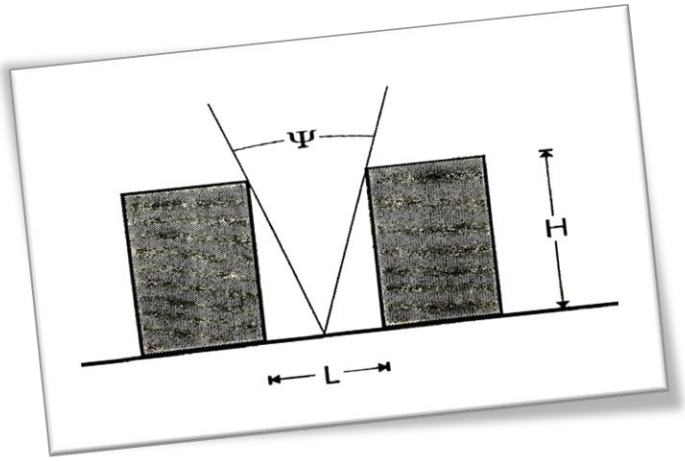
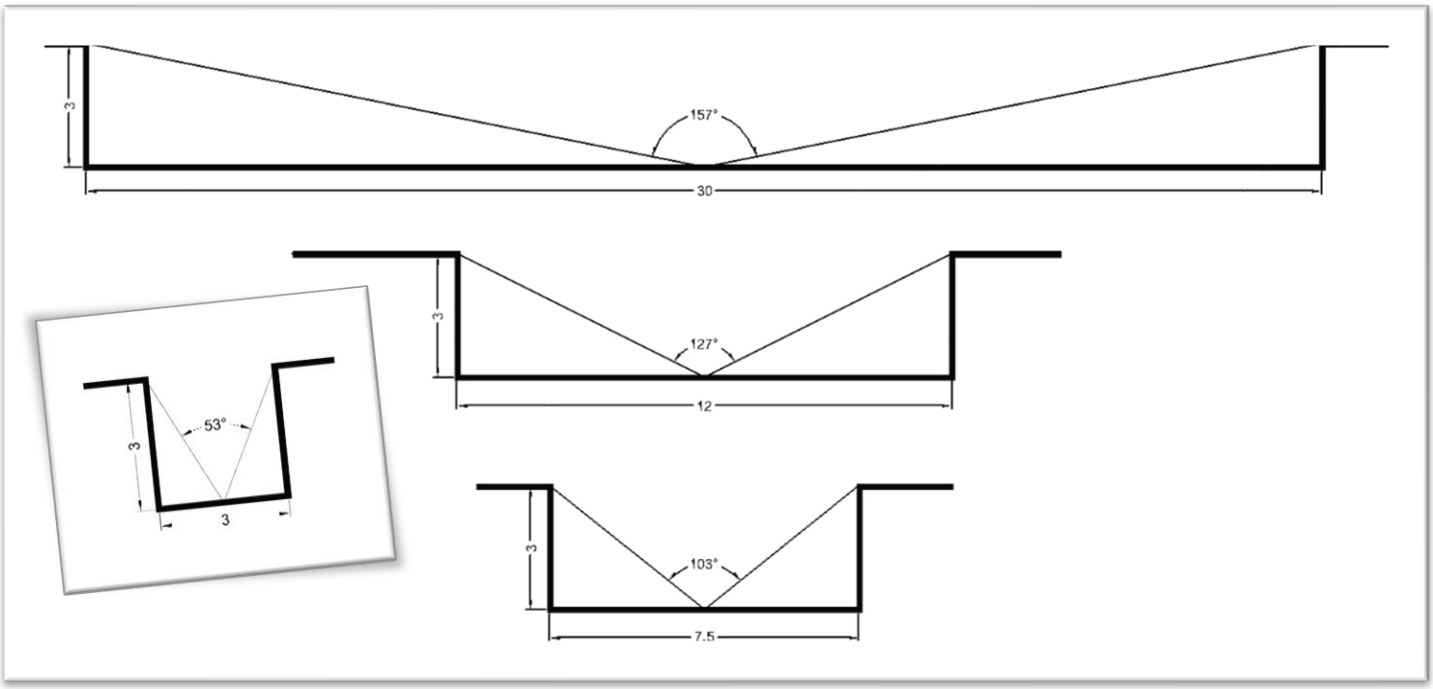


Figura 106 – Escala e proporção: as relações de psicológicas de conforto. **Fonte da imagem:** OKE (1976) *apud* MASCARÓ, Lúcia. *Ambiência Urbana*. 2004, p.55.

Figura 107 - Apresentação dos graus do FVC. **Fonte dos dados:** FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. Leitura da Paisagem Urbana; in: PERRONE, Rafael Antônio Cunha; VARGAS Heliana Comin (org.). Fundamentos de Projeto: Arquitetura e Urbanismo, 2016, p.123. **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e Pedro H. N. Patelli (2020).



Esclarecidos esses aspectos, retomamos o levantamento da localização das concentrações humanas nos territórios estudados e aplicamos essa teoria para a conferência e validação/negação dos dados; e os resultados foram estes [figuras 108 e 109].

2.2.6.1 Discussão analítica dos resultados.

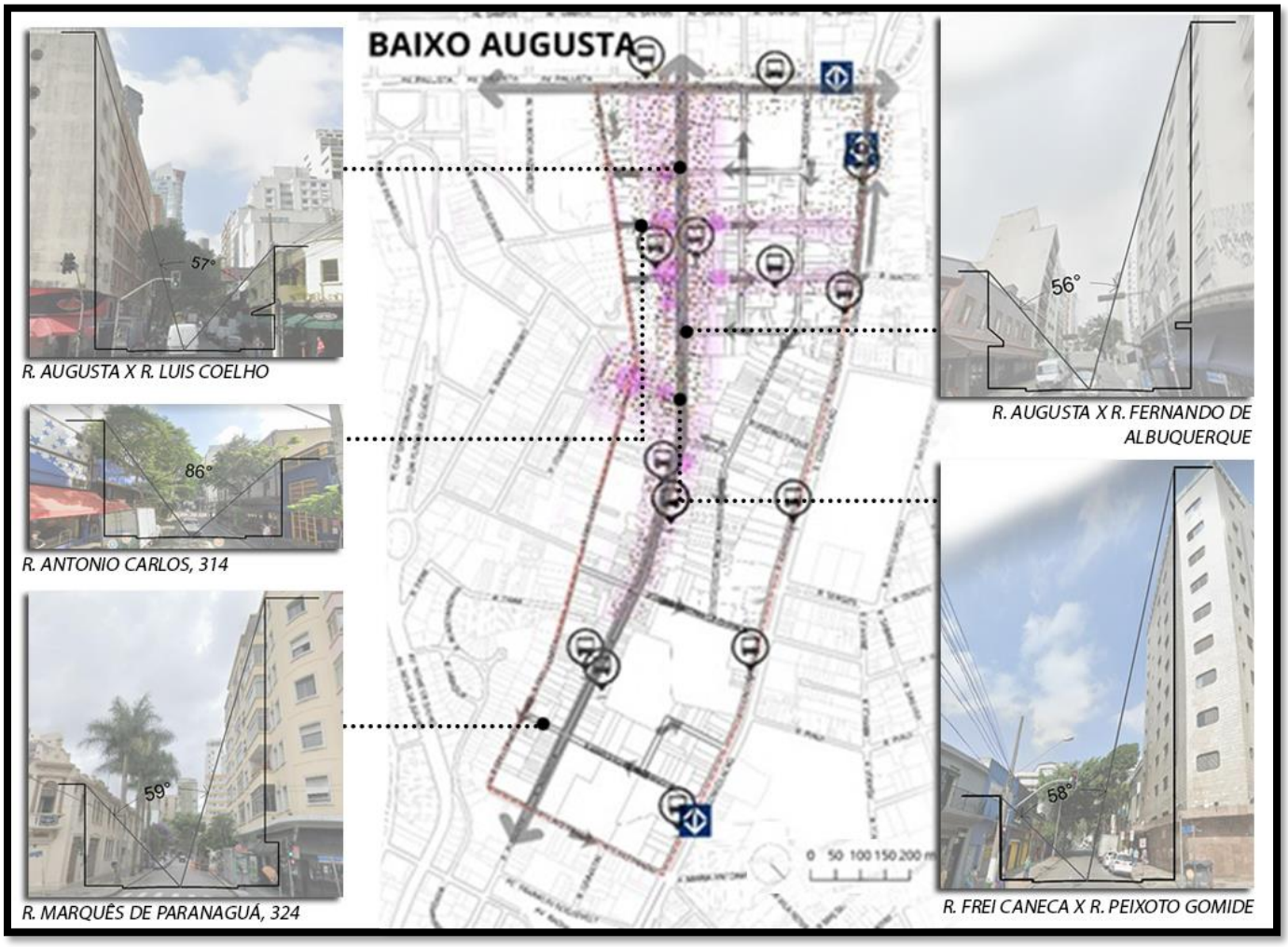


Figura 108 – Estudo dos Canyons Urbanos do Baixo Augusta e Vila Madalena. **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e Pedro Patelli (2020).

Figura 109 – Estudo dos Canyons Urbanos do Baixo Augusta e Vila Madalena. **Elaboração:** Sérgio A. Santos Jr. e Pedro Patelli (2020).

As imagens sumarizam os resultados dos levantamentos e do estado de conforto das variáveis medidas de design urbano em correlações proporcionais entre o FVC e os locais onde as pessoas se concentram nos pontos específicos dessas ruas.

A análise evidenciou significativa correlação entre o comportamento dos usuários e o tempo de permanência nos pontos estudos em consonância ao FVC. O "estado de praça", que deduzíamos estar incorporado nessas ruas por meio da morfologia dos recintos urbanos (os *canyos*), foi descartado (ou negado), em ambos os locais de estudo, em relação a proporção aconselhada que deveria produzir uma resultante entre 127º e 157ºΨ. Desse modo, retornamos a vinculação típica da configuração da rua, que deve estar acima de 53° até o limite de 103°Ψ.

A constatação favorece, na medida em que se vincula a reflexão sobre o tempo de permanência dos usuários, quando o FVC se faz baixo, ou seja, próximo dos 53°Ψ, na psique humana é produzida uma sensação de fechamento (claustrofobia), o que induz a movimentação das pessoas com mais intensidade; e isso, de fato, é evidenciado com maior ênfase no Baixo Augusta. Enquanto isso, o corpo urbano da Vila Madalena reproduz à sensação máxima de conforto ante a vastidão (desabrigado/desprotegido), se aproximando, na medida em que se estende aos 103°Ψ, o que evidencia maior tempo de permanência das pessoas em "atividade estacionária" apropriando-se do espaço da rua.

Por meio desse estudo preliminar exploratório, os dados apresentados compravam que o design urbano, por meio do FVC, influencia o uso da rua, se de passagem ou permanência, não apenas na quantidade de pessoas que se concentram em determinados trechos urbanos, mas também no tempo de permanência nesses locais. Esse foi um importante aspecto observado na pesquisa e que será questionado no capítulo seguinte em uma avaliação pós-ocupação, por meio de entrevista aos usuários que levará em conta essas considerações.

IMAGINABILIDADES URBANAS:

A boa forma dos territórios de lazer.

CAPÍTULO 3.

Qual a importância da fisionomia urbana dentro de uma visão lúdica? De que forma podemos analisar e perceber os cenários dos espaços urbanos abertos de entretenimento, sobretudo noturno? A final, o que seria uma "boa forma" para os territórios de lazer"?

As questões colocadas acima são discutidas ao longo deste capítulo, por meio dos conceitos da **boa forma urbana** e de ***imaginabilidade*,** ambos forjados por Kevin Lynch[292], e que encontram eco em diversas outras obras a fim de responder indagações desse tipo.

Que o ambiente construído pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana, isso já está claro[293]. Entretanto, "estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre os animais que se locomovem"[294], para tanto, se faz necessário interpretar a expressividade de determinado local. E é nesse sentido que a orientação espacial, constitui-se na *imaginação* – imagem em ação –, hologramas, exercidos por um sistema de linguagem complexo que configura a imagem mental, enquanto instrumento essencial para a concepção de um ambiente construído legível.

---

[292] Ver. LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2011 [orig. 1960]. e LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. 2007 [orig. 1981].

[293] Ver. TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1983 [orig.1977].

[294] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.03-04. O autor considera que "para exercício de tal atividade são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento e polarização da luz, além de outros sentidos como olfato, audição, tato [cinestesia] e, talvez campos elétricos".

O conceito de ***imaginabilidade***, portanto, está vinculado ao de legibilidade da imagem, resultado de um processo entre observador e ambiente – interpretante e interpretado. Ocorre o que o arquiteto fenomenólogo Juhani Pallasmaa diz: "ao experimentar [o lugar] ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta a sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos"[295].

Contemplar o processo de produção da imagem, deve-se levar em conta três componentes: *identidade, estrutura* e *significado*[296]. Cientes de que nossa ênfase vai incidir sobre o ambiente físico como a variável independente, este capítulo procurará definir as qualidades físicas relacionadas aos atributos de *identidade* e *estrutura* na imagem mental – aqui se exemplifica por identidade: o ambiente lúdico; estrutura: a relação socio física; e o significado (dedutivo), a descompressão psicoemocional pelo lazer. E isso nos conduz à definição daquilo que Lynch conceituou de ***imaginabilidade***:

> "características num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Também poderíamos chamá-la de legibilidade ou, talvez, de visibilidade num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos. [...]. Uma cidade altamente "imaginável", nesse sentido específico (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, distinta, digna de nota; convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação

[295] Cf. PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.** 2011, p.11.

[296] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.08. "Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional. O significado também é uma relação, ainda que bastante diversa da relação espacial ou paradigmática" Lynch adverte que "é conveniente abstraí-los para análise, desde que não se perca de vista que sempre aparecem juntos".

> maiores. O domínio sensorial de tal espaço não seria apenas simplificado, mas igualmente ampliado e aprofundado”[297].

Em face desse contexto, a ***imaginabilidade*** da forma urbana traz consigo a visão platônica de um ambiente “bom e bonito”, tendo enquanto propriedades básicas: significado ou expressividade, prazer sensorial, ritmo, estímulo, escolha – do sentido e da função. Nosso objetivo consiste, primeiro, em levar em conta a necessidade de *identidade* e *estrutura* em nosso mundo perceptivo, e ilustrar a relevância especial dessa qualidade para o caso específico: o espaço urbano, complexo e mutável.

Por meio dos estudos de Lynch, que parte dos pressupostos da *Gestalt* [teoria da forma], o conteúdo das imagens mentais, do individual ao coletivo, comumente ressalta cinco tipos de elementos em comuns, sendo: *caminhos* [vias], *limites, bairros, pontos nodais* e *pontos de referência na paisagem* [marcos][298]. Definidos pelo autor da seguinte maneira e sintetizado por nós:

1. “*Caminhos* [vias]. As vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove. Podem ser ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias. Para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem na medida em que por ela, os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam.
2. *Limites*. Os limites são elementos não usados ou entendidos pelo observador, são as fronteiras [barreiras] entre duas fases, quebras de continuidade lineares, como muros e paredes praias, ferrovias, margens de rios, lagos, praias etc. Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra.
3. *Bairros*. Os bairros são as regiões de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles "penetra" mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam. Sempre identificáveis a partir do lado interno, são também usados para referência externa quando visíveis de fora.

---

[297] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.11. “É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente”.
[298] *Ibidem,* p.51.

4. *Pontos Nodais*. São pontos, lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física, como um ponto de encontro numa esquina ou uma praça fechada.
5. *Pontos de referência na paisagem* [marcos]. São outro tipo de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples [elementos emblemáticos na paisagem]: edifício, sinal, loja ou montanha. São geralmente usados como indicadores de identidade, ou até de estrutura, e parecem tornar-se mais confiáveis à medida que um trajeto vai ficando cada vez mais conhecido"[299].

Explicitados esses cinco elementos, Lynch adverte que são matéria-prima da imagem ambiental, que devem ser modelados juntos para oferecer um mapa mental satisfatório. Pela lógica, portanto, o próximo passo consiste em examinar a interação de pares dos elementos.

Marcado por esses atributos elementares, em cada um dos territórios estudados, adotou-se o seguinte procedimento: a) m reconhecimento de campo sistemático da área feito a pé por um observador experimentado, que mapeou a presença de diversos elementos, sua visibilidade, a força ou a fragilidade de sua imagem, suas conexões, desconexões e outras inter-relações, e registrou quaisquer vantagens ou dificuldades da estrutura da imagem; b) subsequente, foram feitas avaliações subjetivas com base na aparência imediata desses elementos de campo[300].

[299] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.52-53.

[300] Alinhamo-nos e referenciamo-nos no mesmo procedimento descrito e adotado por Lynch. Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.18.

A constatação favorece a exploração de um conjunto de temas comuns sobre a forma, com referências reiteradas acerca das características físicas, e que, por meio dessas categorias, é possível descrever as qualidades do *design*. Lynch as classifica em dez tópicos:

1. "*Singularidade* ou clareza da figura-plano de fundo [...] qualidades que identificam um elemento e o tornam admirável, notável, vivo, identificável.
2. *Simplicidade da forma*: em sentido geométrico, limitação de partes (como a clareza de um sistema de quadrícula, de um retângulo, de uma cúpula).
3. Continuidade. Continuação de limites ou superfícies (comum em canais de circulação e em *skyline*), repetição em intervalo rítmico (como um padrão de esquinas), e similaridade.
4. *Predomínio*. o predomínio de uma parte sobre as outras [coadjuvante] em decorrência do tamanho, da intensidade ou do interesse, resultando na leitura do todo como uma característica principal associada ao conjunto.
5. *Clareza de junção*. Alta visibilidade das ligações (ou conexões), extremamente perceptíveis e estratégicas sua estrutura no espaço-tempo.
6. *Diferenciação direcional*. Assimetrias, gradientes que diferenciam uma extremidade da outra, notória/usada sobretudo em grandes escalas.
7. *Alcance visual*. Panoramas que aumentam a profundidade da visão, elementos que articulam e explicitam um espaço, norteia os usuários.
8. *Consciência do movimento*. Através dos estímulos sensoriais e sinestésicos tornam sensível o mundo real [experiência de paralaxe], percepção de curvas, ladeiras, mudança de direção.
9. *Séries temporais*. São sequências percebidas, como uma sequência casual de marcos, nas quais um elemento está ligado a outros dois, o antes e o posterior. Consubstancia uma estrutura mental lógica, não tem vinculação direta com a cronologia do edificado.
10. *Nomes e significados*. Características não físicas que podem aumentar a ***imaginabilidade*** de um elemento, reforça ainda que as sugestões de *identidade* e *estrutura* podem estar latentes na forma física"[301].

Todas as qualidades acima mencionadas não funcionam de modo independente, por isso não é convém separá-las para uma análise. Segundo Lynch, onde uma dessas qualidades está presente as demais estão em conflito ou convergências.

[301] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.117-120.

A luz dessas considerações, no exercício arquitetônico, projetamos intervenções no ambiente, imprimindo significância estética, harmonia e coerência; sensibilizando o olhar e a presença do usuário. E eis o reencontro com nossa tarefa, agora norteado por um recorte analítico-interpretativo: decodificar os pedaços urbanos, seus elementos e a qualidade da forma, que os torna tão apreciados.

Mas há mais. Para Lynch, "uma boa imagem ambiental oferece ao seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional, onde pode estabelecer relações harmoniosas entre ele o mundo a sua volta"[302]. Ainda de acordo com o autor, "um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas reforça a intensidade da experiência estética"[303].

Por essa via, reencontramos o paradigma fenomenológico, já abordado no Capítulo 2, que destaca uma questão fundamental colocada aqui: a *estética do sublime*, pelo efeito que o lugar produz no observador por meio da forma, dando expressão psicoemocional a determinado conteúdo, sensibilizando e conectando os usuários de forma significativa, revelando, assim, o sentido do lugar. Marcado por esses atributos, partimos do raciocínio de que, no caso particular da *estética do sublime*, devido à experiência ser o fator visceral, isso nos leva a proposição de que pode existir uma estética do ambiente lúdico ou uma estética do lazer e entretenimento.

No âmbito desse debate, a fisionomia da paisagem é abordada a partir da perspectiva da arquitetura, tendo com subtexto a fenomenologia, relacionando-a a outros conceitos importantes para o desenvolvimento do nosso substrato conceitual marcado pela estética e o lúdico.

---

[302] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.05.
[303] *Ibidem*.

Dizemos isso porque a ambiência lúdica não reside somente no território, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre ambiente construído – comportamento humano. Para Thomas Gordon Cullen, formular a fisionomia da paisagem urbana é uma arte de tornar coerente e de organizar, visualmente, os elementos que os constituem[304]. Essa reflexão influi, dentro de uma visão analítica e dinâmica da fisionomia urbana, premissas de como os elementos da paisagem urbana interagem e afetam as pessoas – a experiência estética. E eis que se retoma a vinculação: *identidade, estrutura* e *significado.*

O que Lynch procura são conexões entre os valores perceptivos humanos em relação as conformações fisionômicas das cidades:

> "A maioria das pessoas já viveu a experiência de estar num local especial e preza esse local [...]. Existe um prazer enorme em sentir o mundo: o jogo da luz, a sensação e o odor do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Um local bom é acessível em todos os sentidos, torna visíveis as correntes do ar, cativa as percepções dos seus habitantes"[305].

Em *A boa forma da cidade*, Lynch desenvolve um método analítico-interpretativo, que acreditamos ser útil para contextualizar o incômodo adjetivo: "*boa*", presente no título de sua obra.

Ao formular a problemática do qualitativo, a visada do autor considera cinco dimensões de desempenho (ou performance) do espaço, sendo: *vitalidade, sentido, adequação, acesso* e *controle*, que são somatizados a dois metacritérios: *eficiência* e *justiça*, e devem ser analisados

---

[304] Ver. CULLEN, Thomas Gordon. **Paisagem Urbana.** 2008 [orig.1961].

[305] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.128.

em relação a cada uma das dimensões anteriores. Desse modo, Lynch acredita ser possível separar, para, de certo modo, refletir e avaliar melhor as condicionantes espaciais.

À luz dessas considerações, o próprio autor esboça, de modo sintético, as dimensões de desempenho e os metacritérios, conforme abaixo.

1. "*Vitalidade*: o grau em que a forma do aglomerado populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos e as capacidades dos seres humanos - acima de tudo, como protege a sobrevivência da espécie. É um critério antropocêntrico, apesar de um dia podermos analisar como o ambiente suporta a vida de outras espécies, mesmo quando isso não contribui para a nossa própria sobrevivência.
2. *Sentido*: o grau em que um aglomerado populacional pode ser entendido e mentalmente diferenciado e estruturado no tempo e no espaço pelos seus residentes, e o grau em que essa estrutura mental se liga com seus valores e conceitos - a correspondência entre o ambiente, e as nossas capacidades mentais e sensoriais e as nossas construções culturais.
3. *Adequação*: o grau em que, num aglomerado populacional, a forma e a capacidade dos espaços, canais e equipamentos correspondem ao padrão e a quantidade de aç6es em que as pessoas normalmente se envolvem, ou que se querem envolver - ou seja, a adequação dos cenários comportamentais, nomeadamente a sua adaptabilidade a ações futuras.
4. *Acesso*: a capacidade de alcançar outras pessoas, atividades, recursos, serviços, informações ou locais, incluindo a quantidade e a diversidade dos elementos que podem ser alcançados.
5. *Controle*: o grau em que a utilização e o acesso a espaços e atividades, e a sua criação, reparação, modificação e gestão são controlados por aqueles que os usam e neles trabalham ou residem.
6. ***Eficiência***: o custo, em termos de outros elementos valorizados, da criação e manutenção do aglomerado populacional, para qualquer dos níveis de concretização das dimensões ambientais anteriormente listadas.
7. ***Justiça***: o modo como os benefícios e os custos ambientais se encontra distribuídos pelas pessoas, em conformidade com alguns princípios específicos como a igualdade, a necessidade, o valor intrínseco, a capacidade de pagamento, o esforço despendido e a contribuição pessoal, ou o poder. A justiça é o critério que equilibra os ganhos entre as pessoas, ao passo que a eficiência equilibra os ganhos entre diferentes valores"[306].

[306] Cf. LYNCH, Kevin. *op.cit*. 2007 [orig. 1981], p.121.

Metodologicamente liberto de conteúdos conceituais próprios de sua acepção, a análise interpretativa das fisionomias urbanas do Baixo Augusta e da Vila Madalena, em São Paulo, desenvolve-se a partir das dimensões de execução da forma. O objetivo de usar o conceito exposto por Lynch, busca responder a seguinte questão: **É possível analisar a forma das Ruas de Eventos a partir de atributos ou dimensões que combinem aspectos ligados a estética e a dimensão lúdica, a fim de que se formule uma figura arquetípica?**

3.1 O MAPA MENTAL DO BAIXO AUGUSTA E SEUS ELEMENTOS.

3.1.1 A imagem do Baixo Augusta e seus elementos.

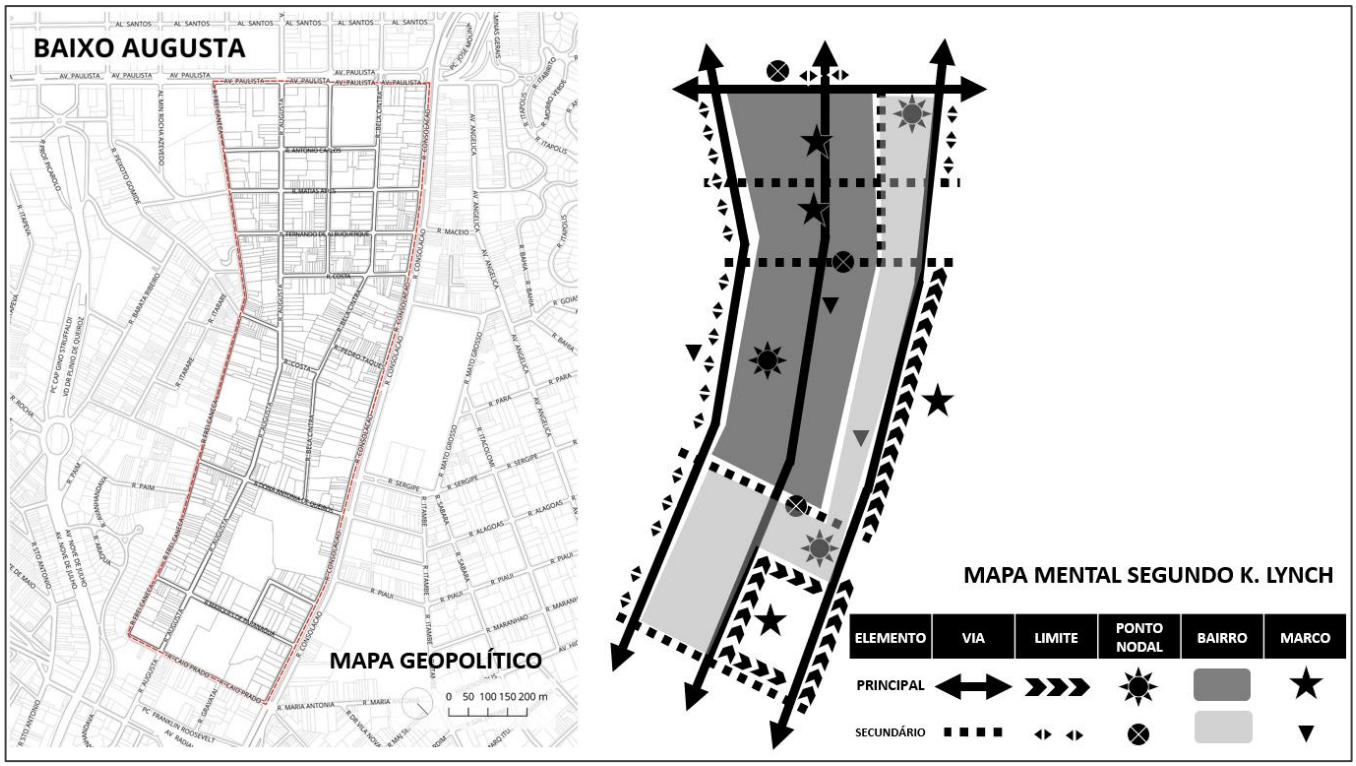


Figura 110 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos.
Fonte: Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2020). **Inspirado em:** LYNCH, 2011, p.21, passim.

A análise de campo acabou sendo simplificada, transformando-se numa cobertura sistemática da área, feita após a imersão em campo, por meio das memórias e recordações, do

percurso feito a pé por observadores treinados que já haviam sido instruídos sobre o conceito de ***imaginabilidade*** urbana. O que está sendo mapeado aqui é, portanto, uma abstração, não a realidade física em si, nesse sentido, são as impressões genéricas que a forma real provocou no observador.

Interpretativamente promissor é o modo com que a legenda foi elaborada, o limitar de suas medidas (quantitativas) toma por base o senso comum, que parece revelar os pontos de especial interesse desses pedaços urbanos – sua essência visual. Assim, estabelecemos frequências com que os cinco elementos, que apareciam nos mapas esquemáticos de modo *principal* e *secundário: principal* com frequência igual ou superior a 50%; *secundário,* com frequência inferior a 50%.

3.1.2 Caminhos [vias].

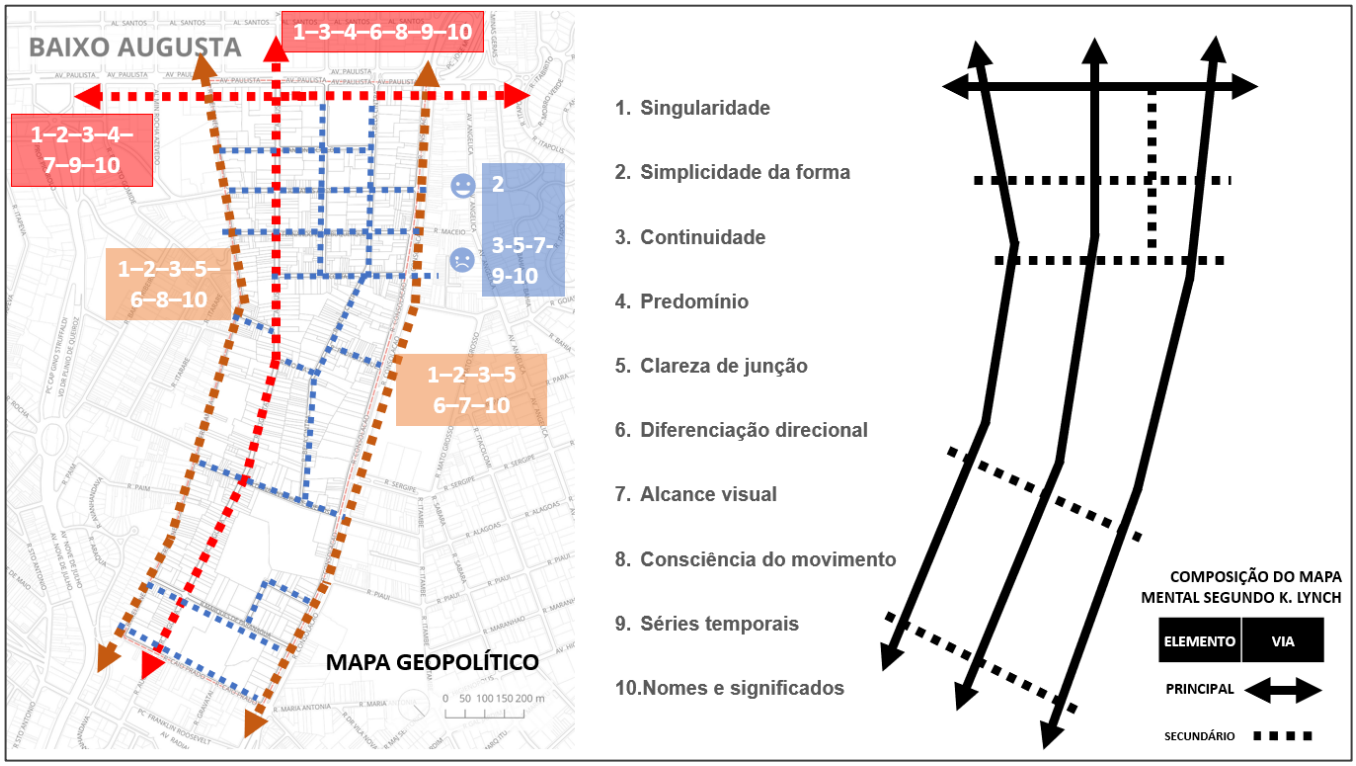


Figura 111 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Nas imagens que inventaram sobre as ruas do Baixo Augusta, para a maior parte dos observadores, as vias são os elementos urbanos predominantes. Sendo assim, a tarefa primeira aqui consistiu em situar a Rua Augusta no mapa esquemático, subsequente a Av. Paulista e, a partir delas, distribuir as outras vias e demais elementos.

As ruas Frei Caneca e Consolação, também figuram com um papel metodológico importante (categoria principal), apresentam enquanto pontos em comum a simplicidade e continuidade, pela fluidez da vida, além dos aspectos de singularidade e significados; de um lado, a Frei Caneca, marcada pela presença do público gay; do outro, a Consolação, pela presença do cemitério. Outro dado é que essas ruas são as principais vias indutoras do público para a experiência boêmia "centrada" na Rua Augusta, e cumprem uma função de delimitar a área do Baixo Augusta.

Já as vias transversais a Rua Augusta [em azul no mapa], assumem relevância secundária. No imaginário social elas se confundem, e o público não se sabe precisar seus respectivos nomes, nesses meandros os usuários sentem-se "perdidos". Notamos, assim, uma valoração simbólica que a rua Augusta exerce sobre as demais ruas de caráter secundário, quando se está nesses outros meandros viários, costuma-se dizer que "está na Augusta". Provavelmente isso tudo se dá pela escassez de séries temporais, continuidade, clareza e alcance visual.

Escapando as abstrações de seus nomes, quantitativamente, quando se questiona os observadores sobre: "quantas quadras separam a rua da Consolação da Augusta?" ou "quantas ruas transversais a Augusta você consegue localizar?", as respostas tinham alto grau de imprecisão; por isso essa "presença parcial", ou "incerta", é vista no mapa final.

Por fim, observamos que os desenhos eram feitos de modo simétrico, levemente arqueado, e que apesar da rua Augusta estar mais próxima da Frei Caneca, no imaginário ela é tão distante o quanto da rua da Consolação, o que consubstancia um papel central e, por isso, seu deslocamento no nosso mapa mental; outro dado ressaltado é que a "falta de clareza" da via, pela permeabilidade visual, foi visto como positivo, pois instigou uma atmosfera de mistério e exploração.

3.1.3 Limites.

De acordo com Lynch, "os limites são fronteiras entre dois tipos de áreas e funcionam como referências laterais"[307]. Àqueles que são introduzidos ao conceito de ***imaginabilidade*** rapidamente mapeiam as formas contínuas que não podem ser atravessadas, como os muros do cemitério da Consolação e da área de bosque do "Parque Augusta".

Os dois locais citados acima comportam em si as dez categorias sobre a *qualidade da imagem*, já a quadra onde se localiza a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), apesar de aparecer nas representações dos observadores como "intransponível", apenas duas categorias eram ressaltadas: *diferenciação direcional* e *consciência do movimento*. De modo dedutivo, isso nos representa um caráter de primazia sobre os demais itens para este elemento.

Assim como é o "limite aquático" para Lynch, daquilo que não é constituído pela matéria física, nossa interpretação também evidenciou limites psicofísicos. A rua Frei Caneca para os observadores poderia ser representada como "um imenso paredão", sendo comumente descrita

[307] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.69.

nesses termos: “sabemos que há continuidade da cidade para lá, mas não conseguimos apreendê-la mentalmente, é como um abismo”.

A Av. Paulista também representa um limite psicofísico, mas é interpretada de modo diferente da Frei Caneca – do bloqueio a fluidez –, a Avenida separa a continuidade (extensão) da rua Augusta, que a tipifica em Baixo Augusta e Augusta Jardins; o que os observadores e o público em geral do Baixo Augusta declaram é “não haver razões para cruzar essa ‘fronteira’”. O mesmo motivo foi detectado na confluência entre a Av. Paulista e Consolação.

3.1.4 Bairro

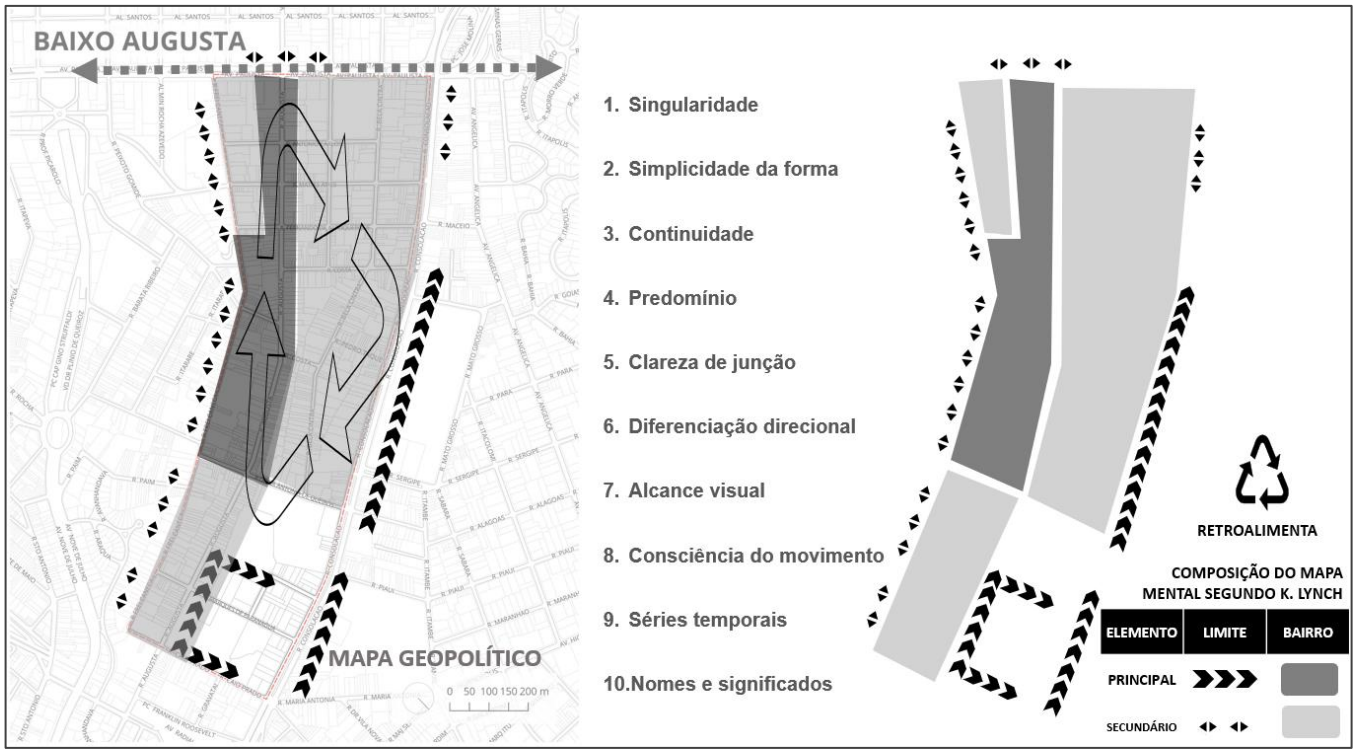


Figura 112 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Em contraposição ao elemento anterior, de barreiras, "os bairros são áreas relativamente grandes, nas quais o observador por penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum"[308]. De acordo com Lynch

> "as características físicas que determinam os bairros são continuidades temáticas que podem constituir numa infinidade de componentes variáveis, como: textura, espaço, forma, detalhe, símbolos, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estados de conservação, topografia entre outros"[309].

A luz dessas considerações, percebemos que os temas, em nosso caso, se dividiam em dois grupos, por nós denominado: icônicos e simbólicos[310]. Os icônicos se referem as variáveis do edificado, como textura, espaço, forma, detalhes, tipo de construção, estados de conservação [ou aparência do edificado] e topografia, desse grupo conseguimos extrair pouco substrato, pois não apresentaram contrastes significativos no conjunto que os distinguisse para formar um "*pedaço*", o contexto nesse sentido foi homogêneo.

Entretanto, por meio do grupo simbólico, marcado pelos usos, atividades dominantes e habitantes, conseguimos mapear manchas de concentração e formular os "*pedaços*". Desse modo, a "mancha secundária" [cinza claro], refere-se ao setor da moradia e atividades econômicas; já a "mancha principal" [cinza escuro], refere-se a dimensão lúdica.

Como sugere Lynch, sobre a combinação dos pares dos elementos em revelar padrões insuspeitados, na combinação entre bairro e limites, a interpretação-analítica demonstrou a existência de um "campo de força" gerado pelo bairro [dimensão lúdica], que é contido pelos

---

[308] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.74.
[309] *Ibidem*, p.75.
[310] Os termos icônico e simbólico, frequentemente são utilizados pela *Gestalt*. Em síntese, o ícone é um signo visual (uma imagem) que representa um objeto ou coisa por semelhança; os símbolos são abstratos, denotado por associação de ideias produzidas por uma convenção. N.A.

limites. Por ter limites contidos e bem definidos, a energia gerada se concentra e se retroalimenta, não permitindo expansão e dispersão dessa força.

3.1.5 Pontos Nodais

Entendidos como pontos de comutação, são estratégicos por formular conexões, transições e interrupções dos trajetos, esse elemento nos permite entrar, atravessar e contornar os artefatos[311]. Seguindo esses pressupostos e as definições já citadas de Lynch sobre o conceito desse elemento, o que prontamente se mapeou foram as estações de metrô, e na reflexão sobre o conceito, o "calçadão urbanoide" é pontuado por todos os observadores, pela comutação entre as ruas Frei Caneca e Augusta, de público e mercadoria [entretenimento].

O que nos surpreende são os apontamentos secundários desses elementos, notou-se a presença de "um ou outro ponto de ônibus na Augusta", os pontos de ônibus da rua da Consolação não foram percebidos, para eles é "como se servissem a outra área, outro pedaço da cidade", e o mais lembrado dos pontos de ônibus foi o que está na frente ao Conjunto Nacional, mas que foi pouco pontuado por tecnicamente "não pertencer ao Baixo Augusta".

Outro dado curioso foi o relato sobre o uso das "vias de caráter secundário", elas atuam como "rotatórias", pois mudar o sentido [o eixo] nas vias de caráter principal foi visto e interpretado como algo complicado.

[311] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.81, *passim*.

3.1.6 Pontos de referência na paisagem [marcos].

Figura 113 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Por definição, os marcos são pontos de referência na paisagem e constituem-se apenas de elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável. A subjetividade das pessoas sobre elementos emblemáticos na paisagem, a princípio, parece uma tarefa relativamente fácil de ponderação, mas não foi, pois

> "tão diversos são os códigos arquitetônicos que se sucedem na sua sequência viária, que dar ares de que nela algum diretor cinematográfico desenvolveu e depois estabeleceu uma frenética montagem, alternada, misturando espaços e tempos diversos, e aproximando pedaços de urbanos rodados em outros lugares. Trata-se, ao invés, de um único plano, demorado, uma sequência filmada sem cortes, sempre na mesma rua"[312].

[312] Cf. CANEVACCI, Mássimo. *A cidade polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004, p.195.

Contudo, alguns denominadores em comum apareceram, como é o caso do Shopping Center 3 e das escadarias do Banco Safra, que servem de ponto de encontro para os jovens que vão “descer a Augusta”.

Subsequente, e de maneira muito subjetiva, as pessoas ressaltaram seus locais de destino como marcos, mas nem sempre são para o imaginário coletivo. Outros dois pontos que marcam o imaginário social são: o cemitério da Consolação e a área do bosque, ambos retomam a vinculação ao elemento limite; outra vinculação entre elementos, trata-se do calçadão urbanoide, que para muitos, além de um ponto nodal também é um marco.

O que nos chamou a atenção foram os elementos destacados de caráter secundário. Apesar da rua da Consolação receber pouca, ou quase nenhuma, atenção por parte do público quando a questão são práticas de lazer, as pessoas ressaltaram o “corpo de bombeiros” como um marco; tal apontamento deduz características de segurança emocional que ele oferece ao público. Outro elemento peculiar apontado, refere-se ao “hotel de cor roxa”, na rua Augusta, uma tipificação bastante arriscada frente ao caráter efêmero que carrega, pois, trocar a cor de um edifício é algo fácil, logo não oferece segurança de orientação “duradoura”. Por último, a Paróquia Divino Espírito Santo, na rua Frei Caneca, cujo a presença é pouco notada, mas é “acionada” por referência ao Calçadão Urbanoide.

3.2 O BAIXO AUGUSTA E AS CINCO DIMENSÕES DE DESEMPENHO.

A operacionalização até agora empreendida convida a precisar como recai para nós o tal qualitativo “a boa forma da cidade”, por meio de sua dimensão de desempenho e, assim, pretendemos verificar sua performance.

3.2.1 Vitalidade.

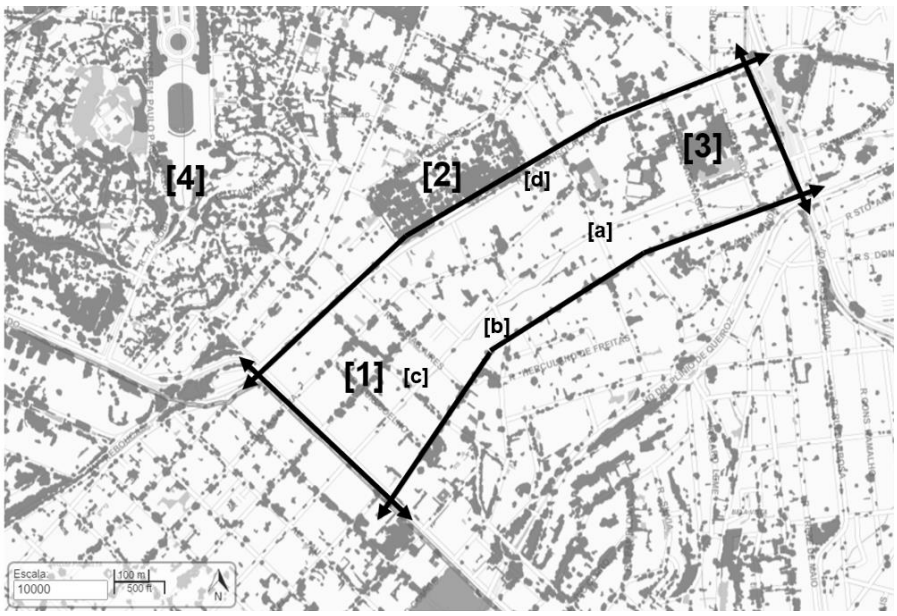


Figura 114 - Levantamento/verificação da massa arbórea do Baixo Augusta. **Disponível em:** Mapa digital da cidade de São Paulo: Mapa base (político administrativo), camada: verde / recursos naturais (mapeamento da cobertura vegetal 2020). **Fonte**: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br (acesso em dez.2020).

Para Kevin Lynch, os aspectos que definem a vitalidade dependem da natureza do ambiente “manter-se vivo”, e isso tem referência nas características das ciências biológicas. Por definição, entendemos vitalidade como “a qualidade de um espaço ter vida”; “capacidade de manter-se vivo, vigor”; “conjunto das funções vitais do organismo”. Nesse sentido uma boa forma urbana refere-se a um ambiente adequado e propício para a vida, não somente da nossa espécie, mas também do ecossistema. O autor sugere três características fundamentais do ambiente: *sustentação*, *segurança* e *consonância*.

Figura 115 – ilustração da arborização percebida no Baixo Augusta pela rés-do-chão com as ruas Augusta [a], Frei Caneca [b], Antônio Carlos [c] e Consolação [d]. **Fonte**: Google Street View, mar.2020 (acesso em dez.2020).

Um dos fatores relacionados à questão sobre a vitalidade, diz respeito a presença, de áreas verdes. Como visto acima [figura 114], nota-se que na região do Baixo Augusta como um todo, a presença do verde é bastante escassa, salvo exceção, dentro do perímetro, nas proximidades com [1] Av. Paulista, [2] cemitério da consolação, e [3] a área de bosque do "parque Augusta"; e fora do perímetro de estudo, [4] a região do Pacaembu.

Cabe destacar que nem tudo o que é visto do alto, corresponde aquilo que é vivido e percebido ao nível do pedestre [figura 115]. No caso das ruas Augusta [a] e Frei Caneca [b], de fato, a presença de massa arbórea não notada pelo pedestre, sobretudo nos locais de maior concentração do público; e no caso das ruas Antônio Carlos [c] e Consolação [d], elas aludem uma presença mais constante do verde.

Outro fator relacionado à questão sobre a vitalidade, diz respeito a própria presença humana, mapeada e apontada seus focos de concentração no capítulo anterior. Nessa acoplagem dos dados entre os mapas, percebe-se que, a suposição da apropriação humana ocorre ao redor das manchas de massa arbórea, não é uma verdade no Baixo Augusta [figura 116].

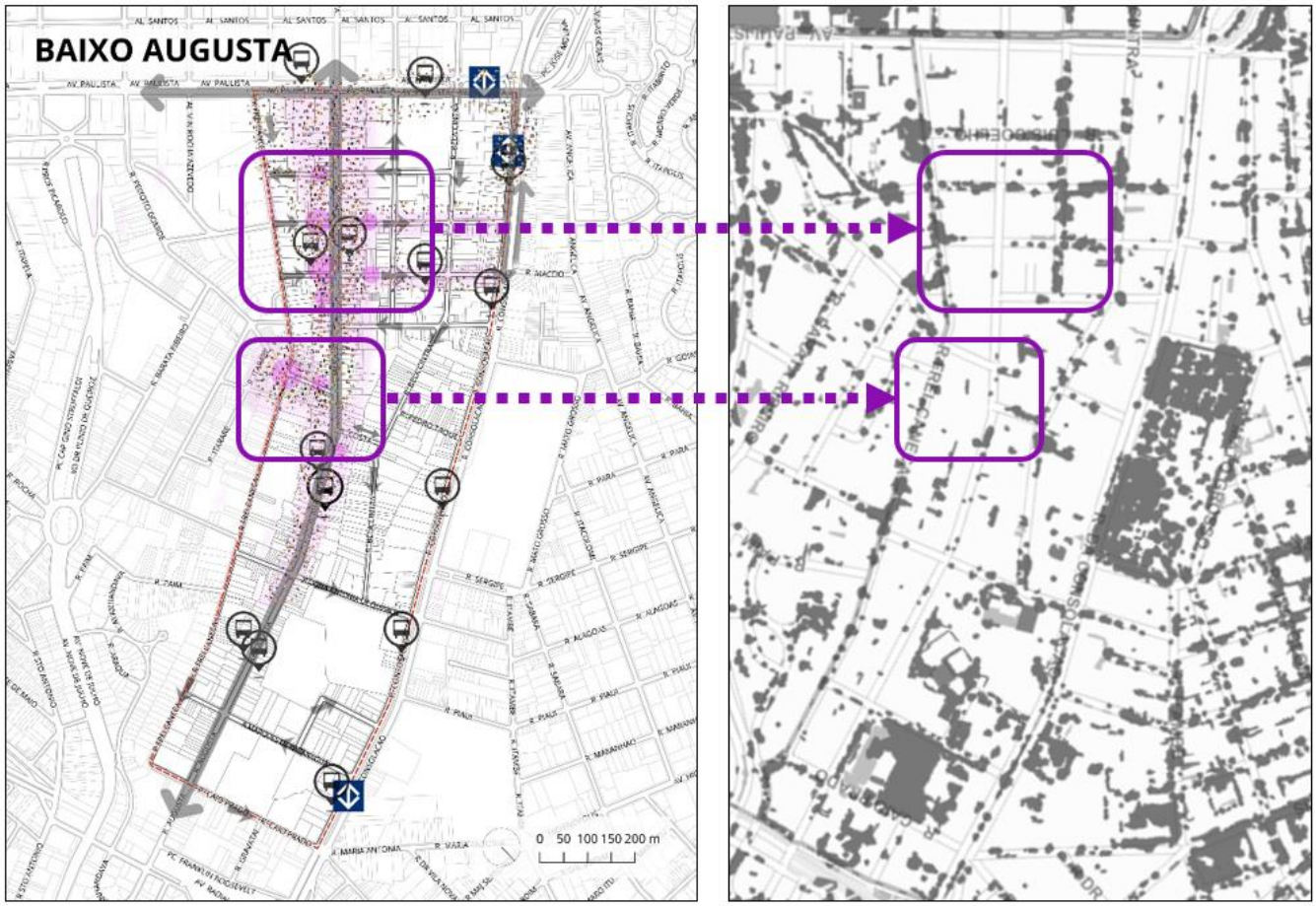


Figura 116 – ilustração da arborização percebida no Baixo Augusta pela rés-do-chão com as ruas Augusta [a], Frei Caneca [b], Antônio Carlos [c] e Consolação [d]. **Fonte**: Google Street View, mar.2020 (acesso em dez.2020).

No que se refere as três características fundamentais do ambiente: *sustentação*, *segurança* e *consonância* explicitados por Lynch, a *sustentação* está relacionada ao suprimento e aos fluxos de matéria e energia – em nossa interpretação, isso recai no território pelos usos dos edificado que sustentam as práticas de lazer.

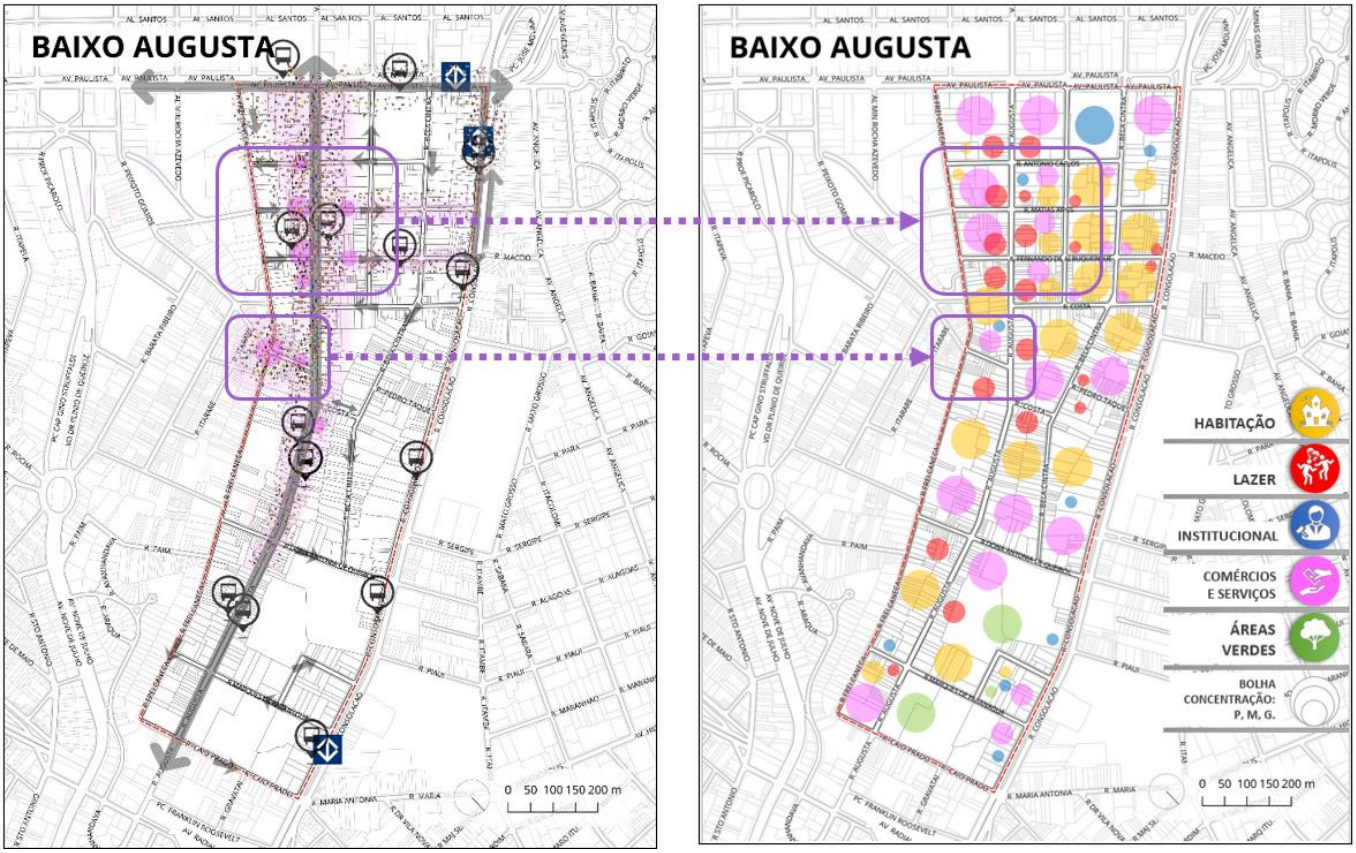


Figura 117 – ilustração da arborização percebida no Baixo Augusta pela rés-do-chão com as ruas Augusta [a], Frei Caneca [b], Antônio Carlos [c] e Consolação [d]. **Fonte**: Google Street View, mar.2020 (acesso em dez.2020).

A *segurança* se relaciona diretamente aos riscos que o ambiente oferece a vida e, de modo indutivo, como nos situamos no e pelo espaço – vinculado ao mapa mental da área, apresentado pela imagem [figura 117]. De fato, por prover segurança, correspondente ao nosso sistema de orientação, as ruas em destaque no mapa mental asseguram lugar no imaginário social.

E, por fim, a *consonância*, que se relaciona aos aspectos fisiológicos, dos estímulos sensoriais e, portanto, a questões relacionadas ao conforto ambiental. Sob a perspectiva de Lynch, *consonância* se relaciona as necessidades humanas, como iluminação natural, sombreamento, ventilação, meios de transposição entre níveis (degraus e inclinações topográficas), entre outros se intencionamos vitalidade.

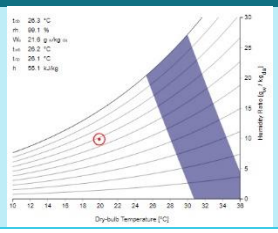
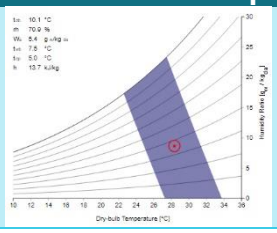
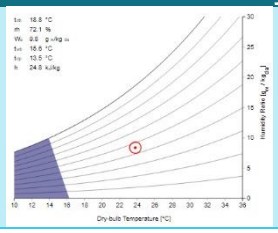
Conforme estudo exploratório intitulado "**A dimensão oculta em territórios de lazer: estudo de conforto (térmico) no espaço urbano aberto**", exposto por nós junto a disciplina AUT5823 - *Conforto Ambiental em Espaços Urbanos Abertos*, nosso interesse investigativo era justamente esse: refletir sobre as questões de conforto, vitalidade e permanência dos usuários no espaço rua sob as intempéries do tempo. Frente as variáveis microclimáticas que não podem ser controladas no espaço urbano aberto, como as pessoas se mantêm em relativo conforto por tanto tempo?

Conforme apontado no Capítulo 3, a forma do cânion urbano do Baixo Augusta tende a verticalidade, isso impacta na troca e retenção térmica [das ondas de calor] entre os edifícios e, também, na canalização e obstrução dos ventos que, em ambos, impacta diretamente o espaço da rua e a sensação térmica dos usuários. Se comparado A Vila Madalena, a retenção térmica é menor, pois a onda de calor reverbera entre os edifícios demorando mais para ser dispersada para o céu.

Para tal verificação, com o auxílio da estação meteorológica e um termômetro de globo [que simula a percepção térmica humana], o estudo apontou que para estar em conforto nesses territórios, era preciso que o usuário estivesse em movimento, o que ajuda a justificar a intensa movimentação, o vai-e-vem das pessoas, ao longo da noite[313] [tabela 5].

[313] Não é do interesse desse estudo, nem do departamento a que se dedica (PEC), que nos aprofundemos nessas questões. Faz-se saber que este estudo preditivo de caráter exploratório fez mais de xx simulações, elaborando suposições diversas, alternando as condicionantes variáveis: resistência térmica da roupa (leve, moderada e pesada); atividade metabólica (parado, caminhando, caminhando acelerado) e levou em consideração os períodos de final de tarde (18h00), noite (22h00) e madrugada (02h00). Em síntese: faixa azul indica o conforto e o ponto vermelho o usuário, se localizado a esquerda da faixa, sensão de frio, se localizado a direita calor. N.A

Tabela 5 – Gráficos selecionados baseados nos requesitos de "consonância" de Lynch

		
Usuário parado	Usuário em movimento	Usuário em ritmo acelerado

Fonte: Sérgio A. Santos Jr. 2018. **Software utilizado:** CBE *Thermal Comfort Tool. Center for the Built Environment, University of California Berkeley*.

Cabe destacar que as outras variáveis citadas por Lynch, como iluminação natural e sombreamento, não foram contemplados na pesquisa pelo enfoque temático recair no período noturno. Entretanto, nos parâmetros de incomodidade por ofuscamento, de iluminação artificial, sobretudo dos carros, faltou-nos ferramentas normativas [NBR e *ISOS*] e equipamentos de medição – o que nos permite entrever uma oportunidade para a realização de estudos futuros.

3.2.2 Sentido.

Figura 118 e 119 - *Sentidos* do Baixo Augusta. ***Fonte:*** *Sérgio A. Santos Jr. (2019)*

Figura 120 a 122 - Sentidos *do Baixo Augusta.* ***Fonte:*** *Jorge Hynd*. (2018).

Para Kevin Lynch, a dimensão do *sentido* retoma a vinculação ao modelo de orientação do espaço, pelo modo de como é apreendido e identificado. Mas há mais. O autor também destaca o elo entre conceitos e valores não espaciais, que se relaciona a *identidade* do objeto[314].

> "A maioria das pessoas já viveu a experiência de estar num local muito espacial e preza esse local, e lamenta a privação habitual a que fica sujeita quando se afasta dele. Existe um prazer enorme em sentir o mundo: o jogo da luz, a sensação e o odor do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Um local bom é acessível a todos os sentidos, torna visíveis as correntes do ar, cativa a percepção dos seus habitantes"[315].

Em nossa linha interpretativa, a locação de Lynch vai de encontro ao conceito de "lugar sagrada", enredado por Johan Huizinga, especialmente quando Lynch diz: "estar num local muito espacial e preza esse local, e lamenta a privação habitual", ou seja, *o lugar* está separado das atividades do cotidiano, mas não do território urbano. Nesse sentido, o que o diferencia qualitativamente é momento em que a dimensão lúdica se manifesta sobre ele.

Desse modo, o *sentido* é a clareza, depende da forma e da *estrutura* espacial, e que, por sua vez, depende do nível em que uma pessoa consegue reconhecer um lugar [identidade]; e eis que estamos também no campo da cultura, da experiência [do objeto e do observador –

---

[314] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.158.

[315] *Ibidem,* p.158.

estrutura], do estatuto e do temperamento, segundo Lynch[316]. Montada assim a tríade [*forma*, *estrutura* e *identidade*], cabe a questão: como é possível reconhecer nossa imersão no Baixo Augusta?

Ressaltando a colocação de Lynch, de fato, "existe um prazer em sentir o mundo, o jogo da luz, a sensação e o cheiro do vento, os toques, os sons, as cores, as formas". Nas imagens vemos o papel dos usuários dessa ambiência, como atores eventuais do projeto. Eles são os "inventores" de imagens da rua como lugar de permanência e dos deslocamentos físicos, da "roupagem" do uso do edificado e das ações comportamentais, definindo, entre outros aspectos, indícios reveladores de uma "realidade" mais ampla.

As fotografias revelam um caráter indicial, em meio as conotações simbólicas, que permeiam as circunstâncias das tomadas fotográficas. O que se nota é uma atmosfera provedora de liberdade, amplitude e transgressão, que se encontra fora das referências utópicas de um cenário "perfeito", romantizado pela vegetação, limpeza, bancos para descanso, iluminação controlada e sequencial, entre outros elementos que arquitetos e urbanistas pontuam como fundamentais para *re*qualificar e *re*vitalizar os espaços – ao que tudo nos parece, para áreas de lazer (boêmio) isso não é tão fundamental assim.

Talvez, a ausência desses elementos da utopia, favoreça a flexibilidade dos espaços, produzindo sua própria forma de apropriação física, funcional e simbólica. Dedutivo é que os estabelecimentos [as casas noturnas e os bares] sirvam de suporte às práticas de lazer, de fato isso ocorre, mas a intensa apropriação humana nos pedaços das ruas se dá frente as portas

[316] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.158.

fechadas dos comércios, nos muros, ao redor de postes e dos ambulantes – ambulantes aqui entendidos como estruturas efêmeras.

É interessante notar que a paisagem criada, enquanto manifestação da dimensão lúdica, tenha a capacidade de criar *sentido.* Aqui a interpretação revela que este cenário foge de circunstâncias previsíveis – do cotidiano habitual, rotineiro e controlável – e abre espaço para o lugar do evento – o qualitativo transgressor –; ao mesmo tempo em que o observador a percebe e se identifica – pela fuga das formalidades –, criando assim um sentido único e especial para uma simbologia supostamente de caráter generalizado. Por último, mas não menos importante, cabe retomar o conceito de "Lugar Sagrado", de Huizinga, sobre duração: das ações comportamentais e do uso do "tabuleiro", que aqui se expressa com as estruturas efêmeras; mas há mais, pela lógica do jogo, conquistar esse espaço entre as torres que se erguem para os céus, produz um sentimento especial de prazer que é, também, sinal de poder.

3.2.3 Adequação.

Figuras 123 a 128 – *Adequações* do Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

A adequação relaciona-se ao modo como o ambiente construído corresponde ao comportamento humano. Para Lynch "um local bem adaptado é aquele em que função e forma estão bem adequadas, uma à outra"[317]. Considera-se que o termo está correlacionado as questões de "eficiência, satisfação e conforto"[318]. Mas o que é um lugar *adequado*?

É fácil identificarmos a inadequação dos espaços, pois estão inóspitos, refletindo o abandono e a ausência, seja por parte do público, seja do desuso da área ou do edificado. Sob essa perspectiva, a *adequação* tem vínculo com o conceito de *estrutura,* pela empatia com as experiências das vidas humanas e urbana, que ali se desenvolvem [figuras 123 a 128]. Para Lynch "os locais são modificados para se adequarem aos comportamentos e os comportamentos são alterados para se adequarem a um local"[319].

As imagens aludem a maneira com que muitos jovens se apropriam dos meandros do espaço urbano. É evidente que tais circunstâncias causam espanto, ou no mínimo surpreendem, a visão de quaisquer pesquisadores quando o assunto é *urbanidade*, haja vista que se encontram fora do universo das referências do espaço "adequado". Como será visto no Capítulo 6, os usuários consideram o lugar adequado e se sentem "em posse da cidade", esse senso de pertencimento é uma visão compartilhada entre muitos, um manifesto, que dá voz, no sentido crítico, da existência do individual e do coletivo, pelo encontro das diversas tribos urbanas que ali residem em coexistência harmônica no Baixo Augusta.

---

[317] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.145.
[318] *Ibidem*.
[319] *Ibidem,* p.176.

3.2.4 Acesso.

Figuras 129 a 133 – *Acessos* encontros no Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

De acordo com Lynch, essa dimensão de desempenho se estende além do grau de mobilidade do espaço urbano[320], pois inclui outras variáveis, como a quantidade e a diversidade dos elementos que podem ser alcançados: pessoas, serviços, atividades, recursos e, inclusive, outros locais[321]. Segundo o autor "encontramos uma crescente necessidade de acesso a paisagens específicas, devido às suas qualidades sensoriais, ao seu significado simbólico ou às oportunidades que oferecem para atividades recreativas e contemplativas"[322].

[320] A caracterização da mobilidade urbana e seus acessos já foram apresentadas no Capítulo 2.

[321] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.180.
[322] *Ibidem, ibidem.*

A luz dessas considerações, não é difícil intuir que o Baixo Augusta possui todos os atributos indicados. Para além do grau de mobilidade diversificado, os mais variados tipos humanos aqui se encontram, confraternizam e fazem suas trocas [Figuras 129 a 133], em quantidade e a diversidade, exercendo um dos princípios básicos da função das cidades. Não é o caso aqui buscar as razões pelas quais os jovens utilizam-se de entorpecentes diversos [legalizados ou não], mas sabe-se que aqui eles têm acessos a esse tipo de produto [recurso].

Já no que se refere ao acesso as atividades recreativas e contemplativas, elas se inserem dentro das práticas de lazer e entretenimentos como um todos que se desenvolve no território. Prostrar-se fisicamente na rua significa assistir, "ser espectador" do "balé das calçadas", e nisso se entreter, mas é também "ser o ator", pois também é visto, e pode a qualquer momento sair da posição passiva para a ativa[323].

[323] Neste ponto apenas recordamos de modo oportuno as citações já referidas de Jane Jacobs, sobre o *balé das calçadas,* e de Guy Debord, sobre o espectador–ator, que recaem sobre a área e se faz presente no contemporâneo. N.A.

3.2.5 Controle.

Figura 134 a 140 – *Acessos* encontros no Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

Nossa ênfase se deu no espaço urbano aberto de caráter público, o que torna difícil a dimensão do *controle*, de entrada e saída, do público no Baixo Augusta, mas nos requisitos de gestão do território, Lynch destaca o controle do espaço por meio dos sistemas sensoriais e psicológicos.

Se retomarmos a vinculação ao mapa mental do Baixo Augusta, evidencia-se a dimensão do controle por meio dos *limites* psicofísicos, energizando em si mesmo seus atributos, que não se expande – um campo de força centrado em si e que retroalimenta. Nesse sentido, o grau de controle, verte-se sobre a utilização e acesso aos espaços, bem como o controle de suas atividades, criação, reparação, modificação e gestão, de como os territórios são controlados.

Desse modo, contemplar a produção cultural e social nas ruas do Baixo Augusta, evidencia heterogeneidade de público e fortes desigualdades sociais, por meio de “fortes

sequências sensoriais e psicológicas, como a sensação de segurança ou insegurança, satisfação, orgulho ou submissão”[324].

Lynch ainda destaca que o *controle* pode ter a ver com o direito de presença, direito de uso, direito a apropriação – isso significa estar em um determinado lugar, mas não ter posse sobre ele, como acontece na praia e nos parques, não necessariamente mercadológico, de consumo –, direito a modificação e a disposição – espaços que podem ser reformulados para criar oportunidades[325].

De fato, esses direitos todos aparecem associados no Baixo Augusta, pelo caráter público e democrático próprio das ruas, evidencia-se que àqueles que estão de passagem ou que vão permanecer ali ao longo da noite, não necessariamente têm um compromisso com o consumo, fazendo do território o seu quintal.

[324] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.195.

[325] O autor adverte que é comum pensamos nesses direitos como uma coisa só, mas eles são tecnicamente separáveis. Cf. *Ibidem, ibidem.*

3.2.6 Os metacritérios no Baixo Augusta: eficiência e justiça.

Figura 141 a 144 – *Acessos* encontros no Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

"A *justiça* é o critério que equilibra os ganhos entre as pessoas, ao passo que a *eficiência* equilibra os ganhos entre diferentes valores" [326]. Para esses dois núcleos distinguíveis entre si, e que retomam a vinculação as cinco dimensões de desempenho, elaboramos uma tabela interpretativa que sintetiza nosso percurso pelo Baixo Augusta, estabelecendo os valores qualitativos: bom, regular e ruim [tabela 6].

Dimensões de desempenho	Metacritérios					
	Justiça			**Eficiência**		
	Bom	Regular	Ruim	Bom	Regular	Ruim
Vitalidade	☒	☐	☐	☒	☐	☐
Sentido	☒	☐	☐	☒	☐	☐
Adequação	☒	☐	☐	☒	☐	☐
Acesso	☐	☒	☐	☒	☐	☐
Controle	☒	☐	☐	☒	☐	☐

Tabela 6 - Avaliação dos metacritérios de Lynch no Baixo Augusta. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

[326] Cf. LYNCH, Kevin. *op.cit*. 2007 [orig. 1981], p.121.

Em nossa linha interpretativa, o metacritério *justiça* não está exclusivamente vinculado a "justiça social", porque sabemos que a cidade é socioeconomicamente desigual e excludente. Desse modo, a reflexão leva em consideração essa questão, na medida em que sugestiona e agrega outras valorações: o que é justo?

No intuito de enfrentar essa pergunta, a opção aqui é transformar em questão o próprio urbano pelas cinco dimensões de desempenho, que é produzido pela mediação social de quem o consome, usufrui do espaço. Em busca de respostas, um posto de observação específico: público. Em cena, portanto, os valores de justiça material (econômico), pela qualidade, benefícios e/ou vantagens dos serviços e produtos, seu grau de exclusividade (controle de aglomerações humanas), agrupar afinidades temáticas, agrupar interesses do diverso ao semelhante dos grupos sociais, entre outros, seu valor é *justo* e *eficiente* por cumprir esse papel, que interfere na produção da vida em seu sentido amplo.

Assim, concebemos os metacritérios antes de tudo como uma maneira específica de avaliar a vida social em relação ao ambiente construído, sintetizando as dimensões performáticas de Lynch, expressas conforme abaixo.

Vitalidade: essa dimensão não estabelece inter-relação entre o lazer (boêmio) com as áreas verdes, mas constatamos que se deve a concentração e diversidade dos estabelecimentos. A aglomeração das pessoas evidencia o encontro dos mais variados tipos humanos, suas tribos e diferentes classes com flagrantes desigualdades sociais; por isso e apesar disso, a figura desses todos equilibram e tornam os fatores *justiça* e *eficiência* presentes.

Sentido: o Baixo Augusta é compreendido mentalmente pelas pessoas nos requisitos físico, funcional e simbólico. Os fatores *justiça* e *eficiência* encontram-se aqui expressos como

lugar de voz política, de manifesto social, público e democrático das mais variadas esferas da diversidade. De fato, os divertimentos da noite podem não ser aproveitado por todos, mas aí estamos tratando da dimensão do acesso.

Adequação: não podemos dizer que a performance do espaço está em má relação com os usuários, talvez com os requisitos da paisagem e do belo. Assim, os fatores *justiça* e *eficiência* correlacionam-se aqui as oportunidades adaptativas, ao improviso e o espontâneo, que se fosse de outro modo, talvez não fosse tão apreciado.

Acesso: nessa dimensão *justiça* e *eficiência* não estão equilibrados. De fato, promover diversidade dos meios de acesso e de estabelecimentos é uma virtude de *eficiência,* mas o usufruir das práticas de lazer e entretenimento, dos divertimentos, isso não é acessível para todos, e faz trepidar a balança da *justiça*.

Controle: o controle do meio urbano não se dá por guaritas, ele eco concomitante a dimensão do *acesso,* por controlar (ou destinar) o público-alvo que consome seus produtos. Mas nos enquadramentos dos direitos, conforme citado [de presença, uso, apropriação, modificação e disposição], *justiça* e *eficiência,* estabelecem equilíbrio harmônico do território.

3.3 O MAPA MENTAL DA VILA MADALENA E SEUS ELEMENTOS

3.3.1 A imagem da Vila Madalena e seus elementos.

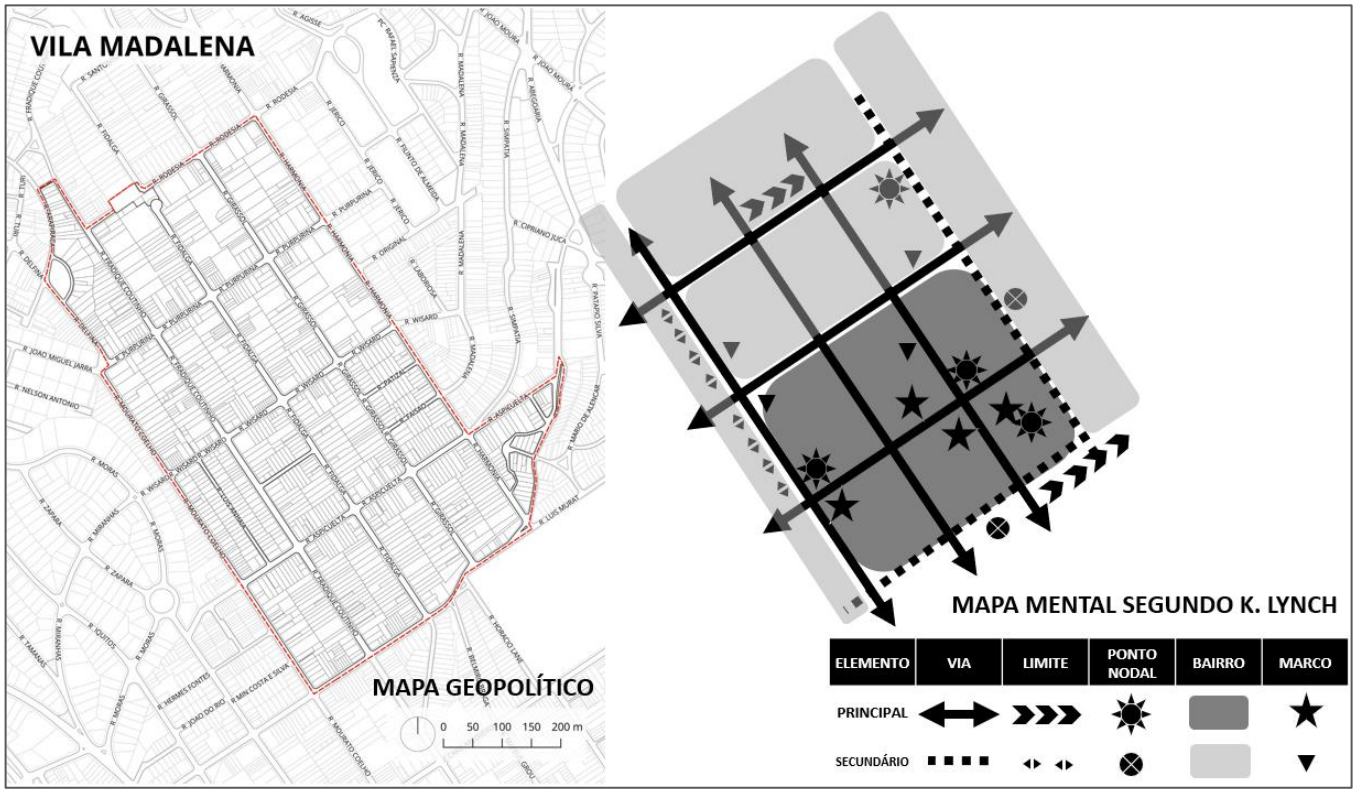


Figura 145 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).
Inspirado em: LYNCH, 2011, p.21, passim.

A análise de campo acabou sendo simplificada, transformando-se numa cobertura sistemática da área, feita após a imersão em campo, por meio das memórias e recordações, do percurso feito a pé por observadores treinados que já haviam sido instruídos sobre o conceito de ***imaginabilidade*** urbana. O que está sendo mapeado aqui é, portanto, uma abstração, não a realidade física em si, nesse sentido, são as impressões genéricas que a forma real provocou no observador.

Interpretativamente promissor é o modo com que a legenda foi elaborada, o limitar de suas medidas (quantitativas) toma por base o senso comum, que parece revelar os pontos de

especial interesse desses pedaços urbanos – sua essência visual. Assim, estabelecemos frequências com que os cinco elementos, que apareciam nos mapas esquemáticos de modo *principal* e *secundário: principal* com frequência igual ou superior a 50%; *secundário,* com frequência inferior a 50%.

3.3.2 Caminhos [vias].

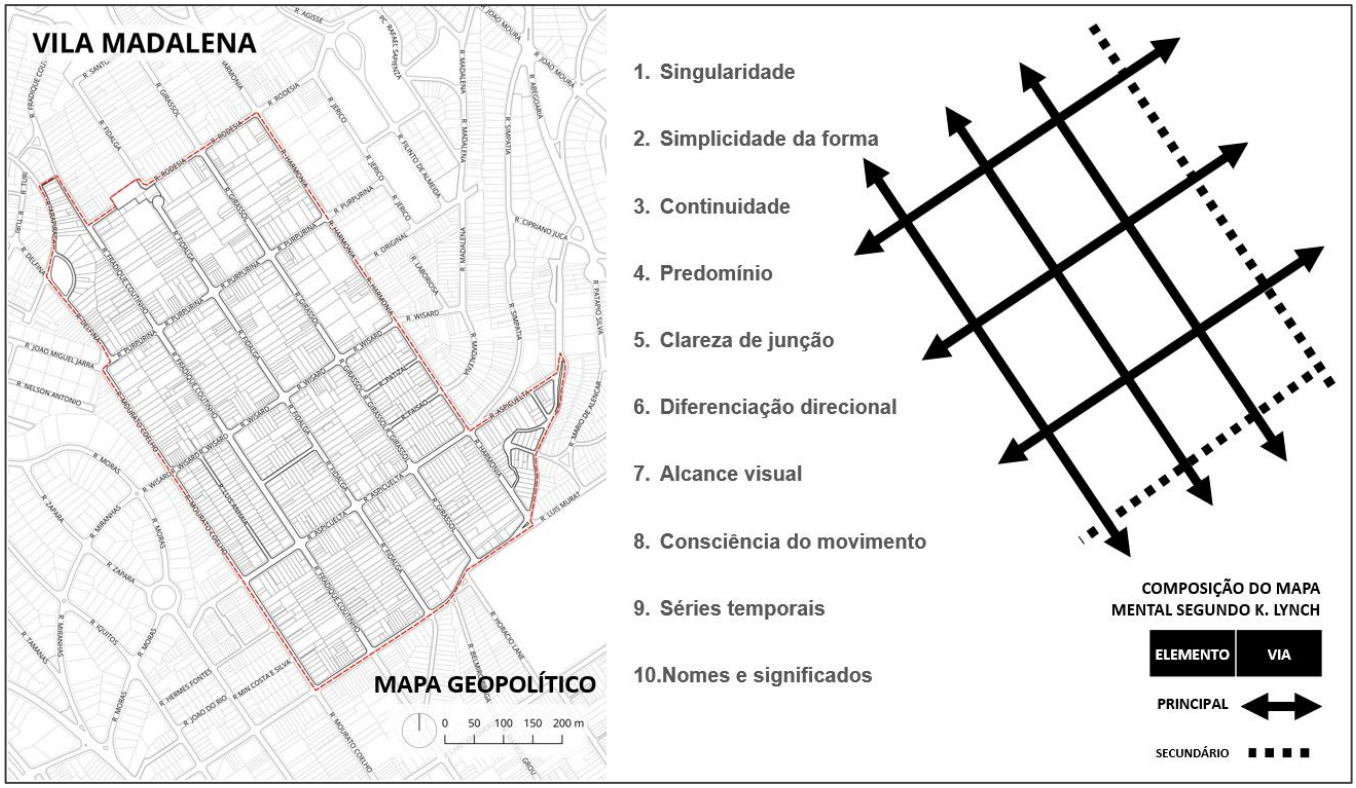


Figura 146 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Nas imagens que inventaram sobre as ruas da Vila Madalena, para a maior parte dos observadores, as vias são os elementos urbanos predominantes. Sendo assim, a tarefa primeira aqui consistiu em situar a rua Aspicuelta no mapa esquemático, subsequente, a rua Fradique Coutinho, pela conexão com a linha amarela do metrô, e, a partir delas, distribui-se as outras vias e demais elementos. E eis que a confusão se inicia.

Apesar de aparecer com um papel metodológico importante (categoria principal), para a montagem dos mapas esquemáticos, a rua Fradique Coutinho, no imaginário social se confunde com a rua Mourato Coelho, o mesmo acontece com as ruas Fidalga, Harmonia e Girassol, todas estas paralelas entre si.

Reconhece-se a primazia da rua Aspicuelta sobre as demais ruas da Vila, quando o assunto é a noite e a vida boêmia, no sentido de orientação espacial. Em paralelo a essa importante via, as pessoas reconhecem a existência de uma via "abaixo dela", mas não sabem precisar seu nome, pois não pertence ao rol dos "nomes engraçados" próprios da Vila – o que marca sua singularidade e significados simbólicos. Acima da rua Aspicuelta, o público reconhece a Wisard, mas as ruas Rodésia e Purpurina, são lembradas ao passo que são extremamente imprecisa sua localização, elas foram subentendidas como "vielas" pertencentes aos meandros das quadras, sendo pontuadas de maneira aleatória.

Se, de um lado, no desenho urbano ordenado de uma retícula de xadrez tem-se a: simplicidade da forma, continuidade, clareza de junção, diferenciação direcional, alcance visual, consciência do movimento e séries temporais; do outro lado, no requisito da vivência e do experienciar esse desenho, nada disso parece tão coeso de se apreender mentalmente.

Posto isso, há um forte indício de que as pessoas se concentram na rua Aspicuelta e adjacência, no singular, por conta de estruturar o espaço mentalmente e conseguir se localizar.

3.3.3 Limites.

Àqueles que são introduzidos ao conceito de ***imaginabilidade*** rapidamente localizaram e mapearam as formas contínuas que não podem ser atravessadas, como foi o caso do muro

do cemitério São Paulo Cardeal e um trecho da rua Fidalga que é sem saída, marcada por uma densa área verde, um pequeno bosque intitulado “praça Éder Sader”.

Os dois locais citados acima cumprem, em si, suas definições teórico-conceitual e, por isso, foram apontadas pelos observadores, entretanto, essas barreiras passam incólume no processo perceptivo da dinâmica da Vila sob a égide da dimensão lúdica[327].

Assim como é o “limite aquático” para Lynch, daquilo que não é constituído pela matéria física, nossa interpretação também evidenciou limites psicofísicos. As ruas Girassol, Mourato Coelho e Fradique Coutinho para os observadores representa um *limite* ao “sentido de vila”, pela noção de edifícios altos. Essa transição, marcada por limites não tão bem definidos, hipoteticamente, é o que gera a confusão mental no público em não saber estruturar [localizar e posicionar] as ruas mentalmente em seus respectivos lugares.

Concatenado ao fenômeno da verticalização, abaixo da rua Inácio Pereira da Rocha, há outro limite psicofísico, só que agora gerado mais pelos outros usos do edificado, do que pelo gabarito de altura; ora, se não há atividade de lazer, não motivos para transpor essa “barreira”.

[327] Faz-se saber que o público frequentador da Vila desconhece esses limites (ou barreiras), quando questionados: “você sabe me dizer onde fica o cemitério?”, a resposta era prontamente outra pergunta em tom de espanto: “mas aonde tem cemitério por aqui?”. Ao pontuar o cemitério da Cardeal, muitas pessoas não o conheciam, outras diziam “ah sim, conheço, mas não é perto... Estamos bem longe!”. Sob essa perspectiva, retomando ao pensamento de Johan Huizinga, o lugar sagrado (feliz e alegre), não pode ter vinculação ou proximidade com o que há de mais triste na realidade humana, por metáfora: “o fim do jogo”, e o afasta *mentalmente*. N.A.

3.3.4 Bairro

Figura 147 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Em contraposição ao elemento anterior, de barreiras, "os bairros são áreas relativamente grandes, nas quais o observador por penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum"[328]. De acordo com Lynch

> "as características físicas que determinam os bairros são continuidades temáticas que podem constituir numa infinidade de componentes variáveis, como: textura, espaço, forma, detalhe, símbolos, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estados de conservação, topografia entre outros"[329].

[328] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.74.

[329] *Ibidem*, p.75.

A luz dessas considerações, percebemos que os temas, em nosso caso, se dividiam em dois grupos, por nós denominado: icônicos e simbólicos[330]. Os icônicos se referem as variáveis do edificado, como textura, espaço, forma, detalhes, tipo de construção, estados de conservação [ou aparência do edificado] e topografia. O simbólico, marcado pelos usos, atividades dominantes e habitantes. Correlacionando ambos, conseguimos extrair significativo substrato para sua interpretação.

Se nos *limites* falamos do fenômeno da verticalização, que parece engolfar a Vila, o fenômeno também formula a identidade desse núcleo boêmio. Os residentes mais antigos sabem e costumam dizer: "a Vila era muito maior", mas como pode o espaço físico encolher? De fato, matéria não se perde, se transforma. E eis que a interpretação assegura lugar na dimensão psíquica por sua plasticidade, assim, conseguimos formar, localizar e identificar o bairro, o *pedaço*.

A luz dessas considerações, não fica difícil intuir que a mancha cinza claro, refere-se ao contexto da verticalização enquanto a cinza escuro ao aspecto mais horizontal de uma vila. Mas há mais. Essas manchas por si carregam distinções dos tipos de usuários espalhados por elas, em uma situação de final de tarde: os mais "despojados" e "bem arrumados", são os nossos boêmios; já os que andam com crianças e/ou animais, os engravatados etc., são tipificações de trabalhadores e/ou residentes do local.

[330] Os termos icônico e simbólico, frequentemente são utilizados pela *Gestalt*. Em síntese, o ícone é um signo visual (uma imagem) que representa um objeto ou coisa por semelhança; os símbolos são abstratos, denotado por associação de ideias produzidas por uma convenção. N.A.

Como sugere Lynch, sobre a combinação dos pares dos elementos em revelar padrões insuspeitados, na combinação entre bairro e limites, a interpretação-analítica demonstrou novamente a existência de um "campo de força" gerado pelo *bairro* [dimensão lúdica], que é contido pelos *limites*. Por ter limites contidos e bem definidos, a energia gerada se concentra e se retroalimenta, não permitindo expansão e dispersão dessa força.

3.3.5 Pontos Nodais

Entendidos como pontos de comutação, são estratégicos por formular conexões, transições e interrupções dos trajetos, esse elemento nos permite entrar, atravessar e contornar os artefatos[331].

Seguindo esses pressupostos e as definições já citadas de Lynch sobre o conceito desse elemento, não há muitos *pontos nodais* na região da Vila, foram notados dois principais e dois secundários, sendo: os principais, as esquinas das ruas Fidalga e Aspicuelta, e Mourato Coelho e Aspicuelta, que, por meio de circunstâncias idênticas, catalisam e concentram muitas pessoas nesses pontos pela tríade de bares (um em cada ponta das esquinas). E, de caráter secundário, dois pontos de ônibus.

[331] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.81, *passim*.

3.3.6 Pontos de referência na paisagem [marcos].

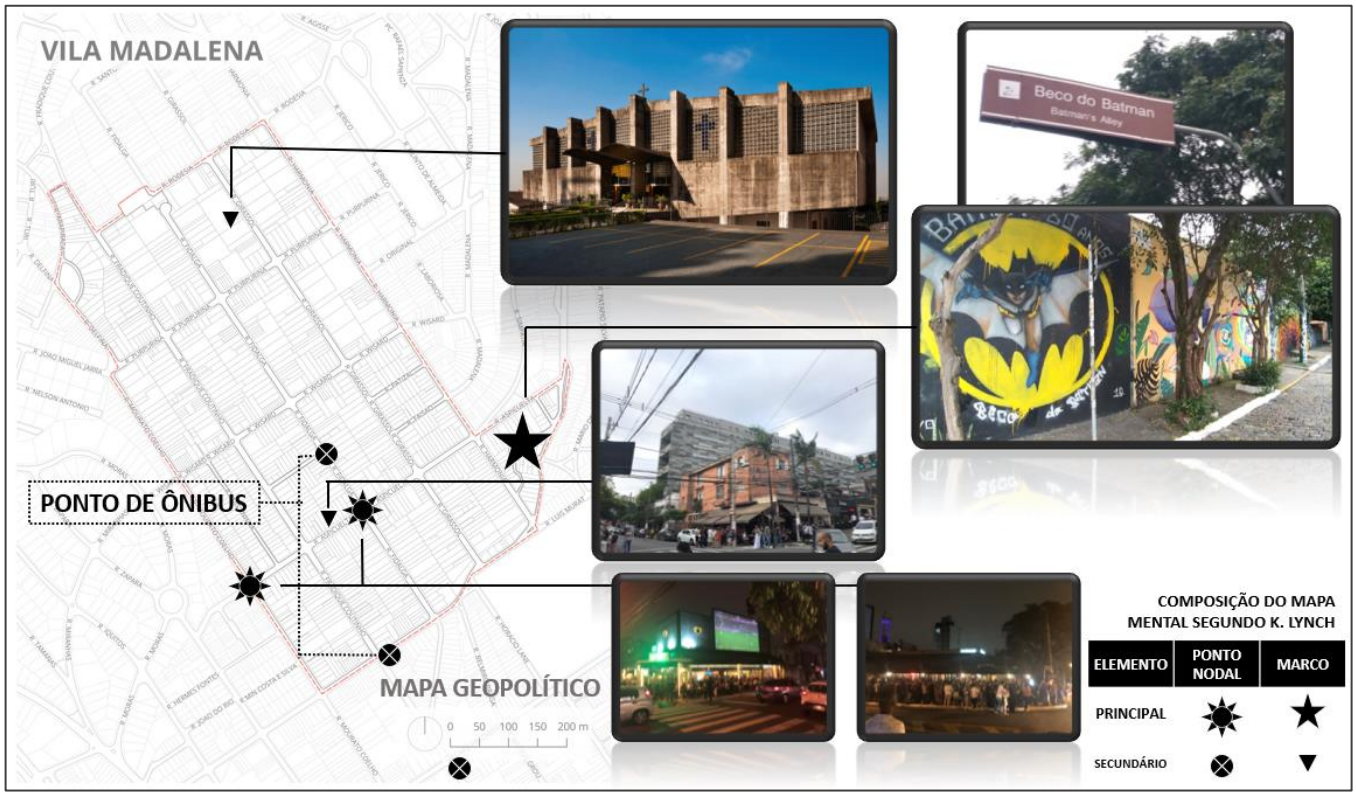


Figura 148 – A imagem do Baixo Augusta e seus elementos. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Por definição, os marcos são pontos de referência na paisagem e constituem-se apenas de elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável. A subjetividade das pessoas sobre elementos emblemáticos na paisagem, aqui foi uma tarefa relativamente simples.

Pareceu-nos unanime o consenso de que o Beco do Batman é o principal marco da região. Estranho é que no imaginário social o Beco é deslocado para dentro do quadrilátero da apreensão mental da Vila, o que endossa a confusão do ato de se localizar nela.

Quando se pensa num marco, supomos algo positivo, que nos dê prazer em nos recordarmos dele. Não é o caso do edifício Mix 422, do arquiteto Isay Weinfeld, um marco

"assombroso" [332] na visão de muitos, pois descaracterizou o núcleo da Vila, e em muitos relatos ele não foi lembrado por esse motivo, o que o tornou de categoria secundária, talvez pela distância do eixo dos bares, mas ainda sim pontuada, foi a igreja modernista da Vila Madalena, a Paróquia Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo.

3.4 A VILA MADALENA E AS CINCO DIMENSÕES DE DESEMPENHO.

A operacionalização até agora empreendida convida a precisar como recai para nós o tal qualitativo "a boa forma da cidade", por meio de sua dimensão de desempenho e, assim, pretendemos verificar sua performance.

3.4.1 Vitalidade.

Para Kevin Lynch, os aspectos que definem a vitalidade dependem da natureza do ambiente "manter-se vivo", e isso tem referência nas características das ciências biológicas. Por definição, entendemos vitalidade como "a qualidade de um espaço ter vida"; "capacidade de manter-se vivo, vigor"; "conjunto das funções vitais do organismo". Nesse sentido uma boa forma urbana refere-se a um ambiente adequado e propício para a vida, não somente da nossa espécie, mas também do ecossistema. O autor sugere três características fundamentais do ambiente: *sustentação*, *segurança* e *consonância*.

[332] Cf. https://seresurbanos.blogfolha.uol.com.br/2014/02/25/predio-de-grife-assusta-moradores-da-vila-madalena/

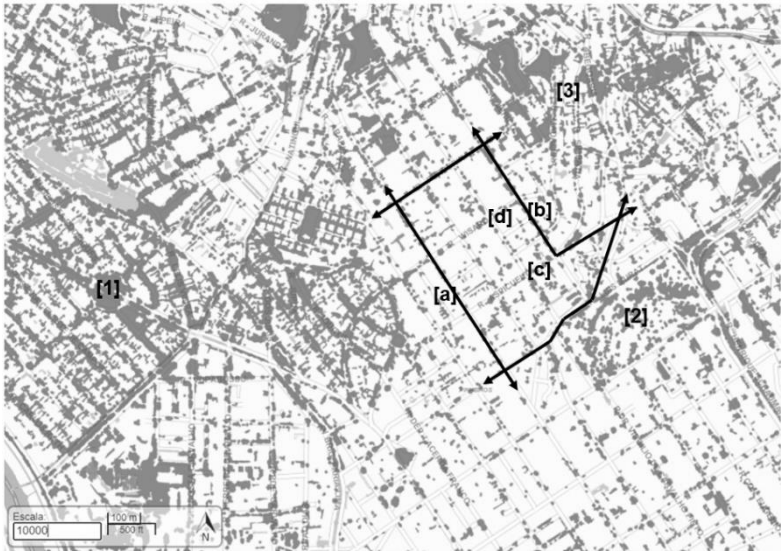


Figura 149 – Levantamento/verificação da massa arbórea da Vila Madalena. **Disponível em:** Mapa digital da cidade de São Paulo: Mapa base (político administrativo), camada: verde / recursos naturais (mapeamento da cobertura vegetal 2020). **Fonte**: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/ (acesso em dez.2020).

Figura 150 – ilustração da arborização percebida na Vila Madalena pela rés-do-chão com as ruas Fradique Coutinho [a], Girassol [b], Aspicuelta [c] e Wisard [d]. **Fonte**: Google Street View, jun.2019 (acesso em dez.2020).

Um dos fatores relacionados à questão sobre a vitalidade, diz respeito a presença, de áreas verdes. Como visto acima, nota-se que na região da Vila Madalena, em seu núcleo boêmio [o “coração da Vila”], a presença do verde é bastante escassa, concentrada nos

arredores da [1] Praça Panamericana, [2] do cemitério São Paulo Cardeal, e [3] no sentido do bairro Sumaré".

Mas há que se destacar uma contradição entre a verificação por satélite com o vivido e percebido no rés-do-chão [figura 150]. O que se nota no meandro das ruas que compõem o "coração da Vila" é de que elas aludem uma presença constante e satisfatória de massa arbórea, como se vê nas ruas Fradique Coutinho [a], Girassol [b], Aspicuelta [c] e Wisard [d].

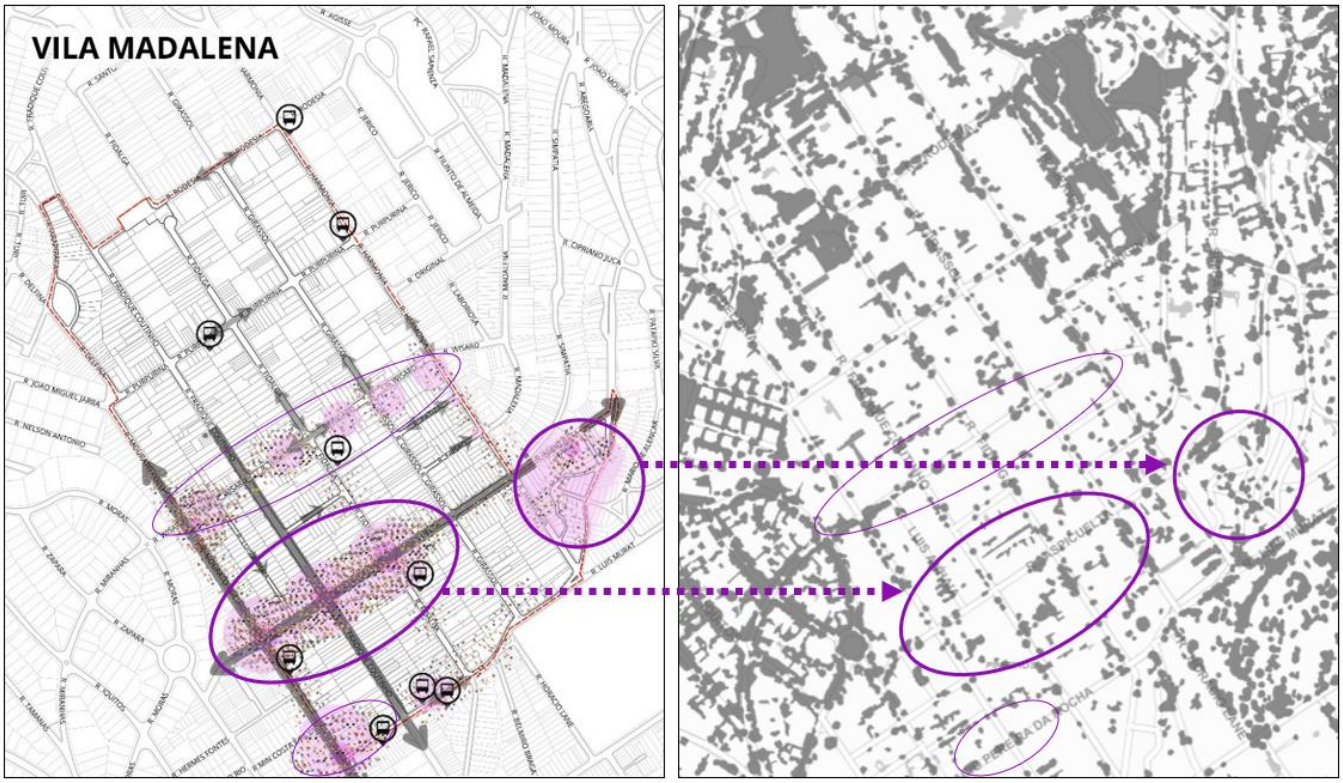


Figura 151 – ilustração da arborização percebida no Baixo Augusta pela rés-do-chão com as ruas Augusta [a], Frei Caneca [b], Antônio Carlos [c] e Consolação [d]. **Fonte**: Google Street View, mar.2020 (acesso em dez.2020).

O outro fator relacionado à questão sobre a vitalidade, diz respeito a própria presença humana, mapeada e apontada seus focos de concentração no capítulo anterior. Nessa acoplagem dos dados dos mapas, percebe-se que, a relação entre as preferências de apropriação humana com a mancha arbórea, é imprecisa, pois é concebida e percebida em quase toda a parte.

No que se refere as três características fundamentais do ambiente: *sustentação*, *segurança* e *consonância* explicitados por Lynch, a *sustentação* está relacionada ao suprimento e aos fluxos de matéria e energia – em nossa interpretação, isso recai no território pelos usos dos edificado que sustentam as práticas de lazer.

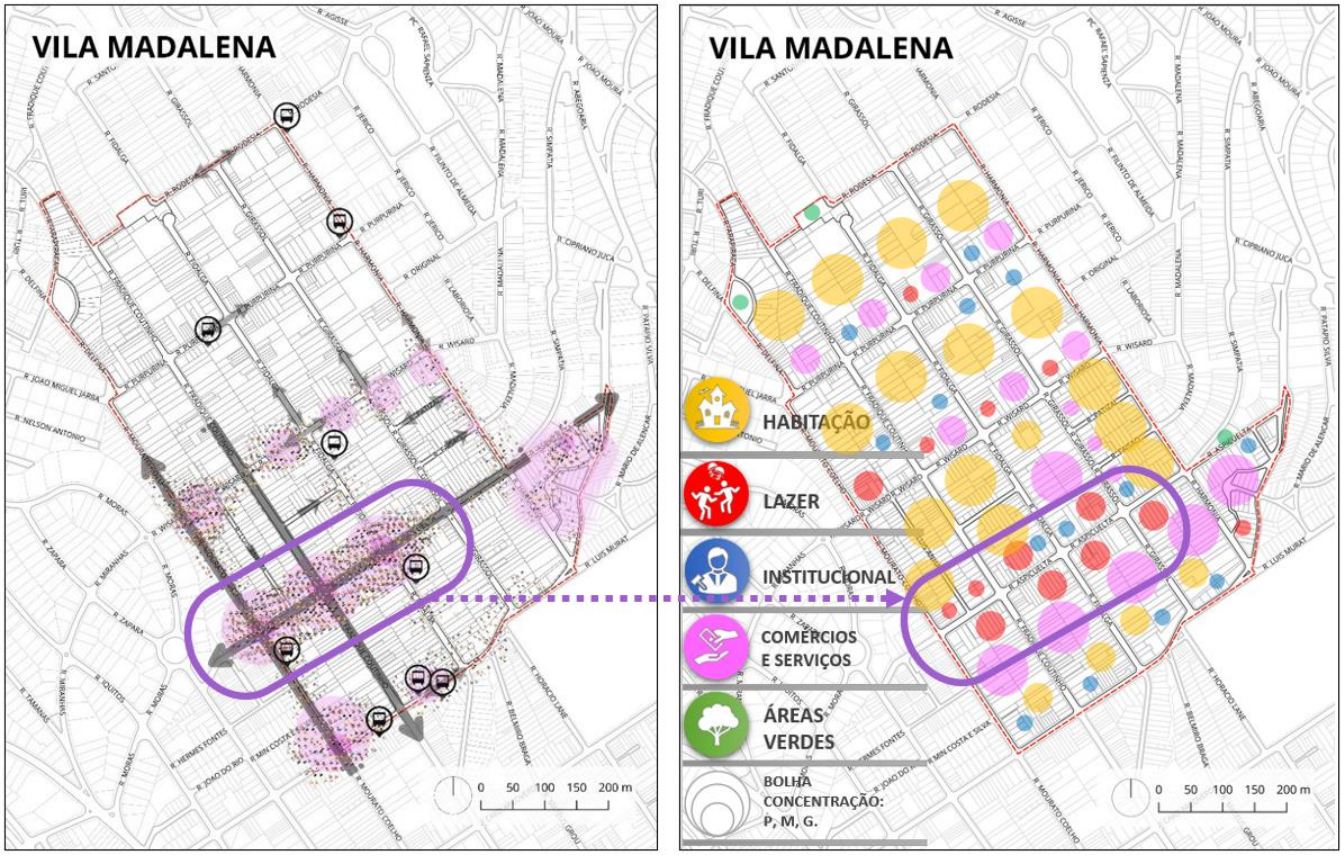


Figura *151* – Correlação da concentração de pessoas e estabelecimentos de lazer.

A *segurança* se relaciona diretamente aos riscos que o ambiente oferece a vida e, de modo indutivo, como nos situamos no e pelo espaço – vinculado ao mapa mental da área. De fato, por prover segurança, correspondente ao nosso sistema de orientação, as ruas em destaque no mapa mental asseguram lugar no imaginário social.

E, por fim, a *consonância*, que se relaciona aos aspectos fisiológicos, dos estímulos sensoriais e, portanto, a questões relacionadas ao conforto ambiental. Sob a perspectiva de Lynch, *consonância* se relaciona as necessidades humanas, como iluminação, sombreamento, ventilação, meios de transposição entre níveis (degraus e inclinações topográficas), entre outros se intencionamos vitalidade.

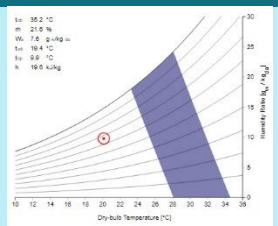
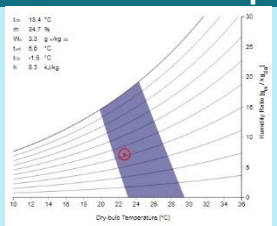
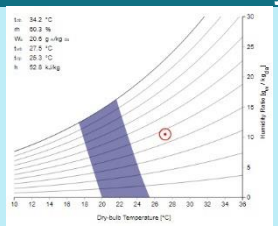
Conforme estudo exploratório intitulado "**A dimensão oculta na Vila Madalena: estudo de conforto (térmico) no espaço urbano aberto**"[333], publicado nos *Anais do XV Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído e XI Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído: Mudanças climáticas, concentração urbana e novas tecnologias, 2019*. Nosso interesse investigativo era justamente esse: refletir sobre as questões de conforto, vitalidade e permanência dos usuários no espaço rua sob as intempéries do tempo. Frente as variáveis microclimáticas que não podem ser controladas no espaço urbano aberto, como as pessoas se mantêm em relativo conforto por tanto tempo?

Conforme apontado no Capítulo 3, a forma do cânion urbano da Vila Madalena tende a horizontalidade do edificado, isso impacta na troca e retenção térmica [das ondas de calor] entre os edifícios e, também, na canalização e obstrução dos ventos que, em ambos, impacta diretamente o espaço da rua e a sensação térmica dos usuários. Se comparado ao Baixo Augusta, a retenção térmica é menor, pois a onda de calor não reverbera entre os edifícios e logo é dispersada para o céu.

[333] Cf. SANTOS JÚNIOR, Sergio A. *et al.,* A dimensão oculta na Vila Madalena: estudo de conforto (térmico) no espaço urbano aberto In: Anais do XV Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído e XI Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído: Mudanças climáticas, concentração urbana e novas tecnologias, 2019, João Pessoa. TÓPICO 3: CONFORTO TÉRMICO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO. Porto Alegre: ANTAC, 2019. p.892 – 901. Disponível em: http://https://www.even3.com.br/encac2019/

Para tal verificação, com o auxílio da estação meteorológica e um termômetro de globo [que simula a percepção térmica humana], o estudo apontou que para estar em conforto nesses territórios, era preciso que o usuário estivesse em movimento, o que ajuda a justificar a intensa movimentação, o vai-e-vem das pessoas, ao longo da noite[334] [tabela 7].

Tabela 7 – Gráficos selecionados baseados nos requesitos de "consonância" de Lynch

		
Usuário parado	Usuário em movimento	Usuário em ritmo acelerado

Fonte: Sérgio A. Santos Jr. 2018. **Software utilizado:** CBE *Thermal Comfort Tool. Center for the Built Environment, University of California Berkeley*.

Cabe destacar que as outras variáveis citadas por Lynch, como iluminação natural e sombreamento, não foram contemplados na pesquisa pelo enfoque temático recair no período noturno. Entretanto, nos parâmetros de incomodidade por ofuscamento, de iluminação artificial, sobretudo dos carros, faltou-nos ferramentas normativas [NBR e *ISOS*] e equipamentos de medição – o que nos permite entrever uma oportunidade para a realização de estudos futuros.

[334] Não é do interesse desse estudo, nem do departamento a que se dedica (PEC), que nos aprofundemos nessas questões. Faz-se saber que este estudo preditivo de caráter exploratório fez mais de 50 simulações, elaborando suposições diversas, alternando as condicionantes variáveis: resistência térmica da roupa (leve, moderada e pesada); atividade metabólica (parado, caminhando, caminhando acelerado) e levou em consideração os períodos de final de tarde (18h00), noite (22h00) e madrugada (02h00). Em síntese: faixa azul indica o conforto e o ponto vermelho o usuário, se localizado a esquerda da faixa, sensão de frio, se localizado a direita calor. N.A

3.4.2 Sentido.

Para Kevin Lynch, a dimensão do *sentido* retoma a vinculação ao modelo de orientação do espaço, pelo modo de como é apreendido e identificado. Mas há mais. O autor também destaca o elo entre conceitos e valores não espaciais, que se relaciona a *identidade* do objeto[335].

> "A maioria das pessoas já viveu a experiência de estar num local muito espacial e preza esse local, e lamenta a privação habitual a que fica sujeita quando se afasta dele. Existe um prazer enorme em sentir o mundo: o jogo da luz, a sensação e o odor do vento, os toques, os sons, as cores, as formas. Um local bom é acessível a todos os sentidos, torna visíveis as correntes do ar, cativa a percepção dos seus habitantes"[336].

[335] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.158.

[336] *Ibidem,* p.158.

Figura 152 a 154 - sentido Vila Madalena. **Fonte:** Monique Renne[337](2018);

Em nossa linha interpretativa, a locação de Lynch vai de encontro ao conceito de "lugar sagrada", enredado por Johan Huizinga, especialmente quando Lynch diz: "estar num local muito espacial e preza esse local, e lamenta a privação habitual", ou seja, *o lugar* está separado das atividades do cotidiano, mas não do território urbano. Nesse sentido, o que o diferencia qualitativamente é momento em que a dimensão lúdica se manifesta sobre ele.

Desse modo, o *sentido* é a clareza, depende da forma e da *estrutura* espacial, e que, por sua vez, depende do nível em que uma pessoa consegue reconhecer um lugar [identidade]; e eis que estamos também no campo da cultura, da experiência [do objeto e do observador – *estrutura*], do estatuto e do temperamento, segundo Lynch[338]. Montada assim a tríade [*forma*,

[337] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://guia.melhoresdestinos.com.br/vila-madalena-173-4892-l.html (acesso em 08/04/2021).
[338] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.158.

estrutura e *identidade*], cabe a questão: como é possível reconhecer nossa imersão no Baixo Augusta?

Ressaltando a colocação de Lynch, de fato, "existe um prazer em sentir o mundo, o jogo da luz, a sensação e o cheiro do vento, os toques, os sons, as cores, as formas". Nas imagens conforme abaixo [figuras 152 a 154] vemos o papel dos usuários dessa ambiência, como atores eventuais do projeto. Eles são os "inventores" de imagens da rua como lugar de permanência e dos deslocamentos físicos, da "roupagem" do uso do edificado e das ações comportamentais, definindo, entre outros aspectos, indícios reveladores de uma "realidade" mais ampla.

As fotografias revelam um caráter indicial, em meio as conotações simbólicas, que permeiam as circunstâncias das tomadas fotográficas. O que se nota é uma atmosfera mais bucólica [*fugere urbem*], um recanto[339] na "metrópole vertical". Nesse sentido, parece-nos que a Vila Madalena se encontra no bojo das referências dos cenários românticos, seja pelo *artefato* – o sentido de Vila, caracterizado por motivos da vida íntima, doméstica, dos núcleos familiares e das relações sociofísicas que estabelecem, e do porte das construções –, seja por seus *artifícios* – a arborização das ruas, as mesas nas calçadas, os cordões de luz, e a música que ecoa para fora dos estabelecimentos.

No enquadramento das referências utópicas, dos pressupostos das Cidades-Jardins, de Ebenezer Howard, o autor considerava a próxima da natureza ser fonte de vida, riqueza e felicidade; além disso, o autor pontua critérios de dimensões controladas do adensamento populacional e construtivo. O contexto histórico, enredado no Capítulo 3, mostrou que as ideias

[339] Por definição "recanto" traduz um sentido de "local de aspecto agradável e recôndito", enquanto "lugar mais afastado, menos à vista". **Ver**. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 1998 [orig.1971].

de Howard nortearam a produção espacial da Vila, ao que tudo nos parece, o ambiente de lazer boêmio que aqui se desenvolve, toma por base essas circunstâncias de fundo, e, por isso, comporta uma atmosfera rarefeita, que decorre: singularidade >> exclusividade >> elitização.

Talvez, seja a presença desses elementos da utopia, que favoreça a flexibilidade dos espaços, no sentido de que a rua como lugar de passagem se torna local de permanência, produzindo sua própria forma de apropriação física, funcional e simbólica. Dedutivo é que os estabelecimentos [as casas noturnas e os bares] sirvam de suporte às práticas de lazer, de fato isso ocorre, e a intensa apropriação humana nos pedaços das ruas se dá frente aos estabelecimentos; semelhante a um campo de força, que não contém em si o público e o emana ao seu redor.

É interessante notar que a paisagem criada, enquanto manifestação da dimensão lúdica, tenha a capacidade de criar *sentido.* Aqui a interpretação revela um cenário de circunstâncias previsíveis, mas fora do cotidiano habitual, de caráter exclusivo, como uma etiqueta de grife, ao passo que o observador a percebe e se identifica; criando assim um sentido único e especial para uma simbologia supostamente de caráter personalizado.

3.4.3 Adequação.

Figura 155 – Edição/colagens, exemplo de "Adequação" na Vila Madalena. **Fonte**: Monique Renne[340] (2018);

A adequação relaciona-se ao modo como o ambiente construído corresponde ao comportamento humano. Para Lynch "um local bem adaptado é aquele em que função e forma estão bem adequadas, uma à outra"[341]. Considera-se que o termo está correlacionado as questões de "eficiência, satisfação e conforto"[342]. Mas o que é um lugar *adequado*?

É fácil identificarmos a inadequação dos espaços, pois estão inóspitos, refletindo o abandono e a ausência, seja por parte do público, seja do desuso da área ou do edificado. Sob essa perspectiva, a *adequação* tem vínculo com o conceito de *estrutura,* pela empatia com as

[340] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://guia.melhoresdestinos.com.br/vila-madalena-173-4892-l.html (acesso em 08/04/2021).
[341] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.145.
[342] Ibidem.

experiências das vidas humanas e urbana, que ali se desenvolvem [figura 155]. Para Lynch "os locais são modificados para se adequarem aos comportamentos e os comportamentos são alterados para se adequarem a um local"[343].

As imagens aludem a maneira com que muitos jovens se apropriam do espaço urbano. Ver e ser visto, marcam as circunstâncias de fundo sob o viés da sociabilidade, mas que ocorre pela mediação e suporte da *urbanidade*. Percebemos elementos dessa cordialidade infraestrutural por meio dos bancos, das mesas e dos *parklets,* que acomodam fisicamente o público, mas não dão conta de suprir essa demanda que a Vila recebe, e que se espalha aos arredores dos equipamentos.

Como será visto no Capítulo 6, em entrevista aos usuários, eles consideram o lugar adequado, mas sem o vínculo do sentimento de pertencimento – isso significa estar em um determinado lugar, mas não ter posse sobre ele –, ou seja, a aglomeração que acontece no espaço da rua não é um gesto de manifesto crítico, mas um efeito colateral entre demanda e capacidade de carga. E se esse *boom* é inadequado? Não para os usuários, pois propicia a eles oportunidades de novos encontros e conexões com outros estabelecimentos, e essa oportunidade adaptativa não os prende a um único lugar.

E neste critério da dimensão "*adequada*" de Lynch, que cabe retomar o conceito de "Lugar Sagrado" de Huizinga, sobre a duração, seja das ações comportamentais seja do uso do "tabuleiro", que se expressam pelo efêmero: das estruturas de apoio [mesas e bancos] quanto das vinculações com os estabelecimentos.

---

[343] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.176.

3.4.4 Acesso.

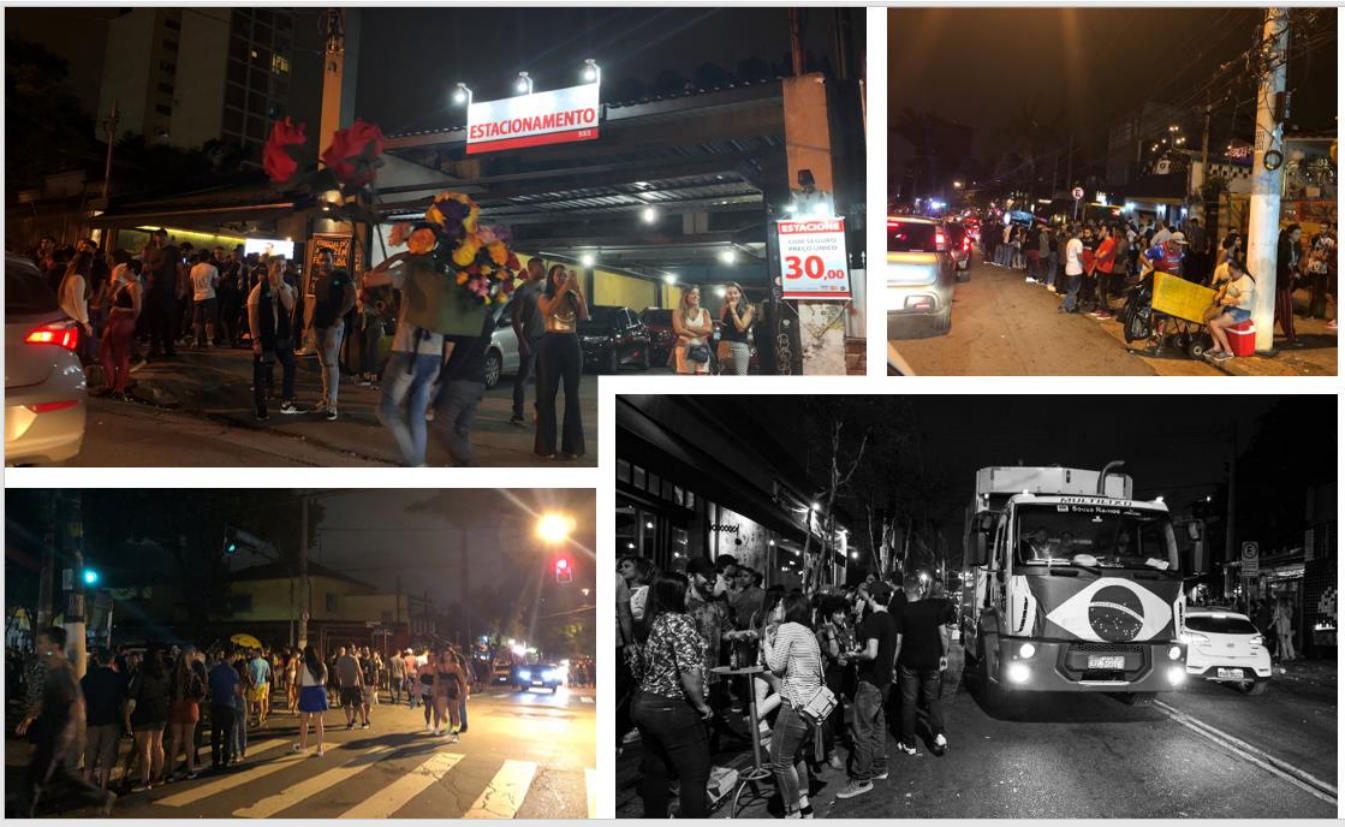


Figura 156 – Edição/colagens, exemplo de “acessos” na Vila Madalena na Vila Madalena. **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr. 2018.

De acordo com Lynch, essa dimensão de desempenho se estende além do grau de mobilidade do espaço urbano[344], pois inclui outras variáveis, como a quantidade e a diversidade dos elementos que podem ser alcançados: pessoas, serviços, atividades, recursos e, inclusive, outros locais[345]. Segundo o autor “encontramos uma crescente necessidade de acesso a paisagens específicas, devido às suas qualidades sensoriais, ao seu significado simbólico ou às oportunidades que oferecem para atividades recreativas e contemplativas”[346].

[344] A caracterização da mobilidade urbana e seus acessos já foram apresentadas no Capítulo 3.

[345] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.180.
[346] *Ibidem, ibidem*.

A luz dessas considerações, não é difícil intuir que a Vila Madalena não possui todos os atributos indicados. Sobre grau de mobilidade diversificado, o acesso ao núcleo boêmio da Vila privilegia o transporte privado, como visto no Capítulo 3, e isso pré-seleciona o perfil do público. Estando, portanto, a Vila subentendida como um produto de grife, não é o caso aqui buscarmos avaliações qualitativas e comparativas sobre o consumo dos seus produtos, mas o que compete a disciplina [arquitetura] é o ato simbólico de "consumir esse espaço", que demonstra requinte e poder.

Já no que se refere ao acesso as atividades recreativas e contemplativas, elas se inserem dentro das práticas de lazer e entretenimentos como um todos que se desenvolve no território. Prostrar-se fisicamente na rua significa assistir, "ser espectador" do "balé das calçadas", e nisso se entreter, mas é também "ser o ator", pois também é visto, e pode a qualquer momento sair da posição passiva para a ativa[347].

3.4.5 Controle.

Nossa ênfase se deu no espaço urbano aberto de caráter público, o que torna difícil a dimensão do *controle,* de entrada e saída, do público na Vila – ela pode ser dificultada, mas não restrita –, entretanto, nos requisitos de gestão do território, Lynch destaca o controle do espaço por meio dos sistemas sensoriais e psicológicos.

[347] Neste ponto apenas recordamos de modo oportuno as citações já referidas de Jane Jacobs, sobre o *balé das calçadas,* e de Guy Debord, sobre o espectador– ator, que recaem sobre a área e se faz presente no contemporâneo.

Figura 157 a 159 – Controle na Vila Madalena. **Fonte**: Jorge Hynd

Se retomarmos a vinculação ao mapa mental da Vila Madalena [figuras 157 a 159], evidencia-se a dimensão do controle por meio dos *limites* psicofísicos, energizando em si mesmo seus atributos, que não se expande – um campo de força centrado em si e que retroalimenta. Nesse sentido, o grau de *controle*, verte-se sobre a utilização e acesso aos espaços, bem como o controle de suas atividades, criação, reparação, modificação e gestão, de como os territórios são controlados.

Desse modo, contemplar a produção cultural e social nas ruas da Vila, evidencia homogeneidade de público e leves (ou pontuais) desigualdades sociais, na figura dos vendedores ambulantes [figuras 157 a 159], por meio de "fortes sequências sensoriais e psicológicas, como a sensação de segurança ou insegurança, satisfação, orgulho ou submissão"[348].

Lynch ainda destaca que o *controle* também se relaciona com o direito de presença, direito de uso, direito a apropriação – isso significa estar em um determinado lugar, mas não ter

[348] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.195.

posse sobre ele, como acontece na praia e nos parques –, direito a modificação e a disposição – espaços que podem ser reformulados para criar oportunidades[349].

De um lado, portanto, o direito a presença aparece na Vila pelo caráter público e democrático próprio das ruas, especialmente àqueles que estão de passagem. Do outro, o direito de uso, apropriação, modificação e disposição, são revelados quando se estabelece uma relação entre o uso da rua com os usos do edificado, emergindo, assim, o caráter privatizado dessas ruas marcadas pelo consumo dos produtos.

3.4.6 Os metacritérios na Vila Madalena: eficiência e justiça.

Figura 160 – Montagem sobre: eficiência e justiça na Vila Madalena. **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr. 2018.

"A *justiça* é o critério que equilibra os ganhos entre as pessoas, ao passo que a *eficiência* equilibra os ganhos entre diferentes valores" [350]. Para esses dois núcleos distinguíveis entre si,

[349] O autor adverte que é comum pensamos nesses direitos como uma coisa só, mas eles são tecnicamente separáveis. Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.195.

[350] Cf. *ibidem*, p.121.

e que retomam a vinculação as cinco dimensões de desempenho, elaboramos uma tabela interpretativa que sintetiza nosso percurso pela Vila Madalena, estabelecendo os valores qualitativos: bom, regular e ruim [tabela 8].

Dimensões de desempenho	Metacritérios					
	Justiça			Eficiência		
	Bom	Regular	Ruim	Bom	Regular	Ruim
Vitalidade	☐	☒	☐	☒	☐	☐
Sentido	☒	☐	☐	☒	☐	☐
Adequação	☐	☒	☐	☐	☒	☐
Acesso	☐	☐	☒	☐	☐	☒
Controle	☐	☐	☒	☒	☐	☐

Tabela 8 – Avaliação dos metacritérios de Lynch na Vila Madalena. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr. (2020).

Em nossa linha interpretativa, o metacritério *justiça* não está exclusivamente vinculado a "justiça social", porque sabemos que a cidade é socioeconomicamente desigual e excludente. Desse modo, a reflexão leva em consideração essa questão, na medida em que sugestiona e agrega outras valorações: o que é justo?

No intuito de enfrentar essa pergunta, a opção aqui é transformar em questão o próprio urbano pelas cinco dimensões de desempenho, que é produzido pela mediação social de quem o consome, usufrui do espaço. Em busca de respostas, um posto de observação específico: público. Em cena, portanto, os valores de justiça material (econômico), pela qualidade, benefícios e/ou vantagens dos serviços e produtos, seu grau de exclusividade (controle de aglomerações humanas), agrupar afinidades temáticas, agrupar interesses do diverso ao

semelhante dos grupos sociais, entre outros, seu valor é *justo* e *eficiente* por cumprir esse papel, que interfere na produção da vida em seu sentido amplo.

Assim, concebemos os metacritérios antes de tudo como uma maneira específica de avaliar a vida social em relação ao ambiente construído, sintetizando as dimensões performáticas de Lynch, expressas conforme abaixo.

Vitalidade: não se pode dizer que essa dimensão estabelece inter-relação entre o lazer (boêmio) com as áreas verdes, já que estão pulverizadas por toda a Vila, mas sim pela concentração e diversidade dos estabelecimentos. A aglomeração das pessoas evidencia o encontro dos mais variados tipos humanos, mas há que se considerar certa padronização das tribos e classe social. Sobre o fator *justiça* são flagrantes as desigualdades sociais, mas isso não é um impeditivo para a *eficiência* do lugar em catalisar alta densidade de público.

Sentido: a Vila Madalena é compreendida mentalmente pelas pessoas nos requisitos físico, funcional e simbólico: trata-se de um lazer elitizado; os fatores *justiça* e *eficiência* encontram-se aqui expressos pelo seu papel com essa esfera. De fato, os divertimentos da noite podem não ser aproveitado por todos, mas aí estamos tratando da dimensão do acesso.

Adequação: não podemos dizer que a performance do espaço está em má relação com os usuários, talvez com sua capacidade de carga. Assim, os fatores *justiça* e *eficiência* correlacionam-se aqui as oportunidades adaptativas, ao improviso e o espontâneo, que se fosse de outro modo, talvez não fosse tão apreciado.

Acesso: nessa dimensão *justiça* e *eficiência* foram considerados ruins, seja pelo fato de não promover diversidade dos meios de acesso e aos produtos, desse modo, usufruir das

práticas de lazer e entretenimento não é acessível para todos e, talvez pela alta densidade de público e dele não se espalhar, o evento aconteça dessa maneira.

Controle: o controle do meio urbano não se dá por guaritas, ele eco concomitante a dimensão do *acesso,* por controlar (ou destinar) o público-alvo que consome seus produtos. Mas nos enquadramentos dos direitos, conforme citado [de presença, uso, apropriação, modificação e disposição], no requisito *justiça* foi considerado ruim, mas no requisito *eficiência,* de catalisar alta densidade elitizada foi considerado bom [eficiente].

3.5 O SENTIDO DO TODO.

A análise crítica dos Estudo de Caso foi realizada a partir do cruzamento de dados comparativos estruturada numa matriz por duas categorias de análise (***imaginabilidade*** e boa forma urbana), onde foi possível observar as convergências e conflitos no processo de estruturação da imagem mental dos territórios, bem como, as contribuições alcançadas da figura arquetípica [Tabela 9].

Tabela 9 - Análise comparativa sob a perspectiva teórica de Lynch: Baixo Augusta – Vila Madalena.

Itens	Convergências	Conflitos
Caminhos [vias]	☒	☐
Limites	☒	☐
Bairro	☒	☐
Pontos Nodais	☐	☒
Pontos de referência na paisagem [marcos]	☐	☒
Vitalidade	☒	☐
Sentido	☒	☐
Adequação	☒	☐
Acesso	☐	☒

Controle	☒	☐
Eficiência	☒	☒
Justiça	☒	☒

Fonte: Sérgio A. Santos Jr. (2020).

As discussões e resultados obtidos no percurso desse Capítulo nos apontam para as seguintes reflexões:

Sobre os *caminhos* [vias], confirmamos o pressuposto por Lynch de que é principal elemento para estruturar a legibilidade do lugar para o sistema de orientação. Verificamos também que, em ambos os casos, converge o consenso de primazia das ruas, isso significa que uma via se sobressai as demais.

Para nós foi relevante porque, no caso particular da Vila Madalena, falávamos em "núcleo boêmio" e isso remete imaginariamente a um conjunto, não a unidade. Se retomarmos a ideia de que essas práticas de lazer eram difusas por toda a Vila, na verdade, ela acontece nas confluências com a rua Aspicuelta, talvez por isso, na organização dos mapas mentais a tentativa era de sempre retornar a ela. A mesma situação acontece de modo explícito no Baixo Augusta, enquanto na Vila era implícito, e esse é o ponto convergente entre os territórios.

No que se refere aos *limites,* o ponto de convergência é dado mais pelo fator psíquico do que físico, o que vai de encontro a formulação perceptiva do elemento *bairro*, marcado pela questão dos usos, atividades dominantes e usuários, a partir dessas identificações se estabelece as fronteiras.

Em face do contexto dos *pontos nodais*, é conflitante a situação entre o Baixo Augusta e a Vila Madalena. De um lado, o Baixo Augusta se abre aos usuários pelo transporte coletivo, do outro lado, a Vila Madalena se restringe, como um recanto. Desse modo, o subtexto de

"comutação" fica fragilizado. Ao tom da metonímia, utilizar as vias secundárias como rotatórias, para alterar os fluxos, para nós não é tão relevante frente ao contexto dos *pontos nodais* em seu conceito maior.

Contemplar a produção na qual as ruas dos territórios de lazer aparecem com um papel metodológico relevante na interpretação das "séries temporais", que configuram as sequências viárias, se dá por meio existência dos *pontos de referência na paisagem [marcos*]. E eis que se evidencia um conflito inesperado.

Enquanto no Baixo Augusta, as "*séries temporais* são percebidas, como uma sequência casual de *marcos*, nas quais um elemento está ligado a outros dois, o antes e o posterior"[351] conforme apontado por Lynch como requisito de qualidade da imagem, onde "os códigos arquitetônicos que se sucedem numa frenética montagem, alternada, misturando espaços e tempos diversos sempre na mesma rua"[352], mas na Vila Madalena não se tem isso.

Na Vila a situação é outra. A tipologia das ruas marcada pela forte presença das árvores distribuídas ao longo do percurso, predomínio da horizontalidade do edificado, fachadas dos estabelecimentos possuem um padrão estético similar ("todos são atraentes ao seu modo") e por não ter contrastes, não se tem *marcos,* a Vila tem uma característica de homogeneização em amplos aspectos.

Passamos agora para a articulação metodológica com os critérios de desempenho.

---

[351] Cf. LYNCH, Kevin. *op. cit.,* 2011 [orig. 1960], p.120.

[352] Cf. CANEVACCI, Mássimo. *A cidade polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004, p.195.

Aqui, os três primeiros atributos: vitalidade, sentido e adequação, mostraram-se convergentes. Cada um a sua maneira, catalisam grande público para a noite paulista com o mesmo interesse em comum, a vida boêmia; bem interpretam o sentido desse “lugar sagrado” e sua dimensão lúdica no espaço-tempo; e se mostra adequado para o seu público na função em que exerce, pode não ser o ideal, mas é adequado.

O requisito *acesso* é conflitante, pelas mesmas atribuições já referidas no elemento *ponto nodal,* e que também é conflitante pela questão de justiça social, atrelado ao acesso dos produtos e serviços.

A quinta e última dimensão de desempenho: *controle*, em ambos os casos aparece como convergente, haja vista de que não se tem controle efetivo do espaço urbano aberto, e algumas medidas de controle encontram respaldo nas dimensões anteriores, por meio de situações similares como já foi dito.

Por fim, os metacritérios *eficiência e justiça.* Em ambos se constatou um caráter ambíguo atribuído a eles. De um lado, no requisito *eficiência*, são convergentes o papel desempenhado pelos territórios no que se refere a mediação e suporte das práticas de lazer, mas não é eficiente nem o suficiente para se formar uma imagem mental. Do outro lado, no requisito *justiça,* é conflitante nas questões de justiça mercadológica (de consumo) e convergente quando a questão vem a ser justiça social.

Coincide que de modo indicial, esses dados alinham-se e referenciam-se à lógica do *Jogo*, de Johan Huizinga, que toma como premissa situar-se (caminhos, limites, bairro) e conhecer as regras (vitalidade, sentido e adequação), depois começamos a montar nossas técnicas e estratégias (pontos comutativos e marcos). Assim, perder-se, deixar-se levar, fazer descobertas

(controle e acesso), concordar ou reclamar das regras e da arbitragem (justiça), faz parte da mecânica do jogo e, se for agradável (eficiente), joga-se novamente.

Entre tais circunstâncias, temos parâmetros para o desenvolvimento desse tipo de área de lazer em outros pontos da cidade, podemos refletir sobre algumas das suas características físicas e funcionais, mas ainda não conseguimos montar uma figura arquetípica.

AMABILIDADES URBANAS:

Topofilia e urbanidade em questão.

CAPÍTULO 4.

> "A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço [intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial "reformatadora" do lugar, como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. De certa maneira, trata da expansão da ideia da intimidade para os espaços urbanos contemporâneos"[353].

No capítulo anterior, vimos que Kevin Lynch, ao propor os critérios de desempenho para a performance da *boa forma urbana*, buscou priorizar aspectos da *Gestalt,* cuja dependência da forma urbana não estava demonstrada, frente as variáveis fenomenológicas, que são mais difíceis de medir o seu alcance, o que, na visão de muitos teóricos[354], significou para Lynch um valor débil. Assim sendo, quando abordamos a *amabilidade* como valor qualitativo para o espaço, preliminarmente, poderíamos enquadrá-la na categoria dos metacritérios, já que sua experiência está mais relacionada, a priori, à dimensão social do que à forma física da cidade.

Partindo dessa visão, Adriana Sansão desenvolveu a pesquisa intitulada "*Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea"*. De modo análogo a teoria forjada pela autora, nossa intenção neste capítulo é apresentar o caminho trilhado pela autora e demonstrar que a *amabilidade*, enquanto *metacritério*, não está fora do domínio da forma física e que, por meio dela, podemos descobrir as peculiaridades que permeiam a "sedução do lugar".

---

[353] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea.* 2012, p.26.

[354] Referimo-nos em especial a nossa base bibliográfica, como Kate Nesbitt, Joseph Rykwert, Christian Norberg-Schulz e Adriana Fontes Sansão.

4.1 COMO A AMABILIDADE SE MANIFESTA?

No intuito de apreendermos as imagens dos territórios em que o atributo em questão [amabilidade] se insere, e que são cruciais para discernir as regras de conduta das quais essas imagens carregam indícios, num momento posterior, sobretudo do ponto de vista das interações sociais com esses espaços, convém partir da relevância interpretativa pautada em três instâncias: 1) as características físicas; 2) as intervenções; e 3) as pessoas.

4.1.1 As características físicas.

Cientes de que a *amabilidade* é uma qualidade física e social ao mesmo tempo, podemos considerá-la como: "resultado da soma do contexto físico [espaço potencialmente atraente] com o contexto social [pessoas], que se unem através da presença da 'intervenção temporária' [que reforça a importância do contexto atraente, indispensável para a intervenção 'sob medida' nos lugares]"[355]. Graficamente, poderia ser representada por um triângulo em cujos vértices estão o espaço/tempo [lugar/intervenção] e as pessoas (figuras 161 e 162). Neste artigo, desejo apresentar a amabilidade como uma nova forma de compreender o espaço, demonstrando a sua dependência do contexto urbano.

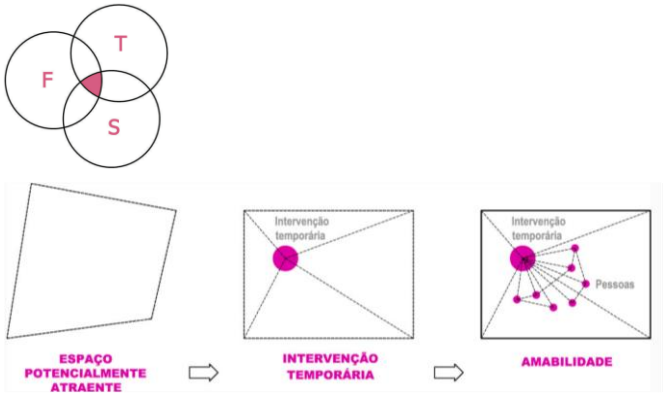


Figura 161 - *Amabilidade como articulação das dimensões física, temporal e social.*
Figura 162- *Processo de manifestação da amabilidade: a intervenção reformata o espaço e promove conexões*
Fonte: *SANSÃO, 2012, p.26 e 27.*

[355] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.26.

4.1.2 As intervenções.

Neste requisito Adriana Fontes faz uma analogia com as ideias de Christopher Alexander (1965) sobre a retícula, um princípio ordenador abstrato das cidades que oferece uma grande quantidade de conexões entre elementos[356].

Por essa via de entendimento, nos traduz que o mobiliário urbano e outros elementos de infraestrutura, interagem com as pessoas e faz também com que essas interajam entre si, aproximando-as. E, nesse sentido, a *amabilidade* emerge e pode permitir novas intervenções, "entre partes fixas e móveis e, também, entre as partes móveis das mesmas", que vão gerar espaços cada vez mais amáveis, dando origem a ciclo que se retroalimenta.

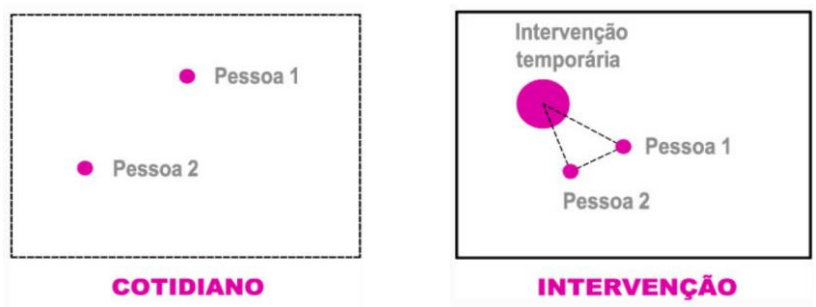


Figura 163 – Modelo esquemático de como a amabilidade interage. **Fonte:** FONTES, Adriana. 2012, p.28.

[356] "Exemplifica esse argumento através de uma análise do que supostamente pode ocorrer em um cruzamento de ruas: a existência, em dado cruzamento, de uma reunião de elementos materiais que colaboram de algum modo uns com os outros – como uma banca de jornal, um semáforo e um grupo de pessoas que espera para atravessar a rua – possibilita a formação de um sistema em que as pessoas podem olhar os jornais pendurados enquanto esperam que o semáforo fique vermelho. Esse sistema possui uma parte fisicamente invariável [semáforo, banca] com a qual podem colaborar as suas partes variáveis [pessoas]. Desse modo, a forma urbana em si mesma, sua estrutura básica, funciona como o suporte para que os elementos móveis possam conectar-se". Cf. ALEXANDER, Christopher. *La ciudad no es un árbol*. 1968 [Orig. 1965] *in.:* SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.27.

4.1.3 As pessoas.

Este diagrama (figura 163) tem correspondência com o conceito de triangulação, forjado por William Hollingsworth Whyte, que trata de "um estímulo externo faz com que duas pessoas estranhas iniciem uma conversação"[357], para o autor não é a excelência do ato o que importa, mas o fato de acontecer e reunir pessoas. Assim sendo, a triangulação de Whyte nos espaços públicos urbanos podem torná-los mais amigáveis.

Autores, como Jan Gehl, por exemplo, se apoiam nesse pensamento e desenvolve partes de sua obra[358], pois considera a triangulação de Whyte como uma das responsáveis pela qualidade urbana de um espaço público. E, também, Richard Sennett, que coloca a triangulação como um dos atributos para se criar um "bom lugar", estendendo seu pensamento sobre as "relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas relações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam"[359].

Sob a égide do pensamento, vinculado as teorias sobre o espaço pessoal [apresentadas no capítulo 1, p.xx] para que a amabilidade se manifeste é necessária a existência de um espaço coletivo [potencialmente atraente para alguém], a intervenção temporária [deste alguém] sobre este espaço, e a consequente triangulação [lugar + intervenção + pessoas], esta

---

[357] Cf. WHYTE, William H. *The Social Life of Small Urban Spaces*. 2001 [orig. 1980] *in.:* SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.27.

[358] Ver. GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. 2010.

[359] Em dado momento, Sennet pergunta "O que estimulará a maioria de nós a voltar-se para fora em direção ao próximo, para vivenciar o Outro? Como escapar da passividade corporal?". Na tese de Adriana Sansão, ela poderia responder a tal questionamento, haja vista que esse é um dos motivos explicitos que originaram seu trabalho, "defendendo que as intervenções temporárias são uma das formas de se despertar tal conexão, "ativando" os corpos passivos e reduzindo o espaço pessoal entre eles". Cf. SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. 1997 [orig.1994] e Cf. também SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.29.

última subentendendo a aproximação e a "intimidade" entre os envolvidos, reduzindo a distância pessoal cotidiana[360] [figura 164].

Figura 164 - Redução do espaço pessoal no momento da intervenção temporária. **Fonte:** FONTES, Adriana. 2012, p.29.

A luz dessas ponderações, a autora define a *amabilidade* como a qualidade urbana que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as intervenções temporárias que ocorrem sobre esse espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, demonstrando que ela surge da articulação entre as dimensões física, temporal e social [figura 165].

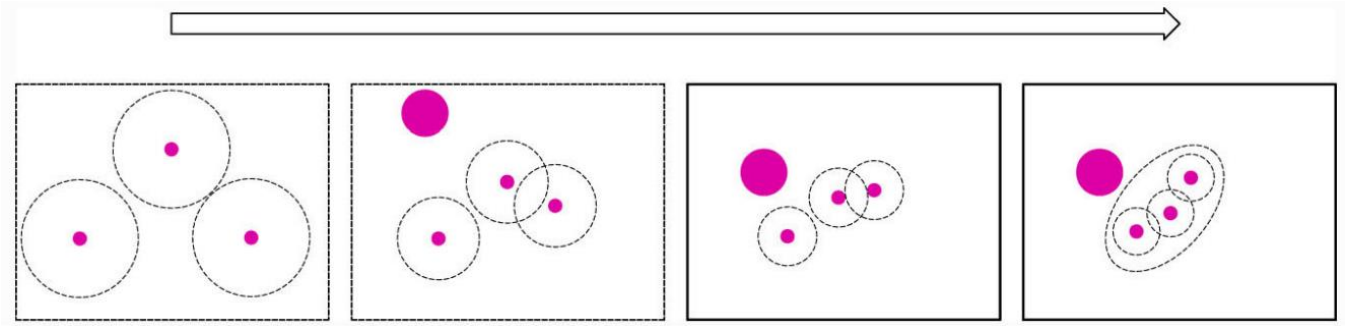


Figura 165 - Construção da amabilidade. **Fonte:** FONTES, Adriana. 2012, p.30.

Seguindo essa lógica, para que a amabilidade se manifeste "é necessária a existência de um espaço coletivo [potencialmente atraente para alguém], a intervenção temporária [deste alguém] sobre este espaço, e a consequente triangulação [lugar/ intervenção+pessoas]"[361].

---

[360] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.30.
[361] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.30.

4.2 AMABILIDADE: UMA NOÇÃO QUE SE DESDOBRA NAS DIMENSÕES FÍSICA E SOCIAL.

Após o exposto e visando um maior esclarecimento sobre o conceito, e seguindo os passos de Adriana Sansão pela maneira que conceituou a amabilidade, diferenciando-a de outros conceitos recorrentes, que se referem à relação positiva entre pessoa e espaço, como, por exemplo, aos grupos temáticos enredados em meio a ***topofilia***, que envolvem os conceitos de: ***apropriação, vitalidade*** e ***urbanidade***.

Ao iniciar sua explanação sobre o *conceito de apropriação,* citando Pierre Merlin e Françoise Choay, Adriana Sansão fala sobre a expressão "apropriação do espaço", utilizada por antropólogos, psicólogos, sociólogos e urbanistas, onde o termo designa "condutas que asseguram aos humanos o manejo afetivo e simbólico de seu espaço"[362]. A autora traz também a reflexão de Manuel Delgado, que diz: "apropriar-se de um espaço significa reconhecê-lo como próprio, no sentido de apropriado, apto ou adequado para algo, ou mesmo tomar posse de algo físico ou mental"[363]. Tomando por base esses aspectos, cabe dizer que o conceito pode ter conotação legal ou ilegal em termos jurídicos, conforme ponderações da própria autora, isso se reflete no urbanismo como uma ação também de conotação negativa, confirmada pela expressão corriqueira "apropriação ilegal". Ademais, ele não designa as relações entre pessoas, mas unicamente as relações pessoa-lugar, o que o torna inadequado para nomear o conceito aqui discutido[364].

---

[362] Cf. MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise. ***Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement***.1988. *in*.: SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.30.

[363] DELGADO, Manuel. ***Apropiaciones inapropiadas. Usos insolentes del espacio público en Barcelona***. 2008. *in*.: SANSÃO, Adriana Fontes. *Op.cit.,* 2012, p.30.

[364] *Ibidem*.

Subsequente, é conceituado o termo "***vitalidade***", que significa qualidade vital, força vital ou vigor[365]. Alguns clássicos da literatura em arquitetura e urbanismo trabalharam com esse termo aplicando-o de diferentes maneiras e sentidos. Kevin Lynch, por exemplo, o define como o grau em que a forma da aglomeração populacional suporta as funções vitais, os requisitos biológicos, as capacidades dos seres humanos, e como protege a sobrevivência da espécie, tratando-se de um critério antropocêntrico[366]. Já Jane Jacobs o associa à vida nas ruas e ao uso intenso dos espaços públicos, relacionando-a a temas como segurança, contato, integração social e diversidade[367]. Com efeito comparativo, segundo Adriana Sansão a definição de Lynch resulta como algo distante do objetivo do conceito de amabilidade; e na abordagem de Jacobs, o contato – que pode ser entendido no sentido da conexão a que nos referimos – equivaleria a um dos componentes da vitalidade, não podendo os dois termos serem encarados como sinônimos[368].

Outra verificação de interesse verte-se sobre o conceito de ***urbanidade***. A *urbanidade* costuma ser interpretada de várias formas e em diversos contextos, mas aqui centraremos a reflexão mais no sentido sociológico, do que nos de infraestrutura urbana. Uma primeira definição provém do dicionário do urbanismo e planejamento, de Pierre Merlin e Françoise Choay, que a considera um conceito de caráter social e não físico, pois definem o termo como "toda forma análoga de polidez na maneira de se comportar com os outros. Qualidade de indivíduos ou de sociedades que não pode se reportar a agentes físicos, mas que costuma ser

---

[365] Cf. LYNCH, Kevin. o*p.cit*. 2007 [orig. 1981], p.125.
[366] *ibidem, ibidem*.
[367] Cf. JACOBS, Jane. *op.cit.,* 2009 [orig. 1961], *passim*.
[368] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *op.cit.,* 2012, p.31.

usada como sinônimo de ambiente urbano sofisticado”[369]. Para Mauro Calliari, *urbanidade* tem a ver com a vida nas cidades e com o comportamento adequado a esse ambiente, para ele é “sinônimo de cortesia e civilidade”, correlato a maneira de se comportar no ambiente civil[370]. Nesse sentido, cabe também a perspectiva de Rachel Coutinho, que pontua a urbanidade como “aceitação do outro”, uma vez que sempre existiram e continuarão a existir os preconceitos e as diferenças sociais, desse modo, a considera o amálgama da sociedade civil e do controle social[371].

Na seara das definições conceituais, para nós a ***amabilidade*** está muito próxima ao sentido de urbanidade [cordialidade], haja vista que se alinha com o desejo de se estabelecer intimidade e acolhimento. O que se alinha e se referencia com a busca da definição conceitual de Adriana Sansão, vinculada ao afeto social com a dimensão física, consubstanciando o “espaço amável”, que toma por base à excepcionalidade da intervenção temporária enquanto qualidade associada a urbanidade de um espaço-tempo.

É exatamente no sentido tangível e material, como condição de “coisas urbanas”[372], uma questão mais voltada a infraestrutura, que Manuel Solà-Morales concebe o conceito de urbanidade. Segundo o autor, definir a *urbanidade* como qualidade social – dos códigos de bons costumes e do comportamento civilizado – é muito reducionista, pois há mais: como caráter urbano dos ambientes que resultam reconhecíveis na hora de representar a vida. O conceito

---

[369] Cf. MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise. *op.cit.,*1988.

[370] Cf. CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. *op.cit.,* 2016, p.23.

[371] Cf. COUTINHO, Rachel M. da SILVA (org.). **A cidade pelo avesso. Desafios do urbanismo contemporâneo.** 2006, p.26.

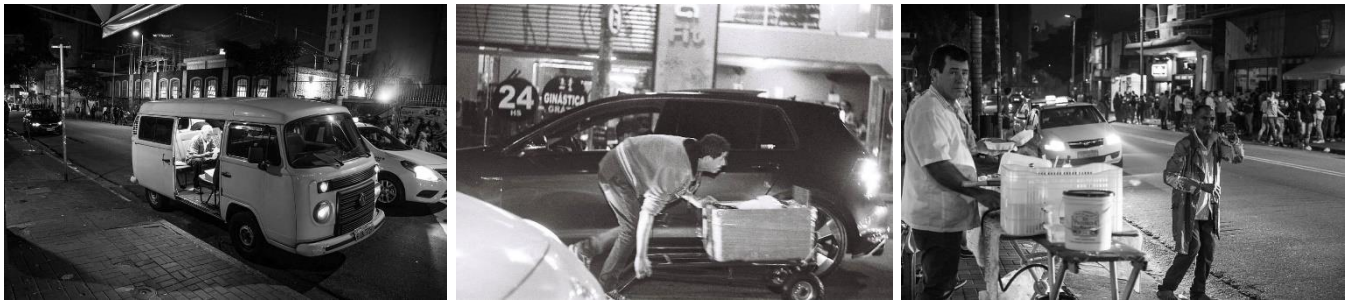
[372] SOLÀ-MORALES, Manuel. (2005). *“**Para una urbanidad material**”. In: De cosas urbanas.* 2008.

de urbanidade contemporânea, segundo a visão de Adriana Sansão, está nas construções materiais capazes de transmitir aos cidadãos a compreensão de três atributos da cidade, que são: a simultaneidade, a temporalidade e a diversidade[373].

Resulta dessa articulação, física e social, das "coisas urbanas" e da "cordialidade", a ***amabilidade***, que não depende das funções ou das atividades, mas da diversidade – densidade qualitativa mais que quantitativa. Tais elementos aludem à variedade e ao número de referências superpostas em um lugar.

4.3 AMABILIDADES NO BAIXO AUGUSTA

4.3.1 O "food truck", o ambulante e o gorótinho.



Figuras 166 a 168 – "Food truck" e ambulantes no Baixo Augusta. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

Os *Food Trucks,* por definição, são uma modalidade de comida de rua que oferece mais do que carrinhos tradicionais de pipoca ou cachorro-quente, e eles ocupam por vezes áreas vazias na cidade estacionamentos praças ou largos em eventos esporádicos[374].

No Baixo Augusta, eles ocupam as adjacências das calçadas, ficam algum tempo ali estacionados, migram entre os pontos de parada – seja por conta da fiscalização; seja para

[373] Cf. SANSÃO, Adriana Fontes. *op.cit.,* 2012, p.32.

[374] Cf. CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. *op.cit.,* 2016, p.171.

catalisar mais pessoas para áreas mais tranquilas e formular novas efervescências; seja para consubstanciar a aglomeração existente e oferecer seus produtos; seja enfim, por uma circunstância ser mediadora da outra. Apesar da prática do *food truck* ter sido legalizada[375] em 2014, não se pode confundi-la com o que é praticado no Baixo Augusta, o ato ilegal clandestino reforça seu caráter transgressor na figura da ilegalidade do comércio ambulante; a final, como se diz por aqui: "todos tem o direto a um *gorótinho*".

4.3.2 "Brinquedos" de casa para a rua.

Figuras 169 – Montagem: Os jovens e seus "brinquedos". **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

Após o horário comercial, quando muitos estabelecimentos fecham, alguns jovens trazem itens de suas casas para sua diversão e sociabilidade na rua, como é o caso do narguilé.

[375] Cf. CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. *op.cit.,* 2016, p.171.

Essa espécie de cachimbo a base d'água, e de origem árabe, é utilizado para fumar tabaco aromatizado e, ocasionalmente, algumas drogas ilícitas. Esse item de sociabilidade e diversão entre os jovens produz cerca de dez vezes mais fumaça que os cigarros tradicionais, e esse "efeito chaminé" configura um certo encanto para mocidade, que compartilha da saliva a piteira com as pessoas do seu grupo; um gesto de confiança.

Mas há mais. Outros "brinquedos" são vistos enquanto se espera nas filas das baladas e nas mesas dos bares, comumente vemos os jovens jogando cartas: ludos, truco e até tarô. De fato, esse tipo de prática de jogos de azar é proibido nos estabelecimentos no Brasil, mas o que vem ao caso é a maneira com que o espaço público recebe essa ação lúdica, pois se abre a uma função de "sala de estar", que recepciona e acolhe seus visitantes como se estivessem em seus lares.

4.3.3 Arte urbana: colagens.

Figuras 170 a 172 – A cidade fala: a arte urbana por colagens. **Fonte:** Jorge Hynd. (2018).

A arte urbana evidencia a presença de pessoas no espaço público, seja produzindo, consumindo ou admirando. Há de tudo um pouco no Baixo Augusta, desde os remanescentes *hippies* vendedores de quadros e artesanato até os performances. O picho e o grafite não chamam muito a atenção por aqui quanto as colagens nas paredes, muitas delas, são retratos do cotidiano do próprio bairro.

Incorporado à paisagem urbana, ver e ser visto, registrar, divulgar e ser exposto, passa a ser um estímulo crescente aos frequentadores da região, que vem ocupando gradativamente o cenário dos espaços públicos, enquanto expressão individual de seu corpo, seu estilo e, portanto, sua arte.

4.3.4 Acadêmicos do Baixo Augusta.

Durante décadas o Carnaval foi comemorado nos clubes da cidade, enquanto as ruas ficavam vazias, exceto pelos desfiles das escolas de samba em espaços predominantemente confinados, nas populares quadras das escolas. Nos últimos anos, contudo, houve uma retomada das ruas por blocos carnavalescos, um costume predominantemente nordestino, importado de Salvador para São Paulo.

Eis que surge o bloco Acadêmico dos Baixo Augusta, que chegou a ser proibido de desfilar em 2012, como vimos na narrativa de Alê Youssef, mas hoje é um entre centenas de blocos que atraem quase 2 milhões de pessoas para as ruas, como foi o ocorrido em 2016.

Figuras 172 – montagem: Carnaval e o Bloco de rua, Alessandra Negrini, como Rainha do bloco Baixo Augusta. **Fonte:** Francio de Holanda[376] (2018) e Jorge Hynd (2018).

[376] Sobre a matéria do carnaval e imagem da Atriz, ver: https://glamurama.uol.com.br/rainha-do-bloco-baixo-augusta-alessandra-negrini-se-prepara-para-voltar-para-a-tv-serei-uma-vila/ (acesso em 08/04/2021).

4.3.5 Paulista aberta.

Figuras 173 – Aberta aos pedestres e fechada aos carros. **Fonte:** Folhapress[377] (2020).

Aberta aos pedestres e fechada aos carros todo domingo desde 2015, a Avenida Paulista, é o cenário da mudança de paradigma na sociedade paulistana. Para esse lugar conflui milhares de pessoas semanalmente com finalidade de lazer, para simplesmente usufruir e aproveitar do espaço público.

As pessoas lotam a Avenida pelo prazer de estar na rua, ao ar livre – quando a rua vira o parque ou uma praça – sem o barulho e a presença dos carros, a Av. Paulista é um exemplo de integração de políticas públicas atuação de grupos organizados e principalmente, vontade das pessoas ocupar os espaços públicos da cidade.

Eventos como a Parada Gay, Marchas Religiosas, Virada Cultural, Virada Esportiva, Manifestações Políticas, entre outros eventos que, contemplados ou não, em calendários oficiais ou em movimentos de expressão espontânea, a *Rua* parece ser o lugar, a figura central

[377] Sobre a matéria: “paulista aberta”. Ver: https://noticias.r7.com/sao-paulo/prefeitura-suspende-paulista-aberta-no-aniversario-de-sao-paulo-23012020 (acesso em 08/04/2021).

(protagonista), a qual as pessoas andam escolhendo para se apropriar, é um emblema do ato de se manifestar.

Figuras 174 – Montagem: Outros eventos de rua: a parada gay – na ocasião elenco do seriado "Sense 8", original Netflix. **Fonte:** Renan Oliveira[378] (2018) e Fabio Pastorello[379] (2018).

4.4 AMABILIDADES NA VILA MADALENA

4.4.1 Parkelets.

Figuras 175 a 177 – Parkelets na Vila Madalena. **Fonte:** respectivamente da esquerda para a direita: Monique Renne[380] (2018); Google StreetView (2019) e Sérgio A. Santos Jr (2019).

O *parklet*, estrutura com bancos e mesas construído no lugar da vaga de carro, ao lado das calçadas, é uma opção interessante para se criar um ambiente de permanência em um local tipicamente de passagem, e é normalmente patrocinada por algum estabelecimento

[378] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://dentrodomeio.com.br/cinema/sense8-parada-lgbt-2018/ (acesso em 08/04/2021).
[379] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://www.viagenscinematograficas.com.br/2018/05/parada-do-orgulho-lgbt-2018-sp.html (acesso em 08/04/2021).
[380] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://guia.melhoresdestinos.com.br/vila-madalena-173-4892-l.html (acesso em 08/04/2021).

comercial. Entretanto, esse equipamento é de uso público, mas que normalmente se confunde, ou é apropriado, aos usos privados, como extensão dos estabelecimentos.

Na Vila é comum que as pessoas e, por extensão, os estabelecimentos, privilegiem o uso desse equipamento para o uso privado, sobretudo no período noturno. Toda essa infraestrutura que privilegia a atividade estacionária, ou de permanência, assim como os bancos, durante o período diurno é pouco utilizada por moradores e visitantes.

4.4.2 Os food trucks.

Como já dito, os *food trucks* são uma modalidade de comida de rua e que deveriam ocupar áreas vazias na cidade, e/ou em eventos esporádicos os locais estacionários próximos das calçadas. Mas não é isso o que ocorre aqui na Vila.

Nos finais de semana, feriados e dias comemorativos de jogos – que atraem o público para os bares –, essas estruturas se acoplam nos meandros das ruas e calçadas e comercializam produtos diversos. Após a aprovação na Câmara Municipal dessa iniciativa, que autoriza a venda de comida nas vias públicas deixou muitos *chefs* e empreendedores do *gourmet* animados, cabe dizer que sob essa perspectiva, da nova legalização para o setor, foi suficiente para muitos colocarem sua cozinha na rua. E o resultado nas ruas da Vila são os *food trucks* tradicionais (ou mais básicos) aos *food trucks* gourmet.

Figuras 178 a 180 – Os food trucks na Vila Madalena. Fonte: Sérgio A. Santos Jr (2019 – da esquerda e do centro) e Sophia Braun[381] (2017).

[381] Hiperlink de referência da imagem. Cf. https://vejasp.abril.com.br/comida-bebida/lei-comida-de-rua-food-truck/ (acesso em 08/04/2021).

4.4.3 Arte urbana: grafites.

Figuras 181 a 183 – Grafites da Vila Madalena. Fonte: Sérgio A. Santos Jr (2019).

Dissemos que a arte urbana evidencia a presença de pessoas no espaço público produzindo, consumindo ou admirando. Se no Baixo Augusta a "cidade fala" pela presença das colagens na Vila Madalena os grafites têm maior destaque, sobretudo pela influência do Beco do Batman, um ponto turístico na cidade que atrai visitantes nacionais e estrangeiros para o lugar, a fim de apreciar esse tipo de arte de rua em constante mutação.

Seja por influências de peculiaridades típicas de um bairro sobre o outro, como já explorado no contexto histórico existente entre Baixo Augusta e Vila Madalena, por aqui se vê também muitas colagens que dão voz e expressão popular ao bairro.

Figura 184 – Sequência de fotos: a cidade fala por meio de colagens, retratos da Vila Madalena. **Fonte:** Sérgio A. Santos Jr[382] (2019).

[382] Essas imagens fazem parte de um projeto paralelo do autor. Cf. SANTOS JR, Sérgio Antonio dos; PATELLI, Pedro Henrique Natalino. Diálogos da palavra na Vila Madalena, São Paulo. Minha Cidade, São Paulo, ano 20, n. 240.01, Vitruvius, jul. 2020 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.240/7798>.

4.4.4 Carnaval.

Figuras 185 – Carnaval e o Bloco de rua na Vila Madalena. **Fonte:** Raquel Rolnik[383] (2014).

Em 2014, Raquel Rolnik publicou a foto acima e esboçou sua opinião referente ao fenômeno. De fato, não se trata de uma circunstância nova, como pontua a autora, ao dizer que

> "um dos blocos mais antigos de São Paulo, Os Esfarrapados, fundado em 1947, percorre as ruas do bairro do Bixiga, um dos redutos do samba paulistano e da cultura negra da cidade [...] Pensando sobre a relação dos blocos com a cidade, me parece que o visível crescimento do carnaval de rua de São Paulo faz parte de um movimento mais amplo de ocupação e reivindicação dos espaços da cidade. Não é por acaso que um bloco como o Acadêmicos do Baixo Augusta surgiu cinco anos atrás"[384].

O mesmo tem ocorrido em bairros da região Oeste como é o caso da Vila Madalena. Como vimos pelo contexto histórico, por aqui sempre houve essas manifestações sociais e urbanas que se apropriam do espaço da rua. Mas é com esse renascimento do carnaval de rua

---

[383] Hiperlink de referência da imagem. Cf. ROLNIK, Raquel. "Carnavalizar as ruas de São Paulo" 01 Mar 2014. ArchDaily Brasil. <https://www.archdaily.com.br/br/01-180358/carnavalizar-as-ruas-de-sao-paulo> ISSN 0719-8906 (acesso em 08/04/2021).

[384] Cf. ROLNIK, Raquel. **Carnavalizar as ruas de São Paulo**. 2014, p.*website*.

que estamos vivendo na contemporaneidade, parece-nos expressar um novo desejo das pessoas em sua relação com a cidade, de uma cultura tipicamente nordestina e que, aos poucos, fomos importando.

O público parece com isso afirmar que a Cidade do trabalho, “aquela que não para”, pode ser também uma cidade lúdica, e que as ruas não são apenas lugar de passagem entre casa, trabalho e comércio, mas também espaço de lazer, de fruição, de permanência[385].

4.4.5 O gradil.

Esse item, que por referência às definições conceituais poderiam se enquadrar nas “barreiras” de Lynch, ou seja, daquilo que impede a transposição do usuário, na Vila é amplamente apropriado pelas pessoas um instrumento de apoio àqueles que ficam horas em pé na rua. Observa-se que em muitos casos, os gradis aqui parecem não separar nada, mas promovem o encontro e a sociabilidade por aqueles que o compartilham usando-os como apoio e encosto.

Figuras 186 a 188 – Gradil, a barreira que conecta. **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr (2019).

[385] Cf. ROLNIK, Raquel. *Op.cit.,* 2014,.

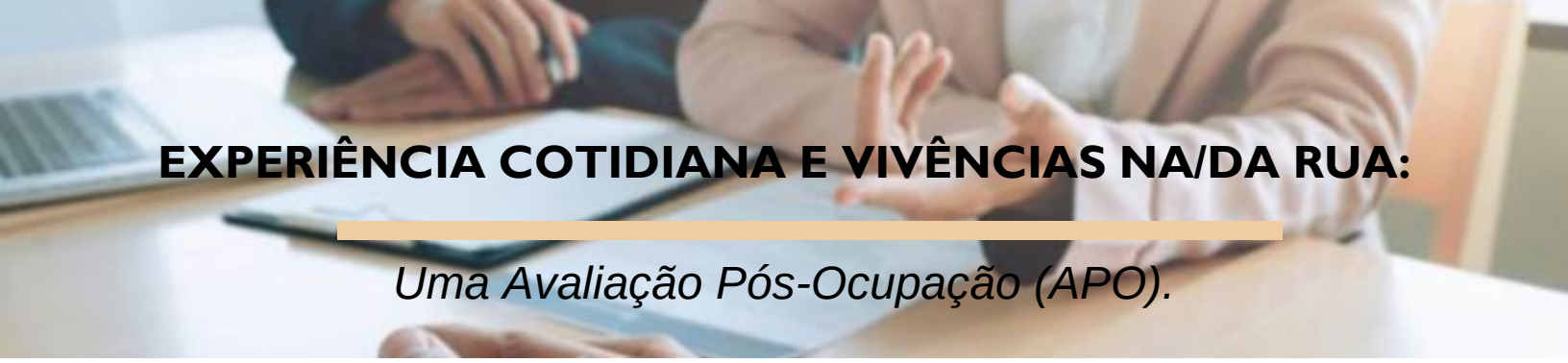
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Como resultado dessas reflexões, é possível definir a amabilidade como metracritério sobre a qualidade urbana que surge da articulação entre as características físicas do lugar, onde eventos ou intervenções temporárias, como diria Adriana Fontes, ocorrem sobre este espaço e as pessoas que o utilizam e se conectam, surgindo, portanto, da articulação entre as dimensões física, temporal e social.

Assim como é enfatizado pela autora, a amabilidade aqui não é defendida como uma qualidade do cotidiano, advogando que todo dia deve ser um dia de intervenção, haja vista que ela representa uma ruptura positiva do cotidiano. Desse modo, a amabilidade se manifesta como a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo, e que ambas não podem existir sem o pano de fundo do cotidiano.

Sendo assim, para surgir a amabilidade, há que se construir ou ter o tangível, o espaço real e, esses espaços coletivos, devem permitir mutações, ou intervenções temporárias, as quais fazem o lúdico, as imaginações, vir a tona para que a amabilidade tenha a oportunidade de manifestar-se.

Com Lynch falamos sobre a “Boa forma da cidade”, por meio da amabilidade, falamos sobre a “boa vida nas cidades”. Esse vivido tem algo mais do que simplesmente a dimensão do cotidiano. A qualidade artística, festiva e/ou improvisadas das intervenções temporárias, dos eventos, aportam, na medida em que correspondem, a uma excepcionalidade na vida na cidade, um tempo especial em um espaço que se transforma. Não se vive só da satisfação das concretudes, vive-se eventos e isso é “presentear a vida com o inesperado", por meio de circunstâncias únicas e que não são as mesmas, ainda que haja uma reincidência.



EXPERIÊNCIA COTIDIANA E VIVÊNCIAS NA/DA RUA:

Uma Avaliação Pós-Ocupação (APO).

CAPÍTULO 5.

Refletir sobre a construção da experiência por meio de encontros – conjunto de ações e relações entre corpos que acontecem na interseção de fronteiras, tal como um campo (multi)disciplinar composto de questões diversas – nos permite buscar alternativas para modos de fazer e pensar o espaço urbano, observando e vivenciando junto aos corpos que ali constroem e são construídos.

Ao entender que a experiência sensível se fundamenta na subjetividade, porque está condicionada aos limites e experimentações de cada universo corporal, pretendemos investigar ciclos de (re)sensibilização da vivência cotidiana, através do contato com diferentes estímulos do contexto urbano em que estamos inseridos. A pluralidade de dinâmicas de olhares e vivências do capítulo anterior, nos levou a notar que os significados do que percebemos não são fixos, circunstanciais inesgotáveis do espaço externo e das temporalidades que afetam o corpo em seus diferentes sentidos. Assim, mesmo na ampla escala da cidade, o complexo entre experiência e significado que constitui o caráter ou a qualidade de um ambiente (suas características sensoriais) é acessado e processado na escala de nossa vivência corporal, de acordo com os ritmos aos quais alcançam nossas possibilidades de ação no espaço-tempo.

Desse modo, os ensaios reunidos nesse capítulo, ora crítico ora estetizante, desenham um mosaico de metacrítica enfocando múltiplas considerações sobre “o quê, porquê e o para quê”, acerca dos objetos. São visões ancoradas na experiência [base empírica – do autor e equipe] frente a necessidade de formular uma leitura e estabelecer modos de interpretar a produção cultural e sociabilidade contemporânea. Trata-se, também, de uma contribuição e um

esforço crítico em instaurar, fomentar e fortalecer a crítica de arquitetura como atividade sistemática no pensar e no fazer arquitetônico por meio da satisfação e percepção dos usuários.

5.1 AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO).

A avaliação pós-ocupação (APO) tem, como um de seus maiores desafios, a exigência imposta aos pesquisadores no campo da Arquitetura e do Urbanismo, de que se pensasse numa avaliação do desempenho de ambientes em uso que fosse além das simulações laboratoriais. Trata-se, por isso mesmo, de uma avaliação cujo objeto central é o próprio ambiente construído, em sua escala real, inserido na cidade e sujeito às necessidades ou níveis de satisfação de seus usuários[386]; aqui será estudado o espaço urbano aberto (a rua) e sua relação com o edificado, constituindo, assim, a relação ambiente comportamento (RAC).

A operacionalização apreendida até o momento, é, também, oriunda da APO, pois a avaliação pós-ocupação desses ambientes específicos, são pautados em conhecimento profundo da realidade urbana, por meio de levantamentos de campo que possibilitem a geração de banco de dados e indicadores de qualidade.

Nesse sentido, os conceitos frequentemente associados à luz das relações biunívocas entre ambiente e comportamento são: o espaço pessoal; a territorialidade; e a densidade ocupacional. Em síntese, o **espaço pessoal** regula a proximidade das interações com os demais indivíduos, podendo movimentar-se, ampliar-se e reduzir-se de acordo com o contexto

[386] Cientes de que as APOs devem priorizar saúde, segurança e satisfação dos usuários, comprovadas por medições, observações técnicas, simulações e outras verificações. Cf. ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *Avaliação pós-ocupação na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática*. 2018.

em que cada um está inserido; associados ao conceito de **territorialidade**, estão os conceitos de personalização e de *status*, esse aspecto não está baseado no indivíduo, mas sim no grupo, onde o espaço permite oportunidades adaptativas realizadas pelos usuários; e, por fim, a **densidade ocupacional**, que abordada desde a macro escala urbana até a microescala, pelo qual distintos grupos sociais percebem as densidades ocupacionais (se elevadas ou não) diferentes e se comportam também diferente em relação a esse aspecto.

E para estudar o conjunto das RACs, métodos e técnicas que devem ser combinados haja vista que sua eficácia depende disso[387]. Assim sendo, costuma-se dizer que uma abordagem avaliativa é sempre constituída de múltiplos métodos (ou multimétodo), levando sempre em consideração o objetivo da pesquisa, o prazo e os recursos humanos e financeiros disponíveis para a atividade.

Se convencionou chamar de Múltiplos Métodos, as pesquisas combinadas que podem ser classificadas em quantitativas e qualitativas. As **quantitativas** visam coletar e confirmar dados mensuráveis obtidos numa amostra; já as **qualitativas,** focalizam, por meio da possibilidade de confronto entre a situação real e em estudo, e a descrição, a compreensão e a interpretação da situação especifica feita(s) pelo(s) pesquisador(es).

[387] É importante ressaltar que, as pesquisas baseadas em um só tipo de informação, coletada através de uma só técnica, costumam ser vistas como suspeita ou mesmo apresentar resultados duvidosos. Cf. Cf. ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). pp.83-84.

5.1.1 Método quantitativo para aferição e percepção dos usuários.

Assim, resta-nos esclarecer alguns aspectos relacionados ao: planejamento, elaboração, aplicação, processamento e análise dessa APO. Iniciamos pelas ações preliminares ao planejamento da APO [tabela 10].

Tabela 10. Ações Preliminares ao Planejamento da APO.

Item	Natureza do procedimento	Documentos necessários	Observações
1	Elaboração do documento	Autorização para a realização da APO.	Não aplicável, pois trata-se de um espaço livre e público: a rua.
		Autorização na Plataforma Brasil (Comitê de Ética em Pesquisa — CEP).	Pressupõe a elaboração do projeto de pesquisa, do temo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e do temo de assentimento (TA), ambos devidamente cadastrado e autorizado pelo CEP da Plataforma Brasil com o código numérico: CAAE.21940919.1.0000.5512.
2	Levantamento de informações (padrões de uso)	Tipo(s) de ocupação/uso	Apropriação e aglutinação de pessoas em espaços urbanos abertos e em atividades de lazer e entretenimento.
		Horários de operação e estrutura organizacional e data de ocupação.	Vespertino e noturno, entre finais de semana e feriados e por serem mais propícios as práticas de lazer.
		Quantidade de usuários por função, gênero e pavimento. Quando pertinente, identificar também faixa etária, nível de escolaridade e características socioeconômicas entre outros.	A tarefa de cada membro das equipes era realizar cerca de 20 entrevistas. Participa dessa avaliação usuários específicos em caráter de visitantes, em ambientes construídos destinados à prestação de serviços (o bar) ocasionais e de curta permanência.
3	Levantamento de informações (análise documental)	*"As builts"*, são memoriais de especificação e documentos relacionados a eventuais projetos ou intervenções no ambiente construído.	Deve incluir, no mínimo, arquitetura (edifícios notórios), instalações, mobiliário e equipamentos, no/ do meio urbano.

4	Levantamento de informações (análise normativa e legal)	Dispositivos legais e normas técnicas pertinentes.	Além do zoneamento, verificou-se também o "Programa Silêncio Urbano (PSIU)", da Prefeitura da Cidade de São Paulo, aprovada em Lei 16.402, de 23 de março de 2016, regulamentada pelo Decreto nº 57.443/16, e preconizado nos art. 146, 147 e 148, que aborda questões de funcionamento e parâmetro de incomodidade desses estabelecimentos de lazer.
5	Determinação de Indicadores de desempenho	Identificação de que permitam a comparação entre ambientes e/ou edificações.	Foram muitos os teóricos e urbanistas que procuraram identificar qualidades desejáveis de espaços urbanos ao longo do séc. XX, como Kevin Lynch que identificou cinco dimensões básicas no desempenho do desenho urbano: *vitalidade, sentido, adequação, acesso, controle*. Buscamos então comparar os dois maiores polos de lazer boêmio: Baixo Augusta e Vila Madalena.

Fonte: ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit*., 2018, p.86.

A partir desses dados, sobre as ações preliminares ao planejamento da APO, que tem como intuito revelar o contexto por trás da ambiência urbana, isto é, a história pessoal dos usuários e suas atitudes relacionadas ao ambiente construído, procedemos para a etapa de aferição da percepção dos usuários por meio de questionário, primeiro pelo método quantitativo e, depois, pelo qualitativo, o qual mostraremos aqui seu processo de sua elaboração.

A escolha pela aplicação do questionário, justifica-se pelo fato de ser um instrumento utilizado para o levantamento de dados. Desse modo, trata-se de um roteiro estruturado, com uma sequência de perguntas padronizadas, cujo objetivo é fornecer resultados que tenham uma representatividade que permita sua generalização para certa população. Além disso, ele

também possibilita obter dados de forma rápida e precisa, facilitando o processamento e a comparação de dados dos respondentes.

Para a elaboração das perguntas, é importante definir a forma como serão feitas no questionário. Elas podem ser classificadas em dois tipos básicos: não estruturadas e estruturadas[388]. Por sua vez, as perguntas estruturadas em escala podem ser classificadas em nominal, ordinal e intervalar [tabela 11].

Tabela 11 – Tipos de escala de perguntas estruturadas - características e exemplos

Escala	Característica dos dados	Exemplos
Nominal	Identidade, de definição única.	Género, etnia, estado civil, profissão.
Ordinal	Ordem de números que indicam posições relativas entre classes.	Classificações de preferências, classe social, escolaridade, atitudes e opiniões.
Intervalar	Comparações de intervalos e faixas.	Atitudes, opiniões, faixas de valores (peso, idade, renda, número de filhos e objetos etc.).

Fonte: ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit.,* 2018, p.99.

Seguindo a orientação da tabela 11, elaboramos as questões estruturadas por tipo e escala conforme abaixo [tabela 12].

Tabela 12 – Exemplos de perguntas estruturadas

Tipo de pergunta	Escala	Questão	Exemplo de resposta
	Nominal	1. Sexo	( ) Masculino ( ) Feminino.

[388] As perguntas não estruturadas, também conhecidas como abertas, são aquelas em que se pode esperar respostas variadas, porém ricas em informação. Por sua vez, as perguntas estruturadas em escala podem ser classificadas em nominal, ordinal e intervalar. Cf. ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit*., 2018, pp.98-99.

Dicotômica (estruturada)		2. Você é visitante ou residente dessa região ou bairro?	( ) visitante ( ) residente.
Múltipla Escolha (estruturada)	Intervalar	3. Qual sua faixa de renda?	( ) De 1 a 3 s/m ( ) +3 até 5 s/m ( ) +5 até 8 s/m ( ) +8 s/m
		4. Qual sua faixa etária?	( ) Até 18 anos ( ) +18 até 25 anos ( ) +25 até 40 anos ( ) +40 até 55 anos ( ) +55 anos
Múltipla Escolha (estruturada)	Nominal	5. Como você chegou nesse lugar?	( ) A pé ( ) De Carro/Uber/taxi ( ) De ônibus ( ) De trem/metrô ( ) De bicicleta/patinete
		6. Como você avalia esse(s) espaço(s) da rua que você escolheu para sua permanência (pontos negativos)?	( ) Barulhento; ( ) Quente; ( ) Úmido; ( ) Escuro; ( ) Sujo; ( ) Mobiliário urbano inadequado/inexistente/insuficiente (bancos, lixeiras, iluminação, entre outros); ( ) Pavimentação/calçamento inadequada das ruas e calçadas; ( ) Nenhuma das anteriores.
		7. Como você avalia esse(s) espaço(s) da rua que você escolheu para sua permanência (pontos positivos)?	( ) Calmo; ( ) Agitado; ( ) Bem iluminado;

			( ) Limpo; ( ) Termicamente agradável; ( ) Mobiliário urbano adequado (bancos, lixeiras, iluminação, entre outros); ( ) Pavimentação/calçamento das ruas e calçadas está adequado; ( ) Nenhuma das anteriores.
Múltipla Escolha (estruturada)	Ordinal	8. Classifique, de 1 a 5, os atributos desse território que mais contribuíram para sua escolha de visitação, sendo 1 a pior nota e 5 a melhor entre eles.	( ) Sociabilidade; ( ) Infraestrutura (urbanidade); ( ) Opções de estabelecimentos ( ) Paisagem; ( ) Preços/custos.
		9. A diversidade das tribos urbanas, identidades coletivas, estilos de vida e modos de consumo, são e estão presentes nesse território e podem ser determinantes para seu retorno?	( ) Discordo totalmente; ( ) Discordo; ( ) Indiferente; ( ) Concordo; ( ) Concordo totalmente.
		10. Por tudo isso, o quanto você aprecia esse local?	( ) Pouquíssimo; ( ) Pouco; ( ) Indiferente; ( ) Muito; ( ) Muitíssimo;

Fonte: Inspirado em: ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit.,* 2018, pp.99-100.

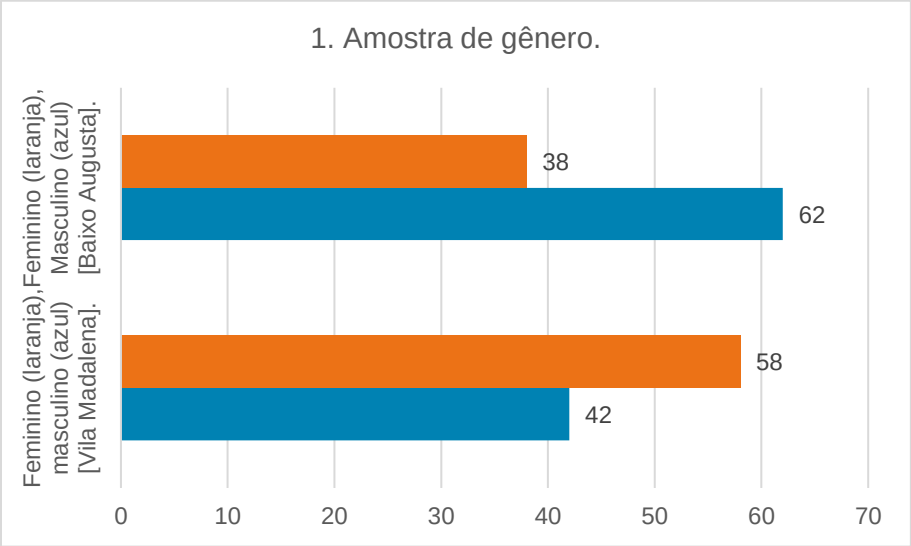
Subsequente a aplicação do questionário em campo, fizemos o processamento inicial dos dados coletados, que darão origem aos dez gráficos apresentados a seguir. Cientes de que se trata de uma fase que antecede a análise e visa transformar os dados brutos em informações

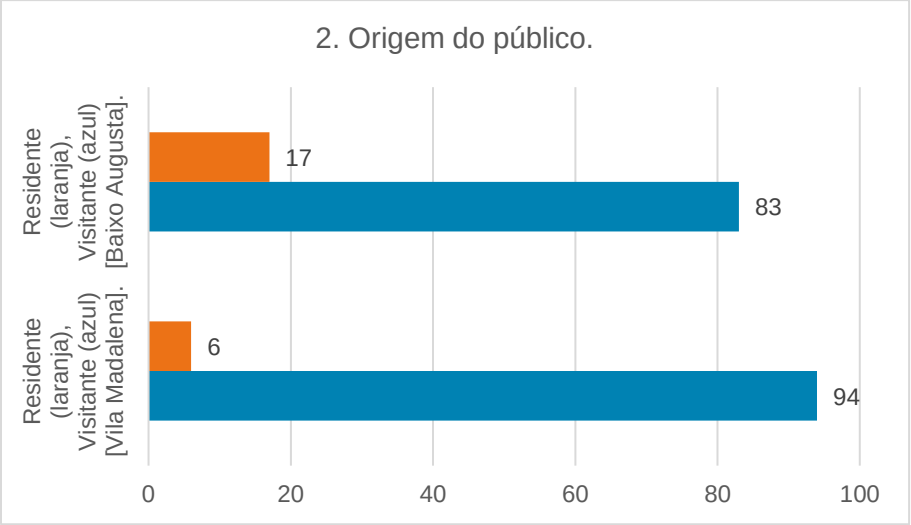
que permitam discussões e interpretações. Esse processamento é, normalmente, dividido em três fases: verificação/edição, tabulação e codificação.

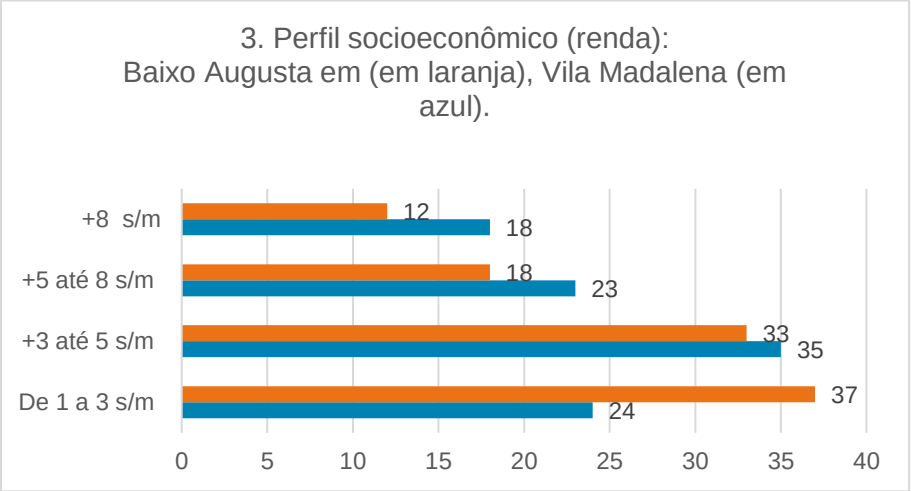
A verificação/edição consiste na atividade de conferência do preenchimento do questionário aplicado, quanto à completeza, legibilidade, correções diversas, consistência/coerência e vieses (se houve possíveis desvios introduzidos pelos entrevistadores). Caso problemas sejam identificados nessa fase, eles devem ser sanados com a edição dos dados ou devem ser descartados. Destacamos aqui que os termos “Infraestrutura (urbanidade)” e “Mobiliário urbano”, por vezes, tiveram que ser exemplificados aos entrevistados, conforme já consta corrigido na tabela 12.

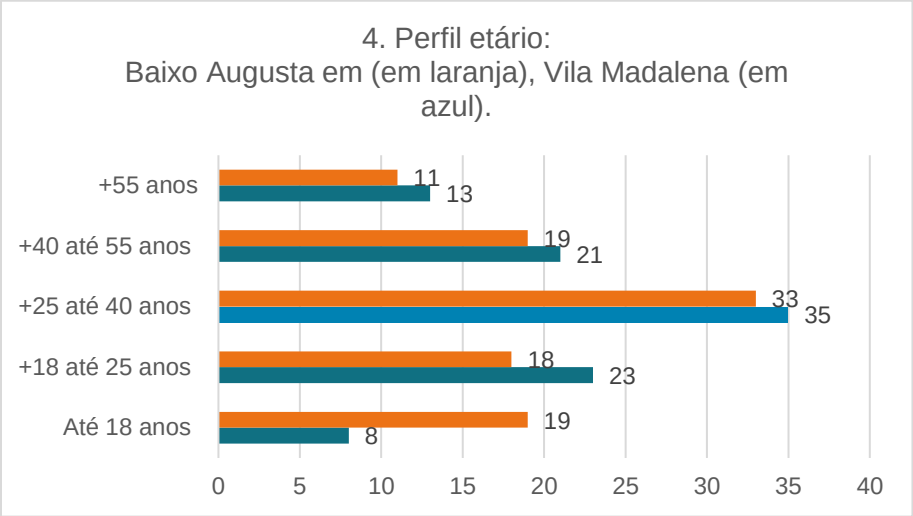
Por esse entendimento, há que se considerar também que os dados representam a distribuição de respostas de uma mostra de 677 pessoas no Baixo Augusta e 763 pessoas na Vila Madalena, no entanto, não é possível afirmar que essas respostas reflitam a opinião de todos os moradores e visitantes. Para que essa interferência seja realizada, é necessário associar a margem de erro resultante do processo de amostragem, que foi de 3% (para cima e para baixo), assim, o nível de confiança foi de 97%.

A tabulação é a atividade que permite a contagem das frequências de resposta obtidas para cada questão. A codificação é o processo de transformação das informações coletadas (dados brutos) em um código para viabilizar a tabulação eletrônica dos dados, e os resultados foram estes [gráficos 1 a 10]:


1. Amostra de gênero.
Feminino (laranja), masculino (azul) [Vila Madalena].
Feminino (laranja), Masculino (azul) [Baixo Augusta].
38
62
58
42
0
10
20
30
40
50
60
70


2. Origem do público.
Residente (laranja), Visitante (azul) [Vila Madalena].
Residente (laranja), Visitante (azul) [Baixo Augusta].
6
94
17
83
0
20
40
60
80
100


3. Perfil socioeconômico (renda):
Baixo Augusta em (em laranja), Vila Madalena (em azul).
+8 s/m
+5 até 8 s/m
+3 até 5 s/m
De 1 a 3 s/m
12
18
18
23
33
35
37
24
0
5
10
15
20
25
30
35
40

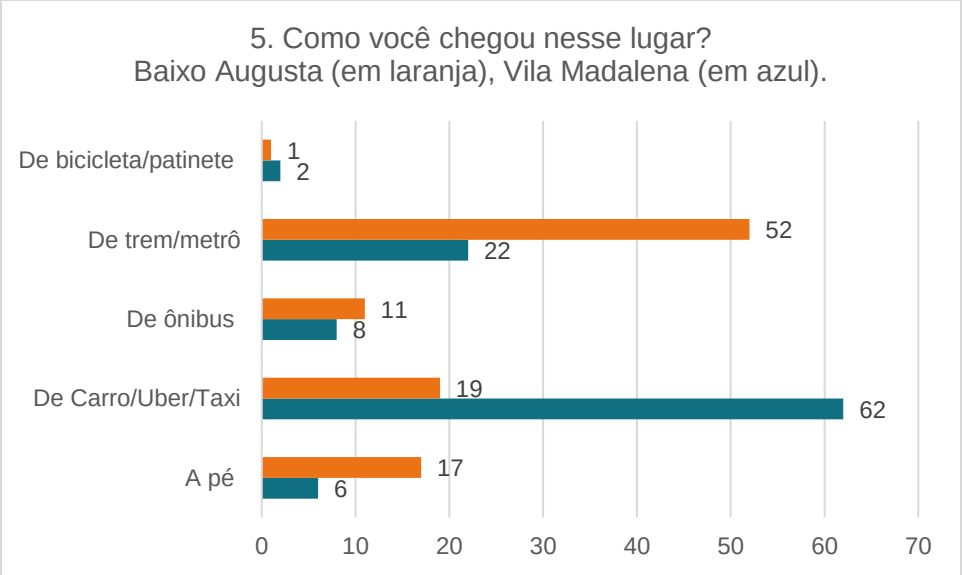


Os gráficos de 1 a 4 nos auxiliam na compreensão “quem é este público”. Segundo a amostra de gênero, o público masculino é predominante no Baixo Augusta, enquanto o feminino é predominante na Vila Madalena. Não é o caso aqui buscarmos os motivos para essa constatação, mas de modo especulativo, acreditamos que se deve aos processos históricos e sociais apresentados até o momento, que são referentes de valores morais (simbólicos) e dos usos do edificado. Nosso intuito é refletir sobre a preferência dos gêneros em relação a seleção dos territórios de lazer.

A presença do visitante-forasteiro marca mais de 80% do público na amostra referente ao Baixo Augusta e mais de 90% na Vila Madalena. Esse tipo de constatação é preocupante, sobretudo na Vila Madalena, onde 80% dos imóveis, incluindo o entorno da região analisada, são de uso residencial, ou seja, as tensões geradas por meio dessa disputa do território, conflui para um processo de exclusão do residente, que o utiliza mais para habitar do que para se divertir.

Em percentuais, 37% da renda declarada pelo público no Baixo Augusta está entre 1 a 3 salários mínimos (s/m), enquanto 35% dos entrevistados na Vila Madalena diz receber entre 3 e 5 (s/m). Em ambos os casos, esse resultado representa mais de um terço das amostras de público.

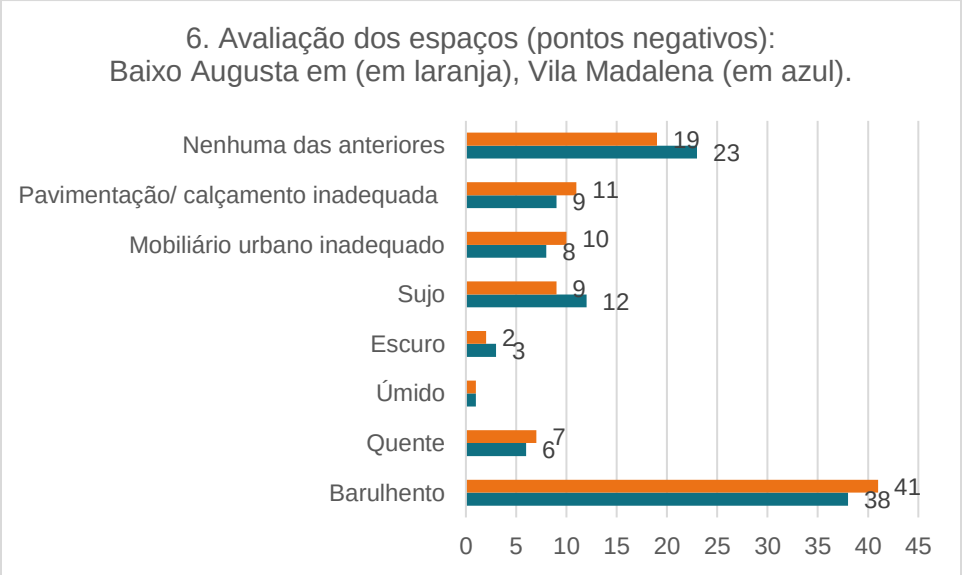
Num mesmo comparativo percentual, esse mesmo um terço da amostra de público situa-se entre a faixa etária dos 25 aos 40 anos. A presença do jovem-adolescente (até 18 anos) no Baixo Augusta (19%) é percentualmente superior ao dobro da Vila Madalena (8%), e os demais intervalos de perfis etários estudados apresentam pouca diferença entre si para marcar sua presença no território.

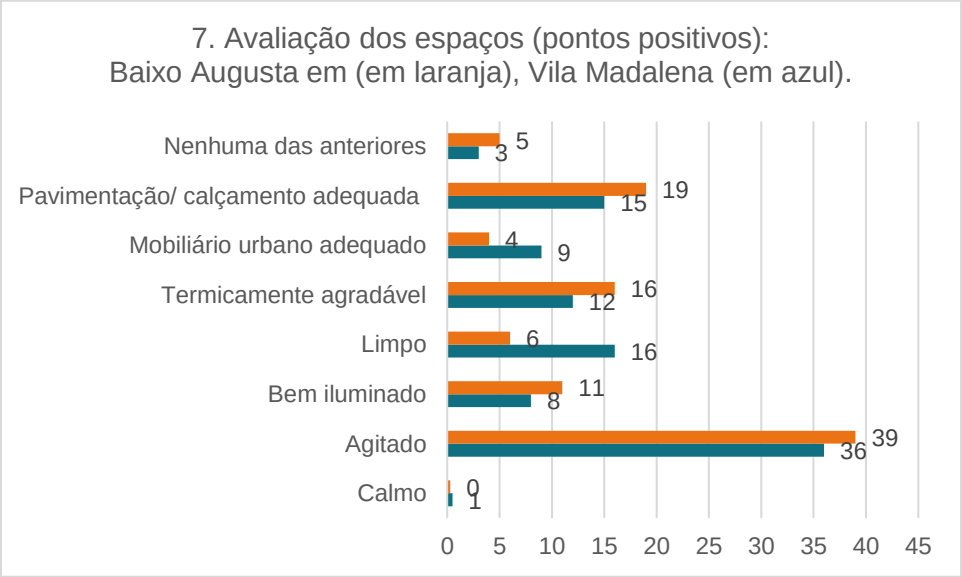


Quando a questão é o meio de transporte utilizado para se chegar ao destino, percebe-se o contraste entre o uso do transporte privado e do coletivo. Conforme indicado nos levantamentos preliminares, de fato, o público do Baixo Augusta tem maior aderência ao uso do metrô, haja vista a escassez de vagas nas ruas e o alto custo dos estacionamentos na região; contudo o carro é a segunda opção mais utilizada pelos entrevistados. Já a Vila Madalena a

ordem é inversa, maior o uso do transporte privado (o carro), onde as vagas nas ruas são ainda mais raras de serem encontradas e os estacionamentos são mais caros; seguido pelo transporte público (metrô Fradique Coutinho), que é distante do núcleo analisado da Vila.

Coincide que a porcentagem de entrevistados em ambos os territórios, que declararam ir a pé, é a mesma dos que se declararam residentes, mas isso não significa que um visitante de um bairro próximo não tenha vindo a pé. O uso de bicicletas e patinetes ainda é quase insignificante na amostra, talvez por ser se tratar de uma iniciativa recente na cidade; e o uso do ônibus se mostrou baixo quando o intuito é “estar em lazer”. Esse tipo de questionamento foi colocado para conferir se a leitura dedutiva de espaço confere com a realidade do usuário.

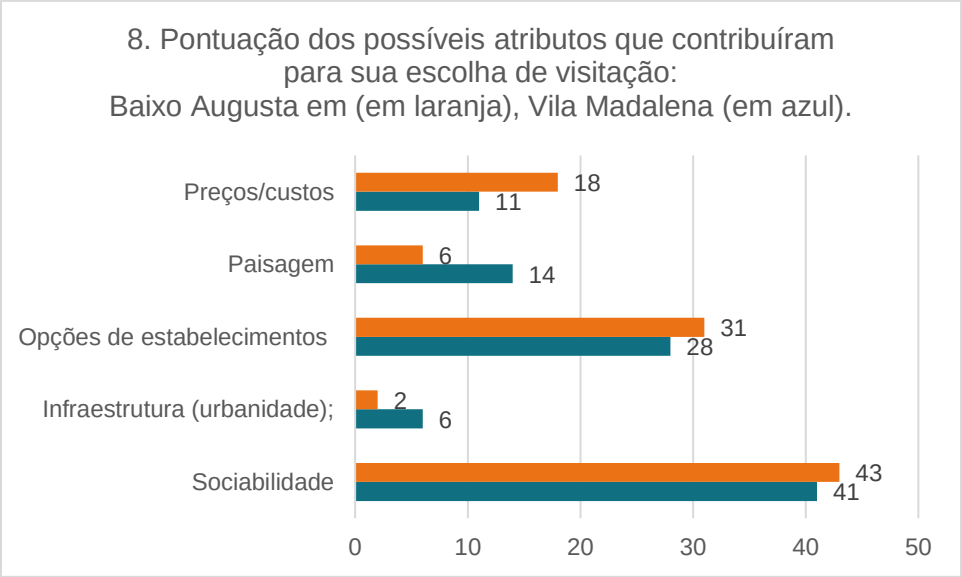


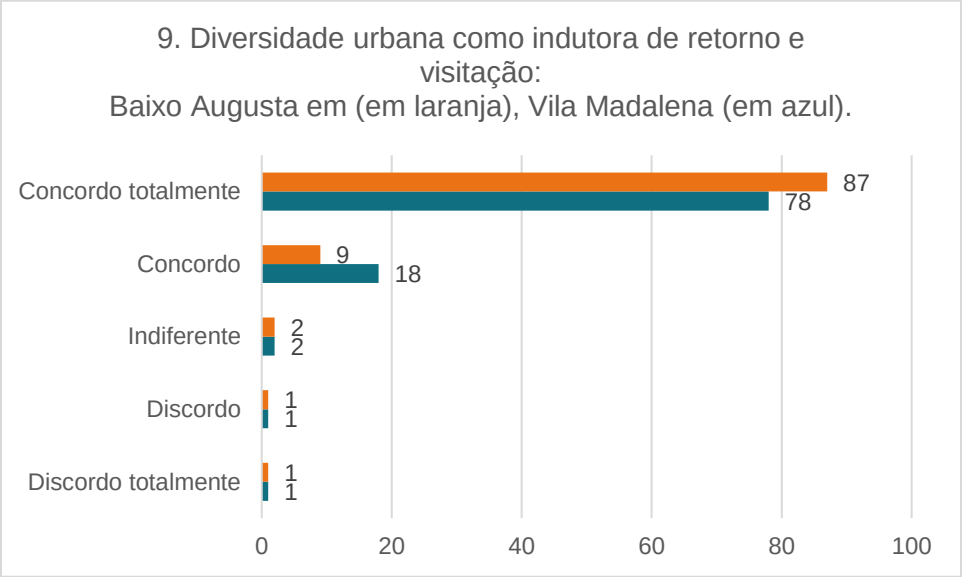


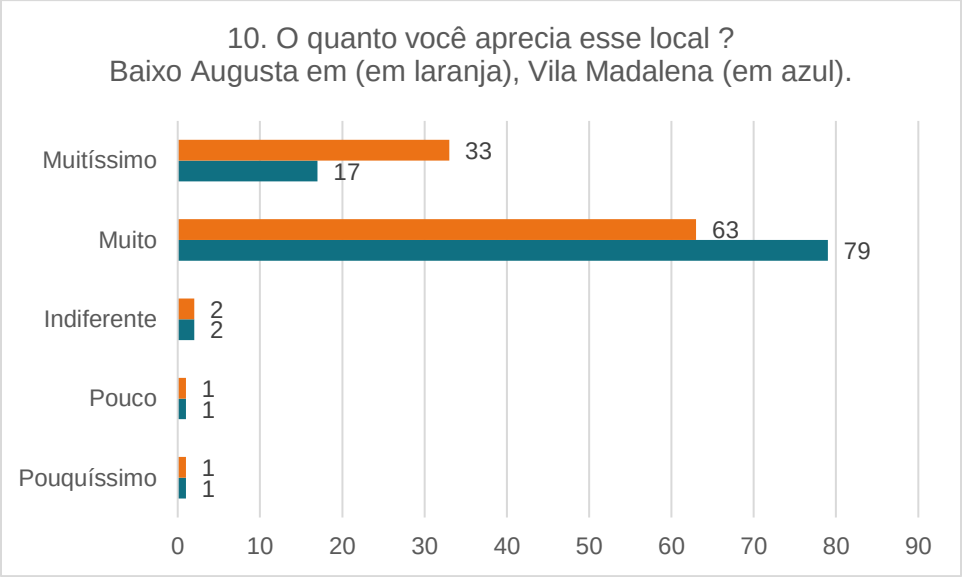
A caracterização do momento de lazer, estar em descanso e em divertimento, parece inibir a percepção negativa dos espaços na avaliação dos usuários. Isso se diz porque o percentual sobre “não se incomodar com as problemáticas levantadas”, como sensação térmica, sujeira, pavimentação e calçamento inadequado, por exemplo, quase não foram apontadas pelos usuários; aproximadamente um décimo da amostra os notou. Já os problemas relacionados aos ruídos aparecem como incômodo para aproximadamente 40% da amostra e o fator “umidade” é o menos notado pelos entrevistados.

No que se refere aos pontos positivos, “ser agitado” – aqui interpretado também como sinônimo de animação – foi eleito como a maior virtude desses espaços. Com aproximadamente vinte pontos percentuais abaixo, a pavimentação e calçada – local de maior permanência no espaço-tempo do pedestre em lazer – é o segundo melhor item na avaliação dos usuários, seguido na aferição da percepção por ser termicamente agradável. O item “mobiliário urbano” é o que recebeu menor percentual de pontuação, sobretudo no Baixo Augusta, onde, de fato, há carência mais específica de bancos, *parklets* e lixeiras.

Ao estabelecermos uma comparação associativa entre os pontos positivos e negativos, o local “ser agitado/animado” está intimamente ligado a produção de ruído, que o pode torná-lo “barulhento”, compondo um “defeito-qualidade” ao todo. Do mesmo modo, “sujeira” e “limpeza”, apresentaram percentuais semelhantes na avaliação e percepção dos usuários, o que não nos permite tipificá-los como limpo ou sujo. Já os itens: “calçamento e pavimentação” podem ser considerados “adequados”, e o “mobiliário urbano”, como “inadequado”, segundo o percentual majoritário dos entrevistados.







Os gráficos 8, 9 e 10 consubstanciam a valoração socioespacial e econômica dos lugares, onde “sociabilidade” e “opções de estabelecimentos”, nessa ordem respectivamente, lideram os principais motivos do público frequentar tomar esses territórios como seu destino de lazer. Mas há que se destacar uma peculiaridade que os diferencia. O quesito “paisagem”, tem maior valoração para o público frequentador da Vila Madalena, do que os “preços/custos”, ao que tudo indica eles estão comprando e consumindo paisagem e ela tem um valor agregado, o

qual o visitante parece estar ciente e disposto a pagar por isso. O reflexo dessa atitude valorativa é, também, evidenciado no quesito infraestrutura (urbanidade), onde as exigências desse público são, percentualmente, três vezes maior que a do Baixo Augusta.

Subsequente, quando questionados sobre o valor da diversidade urbana, no que se refere a possibilidade de reincidência e apreciação dos territórios, o Baixo Augusta é que apresenta valores extremados, o que indica um público mais fiel e consumidor reincidente daquele espaço, enquanto o da Vila parece estar aberto a outras possibilidades também.

Operacionalizado o questionário, aplicação, tabulação e decodificação, o método descritivo, empregado no tratamento desses dados, nos forneceu informações sintetizadas dos dados contidos na amostra estudada e nos permitiu uma análise exploratória, por meio da representação em gráficos de distribuição de frequência percentual.

Nessa seção, os dados coletados pelo método quantitativo foram de questões estruturadas fechadas, o que nos permite discutir os diferentes tipos de variáveis quantitativas e qualitativas que podem existir nesses espaços, como se vê nas questões 6 a 10.

Nesse tipo de escalas de avaliação, os usuários nos informam de forma indutiva, graus de preferência, concordância e satisfação dos usuários. Para esses elementos, com a escala ordinal, é possível obter a moda, a mediana (valor do elemento que divide o grupo de dados em duas metades) e os quartis (valor dos elementos que dividem o grupo de dados em quartas partes iguais), além das frequências e da percentagem, que podem subsidiar futuras pesquisas.

Com o cruzamento de dados de duas questões diferentes, também denominado de dupla classificação, nos permitiu a geração de dados adicionais para uma análise mais profunda sobre as respostas e seus respondentes. O que foi previsto na estruturação do questionário, para

maior efetividade da pesquisa, que foi o cruzamento das respostas das questões 1 e 2, que se referem, respectivamente, ao gênero (masculino ou feminino) e origem do público (se residente ou visitante).

Se, numa leitura exploratória preliminar dos dados, observamos a totalidade, interessa-nos agora disjuntar essas informações e cruzá-las. Desse modo, isolarmos as amostras e as comparamos em proporção igualitária[389]. Iniciamos pela constância perceptiva fornecida pela visão dos residentes com a avaliação dos pontos negativos desses espaços, respectivamente, gráficos 2 e 6, que resultou na seguinte análise [gráfico 11].

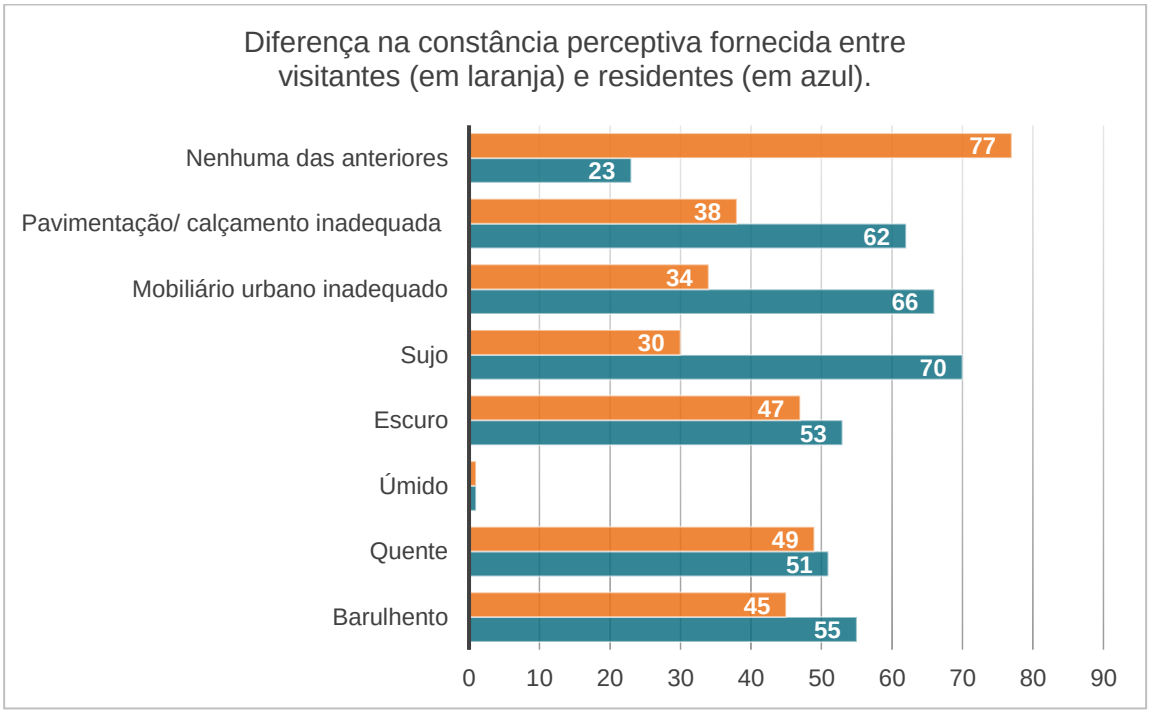


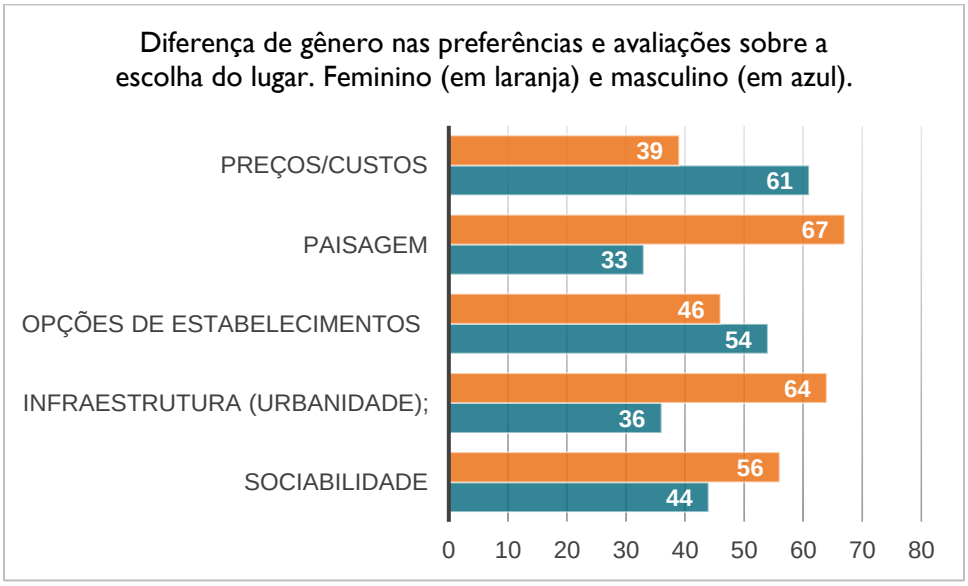
Gráfico 11 – cruzamento dos dados referente as questões 2 e 6.

[389] Para formular o gráfico 11, retomamos aos números absolutos das amostras e as tornamos equivalentes, da seguinte forma: foram entrevistados 46 pessoas que se declararam residentes da Vila Madalena e 717 visitantes, para que a opinião do residente seja igual a do visitante, cada voto do residente equivale a 15,67 pontos e do visitante continua a valer 1 ponto, da mesma forma foi feito com o Baixo Augusta, onde foram entrevistados 115 residentes e 562 visitantes, portanto, o voto do residente equivale a 4,88 pontos. N. do A.

O comparativo equitativo da amostra – morador e visitante, sobre a ótica da mesma questão – observamos que os moradores desses espaços, queixam-se, principalmente, da sujeira deixada pelo impacto dessa atividade de lazer, subsequente, vem a queixa sobre o mobiliário urbano que, nesse caso, é precário em relação a demanda, sobretudo das lixeiras.

Na avaliação dos visitantes, menos de um quarto deles relatam, de modo primeiro, problemas relacionados a infraestrutura do território. Coincide que para ambos os grupos, visitantes e residentes, questões relacionadas aos estímulos sensoriais, como ruído e sensação térmica são percebidas de maneira muito próxima, enquanto o fator umidade, que apesar de intimamente ligado a temperatura, passa despercebido para ambos nos locais estudados.

Outra correlação que buscamos verificar, se refere a diferenciação nas preferências dos gêneros e na avaliação dos atributos que o território deveria dispor para justificar a visitação, nesse sentido, cruzamos os dados dos gráficos 1 e 8 para esse tipo de verificação [gráfico 12].



Nessa leitura, o público masculino lidera a valoração de dois itens: os preços/custos e, talvez, correlato a isso, se justifique a preocupação variedade nas opções de estabelecimentos. Enquanto isso, o público feminino demonstrou maior apreço por questões relacionadas a infraestrutura (urbanidade) e paisagem, em ambos os casos, o percentual é quase duas vezes maior o apreço dado a esses quesitos que do público masculino.

O que se nota também, é uma correlação interna que nos permite retornar ao próprio gráfico 1, de gênero, onde o público feminino é maior na Vila Madalena. De modo indutivo, isso nos conduz a uma acoplagem preditiva de maior aderência do público feminino na Vila pela valoração da "paisagem", que no entendimento popular, está relacionado a questões estéticas, de embelezamento. Se contemplado sob esse aspecto, pode-se intuir que na avaliação, percepção e imaginação feminina, a Augusta seria "menos bela" que a Madalena.

5.1.2 Método qualitativo para aferição e percepção dos usuários.

Operacionalizado os aspectos quantitativos da APO, algumas indagações surgiram nesse percurso com a observação direta dos pesquisadores em campo, como por exemplo, a relação entre os usos do edificado com as questões de gênero e opção sexual; as valorações simbólicas (rótulos/pré-conceitos) que o espaço fornece e o precede; conforto psicofísico; além das sugestões de melhorias, que eram dadas de modo espontâneo pelos entrevistados durante os questionamentos; entre outros aspectos associados de maneira contundente.

Nessa etapa qualitativa, para a coleta de dados serão aplicados três instrumentos que incorporam a opinião dos usuários, sendo: **entrevistas**, **grupo focal** e **poema dos desejos**. Diferente da etapa anterior, onde o questionário era fechado, aqui as entrevistas são compostas

por perguntas abertas e têm um aspecto complementar a fim de humanizar os dados recolhidos, sendo considerado de grande valia para compreender a interação pessoa-ambiente.

Sob a perspectiva qualitativa, esclarecemos que as **entrevistas** se dividem em dois grupos: com pessoa(s)-chave e usuários em geral (individual ou em grupo)[390], mas aqui interessa-nos discutir a percepção dos "usuários em geral", daqueles que não trabalham nos estabelecimentos das regiões estudadas, pois o motivo de sua visitação é espontâneo. O momento desse tipo de entrevista é, em geral, feito em uma fase posterior na pesquisa, haja vista que se procura complementar, confirmar ou negar, dados já obtidos.

Grupo focal é um instrumento cujo objetivo consiste em discutir um tema, um foco, tentando-se obter uma opinião consensual entre os participantes sobre o assunto, que foi conduzido por um moderador (o autor dessa tese) e um auxiliar[391]. Mas por quem é composto este grupo focal?

A análise de grupo focal é frequentemente empregada nas situações em que o grupo investigado tem um mesmo interesse de pesquisa. Nesse caso, o grupo focal foi constituído por membros/observadores treinados das equipes participantes, que, além de contribuírem com suas respectivas avaliações e percepções que tiveram nesses espaços, suplementariam a

[390] De acordo com a ótica do que está sendo pesquisado, entende-se como "pessoa(s)-chave", por exemplo, os dirigentes de uma empresa pesquisada, quando a questão é melhorias para os funcionários; o pessoal responsável pela manutenção da edificação, quando a questão se relaciona a infraestrutura predial. E por "usuários em geral", uma amostra aleatória: dirigente, funcionário, pessoal da manutenção, visitante, outros. Cf. ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit*., 2018, p.125.

[391] Refirimo-nos ao Pedro Henrique Natalino Patelli, que fez parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC-Santander (2019-2020), e sua pesquisa foi complementar a essa tese.

cobertura desses territórios com mapas mentais e desenhos esquemáticos que culminariam numa análise de campo, dos pontos fortes e fracos dessas áreas.

Por fim, o **poema dos desejos** é um instrumento aplicado para que os entrevistados expressem livremente seus desejos, considerando a melhoria ou a construção de um ambiente. Esse instrumento foi aplicado com os usuários do local e com os membros do grupo focal, e contém os seguintes itens [tabela 13]:

PERFIL DO PARTICIPANTE	☐ VISITANTE ☐ RESIDENTE	GÊNERO	☐ MASCULINO ☐ FEMININO ☐ TRANS.	DATA/PERÍODO:
Eu desejo que o Baixo Augusta (ou) Vila Madalena _				

Tabela 13 – Poema dos desejos. **Fonte**: ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (org.). *op.cit.,* 2018, p.127.

As opiniões que emergem desses três instrumentos é o que será enredado a partir de agora e finaliza a contextualização desse capítulo sob a perspectiva de uma ambiência sensível e sua re-significação.

5.1.3 Entrevistas com usuários em geral (individual ou em grupo).

A entrevista constava perguntas de tipo aberta (não estruturada) e de escala qualitativa conforme abaixo:

1. Qual a sua opinião geral sobre o “Baixo Augusta”[392]?

2. O que primeiro lhe traz a mente, o que simboliza a palavra “Baixo Augusta” para você? Em termos gerais como você descreveria esse bairro, fisicamente falando?

[392] O mesmo questionário foi feito e aplicado na Vila Madalena, substituindo apenas o nome do território. N. do A.

3. Quais são os seus percursos nesse bairro? Você sente alguma emoção específica em diferentes partes do seu trajeto, exemplifique.

4. Quais os elementos você considera mais distintos e fáceis de se identificar no Baixo Augusta.

5. Você encontra ou seria capaz de descrever algum prazer espacial que o Baixo Augusta lhe proporciona?

6. O que o motivou a tomá-lo como destino na noite (ou tarde) de hoje? O que você conhece ou se interessa pela história desse bairro?

Mas essa entrevista era longa e geralmente demorava cerca de trinta minutos para ser finalizada, tempo relativamente extenso para quem está querendo se divertir e cada instante é precioso. Desse modo, muitas amostras foram descartadas, seja porque o entrevistado não respondeu todas as questões, seja porque algumas respostas foram demasiadamente curtas e seu relativismo não consubstanciava uma opinião formada sobre a questão[393]. De maneira completa, fizemos 40 questionários, sendo 20 para cada bairro estudado.

Para a questão 1, "Qual a sua opinião geral sobre o "Baixo Augusta"? A transcrição e interpretação das respostas compiladas foram estas:

> "Falar de Baixo Augusta é falar de Rua Augusta né, ou você está falando do bloco de carnaval?
>
> Para mim, a Augusta é um cartão postal de São Paulo, difícil que vem para a região da Av. Paulista e não desce essa Rua. Os estabelecimentos são tão intensos quanto o público que a frequenta, a ideia parece ser o eclético possível

[393] Descartamos resposta, breve e que pouco, ou em nada, demostravam a opinião dos usuários, como no caso da questão 1, responder "eu acho legal"; na questão 3 "do metrô até aqui", sem informar a estação e onde é "aqui"; e na questão 6, respostas do tipo: "porque eu quis ou porque eu gosto daqui", foram consideradas demasiadamente vazias, sem conteúdo. N. do A.

> e, por isso, parece estar sempre em constante atualização. Um mix entre o vintage e o contemporâneo.
>
> Essa região é a cara de São Paulo pela diversidade de todos os estabelecimentos e de todas as pessoas que estão aqui, umas trabalhando, outras curtindo, no mesmo horário, no mesmo lugar. O que se vê por aqui é uma plataforma que une as pessoas comuns com os artistas, os nerds veganos com os drogados, os skatistas com os roqueiros e os gays, é uma rua atípica de outros lugares de São Paulo, por aqui todo mundo se respeita.
>
> A gente costuma vir aqui em busca de felicidade e entramos harmonia com as pessoas e com o lugar. Conviver com as pessoas é especial, e aqui a gente parece sempre jovem, porque a Augusta é jovem! E é de noite que a gente sonha e faz amor".

A constatação favorece primeiro, a imagem simbólica que uma rua exerce sobre as demais. A interpretação segue traduzindo as qualidades de um ambiente festivo e plural, em amplos sentidos, e que apesar das tensões geradas pela variedade das tribos urbanas e de uma aparente disputa de territorial, essa diversidade se apresenta numa coexistência harmoniosa.

A mesma questão foi aplicada à Vila Madalena, e apresentou a seguinte transcrição compilada:

> "A Vila Madalena é animada... já foi, hoje ela é tumultuada!
>
> A Vila Madalena é sinônimo de juventude, bate-papo com os amigos (sociabilidade), mesas na calçada e passeio a pé... A pé? Tem tanto carro e gente folgada nessas ruas que as vezes a gente fica preso dentro de casa, estacionam na nossa porta porque é 'rapidinho', mas aí o cachaceiro demora e quando percebe queremos sair, vem logo se desculpando pra resolver o mal feito e evitar o guincho, mas aí já estressou e estragou a noite da gente. Deus me livre de um dia passar mal e a ambulância não conseguir chegar.
>
> Acredito que aqui é um lugar de resistência e isso tem que ser valorizado! Tudo aqui é meio caro, mas se não for assim, fica bagunçado.
>
> Várias formas de ativismos estão presentes nesse lugar. O pessoal da reciclagem, que não é só do lixo da Rainha da Sucata não, mas da roupa usada, do móvel velho, o chope artesanal; tudo recebe aqui recebe um 'toque gourmetizador' e fica chique.
>
> Aqui todo mundo tem seu canto e sua vez, tem lugar pra todo mundo! Do pessoal da vida saudável, dos orgânicos e das pedaladas noturnas; os entendidos de artes e políticas e os grafiteiros-pichadores; acho que a empregada aproveita mais aqui do que a patroa. Mas apesar da gente rir e se estressar, eu não troco esse lugar nem por Paris!"

Diferente do Baixo Augusta, ao que tudo nos parece, a Vila Madalena apresenta mais polaridades de contrastes do que harmonia. A adjetivação “animada”, parece estar em oposição a “tumultuada”, isso porque “estar animada” requer uma certa *ordem* de regras, pressupostos e condicionantes, para que todos se divirtam e desfrutem desse prazer; enquanto o *caos* rege o tumulto, mas garante variedade e excitação à cena. Percebemos que esse processo caótico é o que prevalece e é excludente, ora pro morador, ora pro visitante, e sempre para quem tem menos.

Na Vila Madalena as disputas territoriais são bem evidentes, e o vencedor declarado: aqueles que podem, mas nem sempre usufruem do lugar. A Vila não é heterogênea, dos usuários ao edificado. Observamos que formas agudas de individualismo surgem como um modo de fazer frente às profundas desigualdades colocadas pelo dilema de uma sociedade que tem dois ideias: o da igualdade e o da hierarquia, mas que se escondem em um sistema de máscaras.

E isso nos conduz ao segundo questionamento colocado: “O que primeiro lhe traz a mente, o que simboliza as palavras “Baixo Augusta” (ou “Vila Madalena”) para você? Em termos gerais como você descreveria esse bairro, fisicamente falando?”.

As nuvens de palavras ilustram a imagem simbólica que primeiro vem à mente dos entrevistados sobre esses territórios, que era comumente acompanhada de outras duas palavras complementares, e o tamanho das fontes está associado a frequência com que elas se repetiam. Há que se destacar que apesar de terem sido elaboradas em momentos e locais distintos, as diversas adjetivações associadas ao ambiente festivo apareceram em ambos os territórios, como felicidade, bem-estar, alegre, entre outros [Figura 189].

Figura 189 - Nuvem de palavras: lado esquerdo, representando o Baixo Augusta; lado direito, representando a Vila Madalena. **Produzido em:** https://wordart.com/create (acesso em: nov.2019).

Eis que a pesquisa evidencia alguns rótulos de cada bairro em específico, como no Baixo Augusta: “prostituição” e “sexo”, são caraterísticas que precedem a fama histórica da Rua Augusta, e palavras como “plural”, “adaptável” e “urbanoide” de certa forma, remetem aos tipos humanos e urbano que confirma essa diversidade declarada na questão 1. Já na Vila Madalena, a palavra “burguesinha”, aparece com maior destaque, confirmando um caráter restritivo das camadas sociais que ali se encontram; características como “congestionado” tipificam o fluxo horizontal, de pedestre e de veículos na região, enquanto a palavra “resistência”, foi associado de maneira mais contundente ao setor imobiliário do que ao campo cultural, intelectual.

Mas os elementos que importam para o campo predial e urbano, inicia-se, ainda que em segundo plano na visão dos usuários, pelos usos do edificado. Como comparativo entre as regiões, evidencia-se a distinção entre os tipos de lazer que esses estabelecimentos oferecem, sua finalidade ao interesse público, pelas palavras “bar/cerveja” na Vila Madalena, e “balada” no Baixo Augusta. De um lado, tem-se o suporte da mesa, do estático, próprio do bar, o que corrobora e retorna a característica “congestionado”; do outro, a pista de dança, o movimento, típico da liberdade “adaptável” do bairro que vem a ser outro a todo instante.

E foi isso que nos aproximou da especificidade da pergunta que também diz respeito aos aspectos físicos espaciais, onde as respostas *podem*, mas nem sempre *são* específicas e que convergiam para três principais aspectos (massa volumétrica, uso do edificado e coloração). No Baixo Augusta as respostas foram: edifício alto, balada e cinza; na Vila Madalena: casinhas – no diminutivo–, "bar, bar e bar", e colorida.

Esclarecido alguns aspectos sobre a destinação desse público e seus interesses de lazer, interessou-nos desvendar "Quais são os seus percursos nesse bairro?".

O que a maioria dos entrevistados pareceu de comum acordo foi, que "andar pelo Baixo Augusta é andar pela Rua Augusta", assim como "andar pela Aspicuelta é andar pela Vila Madalena", porque é a partir delas que se escoa o fluxo das pessoas até encontrar seu "estabelecimento de preferência" ou "o local marcado pelo grupo". E complementa a questão 3 se "Você sente alguma emoção específica em diferentes partes do seu trajeto, exemplifique", nesse ponto foram ressaltadas questões de bem-estar e segurança pública. Com um mapa em mãos, solicitamos que fizessem um traçado simulando o percurso – os dados coletados foram transpostos para um mapa síntese, conforme já apresentado no capítulo 3.

No Baixo Augusta, os entrevistados que vem de transporte público (trem e metrô) declararam que "descem a rua Augusta", ou seja, o movimento começa na Av. Paulista, e justificaram sua preferência entre as ruas da Consolação e Frei Caneca por ser mais "agitada" pelo vaivém de pessoas e veículos. Àqueles que declaram andar pela rua da Consolação, disseram que o percurso se faz entre as duas ou três primeiras quadras mais próximas da Av. Paulista, depois convergem para a Augusta. Àqueles que tomam como destino os estabelecimentos da rua Frei Caneca, disseram que evitam a todo custo as duas primeiras

quadras próximas a Av. Paulista por não se sentirem seguros, destacando a carência de estabelecimentos noturnos, furtos, de moradores de rua, bêbados e pedintes, por isso optam em descer pela rua Augusta e convergir num ponto mais adequado para se chegar ao destino. Os entrevistados que vem de carro, disseram que encontram vagas nas ruas com mais facilidade nas proximidades do atual "Parque Augusta", entretanto a região é "meio deserta" e que "quando ficamos desconfiados, paramos mais pra cima, ou o jeito é rachar o estacionamento mesmo", "com o carro parado, a gente sobre sobe a Augusta, anda um pouco na Paulista e desce, se a balada não abriu ainda ou se tem muita gente na fila e vai demorar, a gente sobre e desce novamente".

> Entrevistado1: "nosso percurso é assim: a gente vem ansioso né pra chegar logo e encontrar o pessoal, depois a gente desce empolgado vendo as pessoas, as lojas e quem está lá dentro. Quando a gente chega na porta da balada ou no barzinho, é esperar o outro chegar e por o papo em dia". Entrevistado 2 complementa: "a gente se sente animado e com sensação de bem-estar, é muito bom ver gente alegre, descolada, todo mundo se divertindo junto, cada um buscando aquilo que te dá prazer, sem pré-conceitos, isso é bom demais" Entrevistador: "mas rola tédio?" Entrevistado 1: "não, tédio nunca né colega, aqui sempre alguma coisa interessante está acontecendo. A gente só evita de ir até lá o final da rua, próximo do mato abandonado[394], porque não tem nada lá, é meio morto".

Já na Vila Madalena, o desafio consiste, primeiro, em achar uma vaga para estacionar, seja na rua ou em algum estacionamento com vaga disponível, depois, é "tentar se localizar e achar a rua Aspicuelta". Para quem vai de transporte público, o metrô, o caminho é subir a rua Fradique Coutinho; e quem vem de ônibus, costuma descer na rua Inácio Pereira da Rocha, rua paralela que se encontra logo abaixo da rua Aspicuelta, ali há um movimento de bares próximo ao cemitério onde, normalmente, o pessoal "sente o clima, vê se fica ou sobe pro *point*".

[394] O entrevistado refere-se a região do bosque do "Parque Augusta", entre as ruas Marques de Paranaguá e Caio Prado, atualmente (2019) murado e fechado ao público. N. do A.

Como já constatado que a maioria dos usuários da Vila chegam nela de carro, a questão colocada sobre "tentar se localizar e achar a rua Aspicuelta", nos permite entrever problemas relacionados a imaginabilidade[395] do lugar. Quando questionados sobre essa dificuldade de orientação espacial, os relatos assemelham-se em:

> "a gente parece que dá muita volta e acaba se perdendo, as vezes o giro nem é tão grande, mas estresse gerado pelo engarrafamento no trânsito e o tumulto das pessoas faz tudo parecer longe" [...] além disso, "as casinhas são bem parecidas, é... na verdade não! Elas são bem diferentes e isso confunde um pouco a gente, porque não tem um referencial, um marco, onde se apoiar; até tem, mas é aquele prédio paredão ali[396], só que dependendo de onde você está ele é ruim de enxergar".
>
> Entrevistador: "ok, mas você chegou e se situou, o que você faz, pra onde você vai e o que sente?" Entrevistado: "o esquema aqui é ir nas encruzilhadas (risos!), os melhores lugares estão nelas e são os mais cheios, sinal que é bom. Nessas esquinas você vê gente bonita, alegre e conversando, onde tem uma música boa ou um pessoal que chama a atenção, a gente para com os amigos ali junto, ouve o assunto, conversa também e tenta entrar na roda se for interessante. O ponto forte fica mesmo na confluência das ruas Aspicuelta com a Mourato Coelho, depois na Aspicuelta com a Fidalga, mas as vezes é tão cheio que não da pra ficar lá, aí você vai pra rua Wisard, pela rua Girassol, e vai voltando sentido Mourato Coelho, tem um movimento interessante sem ser tão cheio, na Mourato é legal descer até a Inácio Pereira da Rocha, ali também é bem cheio e animado, depois tudo fica meio vazio. Pensando bem no sentimento, a ansiedade prevalece até você decidir onde vai ficar, se você ainda não tem seu *point*, depois de estabilizado, é animação pra curtir e aliviar o estresse.

Subsequente aos problemas relacionados ao acesso e a imaginabilidade, os usuários destacam que "depois que se chega, tudo é só festa, alegria e curtição, a raiva passa na cerveja (risos!)".

Ao compararmos o Baixo Augusta com a Vila Madalena, percebemos que a tensão emocional que antecede essa prática de lazer é maior na Vila Madalena, e a relação com o

---

[395] Relembramos que esse conceito é descrito e desenvolvido por Kevin Lynch em "A imagem da cidade", e diz respeito a legibilidade e visibilidade da imagem de um determinado lugar para nos orientarmos espacialmente por eles. Cf. LYNCH, Kevin, *op.cit.,* 2017 [1960], p.11.

[396] O entrevistado refere-se ao edifício *Mix 422* localizado na rua Aspicuelta, um dos poucos edifícios que pode ser considerado "altos" na região, haja vista que toda a região é predominantemente composta por edifícios assobradados, em outras palavras, começa a ganhar destaque aqueles que são maiores do que isso. N. do A.

meio urbano e o edificado que se permite estabelecer é de que ele não comporta a demanda, criando uma espécie de "congestão" e pode colocar em xeque o lazer. Afora isso, o denominador comum entre as espacialidades está vinculado a diversão e o bem-estar.

Quando questionados na questão 4 sobre "quais os elementos você considera mais distintos e fáceis de se identificar no Baixo Augusta?" Eis que surgem alguns marcos referenciais em comum, acima de 70% dos entrevistados destacaram a estação de metrô Paulista e Consolação, a própria Av. Paulista, o cemitério da Consolação, o Bosque e os shoppings Frei Caneca e Center 3. Já em menor grau, entre 25 e 50% dos entrevistados, apontaram o Calçadão Urbanoide, a tríade do bar Sujinho, a casa de *Stand Up* (Comedians Club) e as saunas da rua Frei Caneca. Foram lembrados pontualmente o edifício roxo da rua Augusta e o minimercado, na rua Frei Caneca a Paróquia do Divino Espírito Santo, na consolação o Corpo de Bombeiros e na Av. Paulista, a igreja São Luís.

É interessante notar que as casas de sexo, apesar de serem proibidas no Brasil e existirem na rua Augusta, e que deram fama a rua, não foram lembradas pelos usuários, mas as saunas da Frei Caneca sim. Esses locais são pontos de encontro para sexo do público gay. Desse modo, o que está em evidência não é substituição da prostituição feminina pela masculina, uma vez que as saunas dizem "não ter vínculo com os profissionais do sexo, nem oferecer esse tipo de serviço", mas a adição e compartilhamento de gênero e orientação sexual no espaço para uma atividade específica.

Já na Vila Madalena, os marcos referenciais foram poucos, sendo lembrado por mais de 70% dos entrevistados o edifício Mix 422 (o paredão), o bar/cervejaria Patriarca, por ter uma tela enorme que compõe a fachada do edifício e nela projeta shows e jogos para o público na

rua, e o Beco do Batman. Entre 25 e 50% dos entrevistados, apontaram ainda a padaria Villa Grano na rua Wisard, a central de coleta seletiva (EcoPonto) na rua Girassol. Casos isolados destacaram a Paróquia Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo e a caveira do restaurante mexicano, ambos na rua Girassol.

Devido a essa escassez de marcos referenciais que os usuários apontam em similitudes, não fica difícil perceber os problemas relacionados a imaginabilidade e orientação espacial.

Ao chegar na questão 5, os entrevistados começam a ficar sem fôlego. Ao colocar a questão "Você encontra ou seria capaz de descrever algum prazer espacial que o Baixo Augusta lhe proporciona?" Nesse ponto, os entrevistados questionavam "não é o que eu sinto estando aqui, é o que o espaço me faz sentir, correto?" E a resposta foi unanime, como se combinada, para todos os entrevistados: liberdade. Duas jovens, uma em cada bairro, na faixa dos 18 e 25 anos adicionaram ainda as seguintes palavras, para o Baixo Augusta: transgressora; para a Vila Madalena: rica. Esse tipo de conotação fomentam a imagem simbólica desses lugares.

Por fim, a questão 6 diz respeito primeiro, "ao que o motivou a tomá-lo como destino na noite (ou tarde) de hoje?" Até esse ponto da pergunta, as respostas para ambos os bairros se destinam a variedade dos estabelecimentos e dos tipos humanos que se aglomeram nesses bairros. A variável das respostas não apresentou flexões significativas, o conteúdo sempre foi algo muito próximo desse contexto, como sinônimos.

Mas há mais. Queríamos saber se o fator histórico exercia alguma espécie de atrativo para os usuários, como os museus são para seus visitantes, assim, acrescentamos a pergunta "o que você conhece ou se interessa pela história desse bairro?" Surpreende que menos de

25% dos entrevistados disseram que “conheciam um pouco”, “já ouvi falar, mas não tenho tanta certeza”, entretanto, todas as respostas foram bem descontextualizadas, para ambos os bairros. No Baixo Augusta, disseram “quando lotearam a região, nesse pedaço havia muitos bordéis, por isso a fama *rua das putas*”; há aqui uma distensão histórica, pois, essa fama só surgiu no último quartel do século XX. Na Vila Madalena disseram que se tratava de uma “vila operária, onde os trabalhadores das indústrias do centro viviam e que hoje não existe mais [...] por isso existe esse monte de casinha coladinha uma na outra”; de fato, era um local para a classe operária, mas não era subsidiada das indústrias como se viu no capítulo 1, contexto histórico. Os outros 75% dos entrevistados disseram que “não se interessam pelo histórico dos bairros” e “que isso era algo indiferente para sua visitação”, outro demostrando “que até acham interessante, mas nunca procuraram se aprofundar”.

Por esse ponto de vista, percebemos o desinteresse social pela história cultural dos bairros, o que de fato importa para esses usuários é o momento contemporâneo onde as práticas de lazer se desenvolvem, acompanhando a transitoriedade “da moda”.

5.1.4 Grupo focal: Tema – a imagem da cidade e seus elementos (a elaboração do mapa mental).

Os representantes das equipes demostraram interesse em participar de modo sistemático, na elaboração da “imagem do bairro e seus elementos” com um mapa mental, justificado pela safra de informações, percepções coletadas na etapa anterior dos usuários.

O intuito foi, então, reproduzir uma acoplagem conceitual entre as imagens subjetivas (o imaginário) desses pedaços da cidade e alguns dados, como fotos aéreas, mapas geopolíticos

e diagramas de densidade, uso, forma ou características dos edifícios podem parecer a descrição mais “adequada” da forma física da cidade[397].

O que está sendo mapeado aqui é, portanto, uma abstração; não a realidade física em si, mas as impressões genéricas que a forma real provoca num usuário. Esse mapeamento foi feito independentemente da análise das entrevistas, e exigia de três a quatro dias/homem de trabalho para uma área de tais dimensões.

Assim, os voluntários fizeram os trajetos de modo imaginário e eles justificavam o porquê escolheram determinado caminho, solicitamos também que relatassem o que lembravam ao longo do trajeto e indicasse as sensações nos pontos onde se sentiam seguros ou perdidos.

A análise de campo acabou sendo “simplificada”, transformando-se numa cobertura sistemática das áreas, feita por membros treinados que já haviam sido instruídos sobre o conceito de *imaginabilidade* urbana e seus elementos[398]. Eles mapearam a área, indicando a presença, a visibilidade e as inter-relações entre marcos, pontos nodais, vias, limites e bairros, e observando a força ou a fragilidade da imagem desses elementos[399]. Essa cobertura era seguida por vários deslocamentos "problemáticos" nessa mesma área, quando se testava o alcance da estrutura toda. As equipes dividiam os elementos em categorias de maior ou menor importância, sendo "principais" os elementos excepcionalmente fortes ou vivos, e se perguntava continuamente por que determinado elemento tinha uma identidade forte ou fraca ou por que

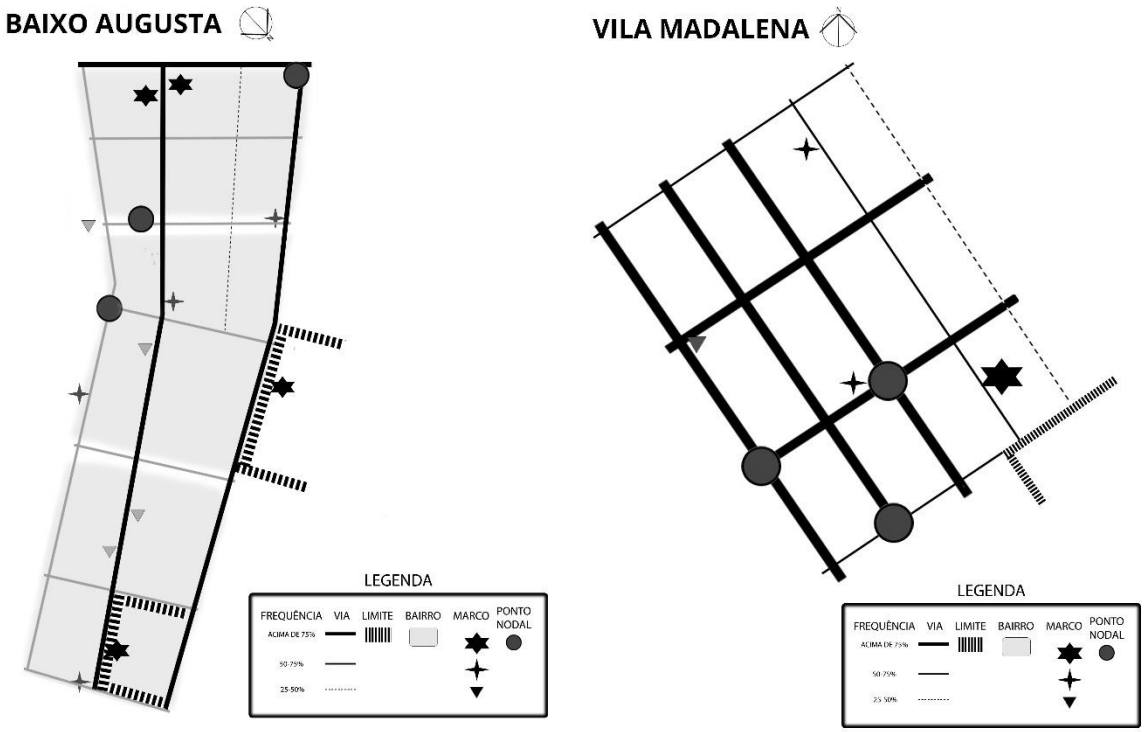
---

[397] Cf. LYNCH, Kevin. *op.cit.,* 1960, p.163. Nota: A cidade perdeu seus limites, eixos, simetria; a arquitetura que opera nas grandezas da escala, se perde na imensidão e não permite mais aos moradores e visitantes percebê-la com a mesma clareza de antes dos espaços se conurbarem. Cientes de que não há mais a possibilidade de se formar um mapa mental da cidade contemporânea, nos moldes daqueles conceituados por Kevin Lynch

[398] Cf. LYNCH, Kevin. *op.cit.,* 1960, pp.11 e 167.

[399] Ibidem, p.167.

determinada conexão parecia clara ou obscura em sua própria visão e na visão dos usuários que entrevistaram – atuaram como interpretantes e interpretados [figuras 190 e 191].



Figuras 190 e 191 – Mapa mental Baixo Augusta e Vila Madalena. **Fonte**: Sérgio A. Santos Jr. e equipe (2018-2019).

Algumas generalizações podem ser feitas aqui a propósito das relações entre os dados extraídos das entrevistas e do reconhecimento de campo. No Baixo Augusta e na Vila Madalena, as análises de campo revelaram-se previsões surpreendentemente exatas das imagens derivadas do material das entrevistas verbais. Em ambos os casos, quanto a relativa hierarquia dos elementos, apresentou-se consistente, pois assemelha-se à entrevista verbal.

A análise de campo apresentou a tendência a desconsiderar certas características menos importantes de bairros, que são de grande importância para as pessoas em razão do

status social que refletem[400]. Os elementos principais, aqueles considerados "mais emblemáticos", raramente apareceram em apenas uma fonte. Os mapas, porém, tendem a ter um "limiar" mais alto, isto é, os elementos que aparecem com menor frequência nas entrevistas tendem a desaparecer por completo nos esboços, e em geral todos os elementos são menos frequentemente desenhados do que verbalmente mencionados. Além disso, os esboços tendem, de certo modo, a enfatizar as vias mais significativas (de maior uso) e excluir as partes especialmente difíceis de desenhar ou localizar por ter um traçado de ruas muito complicado[401].

No Baixo Augusta, as ruas em maior evidência foram as que constitui o perímetro de borda do bairro, sendo Av. Paulista, ruas Augusta e Consolação, entretanto a rua Caio Prado, que fecha o perímetro, muitos apresentaram imprecisão em situar esse "término"; as ruas transversais a Augusta, os entrevistados reconhecem sua existência, mas não sabem precisar seu nome e localização com exatidão; por fim, as ruas Bela Cintra e Haddock Lobo, alternaram, ora aparecendo ora sendo esquecida, na lembrança dos entrevistados. Foi identificado como limite (barreira), por evidência, o cemitério da Consolação e a região do Bosque da Augusta. Por ponto nodal, daquilo que muda a direção e o fluxo das pessoas por sua concentração, identificaram as estações de metrô Paulista e Consolação, que são interligadas; o calçadão urbanoide e a confluência das ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide. Enquanto marcos, em maior grau, aparecem o Banca Safra, o Shopping Center 3, o Cemitério da Consolação e o Bosque

---

[400] Notamos que no imaginário dos entrevistadores e entrevistados aquilo que foi considerado "depreciativo", apresentou maior tendência a ser ignorado, e/ou ser menos icônico. Em nenhum dos casos, os locais considerados "inseguros", com aparência "ruim" e "em construção", por exemplo, constituíram-se como marco referencial na paisagem. N. do A.

[401] Mas esses "defeitos", porém, são de menor importância e podem ser ajustados como recomendado pelo próprio Lynch. Cf. LYNCH, Kevin. *op.cit.,* 1960, p.167.

da Augusta; em menor grau aparece a tríade dos bares Sujinho, na rua da Consolação, o hotel roxo e o castelinho na rua Augusta, e na rua Frei Caneca, o shopping; para poucos, foi lembrado a Igreja do Divino Espírito Santo, na rua Frei Caneca, e as casas noturnas: Comedians Club, Outs e Busger. Na visão dos intérpretes, o Baixo Augusta se divide em três fazes, que correspondem as preferências das tribos urbanas: nas proximidades com a Av. Paulista, uma Augusta mais elitizada e intelectualizada, na porção central, uma bandeira mais voltada ao entretenimento e a homossexualidade e, nas proximidades do bosque, um setor *underground* que lembra o jargão dos anos 80 sobre “sexo, drogas e rock’n’roll”.

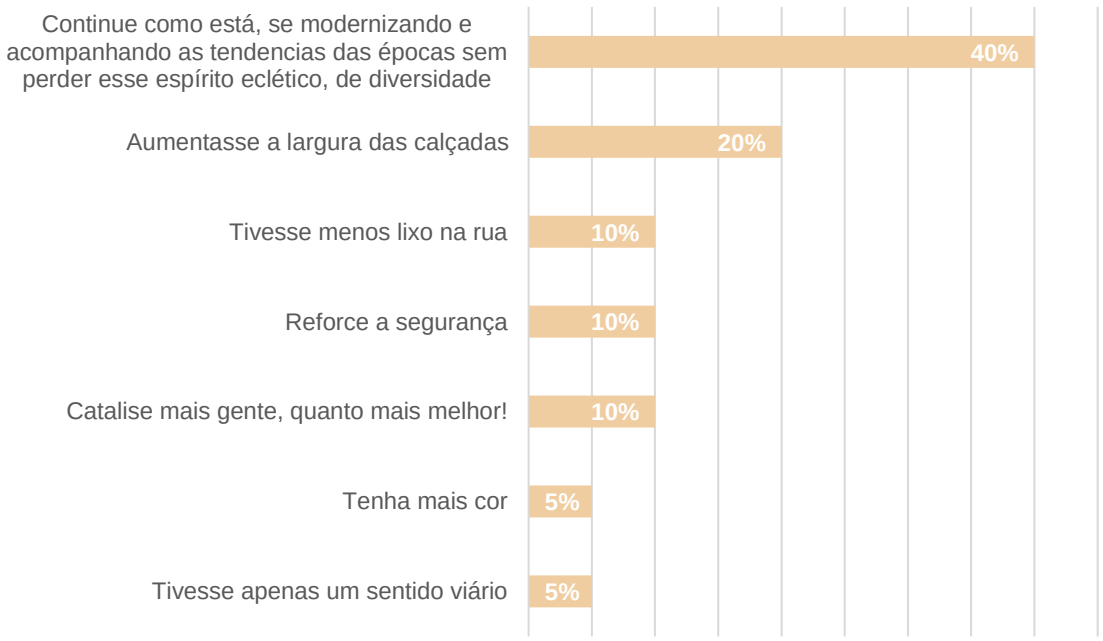
Na Vila Madalena não tem seu espaço marcado pela divisão dos estilos e tribos urbanas, na visão social, trata-se de uma massa homogênea de público. Figura no imaginário social que a Vila é composta de nove quadras marcados pelas vias principais Mourato Coelho, Fradique Coutinho, Fidalga, Wizard e Aspicuelta; a rua Girassol é pouco lembrada por ter poucos atrativos e a rua Harmonia é ainda mais esquecida pela distância. Novamente, o cemitério São Paulo Cardeal aparece como único limite (barreira) na região. As esquinas das ruas Mourato Coelho e Fidalga com a Aspicuelta, e das ruas Inácio Pereira da Rocha com a Fradique Coutinho, compõem os pontos nodais da Vila. O Beco do Batman é o principal marco da região, mas há que se notar que ele aparece desajustado/deslocado no mapa mental em relação a sua localização no mapa geopolítico; outros dois pontos de referência, com menor ênfase foi a Paróquia de Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo, na rua Girassol, e o edifício Mix 422, na rua Aspicuelta, por ser um bloqueio visual na paisagem; por fim, o bar Pátio SP foi lembrado como ponto de referência (marco menor), pelos estímulos sensoriais, como as texturas das madeiras que lembram caixotes, as lâmpadas nas árvores e o alto volume da música.

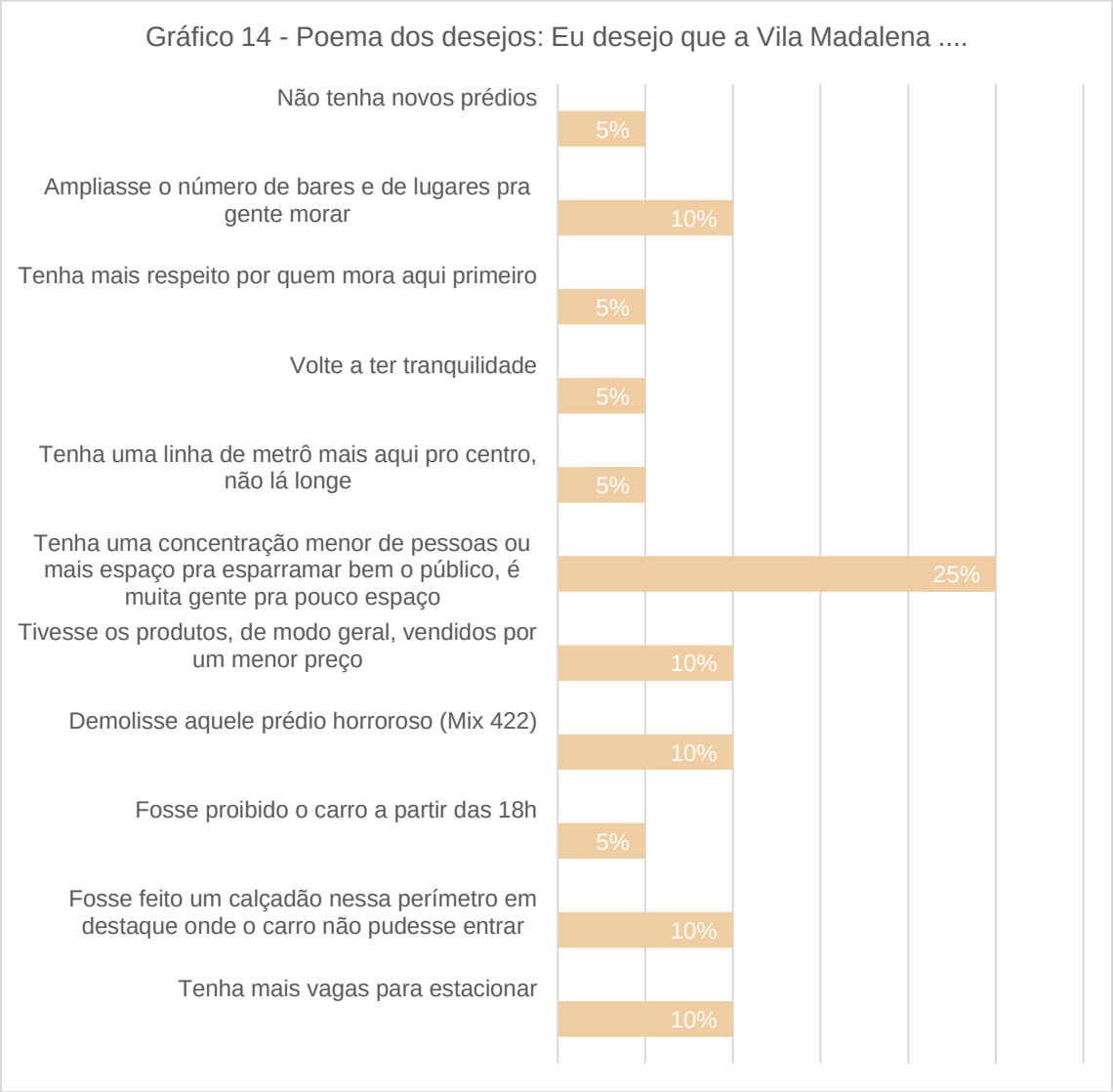
De fato, o uso desse método particular parece revelar os pontos de especial interesse não apenas da cidade como um todo, mas também de suas partes, pois se flexiona da macro a micro escala, revelando sua essência visual.

5.1.5 Poema dos Desejos.

O poema dos desejos foi aplicado com os mesmos 40 entrevistados da etapa 1 (entrevista), sendo 20 entrevistados em cada bairro [gráficos 13 e 14], e com os membros do grupo focal da etapa anterior. Os resultados serão apresentados separados, porque a segunda amostra se trata de uma visão específica de graduandos em arquitetura e urbanismo, sendo feito a transcrição de seus argumentos e não colocados em forma de gráficos.

Gráfico 13 - Poema dos desejos: Eu desejo que o Baixo Augusta...





O poema dos desejos demonstra os anseios de uma parcela da população, representada pela amostra, para a formulação de ideias e utopias daquilo que consideram o ideal para esses pedaços da cidade, as opiniões/visões aqui expressas contribuem como diretrizes e indicações de melhorias urbanas.

Na primeira leitura exploratória dos dados, percebe-se que esses territórios de lazer são marcados por profundas contradições na opinião dos usuários, que diz respeito, em uma visão mais totalizante, ao desejo de expansão e desenvolvimento para o Baixo Augusta, enquanto

para a Vila Madalena, o desejo é de estabilização e retração. Isso se diz porque no Baixo Augusta, 40% dos entrevistados desejam que a região continue como está, se modernizando, enquanto na Vila Madalena, se somados os percentuais dos desejos: “não construir prédios novos”, “demolição”, “voltar a ter tranquilidade”, “ter mais respeito por quem mora aqui primeiro” e “ter uma concentração menor de pessoas”, contabilizam 55% das vontades que negam esse tipo de desenvolvimento, pois é significativo o impacto dessa atividade e prática de lazer no cotidianos dos que ali ainda residem.

Contradição. Parece ser a palavra que marca a opinião dos entrevistados na Vila, surge desejos como “ampliar o número de bares e novas moradias”, ter “uma nova linha de metrô” mais próxima desse núcleo da Vila, e “produtos mais baratos”, são desejos que, de certa forma, entram em contradição ao desejo da maioria (os 55% dos entrevistados); assim como: “ter mais vagas para estacionar” e “proibir o carro[402]”. Que tipo de lógica preside nisso? Como se atende ou a quem se atende o desejo?

Em contrapartida, os usuários do Baixo Augusta parecem entender o “espírito do local” e apresentam maturidade na decisão do que querem para a região. Não tem “quem ganha e quem perde” nas decisões dos desejos, todos saem ganhando. O conceito de urbanidade, tanto no sentido sociológico quanto de infraestrutura, prevalece aqui, como “ampliar a largura das calçadas” para “comportar mais pessoas”, ter “mais segurança e menos lixo” condicionam gentilezas urbanas, aprimoram a qualidade de vida dos usuários e sensação de bem-estar.

[402] Seja por um período, seja pela criação de um calçadão onde o carro não entra.

Tendo em vista todas as entrevistas coletadas sobre as percepções e desejos dos usuários nos territórios estudados, agora é a vez do grupo focal (os graduandos em arquitetura e urbanismo) exporem seus desejos e contribuírem com uma visão mais técnica para esses locais; os grupos decidiram que alguns argumentos eram complementares, então deveria ser unificado.

Tanto no Baixo Augusta quanto na Vila Madalena houve um desejo que apareceu em comum: *colocar em uso edifícios abandonados ou obsoletos e destinar a área dos estacionamentos para outros fins*. Solicitamos que os grupos nos explicassem os motivos. Esse tipo desejo aparece primeiro, associado a ampliação ao potencial de vocação das áreas, seja para maior catalisação do público, seja para o espalhamento dele, de todo modo esses terrenos "parados" representam uma perda espacial e social; quanto aos estacionamentos, a área livre em que ocupam poderia abrigar arquiteturas e mobiliários efêmeros para atuar como suporte as atividades ao ar livre, mas no reduto do lote.

Outro ponto em comum foi o desejo de *melhorias nas calçadas*, cientes das peculiaridades de cada bairro. No Baixo Augusta, a especificidade foi de reformar e ampliar o tamanho das calçadas com mais arborização e equipamentos urbanos – lixeiras, bancos, luminárias e *parklets.* Idealizando uma cidade para pessoas e, portanto, com prioridade para o pedestre, o intuito em aumentar o espaço das calçadas se justifica pela capacidade de carga em comportar a alta demanda dos pedestres sobre seu leito sem deixá-los fisicamente expostos no espaço de leito carroçável dos veículos. A aplicação de *parklets* foi pensada para determinados pontos, como áreas próximas a parada de ônibus e no centro intercalado das quadras, em ambos os sentidos da rua Augusta, assim, não seria negligenciado a função

primária de parada dos veículos e desembarque dos pedestres; as ruas Frei Caneca e Consolação, a princípio, não precisam de remodelação. Bancos, lixeiras e iluminação adequada, são elementos básicos e essenciais que qualificam o espaço público.

Na Vila Madalena o problema das calçadas está relacionado a topografia, que em determinados momentos se torna muito íngreme, sendo necessário um instrumento de apoio para subida ou descida, como um corrimão. Aqui, há que se destacar a irregularidade que no passado foi negligenciada a até tempos recentes se faz o mesmo, que é: fazer uso do espaço público (a calçada), contabilizado e apropriado como espaço de acesso ao lote. Isso evidencia a existência de degraus nas calçadas, fazendo com que o pedestre, sobretudo aqueles que têm qualquer dificuldade de locomoção, seja obrigado a andar na rua.

Sem mais pontos em comum, apresentaram-se os desejos específicos.

Para o Baixo Augusta, houve a proposição de *reforma (ou retrofit) nas fachadas dos edifícios* deteriorados; outro desejo foi de *remover a fiação elétrica* e colocá-la em galerias subterrâneas. Para a Vila Madalena, desejaram *mais bares e casas noturnas nos centros das quadras*, para dispersar as concentrações das esquinas; para minimizar o impacto na vizinhança, *que os moradores tivessem janelas com proteção acústica adequada*, esse custo deveria ser rateado pelos estabelecimentos promotores da incomodidade; e, por fim, *que a linha férrea chegue até esse núcleo da Vila*, para ampliar o acesso as diversas camadas sociais e deixar de ser um território tão excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA AVALIAÇÃO GLOBAL DE CONFLITOS E CONVERGÊNCIAS

Nesse capítulo serão apresentados os processos e as perspectivas analíticas de todo o estudo, com o objetivo de matriciar conflitos e convergências entre as duas áreas de estudos para caracterizar essa "figura arquetípica" e dos potenciais elementos catalizadores do público em que elas dispõem, para, então, comparar seus efeitos psicofísicos.

Concluída essa etapa, será feito uma análise qualitativa do processo que permite aferir suas essências, bem como fornecer parâmetros para a possibilidade replicante em outros projetos que visa a promoção de polos de lazer.

Síntese comparativa dos aspectos físicos dos territórios.

Conforme já enunciado por Geraldo Serra[403], o próprio termo "avaliação" indica a atribuição, ou julgamento, de valor a alguma coisa; aqui serão ponderadas como: conflitantes ou convergentes. Sendo assim, conforme orientação do autor, a avaliação matricial deve ser incluída nas metodologias qualitativas para discussão de resultados que conduziram a possíveis conclusões. As tabelas 14 e 15 sintetizam o percurso apreendido de nosso estudo.

[403] Cf. SERRA, Geraldo G. *op.cit.,* 2006, p.215.

Tabela 14 – Análise interpretativa de conflitos e convergências.

Item	Baixo Augusta	Vila Madalena
Topografia	Perfil acidentada	Perfil ondulada
Traçado urbano	Não planejado (orgânico), de encaixe conforme o perfil do terreno.	"Planejado", racionalizado. Feito pelos operários da Companhia *City*.
Cronologia	Setor de moradia da elite ➔ comércio de luxo ➔ degradações físicas, funcionais e simbólicas da área (periculosidade), formulação de um ambiente transgressor no imaginário social ➔ polo de lazer boêmio contemporâneo.	Setor de moradia de operários e estudantes ➔ local de baixo valor social (evitado/temido), ➔ ambiente transgressor no imaginário social, especialmente pela presença dos hippies ➔ desenvolvimento do comércio do bairro ➔ polo de lazer boêmio contemporâneo (gentrificação).
Usos do edificado	Densidade e diversidade do setor comercial, foco aos estabelecimentos de lazer, como casas noturnas e bares/restaurantes. Setor habitacional é mais verticalizado.	Densidade do setor comercial, foco aos estabelecimentos de lazer, como casas noturnas e bares/restaurantes. Setor habitacional é mais horizontalizado.
Coloração	Predomínio dos tons neutros e pastéis, e o que foge a esses padrões são os estabelecimentos "boêmios", com tonalidade mais escura e pichada.	Predomínio dos tons neutros e pastéis, e o que foge a esses padrões são os estabelecimentos "boêmios", com cores mais vibrantes e/ou grafitadas.
Aparência do edificado	Desregulamentação normativa. Em nossa visão, isso significa que ela "foge" do originalmente proposto, do padrão esperado, ou seja, não é porque o estabelecimento tem bastante público, que não apresenta sinais de deterioração; o mesmo acontece com o setor residencial.	Convencional. Em nossa visão, isso significa que o edificado atua como o esperado, ou seja, com fluxo de público e renda, há zelo/cuidado com a aparência estética do edificado; o mesmo acontece com o setor residencial.
Recinto urbano (FVC)	Aparência predominantemente vertical, o que dá a ideia de "claustro", mas o FVC está dentro dos parâmetros de conforto.	Aparência predominantemente horizontal, o que dá a ideia de "vastidão", mas FVC dentro dos parâmetros de conforto.
Imaginabilidade	Dispõe de um ambiente legível e imaginável (dentro de seus domínios).	Dispõe de um ambiente legível e imaginável (dentro de seus domínios).
Boa forma urbana	Dentro dos cinco critérios apresentados por Lynch, todos estão enquadrados como "bom"; assim como os dois metacritérios: eficiência e justiça.	Dentro dos cinco critérios apresentados por Lynch, o requisito "acesso é tido como regular, pela questão do transporte público, os demais itens são enquadrados como "bom"; assim como os dois metacritérios: eficiência e justiça.
Amabilidade	Ganha destaque na questão "cordialidade", pois o espaço se abre as diversas ações comportamentais que comporta.	Ganha destaque na questão "infraestrutura", pelo desfrute do público.
Perfil do usuário	Heterogêneo no que diz respeitos aos estilos (tribos urbanas); perfil etário e renda semelhante ao da Vila Madalena.	Homogêneo no que diz respeitos aos estilos (tribos urbanas); perfil etário e renda semelhante ao do Baixo Augusta.

Fonte: Sérgio A. Santos Jr (2021).

***Tabela 15 –M**atrix síntese de conflitos e convergências.*

Item	conflito	convergência	Item	conflito	convergência
Topografia	☒	☐	Traçado urbano	☒	☐
Usos do edificado	☐	☒	Usos do espaço urbano aberto	☐	☒
Coloração	☐	☒	Aparência do edificado	☐	☒
Recinto urbano (FVC - psíquico)	☐	☒	Recinto urbano (FVC - físico)	☒	☐
Imaginabilidade	☐	☒	Boa forma urbana	☐	☒
Perfil do usuário	☒	☐	(RAC)	☒	☐

Fonte: Sérgio A. Santos Jr (2021).

Conflitos.

Uma das indagações primeiras que nos conduziu a essa pesquisa, diz respeito ao estudo da forma urbana [morfologia], não surpreende, portanto, que perfil topográfico, traçado urbano e variações de altura do edificado, tão diferentes entre si, marquem o conflito seminal. E foi partindo desse fato, que a investigação buscou “desvendar” essências elementais que subjaz a imagem arquetípica de um “território de lazer”, vocacionado às práticas boêmias.

Decorre desses processos todos, conflitos entre imaginários e ideários. Algumas suposições: 1) ambientes festivos e alegres, já nascem vocacionados a isso, por uma pré-disposição natural de condicionantes locais; uma suposição que não se mostrou verdadeira em ambos os locais; 2) era esperado espaços multicoloridos pela psicologia das cores, em sua dinâmica, especialmente no que diz respeito ao acolhimento com as cores quentes; entretanto, constatamos que isso pouco se aplica! São os tons escuros e pasteis que mais se sobressaem; 3) ambientes de entretenimento são especiais e deveriam figurar com requinte, nesse sentido, a aparência do edificado deveria ser impecável, outra suposição negada, haja vista que são os

diferentes estados de conservação do edificado que se misturam nessas cenas/tramas urbanas específicas; 4) acreditávamos que a Vila Madalena, por ter edificações menores [gabarito de altura] em relação ao Baixo Augusta, ofereceria FVC com maior sentido de vila, ou cidade do interior, e decorrente disso maior conforto, contudo ambos estão dentro dos mesmos parâmetros perceptivos; 5) acreditávamos também que a Vila Madalena, teria certo diferencial pelo traçado ortogonal (mais ordenado) e assim distribuir o público em seus domínios, mas não, o foco é o mesmo: tem-se uma rua de primazia e ramificações periféricas pontuais em suas adjacências; 6) por fim, nossa convicção era de que a infraestrutura de acolhimento no espaço da rua deveria ser "boa", para propiciar a permanência dos usuários – com bancos, pavimentação adequada, arborização, iluminação, entre outros – o que isso também não é bem uma verdade, e que decorreria disso a diferenciação de renda e perfil etário do público frequentador, que são semelhantes.

Em face de todos esses aspectos, podemos deduzir que todos os pressupostos para a formulação de um território de entretenimento arquetípico, não encontraram rebatimentos nos dois casos estudados.

Convergências.

Cientes de que esses "pedaços urbanos" são resultados de processos sociais e não do planejamento urbano, o que marca o início de nossas convergências entre os dois bairros boêmios, é o elemento: "transgressor", proveniente dos comportamentos sociais e culturais das épocas.

Huizinga nos mostrou o que acontece com o tabuleiro, na lógica dos jogos, apesar de serem caracterizados como "espaço sagrado", ele também se apresenta como um desafio, que

precisa ser explorado e conquistado. Sendo exatamente esse o estopim que desencadeou, por evidência histórica, o desenvolvimento de ambos os territórios.

Subsequente, outro desafio, pelo efeito que a noite traz: conquistar a noite e seus mistérios. Outro dado curioso sobre a noite é de que, *para o público*, converge a ideia de que os requisitos "coloração" e "aparência do edificado" dispõem de ínfima relevância, valor e preocupação social. Desse modo, a ideia arraigada dos arquitetos em propor intervenções, ou formular, o "ambiente ideal e perfeito" para esses lugares, não é mais que uma ilusão sobre a estética. Mais um dado sobre a noite é que, antes de efetuarmos os estudos analíticos sobre os recintos urbanos, acreditávamos que mesmo com o FVC fora dos parâmetros de conforto, a percepção do usuário seria deturpada pelo escuro, entretanto, os locais mais propensos aos efeitos claustrofóbicos eram os mais vazios, um repelente natural do público.

Converge também as teorias de Lynch, sobre design urbano. O modo de estruturação e organização mental do "pedaço urbano", privilegia uma rua em detrimento as outras, além do modo que reconhece seus percursos e pedaços (macro e micro) pela visada dos pontos de interesse. É interessante notar que, pelo metacritério: justiça, equilibra-se os interesses sociais, assim, a questão "acesso", que poderia ser um ponto fraco, apenas cumpre seu "papel" restritivo e de interesse do próprio público em buscar melhorar suas condições, em sentido amplo.

As relações biunívocas de amabilidade [cordialidade e infraestrutura] são acentuadas em suas polaridades, mas não são polarizadas. O que de fato importa nessa convergência são as oportunidades adaptativas que o espaço fornece, ou seja, aquilo que ele transforma e como ele é transformado, que desperta o afeto no usuário.

Discussão dos resultados.

O que é possível se extrair destes dois indicadores (conflitos e convergências), são quatro elementos cruzados que oferecem as seguintes estratégias, e que podem ser úteis enquanto diretrizes de projetos futuros desse segmento:

- Estratégia *Ofensiva*: a variedade de estabelecimentos do ramo de entretenimento, deve estar inserida em uma localidade com maior quantidade de outros usos do edificado para que as pessoas possam se espalhar e assim usufruírem melhor do espaço urbano aberto, além da primazia de um eixo, ou ponto focal.
- Estratégia *Defensiva*: evitar o "ambiente ideal e perfeito" para não comprometer as oportunidades adaptativas das RACS.
- Estratégia de *Confronto:* a relação topografia, traçado urbano e massa volumétrica dos edifícios, não comprometem questões de imaginabilidade e amabilidade
- Estratégia de *Reforço*: O uso de tons escuros e a instalação desse tipo de equipamento (lazer) em áreas com diversidade na aparência do edificado é algo bastante assertivo, pois transmite a sensação psicofísica de acolhimento. Por fim, a percepção/apreensão do espaço como um todo, deve ser legível e dispor de acesso pouco restrito.

Considerações Finais.

APÓS ANOS DE PESQUISAS dedicados às peculiaridades dos aspectos mais perceptivos e do vivido – das vidas humanas e urbanas que nesses territórios se desenvolve –, inerentes às relações entre as pessoas e os ambientes, que consubstancia a Fenomenologia e a Psicologia Ambiental, assumimos um posto de observação empírico específico: o espaço urbano aberto

(as ruas de eventos), que revela, na medida em que evoca, características corporificadas (prediais e antropológicas) daqueles que nela se encontram. Estes espaços não foram apenas apropriados de maneira física e funcional, mas também simbolicamente, tornando-se, ao mesmo tempo, um emblema de determinados interesses econômicos, usos sociais e culturais, modos de consumo, que expressão identidades coletivas e estilos de vidas.

Como aqui o que interessou foi problematizar o urbano, sobre as atividades boêmias se anuncia na cidade de São Paulo, questões de forma, infraestrutura e ações comportamentais, foram os elementos inspiradores de nossas leituras analíticas e interpretativas, que se encontram no bojo das discussões mais ou menos ficcionais do advento dos imaginários sociais, culturais e urbanos, os quais competem a nossa disciplina (arquitetura e urbanismo) operacionalizar.

Em face de uma vasta gama de operações metodológicas, nada como a perspectiva do *Estudo de Caso*, haja vista que se encontra inserida no contexto contemporâneo onde o pesquisador tem pouco, ou nenhum, controle sobre o fenômeno ou qual está inserido. Foi o método que abriu espaço para uma série de estudos acerca de como problematizar os campos equalizá-los. Estudamos: 1) “como os exemplares foram formados e como eles evoluiram?”, operacionalizado pela revisão bibliográfica do contexto histórico e por meio dos desenvolvimentos dos processos sociais; 2) “como eles estão atualmente”: feito por meio de levantamentos empíricos *in loco* e associando as questões de forma urbana (*Gestalt*) e fenomenologia; por fim, 3) “qual seu desempenho exercendo este papel [propositivo]?”, que por meio da APO, foi essencial para a validação e negação da operacionalização apreendida no

desenvolvimento da pesquisa, e, por meio dessa estrutura, se cumpriu os objetivos investigativos [hipóteses de contorno] desta pesquisa.

Desse tripé, que foi constituído nosso ponto de vista: a construção de um campo de investigação que faz a intersecção entre o *projeto*, os *processos culturais* e as *práticas sociais*[404]. Fica difícil dizer o que é mais "exótico", pois, de modo sintético, aqui foram formuladas três frentes de estudos ao mesmo tempo. Cabe relembrar a advertência metodológica de Geraldo Serra sobre as pesquisas em arquitetura e urbanismo, de que, "algumas vezes, o pesquisador deve lançar várias frentes de pesquisa para alcançar uma resposta"[405], o que pode não produzir ou gerar um substrato tão denso, mas não foi este o nosso resultado. Fizemos uma exaustiva pesquisa empírica, onde o desafio foi: levantar conhecimento ao projeto a partir de uma imersão ao território, revelando a forma com que as pessoas se apropriam dos lugares para pensarmos, na medida em que somos informados, sobre as questões do próprio projeto.

De fato, esse nunca foi o nosso intuito. A proposta era desenvolver um amplo exercício dedutivo de projeto e ratificá-lo com as APO, algo semelhante ao *método experimental*[406], mas por mais que fizéssemos levantamentos de morfologia urbana e de usos do edificado, para depois nos aprofundarmos e forcarmos somente neles, estes não encontravam respaldo

---

[404] Toda essa articulação, justifica-se também pela preocupação pertinente em prestar uma contribuição significativa **(a especificidade do campo**), onde essa pesquisa foi desenvolvida na FAU-USP: área de "Projeto, Espaço e Cultura – PEC".
[405] Cf. SERRA, Geraldo G. *Op. cit.,* 2006, p.41.
[406] Faz-se saber que no Método Experimental, o fenômeno estudado [práticas de lazer] ocorre na presença dos fatores: A, B, C e D. A ideia é controlar os fatores para identificar qual deles influência ou anula a ocorrência dos demais, sendo assim, se analisamos o cenário, onde: A, B e C produzem X; A, B e D não produzem X; e B, C, e D produzem X; com base nesses resultados podemos concluir que C precisa acontecer para que se tenha X e se removermos os demais e mesmo assim X acontecer, podemos dizer que C é condição necessária e suficiente para que X aconteça.

generalizado na APO. E decorreu desse processo a inserção dos estudos sobre *Gestalt* e fenomenologia, para desvendar camadas mais subjetivas.

Não há, por tudo o que vimos ao longo dessa investigação, como esperar alusões absolutamente detalhadas e precisas acerca desta figura arquetípica. Isso não apenas porque a documentação carrega *imagens* de ruas com circunstâncias específicas e diversas, as quais consubstanciam os territórios de lazer, que, mesmo prenhe de afetividades, não estão livres da razão. Estes territórios de lazer são, por referência ao intervalo dos anos de 1960 e 1990, uma conjuntura e retomada, como vimos, e ainda vemos no contemporâneo, que se altera substancialmente por elementos de contracultura, indícios constituídos em si (manifestos), de mudanças sociais e culturais.

Em meio à essas peculiaridades, a resposta foi uma plêiade de tipos empíricos de corporificações interativas [edificado-pessoa] no meio urbanos que a análise deixou entrever em profunda conexão recíproca, com independência da distância, seja em maior ou menor grau, mas que se nutrem e se nutriam do polo específico (o estabelecimento) – e da sociabilidade a ele ligado – nas ruas. As ações comportamentais se revelaram como pertencentes em particular ao agrupamento significativo das oportunidades adaptativas que cada território em si oferece.

Coisas do imaginário? Sim e não, pelo que podemos demonstrar com auxílio da *Gestalt* atrelado as entrevistas. Pela mediação destes usuários todos, veio à tona um território de lazer que se encontra imbuído de um desejo para ser explorado e desvendado, com caráter cerimonial, do sagrado, do evento. Os territórios de lazer são tomados por regras de urbanidade, ou seja, de infraestruturas e regras de etiqueta comportamental, que se deixam sintetizar por atividades estacionárias e de fluxos.

Essa foi a matriz colocada em xeque, o local de passagem transformou-se no local de permanência. E que ao mesmo tempo não colocou. Se pensarmos no papel do Arquiteto e nas atribuições outorgadas à disciplina, no tocante ao controle do agenciamento espacial, lançou-se, na medida em que se desvendou, uma consideração do quanto essa desregulamentação normativa – de se projetar e se pensar no cenário ideal e perfeito [do arquétipo], quando ele é mutável e im-perfeito –, traz a difícil tarefa de se refletir sobre um campo intrincado de atuação [o espaço de lazer] e, novamente, sobre o quanto isso informa o processo de se desenvolver os projetos, já que não se tem controle, nem normativas, que asseguram seu desenvolvimento.

Com efeito, a entrevista ao usuário produz uma mediação no processo de avaliação e percepção do espaço, na qual a cidade serve para seu usufruto e abrigá-lo, portanto, na contemporaneidade de tempos diversos, formas, distintas aparências e colorações dos edificados, são também expressões correspondentes das singularidades de seus corpos.

Seria um dilema a avaliação e percepção dos usuários? Sim, se temos em conta as pressões ideológicas em prol da igualdade para proferir o qualitativo de “boa forma urbana”. Mas, também, se temos em conta outras pressões ideológicas, muito mais sub-reptícias, e nem por isso, menos presentes. São as pressões estamentais em prol de desigualdade, de privilégios, de pessoas na rua.

É fato que toda essa problematização da figura arquetípica de um território de lazer e entretenimento, também poderia ser produzido a partir de outros espaços de referência. Contudo, a rua nos permite problematizar a ideia de uma imagem central a partir de suas referências no imaginário, ou melhor, das referências que são, como vimos na introdução deste

estudo, assumidas por não poucos autores como signos elucidativos da contundência com que a imagem da cidade melhor se expressa.

Eis que há, neste final de caminhada, como refletir sobre o urbano, ou aquilo que previamente denominamos como *urbanismo hedonista*, que estes territórios lúdicos revelam. Na verdade, alusões às suas características encontram-se implícitas em cada parágrafo destas considerações finais. Com efeito, como já preconizava Carl Gustav Jung ao descrever de modo enciclopédico inúmeros volumes sobre arquétipos, por comparação, estes territórios de lazer são cerimonialmente substantivos, ou seja, uma entidade viva (um *Genius Loci*), assim como um arquétipo é. Mas ao contrário das figuras arquetípicas encontradas nos cenários arquitetônicos, o lúdico (*Genius Loci)* consubstancia-se de uma roupagem mutável. Desse modo as ações comportamentais, orquestradas pela convivência permeada pelas oportunidades adaptativas dispostas pelas infraestruturas locais conduz a locais individualizados, que anunciam a individualidade dos próprios usuários.

Oportunidades adaptativas. Talvez essa seja a maior virtude desse arquétipo, pois ele não é ideal nem perfeito, sua mensagem implícita, ou subliminar, é de “desafio a ser conquistado”; o cenário convida o público ao jogo, que o molda, na medida em que é moldado por eles. A hipótese colocada sobre o *urbanismo unitário*, teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento, não ter se desenvolvido plenamente na cidade de São Paulo e ser tratado de modo residual, de geração é espontânea, é um fato, mas como poderia ser diferente se a intervenção por nós desejada depende da não-ação?

Trata-se, portanto, de um *urbanismo hedonista* marcado por transmutações que se expressam simultaneamente no espaço social, para não dizer cultural (psíquico), no espaço da rua (meio físico) e no espaço do corpo dos usuários (sinestésico). Estamos, por tudo isso, longe da possibilidade de apreensão analítica, teórica-metodológica, das noções históricas de simultaneidades e encontros implícitos de igualdade social contidas na concepção moderna e democrática. É fato que os territórios de lazer que emergem desse processo não são de usufruto de todos, mas a rua talvez seja o único espaço da cidade em que a igualdade de transitar e permanecer é inevitável – ao menos igualdade física entre os pedestres que ali se encontram. Entretanto, vimos que é mediado por regras de civilidade (urbanidade), marcadas, em partes, por um decisivo componente sinalizador de desigualdade (estamental) no modo como é vivido essa igualdade.

Se é assim, “o que tem mais realidade é o que está oculto”. E é o que mais precisamos pesquisar para compreender a personificação de um território lúdico dos quais temos por referência hoje, para, então, constituir o arquétipo do *urbanismo hedonista* que queremos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMARAL, Antonio Barreto do. *História dos Bairros de São Paulo: o Bairro de Pinheiros.* São Paulo: Prefeitura, 1969.

ARANTES, Otília, e Paulo Eduardo ARANTES. *Um ponto cego no projeto de Jürgen Habermas.* Sao Paulo: Brasiliense, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. *A história da arte como história da cidade.* Sâo Paulo: Martins Fontes, 1992.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1972 [orig.1957].

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres, vol. 2,.* Paris: Bibliothéque de Ia Pléiade, 1932.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas.* Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994 [orig.1938].

BETTINE, Marco. “Dumazedier: A sistematização do conceito lazer e construção de categorias sociológicas.” 06 de 2014. https://www.researchgate.net/publication/333755342_Dumazedier_A_sistematizacao_do_conceito_lazer_e_construcao_de_categorias_sociologicas (acesso em 20 de 12 de 2020).

BRASIL, Luciana Tombi. *David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares.* São Paulo: Edusp/Romano Guerra, 2007.

BURGIERMAN, Denis Russo. “Nós não somos dinamarqueses. Publicação original em [Revista Veja.com (julho/2010)].” *Sustentável é pouco.* s.d. https://sustentavelepouco.wordpress.com/2010/07/12/nos-nao-somos-dinamarqueses/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

BURKE, Peter. “Cidades e criatividade.” *Folhapress.* 19 de 11 de 2000. https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1911200012.htm (acesso em 2020 de 12 de 20).

CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. *Espaço público e urbanidade em São Paulo.* São Paulo: Bei Comunicações, 2016.

CÂMARA, Hionne Mara da Silva. “A Sociologia do Lazer (Stanley Parker).” *Revista Turismo Estudos e Práticas , v. 4, p. 121-131,.* 2015. https://redib.org/Record/oai_revista1507-revista-turismo-estudos-e-pr%C3%A1ticas-rtepuern (acesso em 20 de 12 de 2020).

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. “O legado de Joffre Dumazedier: reflexões em memória do centenário de seu nascimento.” *Periódicos UFMG: v. 3, n. 1, jan./abr. 2016 | Dossiê Lazer e Cultura .* s.d. https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/519 (acesso em 20 de 12 de 2020).

CAMARGO, Mônica Junqueira. *Região dos Jardins cumpre o papel de reserva ambiental de São Paulo.* São Paulo: Folha de São Paulo, 18/09/2018.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTEX, Jean, Jean-charles DEPAULE, e Philippe PANERAI. *Formas Urbanas: A Dissolução da Quadra.* Porto Alegre: Bookman, 2013.

CHEIXAS, Arnaldo. "Alucinação e delírio são a mesma coisa? ." *Veja São Paulo.* 20 de 05 de 2014. https://vejasp.abril.com.br/blog/terapia/alucinacao-e-delirio-sao-a-mesma-coisa/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

COELHO NETO, José Teixeira. *Moderno pós-moderno.* São Paulo: Iluminura, 1995.

CORREA, Felipe. *São Paulo: A graphic biography/ Uma biografia gráfica.* São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.

COUTINHO, Rachel M. da SILVA (org.). *A cidade pelo avesso. Desafios do urbanismo contemporâneo.* Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Prourb, 2006.

DUARTE, Cristiane Rose, VILLANOVA, e Roselyne (org.). *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas metodológicas, da arquitetura à antropologia.* Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2013.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer.* São Paulo: Perspectiva, 2004.

FORTUNA, Carlos, e Augusto Santos SILVA. "A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural." Em *A globalização e as ciências sociais.* , por Boaventura de Souza (Org) In: SANTOS. São Paulo: Cortez, 2002.

FREHSE, Fraya. "Cartões postais paulistanos da virada do século XX: problematizando a São Paulo "moderna"." *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, ano 6, n. 13, jun. 2000: p. 127-153.

—. *Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo.* São Paulo: EDUSP, 2011.

FRISCH, Max. "Homo Faber: Ein Berich." Em *Habitar*, por Juhani PALLASMAA. São Paulo: Editora Gustavo Gili Brasil - GG, 2017.

FRUGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole.* São Paulo: Edusp, 2000.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940 – 1950).* São Paulo: Senac, 1998.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas.* São Paulo: Perspectiva, 2010.

GEHL, Jan, e Birgitte SVARRE. *A vida nas cidades: como estudar.* São Paulo: Perspectiva, 2018.

GOLDSMITH, Stephen A, Lynne ELIZABETH, e Arlene GOLDBARD. *What We See: Advancing the Observations of Jane Jacobs.* New York.: New Village Press, 2010.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O Jogo Como Elemento Cultura.* São Paulo: Perspectiva, 2014 [orig.1938].

IACOCCA, Ângelo. *Conjunto Nacional - a Conquista da Paulista.* São Paulo: Origem, 2004.

JACOBS, Jane. *Morte e vida em grandes cidades.* São Paulo: Martins Fontes, 2009 [orig.1961].

JAY, Martin. “A new ontology of sight.” Em *Decline and fall: Ocularcentrism in Heidegger's reading of the history of metaphysics*, por David Kleinberg-Levin (org.). The University of California Press, 1993.

LEFEBVRE, Henri. “Critique de la vie quotidienne. 1958 [orig. 1947].” Em *Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo.*, por Fraya FREHSE. São Paulo: EDUSP, 2011.

LOUREIRO, Edison. “Uma lembrança divertida da Vila Madalena nos idos anos 50.” *São Paulo são.* 10 de 04 de 2019. https://saopaulosao.com.br/conteudos/ensaios/1005-uma-lembran%C3%A7a-divertida-da-vila-madalena-nos-idos-anos-50.html (acesso em 20 de 12 de 2020).

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade.* São Paulo: Edições 70, 2007 [orig. 1981].

—. *A imagem da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 2011 [orig. 1960].

MACEDO, Silvio Soares. *Paisagem, lotes e tecidos urbanos.* Revista Paisagem e Ambiente – Ensaios, nº10. , Dez.1997.

MALANSKI, Lawrence Mayer. “Resenha do Livro: Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.” *Parque da ciência.* 2014. http://parquedaciencia.blogspot.com/2014/04/resenha-do-livro-topofilia-um-estudo-da.html (acesso em 20 de 12 de 2020).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução.* Autores Associados: São Paulo, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa.* São Paulo: EDUSC, 2008.

MENDES, Ricardo. “SARA Brasil: restituindo o mapa topográfico do município de São Paulo.” *breve história da aerofotogrametria nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.* 2014. https://archive.org/details/20150713SaraSeparataREVISADO (acesso em 20 de 12 de 2020).

NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). [Trad. Vera Pereira].* São Paulo: Cosac Naify, 2006.

O ESTADO DE S. PAULO. “"buscar no acervo".” 06 de 01 de 1903. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. “Antes degradada, região do Baixo Augusta vira alvo de construtoras.” *por: BRANCATELLI, Rodrigo; SALDAÑA, Paulo.* 01 de 10 de 2010. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. “buscar no acertvo.” 06 de 02 de 1994. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. “buscar no acervo.” 02 de 08 de 1909. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. “Buscar no acervo.” 24 de 10 de 1961. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. “Buscar no acervo.” 30 de 08 de 1960. https://acervo.estadao.com.br/ (acesso em 20 de 12 de 2020).

ONO, Rosaria, Sheila Walbe ORNSTEIN, Simone Barbosa VILLA, e Ana Judite Galbiatti Limongi (org.) FRANÇA. *Avaliação pós-ocupação na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos.* Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEDROSA, Israel. *Da Cor à Cor Inexistente.* São Paulo: Senac, 2009.

PEREIRA, Matheus. “O papel da cor na arquitetura.” *ArchDaily Brasil (ISSN 0719-8906.)*, 15/05/2018: Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/894425/o-papel-da-cor-na-arquitetura (acesso em 20/12/2020).

PERRONE, Rafael Antônio Cunha, e VARGAS Heliana Comin (org.). *Fundamentos de Projeto: Arquitetura e Urbanismo.* São Paulo: Edusp, 2016.

PISSARDO, Felipe Melo. *A Rua Apropriada: estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta.* São Paulo: Dissertação (mestrado). Apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP, 2012.

PORTELA, Fernando. *Bonde: saudoso paulistano.* São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

Prefeitura de São Paulo - PMSP. “Mapa Digital da Cidade de São Paulo.” *GeoSampa Mapa.* 2017. www.geosampa.prefeitura.sp.gov.br (acesso em 06 de 2019).

REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil.* Rio de Janeiro: Brasiliense, 1977.

—. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer.* Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980.

ROLNIK, Raquel. “Carnavalizar as ruas de São Paulo.” *Archdaily.* 01 de 03 de 2014. ROLNIK, Raquel. "Carnavalizar as ruas de São Paulo" 01 Mar 2014. ArchDaily Brasil. <https://www.archdaily.com.br/br/01-180358/carnavalizar-as-ruas-de-sao-paulo> ISSN 0719-8906 (acesso em 04 de 08 de 2021).

SANSÃO, Adriana Fontes. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. 2012. “SANSÃO, Adriana Fontes. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. 2012.” *Cadernos do PROARQ 17 - UFRJ*, SANSÃO, Adriana Fontes. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. 2012: pp.22-41.

SANTOS JR, Sérgio Antonio dos, e Pedro Henrique Natalino PATELLI. “Diálogos da palavra na Vila Madalena, São Paulo.” *Minha Cidade, São Paulo, ano 20, n. 240.01, Vitruvius, jul. 2020.* s.d. https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.240/7798 (acesso em 08 de 04 de 2021).

SANTOS JR., Sérgio Antônio. *Ruas de Eventos: práticas de lazer em três momentos históricos na cidade de São Paulo.* São Paulo: Dissertação (mestrado). Apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, 2015.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* São Paulo: 1996 [ed. 2012]., 1996 [ed. 2012].

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SERRA, Geraldo Gomes. *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia Prático Para o Trabalho de Pesquisadores em Pós-graduação.* São Paulo: EDUSP; Mandarim, 2006.

SIMÕES JR., José Geraldo. *Anhangabaú. História e Urbanismo.* São Paulo: Senac, 2004 [orig.1990].

SOLÀ-MORALES, Manuel. *Las Formas de Crescimiento Urbano.* Barcelona: Editora UPC, 1997.

SOMEKH, Nadia. “A (Des)Verticalização de São Paulo e o Plano Diretor da Cidade.” *Pôs - R. Prog. Pós-Grad. Arquit. Urb. FAUUSP. São Paulo v.1 n.2 p. 77-84.* 1992 [orig.1987]. https://www.revistas.usp.br/posfau/article/download/136183/131997 (acesso em 20 de 12 de 2020).

—. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador.* São Paulo: Romano Guerra Editora, 2014.

SOUZA, Nelson Mello. *Modernidade: Desacertos de um Consenso.* São Paulo: Unicamp, 1994.

SQUEFF, Enio. *Vila Madalena - Crônica histórica e sentimental.* São Paulo: Boitempo, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo Três Cidades Em Um Século .* São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: EDUEL, 1983 [orig.1977].

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* São Paulo: EDUEL, 2012 [orig.1974].

VERGUEIRO, Laura. “O lazer e a diversão em São Paulo: o entreguerras.” *O caderno de São Paulo. Publicado pela Rhodia. São Paulo: Raízes/Artes Gráficas*, 1979.

VERRI, Solange Whitaker. *História imediata da Vila Madalena: uma análise das influências em 2012 da história cultural do bairro na década de 1980.* São Paulo: Tese (doutorado). Apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP, 2014.

WILTGEN, Julia. “Imóveis anunciados no Baixo Augusta sobem 172% em 5 anos.” *Revista Exame*, 30/12/2013: https://exame.com/mercado-imobiliario/imoveis-anunciados-no-baixo-augusta-sobem-172-em-5-anos/.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos.* Porto Alegre: Bookman, 2001 [orig.1994].

YOUSSEF, Alexandre. *Baixo Augusta: A cidade é nossa.* São Paulo: Letramento, 2019.